A VIDA ALÉM DO VÉU

LIVRO V

OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU

Mensagens de espíritos, recebidas e ordenadas pelo Reverendo George Vale Owen

INTRODUÇÃO

A Associação Mundo Maior empreendeu a reedição dos quatro volumes que compreendem os iluminados escritos recebidos através da mediunidade do Rev G. Vale Owen. Foi uma grande perda para o Movimento que estes escritos tenham estado sem reimpressão por tanto tempo, pois é de concordância geral que nenhuma outra comunicação da Esfera Espiritual teve tão amplo interesse no mundo em geral. Isto é devido em parte, sabemos, à extensiva publicidade que lhes foi dada pelo grande jornalista Lord Northcliffe que, ignorando o preconceito geral e o cinismo, olhando para as possibilidades de tais comunicações, publicou-as em série no "The Weekly Despatch" em 1920-21, e gastou muito dinheiro para sua divulgação.

É natural a pergunta: "Como estas Mensagens Espirituais foram recebidas?" A resposta é dada pelo próprio Vale Owen no primeiro livro da série, *Os Planos Inferiores do Céu.*

Aí vem a próxima pergunta: "Como era este clérigo?" Aqueles que não conheceram Vale Owen podem bem achá-lo um sonhador, um homem apartado das coisas comuns da vida diária, - um santo ou um asceta. Mas embora todos os que conheceram Vale Owen pessoalmente não tivessem dúvida de sua espiritualidade, não concordariam com que alguém dissesse que "vivia nas nuvens"; ao contrário, ele foi alguém que precisava de amor humano e da alegria da vida física.

Estamos muito gratos, portanto, ao Reverendo G. Eustace Owen por dar-nos os poucos detalhes sobre seu pai, os quais mostram que ele foi um homem prático, com senso de humor e uma grande tolerância pelas fraquezas dos outros, o que significa que ele foi tanto um bom companheiro quanto um bom cristão .

O Reverendo Eustace Owen escreve:

"Em seu livro COM NORTHCLIFFE NA RUA FLEET, J. A Hammerton alude ao Reverendo Vale Owen como "aquele visionário típico do tipo meio cristão, meio espiritualista". Esta visão é comum a muitos dos quais o conheceram através de seus escritos; mas não é um retrato verdadeiro. Meu pai foi um visionário sem ser excêntrico. Embora tivesse uma visão clara da base espiritual da vida, ele foi em geral prático e metódico em todo seu modo de ser.

"Eu me lembro de quão gentilmente ele se relacionava com outros, de quão franco era em argumentar, de sua tolerância com os oponentes, e de como suportava as perseguições com imensa paciência. Muitas vezes a espada de um oponente era neutralizada por sua compreensão a respeito daquele que a manejava! Entretanto ele podia ser severo quando necessário. Qualquer forma de crueldade despertava sua indignação. Aos fanfarrões e intrigantes, ele transformou-se em um verdadeiro Elias!

"Jamais conheci alguém mais direto em seus pensamentos e palavras, ou alguém que detestasse impostores mais que ele. Sob sua suavidade repousava a dureza de um bom soldado da Cruz. Ele agüentou sem vacilar o desprezo e as perseguições. A quietude às vezes encobre uma rara coragem.

"No livro ELE RIU NA RUA FLEET, Bernard Falk descreve um encontro entre Lord Northcliffe e meu pai, no escritório do "The Times", quando aquele lhe ofereceu para que aceitasse mil libras pela publicação de extrato dos Escritos no "Weekly Despatch."

Ele continua:

"Vale Owen balançou sua cabeça. Por esta parte de seus escritos, dizia ele, não poderia aceitar nenhum dinheiro. Ele foi bem pago pela publicidade que lhe foi dirigida, e por ser capaz de cumprir a sagrada tarefa de expor suas revelações diante do mundo. Conhecendo bem a pobreza de Vale Owen, fiquei genuinamente triste ao vê-lo recusar pagamento, mas nada o dissuadiu..."

Reverendo G. Eustace Owen acrescenta:

"Toda nossa família está satisfeita por não terem deixado os Escritos permanecerem em esquecimento. A nova geração precisa, particularmente, do conforto e da luz de sua mensagem. Estamos muito felizes por **O Mundo Maior** ter empreendido esta reedição tão compreensiva e corajosamente. Possa tal confiança ser justificada e seu trabalho abençoado!"

UMA APRECIAÇÃO DE LORD NORTHCLIFFE

Não tive oportunidade de ler A VIDA ALÉM DO VÉU por inteiro, mas dentre as passagens em que percorri os olhos, muitas são de grande beleza.

Parece-me que a personalidade do Reverendo G. Vale Owen é assunto de profunda importância e deve ser considerada em conexão com estes documentos tão marcantes. Durante o breve encontro que tivemos, senti que estava na presença de um homem com sinceridade e convicção. Não clamava por nenhuma retribuição material. Expressou o desejo de que a publicidade fosse a menor possível, e declinou qualquer emolumento que pudesse receber como resultado do enorme interesse alcançado pelo público por estes Escritos, no mundo inteiro.

NORTHCLIFFE

PREFÁCIO

Estes Escritos - transmitidos por escrita automática ou, mais corretamente, por escrita inspirada - apresentam quatro partes distintas, todas, entretanto, formando um todo progressivo. Foi, bem evidentemente, tudo planejado anteriormente por aqueles que se incumbiram de sua transmissão.

O elo entre mãe e filho foi, sem dúvida, considerado como a via mais desejada pela qual se abririam as comunicações em primeira instância. Foram, portanto, minha mãe e um grupo de amigos que me transmitiram a primeira parte.

Em se provando que o experimento foi um sucesso, apresentou-se outro professor, chamado Astriel, um dos de maior graduação, de pensamento mais filosófico e melhor dicção. As mensagens transmitidas pelo grupo de minha mãe e Astriel formam o primeiro livro dos Escritos, *Os Planos Inferiores do Céu.*

Tendo passado por este teste, fui guiado por Zabdiel, cujas mensagens estão num nível superior àquelas narrativas simples de minha mãe. Estas formam *Os Altos Planos do Céu.*

A fase seguinte foi *O Ministério do Céu*, transmitido por aquele que identificou a si próprio como Líder, e seu grupo. Subseqüentemente, ele parece

ter assumido, mais ou menos, o controle exclusivo da comunicação. Aí, ele fala de si mesmo como sendo “Arnel”. Sob este nome, sua narrativa, a qual forma o quarto livro, *Os Batalhões do Céu,* é o clímax do todo. Suas mensagens são de uma natureza mais intensa que qualquer outra precedente, as quais foram, evidentemente, preparatórias.

Será óbvio que, para se obter a verdadeira perspectiva, os livros devam ser lidos na seqüência dada acima. De outro modo, algumas das referências nos volumes posteriores aos incidentes narrados anteriormente podem não ficar bem claros.

No que concerne aos personagens na transmissão das mensagens: minha mãe passou para a vida maior em 1909, com 63 anos de idade. Astriel foi Diretor de uma escola em Warwick nos meados do século XVIII. Da vida terrestre de Zabdiel, sei pouco e nada certo. Arnel dá alguma explicação dele mesmo nos textos. Kathleen, que atuou como amanuense no lado espiritual, viveu em Anfield, Liverpool. Ela foi costureira e morreu com a idade de 28 anos, aproximadamente 3 anos antes de minha filha Ruby, a qual é mencionada no texto e que passou para o outro lado em 1896, com a idade de 15 meses.

Outubro, 1925

COMO VIERAM AS MENSAGENS

Há uma opinião generalizada de que os clérigos sejam pessoas muito crédulas. Mas nosso treino no exercício das faculdades críticas coloca-nos entre os mais difíceis de se convencer quando alguma nova verdade está em questão. Levou um quarto de século para que me convencessem: dez anos de que as comunicações espirituais eram um fato, e quinze de que o fato era legítimo e bom.

Desde o momento em que tomei esta decisão, a resposta começou a aparecer. Primeiro, minha esposa desenvolveu a capacidade da escrita automática. Aí, através dela, recebi ordens de que deveria sentar silenciosamente, lápis na mão, e externar quaisquer pensamentos que parecessem vir à minha mente, projetados ali por alguma personalidade exterior, e não conseqüentes do exercício de minha própria mente. A relutância retardou tudo por um longo tempo, mas finalmente senti que amigos estavam perto, e que queriam, muito seriamente, falar comigo. De nenhum forma sobrepuseram ou compeliram minha vontade - isto teria resolvido o assunto rapidamente, tanto quanto posso compreender, - mas suas vontades eram mais claras ainda.

Senti finalmente que deveria dar-lhes uma oportunidade, porque estava tomado pelo sentimento de que a influência era boa, portanto, enfim, muito cheio de dúvida, decidi me sentar em minha batina, na sacristia, depois das vésperas.

As primeiras quatro ou cinco mensagens vagaram, sem rumo certo, de um assunto a outro. Mas gradualmente as sentenças começaram a tomar forma consecutiva, e finalmente obtive algumas que eram compreensíveis. Daquele tempo em diante, a desenvoltura melhorou com a prática. O leitor encontrará o resultado nas páginas seguintes.

G. Vale Owen, Outono, 1925

INTRODUÇÃO

Por Sir Arthur Conan Doyle

A longa batalha está próxima do fim. O futuro pode ser sondado. Pode ser retardado a muitos, e a muitos ser um desapontamento, mas o fim é certo.

Sempre pareceu certo àqueles que estão em contato com a verdade que, se os documentos inspirados das novas revelações realmente chegasse às mãos do público em massa, todos teriam ainda mais certeza, por sua beleza inata e pela racionalidade que varre para longe todas as dúvidas e todos os preconceitos.

Agora a publicidade mundial já os está levando a todos, tendo sido selecionados dentre eles os mais puros, os mais elevados, os mais completos, os mais dignos provindos da fonte. Verdadeiramente, a mão de Deus está aqui!

A narrativa está à sua frente, e pronta para falar por si própria. Não a julgue meramente pelo folhear das páginas, arrogantemente como isso poderia ser, mas note cada beleza que flui da narrativa e firmemente vai tomando volume até alcançar um nível de grandeza substancial.

Não censure por detalhes ínfimos, mas julgue-a pela impressão geral. Evite encarar algo indevidamente por ser tudo novo ou estranho.

Lembre-se de que não há narrativa na Terra, nem mesmo a mais sagrada de todas, que não deixaria de tornar-se ridícula pela extração de passagens de seu contexto e por se adensar o que é imaterial. O efeito total em sua mente e em sua alma é o único parâmetro para se julgar o alcance e poder desta revelação.

Por que Deus teria selado as fontes de inspiração de dois mil anos atrás? Que garantia temos nós, em qualquer lugar, para uma convicção tão sobrenatural?

Não é infinitamente mais razoável que um Deus vivo continuasse mostrando uma força atuante, e aquele saudável socorro e a sabedoria que emanam d'Ele para fomentar a evolução e o poder, aumentados em compreensão por uma natureza humana mais receptiva, agora purificada pelo sofrimento?

Todas estas maravilhas e prodígios, estes acontecimentos sobrenaturais dos últimos 70 anos, tão óbvios e notórios que somente olhos fechados não os veriam, são triviais por si próprias, mas são sinais que chamaram à atenção nossas mentes materialistas e direcionaram-nas a estas mensagens, das quais estes escritos em particular podem ser tidos como sendo o mais completo exemplo.

Há muitas outras, variando em detalhes, de acordo com a esfera descrita ou a opacidade de seu transmissor, pois cada um dá toques de luz para maior ou menor intensidade, conforme vai passando a mensagem. Somente com espírito puro será possível que os ensinamentos sejam recebidos absolutamente puros, e então esta história de Céu deverá estar, podemos pensar, tão próxima a isto quanto a nossa condição de mortais permite.

E são subversivos às velhas crenças? Milhares de vezes **Não**! Ampliam-nas definindo-as, embelezando-as, completando os vazios que sempre nos desnortearam, mas também, exceto aos pedantes de mente estreita para palavras esclarecedoras e que perderam o contato com o espiritual, são infinitamente renovadores e iluminados.

Quantas frases efêmeras das Velhas Escrituras têm agora sentido e formato palpável? Não começamos a entender aquela "Casa com muitas moradas" e perceber de Paulo "a Casa que não é feita por mãos", mesmo quando captamos algumas fugazes percepções daquela glória que a mente humana não concebeu nem sua boca pronunciou?

Tudo isto cessa de ser uma visão longínqua e torna-se real, sólida, garantida, uma luz à frente enquanto singramos as águas escuras do Tempo, acrescentando uma alegria profunda a nossas horas de tristeza e secando a lágrima do pranto de dor ao assegurar-nos de que não há palavras que expressam a alegria que nos espera se formos apenas verdadeiros perante a Lei de Deus e nossos maiores instintos.

Aqueles que interpretam mal as palavras usadas dirão que Mr. Vale Owen obteve tudo de seu subconsciente. Podem tais pessoas explicar por que tantos outros tiveram a mesma experiência, num grau menos elevado?

Eu mesmo sintetizei em dois pequenos volumes a descrição geral do outro mundo, delineada por um grande número de fontes. Foi feita tão independentemente da narrativa de Mr.Vale Owen quanto sua narrativa foi independente da minha. Nenhum teve acesso possível ao outro. E ainda agora, enquanto leio esta, de concepção maior e mais detalhada, não encontro nem um simples ponto relevante no qual eu tenha cometido alguma incorreção.

Como, então, esta concordância é possível se o esquema geral não estiver baseado numa verdade inspirada?

O mundo precisa de uma força condutora mais poderosa. Tem sido regido por velhas inspirações da mesma forma que um trem anda quando a sua máquina é removida. É necessário um novo impulso. Se a religião tem sido um fator impulsor, então ela própria deveria ter se imposto no maior assunto de todos - os relacionamentos entre as nações, e a recente guerra teria sido impossível. Qual igreja há que se saia bem neste supremo teste? Não está manifesto que as coisas do espírito precisam ser restabelecidas e religadas aos fatos da vida?

Uma nova era está começando. Aqueles que estejam trabalhando por isto podem ser desculpados se sentirem alguma sensação de satisfação reverente à medida que vêem as verdades pelas quais trabalharam e testificaram ganhando atenção mais ampla no mundo. Não é ocasião para uma auto declaração, pois cada homem ou mulher que foi honrado por ter sido permitido a eles trabalharem por tal causa é bem consciente de que ele ou ela é nada mais que um agente nas mãos das invisíveis mas muito reais, amplas e dominadoras forças. E ainda, não seríamos humanos se não ficássemos aliviados ao vermos novas fontes de poder, e ao percebermos que a toda-preciosa embarcação está segura, mais firme do que nunca, em seu curso.

ARTHUR CONAN DOYLE

PREFÁCIO – LIVRO V

"As crianças do Céu" e "Os planos exteriores do Céu," ambos formando uma só narrativa, são a continuação da série de quatro volumes intitulada "A Vida Além do Véu", e foram recebidas pelo Sr. Vale Owen de um grupo de espíritos comunicantes, atuando sob a liderança de um deles, que deu seu nome: Arnel.

Arnel, em uma prévia comunicação ao Sr. Vale Owen, disse que em sua vida terrestre foi um inglês que, em conseqüência de perseguição religiosa, teve que se refugiar em Florença, e viveu lá na Colônia Inglesa durante os primeiros dias da Renascença. Ensinou música e pintura, e morreu à meia-idade, escapando portanto da inimizade do Estado daqueles dias.

Em "O Ministério dos Céus" e "Os Batalhões dos Céus" (Livros III e IV) ele deu muitos detalhes interessantes de sua experiência no curso de seu progresso de um estado, ou esfera,

para o superior. Descreveu o trabalho que ele e outros receberam de elevar aqueles seus companheiros, uns que foram incapazes de progredir de suas velhas condições terrenas, e alguns outros que haviam retrocedido.

Os leitores destas mensagens vão perceber, conforme seguirem as narrativas destes dois livros, que seu método de trabalho é familiar a eles, apesar de que o treinamento de crianças e trabalho nos "Planos Exteriores" são amplamente diferenciados quando se contrapõe um ao outro.

O Livro V concerne ao treinamento de crianças para a cidadania nas esferas espirituais. Na forma mais íntima, e com riqueza de detalhes, é mostrado a nós como suas características e poderes são desenvolvidos em um curso de curta duração e aprendizado. Enquanto observamos este panorama do futuro estado desdobrar-se, percebemos o quanto a tonalidade da composição torna-se cada vez mais brilhante e linda. Através da apresentação gráfica de Arnel sobre este tema, somos trazidos diretamente ao contato com a impoluta alegria da infância.

Muitos exemplos são dados do que poderíamos chamar "física espiritual," e muita luz é lançada sobre as leis espirituais operantes; por exemplo, as leis que governam a Criação. Este e outros temas nos são dados de forma leve, e uma informação muito importante é apresentada pela face simples da vida de uma criança.

Mas não é todo quadro que é tão livre de cuidados.

No fim do Livro V, encontramos a infância e sua música alegre sumindo à distância, deixando Arnel e Wulfhare meditando sozinhos na beleza e alegria que acabaram de testemunhar. Shonar não está com eles, está nos umbrais escuros, preparando e organizando a missão que lhe foi dada. Há um intervalo, como se fosse isso, durante o qual se insinua, numa sugestão de tristeza, uma premonição do que está em pendência.

"Os Planos Exteriores dos Céus" (Livro VI) contém a descrição vívida de Arnel de como aquele trabalho transcorre. Será visto pelo leitor, conforme os fatos se sucedem, que o ministério estabelecido além do Véu para o soerguimento de "crianças adultas" dos Planos exteriores é o mesmo ministério, essencialmente, que treina e desenvolve as crianças inocentes da Esfera Sete. Entre ambos Arnel se move e trabalha, com sua silenciosa confiança e seu humor emitindo luz e alegria aonde quer que vá.

Ele nos dá típicos exemplos das dificuldades que se apresentam aos trabalhadores nos Planos Exteriores, umbrais, e que devem ser suplantados.

Por exemplo, vítimas de um massacre chegaram no Outro Lado, aturdidos pelo tempo passado e cheios de medo e desejos vingativos. Eles devem ser acordados para sua infeliz condição, e contudo deve se prevenir uma onda de pânico; e estes recém-chegados devem também ser restringidos, se possível, para não retornarem ao plano espiritual da terra (na Esfera Um), para que não busquem vingança contra seus inimigos ainda na carne.

O grupo de espíritos trabalhadores, liderados por Wulfhere e incluindo Arnel, é forte o suficiente para controlar estes espíritos vingativos pela força do pensamento, mas a tarefa que têm em mãos é toda feita da forma mais formidável, pois o livre arbítrio dos recém-chegados é sagrado e não deve ser solapado.

Este é apenas um exemplo da espécie de problemas a serem resolvidos pelos espíritos servidores no escuro Plano Exterior, os umbrais. Arnel relata minuciosamente como são administradas estas e outras dificuldades surgidas, e continua a explicação de como os recém-chegados começam sua árdua subida na colina do desenvolvimento e do progresso. Nós seguimos sua ascensão lenta, e observamos o crescimento gradual de seus poderes e influências conforme vão subindo; e no final nós os deixamos - relutantemente, sem dúvida - como cidadãos de esferas mais brilhantes, que retornam constantemente aos Planos

Exteriores em busca de espíritos que estejam na forma em que estavam, emaranhados nas condições materiais.

Através desta narrativa, os caracteres e seu ambiente permanecem tão claros diante dos olhos do leitor, que duvidar de sua realidade seria um esforço maior que acreditar que aqui temos realmente uma peça verídica da história.

Mas se, aos que seguiram os Escritos de Vale Owen (como popularmente são conhecidos) desde o início, parece que a elevada idéia fundamental, tão marcante nas características de, por exemplo, “Os batalhões do Céu”, não é alcançada neste volume, a razão será entendida prontamente quando as condições diferentes sobre as quais seu tema foi recebido são consideradas.

Os quatro primeiros volumes foram recebidos num tempo em que o Sr. Vale Owen estava cercado pela quietude e privacidade da Sacristia na pequena Igreja de Orford - ali uma obscura paróquia de Lancashire, quase desconhecida do público. Mas quando as fortes luzes da publicidade foram focadas sobre o amanuense, e sobre a paróquia também, a paz providencial para o retiro foi quebrada pela torrente de cartas e visitantes que vieram a Orford, e pelos pensamentos de milhares cujas atenções estavam focalizadas sobre seu Vigário. Sob estas condições desordenadas estas mensagens posteriores foram recebidas.

A tranqüilidade é a principal condição a ser observada por um amanuense em escritos desta espécie; e faltava a tranqüilidade.

O sr. Vale Owen, que sempre se sentou para receber as mensagens na sacristia da Igreja de Orford, onde a forte atmosfera espiritual do lugar ajudava na transmissão, achou que as freqüentes interrupções fizeram ser necessário que ele se sentasse no Vicariato. Esta mudança de localidade provavelmente afetou de alguma forma as condições.

O critério mais certo pelo qual se julga uma mensagem é o efeito que esta mensagem tem sobre as pessoas que a recebem. Enquanto estas mensagens estavam aparecendo na imprensa, o sr. Vale Owen recebeu um grande número de cartas daqueles que haviam “perdido” seus pequeninos. Esta correspondência mostrou claramente que, à parte de conhecimento considerável que estes que as pranteavam tenham adquirido das condições pós-morte das pequenas crianças, eles haviam captado uma nova luz para o Futuro, que trouxe imediato conforto a muitos que haviam pensado que jamais voltariam a ter a alegria que perderam.

Um glossário no final do livro providencia informações dos principais servidores e seus trabalhos, satisfatório para referencial a qualquer hora.

O Editor (da edição inglesa)

NOTA SOBRE AS ESFERAS

Uma explanação curta sobre a numeração e da natureza das esferas espirituais, ou estados, pode ser útil para os leitores que não leram os outros quatro volumes desta série.

O sistema de numeração das esferas é a usada pelo espírito comunicante chamado Zabdiel em suas mensagens (Livro II, “Os Altos Planos do Céu”), e adotado por toda a obra pelos comunicantes subseqüentes. Mas as esferas são numeradas desta forma, claro, somente pelo propósito de identificação delas nestes Escritos, e elas geralmente não são conhecidas pelos seus habitantes por estes números.

A terra está incluída na Esfera Um, sobre a qual elevam-se outras, cada esfera envolvendo e interpenetrando as mais baixas e de vibração mais lenta que ela em si. Assim, a Esfera Dois envolve a esfera Um, filtrando através dela tão fielmente como luz em água. A

Terceira Esfera inclui em si as Esferas Um e Dois, a Quarta contém os três estados inferiores a ela, e assim por diante. Estados sem conta, ou esferas, elevam-se uns sobre os outros desta forma, cada esfera mais alta aumentando em intensidade de luz e poder, à medida que vão se aproximando, no Grande Horizonte, de Deus.

AS CRIANÇAS (primeira parte) e
OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU (segunda parte)

PREFÁCIO do EDITOR – LIVRO V

Os Escritos de Vale Owen foram publicados em cinco volumes sob o título genérico de "A Vida Além do Véu". O quinto volume, "As Crianças e Os Planos Exteriores do Céu", assumido por uma casa editora diferente daquela dos outros quatro, e por outro editor, foi omitido em cada reedição subseqüente dos Escritos, ficando assim dissociado deles todos.

Olhando para trás, para os últimos quarenta anos, percebe-se o impacto causado pelos Escritos em todo o mundo, inesquecível e marcante. Muitas pessoas, claro, são incapazes de compartilhar tal lembrança. Mas é mais que provável que, se lerem os Escritos agora, o efeito sobre elas será grande da mesma forma.

Inglaterra, agosto de 1964

ÍNDICE

INTRODUÇÃO
UMA APRECIAÇÃO DE LORD NORTHCLIFFE
PREFÁCIO DA SÉRIE
COMO VIERAM AS MENSAGENS
INTRODUÇÃO – Sir Conan Doyle
PREFÁCIO – Livro V
NOTA SOBRE AS ESFERAS
PREFÁCIO – do Editor inglês deste livro

PRIMEIRA PARTE - AS CRIANÇAS DO CÉU
I. Introdutório: Parábola do da Estrada do Rei
II. Festas Natalinas: um santuário celeste
III. Festa de Jesus Menino
IV. Reverência e serviço
V. O episódio da fonte
VI. Criação e Crescimento
VII. Como as crianças são treinadas
VIII. Jogos com que as crianças brincam
IX. A Estrada para o Reino do Cristo

SEGUNDA PARTE - OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU
I. O poder de Wulfhere subjuga a rebelião

II. O Homem e seu ambiente
III. A Colheita de uma tragédia na Terra
IV. Diagnosticando os recém chegados da Terra
V. O Povo da Clareira
VI. As Religiões da Terra: Uma cena no leito de morte
VII. Como uma colônia progrediu
VIII. Crescendo e Construindo
IX. O trabalho nos Planos Escuros
X. O Ferreiro faz melhorias
XI. A vida dentro da fortaleza
XII. Fora dos limites

GLOSSÁRIO

PRIMEIRA PARTE
CAPÍTULO I

AS CRIANÇAS DO CÉU

Introdutório. Parábola da Estrada do rei.

Quarta, 17 de Dezembro de 1919.

Vamos começar com uma daquelas parábolas que você diz que gosta.

Um Rei cavalgava em suas florestas, e com ele vinham dois Cavaleiros servidores. Disse o Rei ao Cavaleiro mais jovem, “Gostaria de uma estrada aberta através da floresta, para que aqueles que vêm em grupos para me visitar pudessem encontrar um caminho menos cansativo. O que você me diz do plano, Senhor Cavaleiro, e como poderia cumpri-lo?”

E o jovem Cavaleiro respondeu-lhe, “Penso, senhor, que isso seria bom se todos fossem bem intencionados em relação à sua pessoa. Mas uma estrada aberta desde suas fronteiras até os portões de seu palácio poderia ser vantajosa também a outros não tão ligados ao senhor como nós.”

“Isto foi muito astutamente exposto,” respondeu o Rei, e pensou por instantes. Então, voltou-se para o outro Cavaleiro, e disse, “Você, senhor Cavaleiro, é grisalho de cabelos e barbas. Que pensa a respeito deste plano de se fazer uma estrada?”

“Não, senhor,” respondeu ele, “sabedoria melhor que a de meu jovem amigo não posso encontrar para dar-lhe. Se for astúcia que queria, o senhor já a tem.”

“Há alguma coisa por trás de seus cabelos brancos,” disse o rei. “Exponha, homem, e deixe-nos ver do que se trata.”

O Cavaleiro mais velho disse, “Além das fronteiras distantes desta enorme floresta, senhor, habitam as pessoas que estão menos expostas à sua majestade, tanto pessoalmente, quanto em termos de governo. Alguns clãs são cordiais, e outros, novamente, não são tão cordiais em sua submissão. Mais acolá, as pessoas são rebeldes de coração e ilegais ao agirem também.”

“É verdade,” murmurou o Rei, “e eles são muito teimosos e duros de se lidar. Não vão se inclinar, e não posso combatê-los, porque somem entre as colinas quando mando uma companhia contra eles. Bem, senhor Cavaleiro, o que me diz?”

“Sou grisalho, como o senhor mesmo diz, senhor; tenho servido ao senhor e ao seu pai e ao pai dele no Reino. Fui Cavaleiro então, e Cavaleiro sou. Não suplantei este posto por outro mais alto, como meu jovem amigo fará. Pois no Conselho não tenho a astúcia que os Reis requerem. Mas, senhor, vivi até meus cabelos branquearem, enquanto muitos de meus amigos caíram pelas mãos da lei ou de seus desgostos com os camponeses. Vivo no meu próprio estado, e tenho vivido em paz e com o beneplácito de meu povo. Meu Rei também encontra prazer em que eu o atenda, em minha submissão verdadeira e testada. Mas se fosse capaz de acrescentar em minha simplicidade a sabedoria, como seu Conselho gosta, não teria mantido minha cabeça por tanto tempo, nem sua doce confiança.”

“Bem, de qualquer forma que esta questão esteja colocada, há sabedoria em suas palavras, meu amigo. E agora, sobre o plano desta estrada?”

“Faça a estrada, meu senhor. Faça-a direta e ampla, tão ampla e bem pavimentada que um exército possa marchar com facilidade lá das fronteiras até os portões de seu palácio. Não a verei pronta e terminada, mas o senhor é jovem, meu Rei, e será uma paisagem para se ver que bem valeu o custo e os anos de trabalho.”

“Sim, seria com certeza uma paisagem para se ver - um exército contra mim pela própria estrada do rei. Você disse verdades, senhor Cavaleiro. E o que será quando o saque ao meu palácio começar?” ”Eles não saquearão seu palácio, senhor, nem tocarão sua majestade em sua pessoa. Chegarão empunhando sua própria bandeira ao senhor e à sua casa. DEIXE QUE OS BANDIDOS A CONSTRUAM.

“O Rei não conseguia entender. A lealdade de seu velho amigo ele conhecia, mas suas palavras pareciam para ele as de um tolo. Mas ele não escarneceu de seu Cavaleiro, tendo em vista seus longos anos de serviço. Mas disse, “Bem, agora, como superaria este momento, meu amigo? Duvido que meus leais súditos fizessem esta estrada, pois temem aqueles rudes bandidos dali.”

“Então deixe os bandidos construí-la. Decrete que aquela estrada deve ser construída; que seja começada pela extremidade da fronteira, pague altos salários e penhore a segurança de seus trabalhadores com sua honra. A estrada começará de lá até o senhor. Mas o senhor não será ferido, meu senhor.”

Assim o Rei decretou, por sua real prerrogativa, que a estrada iria seguir somente sob seu domínio e não em terras comuns. E todos os nobres disseram que ele estava perturbado. Mas ele insistiu nesta atitude, porque o espírito do velho Cavaleiro entrou nele e ele via com outros olhos, diferentes dos deles.

Os bandidos começaram a trabalhar com seriedade, porque pensavam que isso facilitaria a eles no cerco que desejavam fazer para destronar o Rei. Mas as árvores eram muitas, e as alianças eram muitas, e ano após ano trabalharam e receberam seus salários. E conforme o tempo passou, achavam o trabalho mais fácil, e a face do Rei sobre as moedas quando recebiam seus salários parecia cada vez mais bondosa a seus olhos. Ele veio pessoalmente também até ali, e moveu-se livre e sem medo entre eles, e falou com as crianças e suas mulheres, enquanto elas cozinhavam suas refeições para os homens debaixo das árvores da floresta.

E quando a estrada ficou pronta, não havia mais rebeldes em seu reino, mas onde a inimizade havia estado, ali agora desabrochara uma confiança mútua. Pois seu Rei e eles estiveram unidos num único trabalho ao fazer a estrada, e agora havia também uma estrada do Rei do palácio até as fronteiras, e eles não pareciam distantes um do outro como antes.

Então chegou o dia em que o reino teve seu festival por estar a estrada pronta. E naquele dia o grande exército veio, como profetizara o velho Cavaleiro; e eles vieram com as insígnias reais em suas bandeiras, e lá estavam as mulheres e suas crianças no meio. Mais ainda, os portões do palácio foram abertos a todos eles, e não havia nenhum guarda que lhes opusesse resistência.

Há uma lenda sobre aquele dia que ainda é contada de pai para filho. Diz-se que naquele dia, enquanto a feliz multidão passava cantando pelos portões, o Cavaleiro de barbas grisalhas, que havia morrido muitos anos antes, foi visto à frente deles, indo adiante e liderando-os até os pés do Rei que estava em pé no pórtico do palácio, no alto da escadaria. Ele foi visto, dizem eles, ajoelhando-se lá em cima, no último degrau, prestando reverência ao que um dia havia sido o seu Soberano, e depois disto não mais foi visto.

Uma parte da história

Quinta, 18 de dezembro de 1919.

Esta parábola que me deu em nossa última sessão - foi meramente fantasiosa, senhor, ou tem alguma base de fato?

O que lhe demos na última noite, meu filho, foi uma fatia da história dos céus colocada em fraseado terrestre. Aquilo realmente aconteceu aqui deste lado, mas não da forma que lhe transmitimos. Havia, na Esfera Dois, uma colônia de uns fora-da-lei - como adotamos a numeração das Esferas - que trouxe da vida terrestre deles algum descontentamento. Cingiram-se à restrição de liderança, e viviam nas fronteiras de sua esfera. Não eram maus espíritos, por isso habitavam a Esfera Dois. Mas eram de mente confusa, e sua recém descoberta liberdade das restrições vindas de fora foi mal interpretada, e voltaram-se para idéias de anarquia. Por isso viviam apenas nesta Esfera. A história, em que colocamos disfarce terrestre para você, tinha o empenho de mostrar o que democracia deveria representar, aos olhos de quem governa. Os fatos que aconteceram aqui levaram a lição de outra forma. O governador não precisou palpites sábios de seus oficiais. Ele os chamou em Conselho e disse-lhes o que faria. A construção da estrada foi sua idéia unicamente. Seus subordinados levaram adiante o plano e supervisionaram a construção da estrada.

Um dia - para usar palavras terrestres - o Governador visitou os trabalhadores. Alguns tentaram colocá-lo contra eles, mas não conseguiram. Ou mesmo se suas mãos pudessem tocá-lo, eles as retirariam de volta, impotentes e dolorosas. Fizeram isto mais de uma ou duas ocasiões. Ele sempre sorria para eles, bondosamente, não escarnecendo deles, deixando-os perplexos por suportar tudo isto.

As crianças, a princípio, estavam tímidas pela sua presença. Mas um pequenino tocou sua roupa para senti-la. Quando ele retirou sua mãozinha, ela brilhava transparente, e raios de cor azul-real emanavam da palma e dos dedos. Ele se retirou encantado mas, não se sentindo ferido, correu para seus companheiros e mostrou-lhes a maravilha que lhe acontecera.

Por algum tempo ficaram distantes dele mas, finalmente, mais um ousado novamente chegou perto e tocou sua roupagem. Os raios elétricos eram emanados como antes, mas não brilhavam tanto quanto antes. Então os pequeninos vieram em duplas ou em trios, e ele esperou que todos tocassem sua roupa. Finalmente não havia mais raios nas mãos dos que o haviam tocado. Desta vez, os mais amadurecidos dentre os mais velhos mostraram mais cortesia em relação a ele, por sua gentileza com as crianças. Eles haviam curiosamente observado as visitas e os atos das crianças.

Crianças como pioneiros

Então, puseram uma das mães à frente, que disse, “Poderia nos dizer, senhor, qual é o significado desta luz que sai do senhor para estas crianças?”

E ele respondeu, “Boa mãe, aquilo de luz que você tinha na obscura vida terrena, você deu para sua criança quando ele nasceu e mamou em seu peito. A luz mais intensa que tenho em mim, dou também.”

“Mas, senhor Anjo,” prosseguiu ela, “por que então ela diminuiu nestes últimos dias quando as crianças tocaram sua roupa? A luz no senhor agora está mais escura que antes?”

“Não, boa mãe,” respondeu ele, “Não emito mais escuridão, apenas mais brilho a cada vez que venho a vocês. É porque as crianças, tendo absorvido mais luz em si mesmas, já não mostram mais tanta diferença entre eles e eu.”

“Mas mesmo assim percebemos isto. A nós, seu Dom não nos parece mais brilhante do que quando veio aqui pela primeira vez até nós.”

“Por que vocês, sem quererem, brilharam também. E seus homens já não olham para mim tão obscuramente agora, como antes o faziam. Mais ainda, vocês se afastaram da fronteira onde o trabalho iniciou, e a região aqui é mais clara que aquela. Perceberam isto?”

“Não senhor, porque andamos, mas vagarosamente, junto com a construção da estrada, e suponho que nos condicionamos à atmosfera rarefeita enquanto subíamos. Mas o senhor disse verdades, porque aqui as árvores são mais cheias de folhas, e há flores e grama por toda parte.”

“Assim é o Reino dos Céus, em todas as partes e províncias. E assim é com as pessoas que habitam nestes lugares todos. E agora, boa gente, todos vocês,” continuou ele para a multidão que ajuntou para ouvi-lo falar com a mulher, “guardem isto em seus corações, e também em suas mentes. As crianças foram seus pioneiros. Ousaram fazer o rastro brilhar por vocês, quando vocês falharam. Sejam como elas são: usem seus métodos de inquirir e confiar, e todos irão para um brilho maior em menos tempo. Eles os lideraram bem, estes pequenos. Deixem que eles os liderem ainda, e sigam-nos. Eles não vão liderá-los para a dispersão.”

A estrada do progresso

E a aparição do velho Cavaleiro quando a multidão veio ao palácio, Arnel?

Isto, meu filho, também aconteceu, mas não como no parábola escrita para uso terreno. Deixe-me contar-lhe.

Dia chegou em que o Governador chamou o povo no meio da estrada, ainda não completamente construída. Ele os liderou de volta até o ponto mais distante e as condições dali eram tão pesadas que mal podiam suportá-las, o que antes faziam com facilidade. Isto ele fez para mostrar-lhes o progresso que já haviam feito. Então, voltaram-se, e ele os liderou de volta ao longo da longa estrada em direção ao Palácio. E enquanto faziam a jornada, ele indo sozinho à frente deles, perceberam que ele brilhava mais ainda, tanto na roupa quanto seu corpo.

Quando chegaram às portas do palácio ele brilhava transparente, todo em brilho e luz, quase invisível. Eles o viram entrar e, no meio do caminho entre os portões e a frente do palácio, ele ficou mais invisível e saiu do brilho desta Esfera até a sua própria e não foi mais visto. Seu trabalho com eles estava terminado e completo.

Mas nos degraus em cima estava o novo Governador deles, sorrindo dando-lhes boas vindas, convidando-os a entrar para a música de agradecimento ao Pai de Todos. Todos olharam para ele, que era apenas um menino, cuja face era muito bela e muito sábia.

Então aceitaram-no, lembrando do que se passou, e de como por caminhos improváveis foram liderados até então, sem entender, mas desejando que algum dia este novo mistério fosse esclarecido a eles.

Então, todos em grande silêncio, inclinaram suas cabeças e seguiram-no para dentro, e ali participaram do Festival.

Isto, meu filho, foi o que se passou primeiramente.

A versão terrestre disto, eu lhe transmiti com nenhum propósito a menos. A leitura disto eu transmito a você a seus leitores ainda na terra.

CAPÍTULO II

ÉPOCA DE NATAL: UM SANTUÁRIO CELESTE

Véspera de Natal de 1919.

É véspera do Natal, meu filho. Estou pensando em quantos há, na vida da terra, que têm alguma idéia das forças tremendas que se agrupam na época de Natal, em estações como esta. Claro, você sabe que a interação entre a esfera terrestre e esta da vida espiritual é contínua. Varia em intensidade, também em tamanho, o montante de poder que vocês geram por sua devoção. Nesta palavra eu incluo não apenas suas orações estabelecidas, tanto públicas quanto privadas, mas todo o conteúdo de sentimentos que, em certas estações, pairam sobre a terra.

Na época de Natal é muito grande, e somos capazes de corresponder por outro lado. As duas correntes de aspirações e respostas encontram-se no meio do caminho, mesclam-se, e o resultado não é limitado à soma de suas duas quantidades separadas e agora adicionadas. Há um outro fator que entra também em operação: o da geração. O conteúdo total conseqüente da mistura é aumentado além da soma das duas.

Nem a qualidade é estática. Vocês poderiam considerar que nossa resposta, completando suas aspirações, poderia elevá-las ao nível do mérito. Mas este não é o resultado final. Porque, novamente, um terceiro ingrediente que entra chega de acima de nós ambos, e faz todo o poder criador e gerador. Então, o sentimento desta devoção mesclada é elevado acima de nosso nível, como os nossos são acima dos seus, e ambos - vocês e nós - somos abençoados por nossa elevação.

Nós que nos inclinamos em direção a vocês, meu filho, somos como a multidão de pessoas que desceu da Cidade Sagrada e foi em direção ao encontro da multidão que veio em regozijo, de outras partes. Eles agruparam suas forças, e o primeiro grupo virou-se, e viu que eles vieram da Capela Santa onde Deus tinha Seu lugar, entretanto o Senhor seu Libertador estava com estes camponeses também e assim, em companhias, e com Ele no meio, subiram em direção a Zion, e Jerusalém naquele dia foi preenchida de muito mais riquezas que seus comerciantes ou seus religiosos conheciam.

E agora para falar em mais detalhes.

Nós aqui deste lado mantemos nosso Festival do Cristo Menino como fazem vocês, e com mais certeza pelo conhecimento e menos ensejo de especulação. Pois aqui temos o Cristo-Criança em nosso meio - não mais certamente ou mais poderosamente que vocês - mas

nesta época, como em outras vezes, Ele manifesta a nós Sua Presença visível; enquanto que na Terra Ele é visto assim apenas por poucos. O tempo está chegando, quando então tal visão poderá ser aberta a muitos mais que agora é possível ser, mas ainda não é tempo.

A forma-presença: o Cristo-Criança

Você deve saber, meu filho, que o Cristo se manifesta em todas as Esferas, e com freqüência. Cada Manifestação é também apropriada, em caráter e em apresentação, ao trabalho em pauta. Ele não assume sempre a mesma forma nem o mesmo caráter.

Sei disso, Arnel, porque você já havia me dito isso antes mais de uma vez.

Isso é bem verdade, meu filho, mas agora escrevo, como antes, não apenas para você, mas para os muitos que lerão o que você escreveu sob minha influência. E alguns podem não ler os outros Escritos, ou podem ler este primeiro. Por isso faremos tudo completo, com o risco da repetição, a qual também não será inútil a você, e a eles será de grande benefício. Assim, continuando:

Quando chega esta Época Sagrada, Ele vem como Cristo-Criança, e Se manifesta em muitas esferas ao mesmo tempo. O número não importa; Ele tem este poder.

Em Forma-presente, percebo.*

Em Forma-presente que, veja bem, é Presença Real. Bem.

Quando as multidões chegam juntas para a reverência, então Ele é visto ganhando visibilidade diante deles em tal forma que é muito procurada para uma ajuda e soerguimento. E nestas Assembléias nesta noite, e amanhã à noite, e através de toda esta época de Natal, muitos serão persuadidos em sua hora de sono - e uns poucos enquanto acordados - e serão levados ao céu apropriado ao seu grau de espiritualidade atingido. Ali estarão reunidos com seus companheiros desencarnados em adoração ao Cristo, seu Rei.

* “Uma Forma-presente é uma forma pela qual uma pessoa torna-se localizada e visível em forma, distante de si mesma. A forma não é vazia de signo ou símbolo, mas é vívida com a vida da pessoa que assim se manifesta, sendo as ações expressões suscetíveis ao pensamento, desejo, ações e estado espiritual de seu original.” – *Os baixos planos do céu*, Livro I desta série.

“A Forma-presente pode ser projetada pelo operador para algum lugar distante de si mesmo. Ou pode ser afastada à distância por uma ou mais pessoas operando em uníssono.” *As Crianças do Céu*, Livro V desta série.

Lembranças do sono

Arnel, tem estado em minha mente nos últimos dias a lembrança de um lindo hall duplo que vi durante o sono algumas semanas atrás. Eu tinha afastado isto de mim e tem retornado persistentemente, de tal forma que chego a pensar que há alguém empurrando esta lembrança em minha cabeça. Ela está diante de mim todo o tempo em que estou escrevendo hoje. Que me diz disto?

Posso ver isso ali, meu filho. Eu já havia visto enquanto estive com você de tarde. Conheço bem o prédio. Mas não o pus em sua mente desta vez. Um momento, meu filho, enquanto pergunto.

(pausa de um minuto)

Meu filho, quem tem impressionado você com esta cena e que a trouxe à sua cabeça três dias atrás, quando você quase a esquecera, é aquele que estava com você quando visitou este templo. Ele está aqui agora e falará com você, se quiser.

É também de sua vontade, Arnel?

Mas é claro que é, ou não teria permitido sua entrada neste recinto. Não, eu fiz com que ele entrasse aqui.

A descrição de Castrel

Permitiria, amigo, tomar a tarefa de meu senhor Arnel por um curto espaço de tempo? Vim pela vontade dele e falarei pela sua também.

Se ele sancionou sua chegada, certamente.

Eu lhe agradeço, amigo, e explicarei. Foi pelo convite de Zabdiel que o levei até aquele santuário no qual esteve pensando.

Como é que Arnel não sabia disso?

Ele sabia de sua ida para lá, e ia lhe contar uma cerimônia que ele testemunhou ali. Quando você falou disso por sua própria iniciativa, ele chamou-me para que pudesse guiá-lo na descrição do local. Há muitas coisas ali que você não trouxe na memória ao voltar à terra. Quando eu acabar de descrever o lugar, ele retomará a narrativa dele. Paremos por agora, e retomaremos amanhã.

Amanhã é dia de Natal. Não pretendia fazer uma sessão amanhã.

Se for capaz, faça. Veremos em sua mente ao decorrer do dia e esperaremos você aqui se seus negócios permitirem sua vinda.

Por favor, diga seu nome.

Sou Castrel, de quem sua boa mãe escreveu anos atrás*.

Castrel?

Este, sem dúvida, é o nome pelo qual me conhece, amigo. Serve como passaporte para sua confiança?

Sim, senhor. Tentarei sentar para você amanhã. Obrigado por ter vindo.

* Veja o glossário

Dia de Natal de 1919.

Vou lhe passar a minha narrativa, amigo, do jeito da nossa visita àquele lugar, quando você e eu fomos juntos.

Aproximamo-nos do prédio por uma subida, porque fica nos altos da Esfera Sete. Passamos uma ampla estrada que fica no pico das colinas e encostas, sempre para cima, em direção ao Santuário. Aos poucos chegamos a um espaço plano, semi-circular, e circundado em seu lado mais distante, e nos lados direito e esquerdo, por terras inclinadas cobertas com árvores floridas e árvores da floresta. Aqui e ali uma trilha sobe circulando, no meio das árvores. Estas trilhas levam aos planos mais altos, além.

O Santuário fica no meio deste cercado. Da escadaria que sobe para sua fachada, nós nos viramos e olhamos para longe, sobre esta região de onde viemos. A paisagem é

encantadora. As ondulações de vários matizes de verde sobem e descem pelo horizonte. Aqui uma cascata cai com seu barulho, ali uma alameda leva para alguma habitação. O topo de alguma capela, ou lugar de estudo, ou estação científica, ou colônia de arte, cintila rosa, ou azul, ou violeta, ou branco brilhante. O horizonte não é uniforme. Uma alta montanha está à direita e mergulha sua extensão no oceano que cobre somente sua metade, e à esquerda perdem-se de vista mais uma vez as elevações suaves onde a cidade de minha atual ocupação está localizada. É a Cidade Capital, como vocês dizem, da região da qual estou encarregado como Senhor de Tudo.

Nós nos voltamos e olhamos o prédio liso, sem muita decoração. Não há colunata ou pórticos. A principal entrada está na parede no alto da escada. Há janelas, mas com poucos ornamentos. Esta pureza e pobreza de planta tem seus objetivos, que são para dar ênfase, pelo contraste, à sua grandeza interior. Vi que você observou a longa e reta silhueta do prédio na frente, estendendo-se para a esquerda e para a direita umas cento e cinqüenta jardas para cada lado, e de altura cento e sessenta pés, exceto em cada terminal e no centro, onde se elevam três torres pequenas, a maior no meio, sobre a porta.

Dentro do Santuário

Passamos para dentro e vimos que a galeria tem cinqüenta pés de largura em toda a sua extensão ao longo de todo o prédio, através de seu caminho à esquerda e à direita.

Atravessamos este. Vai até o vestíbulo do Santuário. Também dá para saguões menores e quartos, e quando os devotos vêm ao santuário, é aqui que são organizados e esperam pelos oficiantes. Quando eu e você estivemos aqui, não havia cerimônia em curso, e as pessoas que encontramos eram na maioria os que, como você, estavam em uma breve visita da terra, e seus guias, como eu fui o seu naquele dia.

Voltamos nossos olhares diretamente à nossa frente, cruzando o vestíbulo, e vimos uma abertura de cinqüenta pés de largura. Isto continuava por quinhentos pés, onde terminava numa abside e é a largura completa do Santuário propriamente dito. Não há portas para este hall. É completamente aberto à vista em toda sua largura e altura. Somente na entrada há cortinas penduradas, presas em cada lado para dar passagem aos visitantes. Elas estão penduradas do teto bem do lado de fora da entrada. Quando se deixa que caiam, elas fecham o final do hall, que tem cento e vinte pés de altura, sendo este também o tamanho das cortinas. Você não as percebeu porque eram de uma cor que não é conhecida por você na terra.

O cérebro espiritual

E, sendo assim, ficaram invisíveis para mim, não é?

Não é bem isso, mas passaram desapercebidas por você por esta razão. Você poderia tê-las visto, mas não teria entendido o esquema cromático. Por esta razão eu não pressionei você a percebê-las.

Eu não o vi lá, Castrel. Não estava consciente de ninguém estando comigo, embora, apesar de tudo, tivesse uma idéia de que minha mãe estava lá, ou esteve de alguma forma em contato comigo.

Sua mãe, meu amigo, está sempre lá, mas não estava pessoalmente então. Mas ela soube de sua visita. Por estas duas razões você sentiria a influência dela. Minha presença, eu a restringi em sua radiação para que sua mente pudesse estar nos prédios que algum dia teria que descrever em palavras da terra. É somente por causa do que guardou em sua mente daquilo que viu que agora sou capaz de reproduzir e construir sobre isso.

No meu cérebro?

No cérebro de seu corpo espiritual, que fornece de sua capacidade de armazenamento de tempo em tempo, tanto quanto a capacidade menor de seu cérebro físico pode captar e

usar. A maioria das cenas que você descreveu nos seus escritos anteriores foram assim guardados no seu cérebro espiritual e reproduzidos desta forma. Sobre este material, como uma fundação, seus comunicantes dos reinos espirituais elevaram a superestrutura deles.

Atmosfera espiritual intensificando

Atravessamos o vestíbulo e adentramos o Hall. Um terço de seu comprimento é chamado de Arcada Dourada. Você estava tão embevecido com a grandeza da Abside, bem diante de você, que apenas relanceou os olhos para os lados desta construção enquanto caminhava ao longo de seu comprimento. Pensou que à esquerda havia janelas. Não eram janelas. Alguns eram nichos, outros corredores estreitos. Isto no lado esquerdo. No lado direito também havia nichos e corredores, mas em luz mais suave, levando para a parte mais interna do prédio, enquanto que os da esquerda conduzem aos jardins. Todos estes corredores são cobertos com cortinados sedosos amarelo-profundo - não de seda, mas de aparência sedosa. Sua composição não é de tecido, mas elétrica. Mais sobre isso, depois. As paredes que aparecem entre os cortinados eram douradas, opacas. Um corredor se divide em sua estrutura num terceiro ao longo de seu comprimento, que passa por ele no mesmo lado. Este termina na Câmara Dourada e é sua única linha demarcante. Não há nem um degrau entre ele e o próximo e maior aposento. Mas à medida que se aproxima dele, há uma sensação de elevação até a Abside. Esta sensação de subida não vem da diferença de nível, mas da atmosfera do lugar, que aumenta em intensidade dinâmica conforme se aproxima dele, até seu ponto mais interno. Também a Câmara Dourada está em luz suave, em dois terços do poder da luz que banha a Câmara irmã.

E sobre o teto?

Que você falhou em observar? Como você entende por telhado ou cobertura, a Câmara Dourada não tem nenhuma. Você realmente olhou para cima uma vez, mas não entendeu. Às suas vistas, ele se abria para o vácuo e era todo escuro. Isto foi pela mesma razão que você não olhou para as tapeçarias da entrada. A Câmara foi coberta no topo por uma substância de coloração e caráter não conhecidos na terra. Tem mais massa que uma nuvem e menos inércia que o mercúrio. Mas, como o mercúrio, está em movimento contínuo, sendo sensível aos impulsos do pensamento impostos a ele de todas as regiões daquela Esfera tão extensa. É por esta razão que é inconstante em tonalidade de cor também, e varia de momento a momento.

Terça, 30 de dezembro de 1919.

Castrel termina sua narrativa

A Câmara maior além da transversal termina em uma Abside. Ela tem um esquema diferente de coloração. Em cada lado elevam-se pilares que são estriados e revestidos com outro. Entre eles, cortinas em azul real profundo. O todo é brilhantemente rico e, mesmo assim, tão harmonioso no conjunto que há uma dignidade imponente informando sobre este Santuário e o Coro interior. Somado a isto, há uma atmosfera de mistério, já que enquanto as pessoas passam pelas Câmaras Dourada ou Amarela, elas conversam à vontade umas com as outras, ou agrupam-se para uma agradável conversa, mas chegando ao Coro ficam em silêncio. Não há janelas, mas mesmo assim sempre está com luz em seu interior. Mas a luz não procede de um centro visível. Tudo é banhado por ela.

Quando você esteve lá, meu filho, você não foi muito longe ao entrar, mas parou para olhar, por causa da beleza imensa daquela Capela. E então você voltou para a Câmara menor, onde você sentiu maior conforto. Pois você não estava sintonizado para as mais altas vibrações do Coro. Foi por isso que não percebeu que a Abside estava num recesso no lado direito, além do arco principal da estrutura. Este recesso dá para um balcão para fora, onde também há uma capela. Nesta, apenas poucos podem entrar, porque é o lugar de chegada dos

que vêm das Esferas superiores e que têm compromissos no Santuário. Está condicionada para vibrações muito mais refinadas e de intensidade dinâmica maior que o Coro. É aqui que os visitantes que descem na Esfera Sete param, para se condicionarem ao ambiente normal antes de entrarem em seus afazeres.

Em tais ocasiões, todo o Templo fica eletrificado e seu aspecto e sua influência mudam. Uma vez, quando um alto Senhor veio, eu vi o Templo assumir um aspecto nublado, e as duas Câmaras tornaram-se iridescentes. Suas cores misturaram-se quando se encontraram na transversal onde uma luz verde, brilhante e cintilante, pairou. Relembrei-me naquela hora, conforme me lembro, do sol atravessando com seus raios dourados a expansão azul do espaço etéreo. A faixa neutra da transversal, interceptando e absorvendo o éter e o brilho do sol, tomou o aspecto verdejante da fertilidade. Você vê, bom amigo, eu vim até aqui vindo da terra, e talvez foi pressa de minha parte por causa do meu passado, pois nem toda fertilidade, mesmo na terra, é verde, e em alguns planetas é menor em extensão que a área coberta.

Agora, meu bom amigo Arnel tem em mente reassumir sua narrativa. Agradeço a ele e a você, meu amigo, pela cortesia nesta permissão a fim de que eu pudesse escrever através de sua mão. Deus lhe dê Sua bênção e a todos que nos recebam, como você fez. Não é sempre assim, e sempre nos regozijamos quando nossos companheiros da terra recebem-nos com boas vindas. É doce para nós, e esforçamo-nos para que a doçura não seja levada de volta, mas que possa estar sobre você e permanecer ali.

Antes que se vá, Castrel, poderia dizer-me se ainda tem ao seu encargo aquela cidade onde estava quando minha mãe visitou-o?

Sim, amigo, ainda trabalho ali e tenho a mesma casa por residência. É por isso que vim até aqui. O Templo que descrevi a você, e ao qual o guiei pouco tempo atrás, está em minha jurisdição. Não está em minha paisagem, mas fica dentro dos limites territoriais.

É a Esfera Sete.

Conforme Zabdiel numerou-as a você, sim. Não a nomeamos assim ali.

Obrigado.

Arnel reassume

E agora, meu filho, retomo minha narrativa. Um grande número de pessoas reuniram-se no Corredor e foram levadas para a Arcada Amarela. Alguns foram além da transversal, para o Coro. Depois de um tempo de silêncio, o espaço começou a tomar uma coloração violeta que se mesclava nas roupas da Assembléia também, e mudava-as para uma nuvem luzente de material leve. A Abside começou a brilhar, e um número de formas apareceu e ficou em intervalos em torno do arco da parede na extremidade mais distante. Então, pelo balcão, chegou um grupo de visitantes. Eram de ambos sexos e estavam vestidos em cores variadas. A cor dominante estava entre vermelho profundo e púrpura. Deles, uma radiação era emitida que invadia as cortinas e faziam com que brilhassem e cintilassem como se fossem de fogo. Verdadeiramente eram, mas o fogo não as consumia como o fogo da terra o faria. A radiação dava a elas certa vida e sensibilidade que você não entenderia. Aqueles cortinados imponentes não tanto absorviam os raios, mas transmutava-os, refletindo-os de volta para o Coro, onde banhavam as pessoas ali agrupadas numa operação quase inteligente. Era como se a personalidade destes elevados e poderosos Anjos-visitantes penetrasse nos materiais e, dali, para os que estavam no espaço que eles delimitavam de cada lado.

O propósito desta Assembléia era o de instruir e, para os que foram promovidos ao Coro, o de iniciação para algum alcance mais elevado de serviço dentro da Esfera. Não era para sua promoção para a próxima Esfera, mas para convocá-los a algum ofício definido naquela mesma Esfera, para as obrigações pelas quais estiveram treinando longamente.

Agora, quando tal convocação é feita na terra, também é dada autoridade ao convocado para que exerça seu ofício em nome do Estado. Mas aqui, o iniciando tem seu poder aumentado, a fim de conduzir o trabalho com sua própria habilidade inerente. Ele é mudado em sua capacidade pessoal. A circunferência de forças a seu comando é ampliada. Resumindo, ele se torna maior, não somente em autoridade executiva, mas também em força de espírito. Paro com as palavras, meu filho, mas você suprirá de significado onde faltou aptidão para expressá-lo.

CAPÍTULO III

FESTIVAL DO CRISTO CRIANÇA

Quarta, véspera de Ano-Novo, 1919.

Quando esta Assembléia agrupou-se, era Véspera do Natal na terra. Nosso pessoal, portanto, fazia suas devoções ao Cristo Criança, e com sua intenção dirigida para a Cristandade. Em várias Esferas, serviços semelhantes estavam acontecendo. O poder de bênçãos de todas estas congregações é agrupado por aqueles cujo trabalho é fazer isso: coordenar e misturar e então projetar as bênçãos para o plano da terra. Aqui também há estações em variados centros onde a massa deste poder é novamente tratada, desta vez analiticamente. As miríades das congregações celestes incluem as de diferentes sistemas de Cristandade. Nas esferas mais altas, elas são mudadas em suas características meramente temporais, e levadas a se aproximarem mais, como filhos do Pai Único. À medida que se aproxima do plano da terra, entretanto, os traços sectários persistem. Naquelas esferas mais próximas da terra, onde também persistem, prejudicam também. Tudo isso é misturado na soma das muitas contribuições oferecidas. Assim, são tratadas pela mescla e refino, e então pela divisão em correntes de influência, variando de intensidade e composição, mas é retirado dali qualquer ingrediente de inimizade ou rivalidade. Assim, elas alcançam as pessoas da terra, para ajudá-las em suas devoções.

Este ministério é continuamente operativo. Mas ao tempo das Festas grandes, assimilam o sentimento de adoração dominante nestas épocas.

Há somente uma religião

Não é somente a Cristandade a receptora de tais bênçãos. Mas conhecendo-O pelo nome de Cristo, ou outro Nome, ou nenhum nome, todas estas bênçãos vêm a eles através d'Ele, que chamam de Cristo. Por esta razão: Todo o poder de vida e movimento origina-se do Único Pai. Acima de nós, e entre nós e Ele, está a Esfera Crística, plena da Presença do Cristo. Esta esfera é o ambiente que circunda todas as Esferas entre ela e a terra, que está incluída nela. A corrente de vida e de poder vindo do coração de Deus precisa atravessar a Esfera Crística em seu caminho. Alcança-nos acrescentada em seu caráter de Sua Presença e Personalidade. E assim, reciprocamente, todos os povos da terra, ou de qualquer sistema de religião que tenham, devem em sua adoração alcançar o Pai através do Cristo.

Não importa por qual nome seja conhecido, se Islamita ou Budista, todos estando unidos potencialmente n'Ele, chamam-No também pelo nome que desejarem. A divisão em religiões parece concernir muito a vocês da terra. Aqui apreciamos as coisas sob outro ângulo. Haveriam duas religiões somente, meu filho, como as consideramos: Uma é obedecer a Deus, e a outra é obedecer a nenhum deus. E esta última não é religião. Então, depois disso, dois é demais. Há apenas uma religião, e uma família no Único Pai; é o que aprendemos à medida que progredimos para a frente e para cima, em direção à Única Fonte de tudo.

Glória a Deus nas alturas

Assim, naquele templo fizemos nossa oferta de reverências a nosso Pai e ao Seu Filho o Cristo.

Você poderia contar a respeito do Serviço, se quiser.

De algumas partes posso contar-lhe, meu filho, mas algumas outras são demais indefiníveis para serem transcritas na linguagem da terra. Bem.

Iniciamos em Silêncio. Conforme ele se intensificou, começamos a escutar as emanações de várias reverências. Primeiramente vinham da terra. Então, conforme nós mesmos vibramos mais intensos e elevados, escutamos as emanações das Esferas sobre a terra. Gradualmente, o hino mudava e adquiria mais doçura e volume, à medida que vinha das esferas mais próximas do Templo em que estávamos. Então ouvimos as exaltações desta esfera, e a elas nos juntamos.

A assembléia aspirava ainda às vibrações de harmonia que receberíamos da Esfera Oito e das de cima. Mas conforme o foco de nossa concentração ia subindo de esfera em esfera sobre nós, o número dos que eram aptos em captar plenamente o tema, e em ler e interpretar tudo, diminuía. Outros captavam o silêncio e recebiam as vibrações através das companhias mais evoluídas que, por sua vez, captaram, assimilaram e projetaram novamente para baixo, em direção aos demais, e em direção à terra. Estes que vieram nos visitar podiam enviar mais longe a harmonia ou, para expressar o que quero dizer, para receber a corrente de preces daqueles céus mais próximos da esfera do Cristo e passar para nós e para os de evolução menor que a nossa. Assim é, meu filho, que todo o sentimento de amor e bons desejos e paz de uns aos outros, que chamam de espírito de Natal, é ampliado de volume por causa das contribuições destas Esferas enviadas a vocês. São absorvidas e gozadas por vocês, e são tão poucos de vocês que sabem o quanto próximos de vocês estamos, nas horas de suas orações, como esta época. Mas estamos tão próximos a vocês como estiveram aqueles que contaram as novidades aos pastores. Eles estiveram “com” os pastores, diz a Bíblia. Nós também estamos com vocês, assim, atuando verdadeiramente. Paremos por agora e começaremos novamente amanhã, meu filho. Continuarei a descrição do Serviço.

Parábola do menino e da coruja

E que tal uma pequena parábola aqui, Arnel?

Você me faz feliz, meu filho, por seu gosto por minhas parábolas. Bem, que seja.

Um menino estava na beira do rio e olhou para uma árvore cheia de folhas, porque escutara ali um barulho. Ali, olhava para baixo, observando-o, uma velha coruja que piscava aos raios de sol. Disse o menino, “Mestre coruja, por que não vem para baixo, sobre a grama? Acabei de ver um musaranho e poderíamos caçar juntos para pegá-lo.” A coruja não tinha palavras humanas. Mas usou seus olhos, suas asas e pés para ajudar a voz que tinha, por isso ele e o rapaz foram capazes de manter uma conversa. Então ela disse, “Meu menino, o musaranho não está em minhas vistas neste momento. Mas quando seu sol descer então também descerei e irei caçar.” Mas nesta hora não estarei aqui para ajudá-la, Mestre coruja. Estarei deitado nesta hora.” “Verdadeiramente,” disse a Coruja. “E esta é a razão e o por quê. Um musaranho é suficiente para mim; e entre um menino e um musaranho, escolho o menor. Mas um menino humano não pensa assim. Entre uma coruja e um musaranho, ele escolheria de acordo com sua espécie. E sua espécie é gananciosa. Ainda mais, corujas, como os humanos, têm apenas um pescoço na vida - e um tipo bem pobre de pescoço.”

E qual é a moral da parábola, Arnel?

Não, meu filho, corujas não têm grande moral; e os meninos humanos menos ainda - pelo menos quando a caça está em jogo. Não há moral para a minha parábola, a menos que possa me auxiliar colocando uma nela.

Dia de Ano-Novo, 1920.

Cristo Criança e Israel

Ele primeiro apareceu chegando ao templo ao longo do caminho entre a Câmara Amarela e o Coro à esquerda de onde eu estava.

Em qual parte do templo você estava?

No Coro, perto do cruzamento dos caminhos, e contra o primeiro pilar, no mesmo lado pelo qual Ele entrou. Escutei um suave e doce sinal, e virei-me involuntariamente. Fiquei algo surpreso com o que vi. Não havia crianças presentes ainda na reunião. Mas aqui um lindo menino, de seis ou sete Primaveras, estava parado a umas poucas jardas para dentro do prédio, como se alguma criança que tivesse escapado de sua babá e, tendo vagueado até aqui, ficou repentinamente abatido por se achar na presença de tantos adultos. Então ele suspirou.

Mas justamente quando olhei para Seu caminho, Seus olhos voltaram-se para o chão e ali Ele viu uma flor e, com alegria, deu um sorriso, correu e colheu-a. Nesta hora eu percebi que aquele cruzamento não era mais pavimentado de pedras, mas transformou-se num amplo gramado aveludado, e outras flores foram espalhadas ali por alguma mão invisível, e de uma para outra Ele corria, até que ficou com Seus dois braços cheios delas.

Apertando-as contra Seu peito, Ele veio ao centro do cruzamento das duas ruas, e então voltou-se e andou mais sobriamente até o Coro e entrou no Santuário além dele. Toda a timidez se foi, e Ele sorria enquanto chegava, mas olhava de lado a lado, procurando alguém que Ele não podia encontrar.

Virando-se agora e encarando a Câmara Amarela do outro lado do Coro, Ele colocou o ramo de flores diante d'Ele, sobre o chão. Então levantou Suas duas mãos em direção ao teto e gritou, "Venha, bom Israel, para que possamos dar de nossas dádivas para os bondosos - nossos presentes de aniversário, bom Israel. Para nosso prazer, eles nos deram seu amor, e devemos dar bênçãos a eles também, você e Eu."

Então Ele abaixou Seu olhar para o Cruzamento das ruas onde havia o vazio até então, vi ali um homem muito alto, imponentemente parado. Ele era muito maduro, tanto de estatura quanto de idade. Mas havia nele a majestade da idade avançada. Sua face era mais amável e bela em força e intelecto. Não usava roupas, exceto uma túnica nebulosa; nenhuma jóia também, ou nenhuma que eu pudesse ver. Seu corpo brilhava com a pureza da saúde e da santidade e, à medida que respirava, emitia raios de luz em vários matizes pelo leve movimento de seu peito. Lembrei da sensação de temor que recaiu sobre mim, por causa de sua santidade que, apesar de conquistada e registrada nos escritos, parecia que a qualquer momento estouraria em nossa direção, consumindo-nos. Temi que pudesse mover-se em direção à Criança e que o brilho dele encobrisse meus olhos.

Mas quando ele fez isso, os variados matizes de sua luz tornaram-se bem mesclados como para neutralizar um ao outro e emergir num brilho opalino.

Ele veio, ajoelhou-se diante da Criança em um joelho e içou-O sobre Seu ombro direito. Então, tomando as flores em sua mão esquerda como a um cetro, assim eles levantaram-se. Ele ficou ereto e vagarosamente andou pelo Coro, carregando a Criança; e foram pela Câmara Amarela adentro, até o final.

Só foi lá, quando ele colocou o Menino sobre seus belos ombros, como se fosse entroná-lo ali, que então percebi que o Cristo Criança havia chegado a nós. E quando fez isso, meu primeiro pensamento foi que eu deveria ajoelhar-me e abaixar-me em reverência. Mas não pude. Esta Criança era uma criança real, uma feliz, risonha e amável criança, cuja alegria e inocência misturavam-se em tal simplicidade encantadora que, quando se Ele sentou ali em cima, eu quis ir até lá e beijar Seu pescoço e peito e braços e pés, pela doçura que emanava e pela Sua beleza. Mas nada disso pude fazer. Ninguém poderia tocar Seu corpo que parecia pérola, se não fosse ele também pérola pura. Este estado, meu filho, não atingi ainda.

À medida que vinha vindo, tirava flores do ombro de Israel e dava uma para cada um da assembléia. Agora, estas flores eram de diferentes espécies, e a cada um era dada justamente a flor que daria mais bênçãos. Deixe-me tentar dizer-lhe sobre o que isso significa isso para nós.

Flores, canais de Sua graça

Quando Ele veio a mim, Ele me deu um amor-perfeito, a mais conhecida das flores. Conforme peguei o cabinho da flor entre meus dedos, Ele segurou-a ainda por alguns momentos, e olhou em meus olhos naquele instante. O efeito em mim foi este: senti que Ele me conhecia e me amava à parte do resto. Havia entre Ele e eu uma linha que não estava entre Ele e ninguém mais. Pois por algum tempo passado, eu tinha trabalhado extenuadamente num problema cuja solução fugia de mim, vez ou outra. Neste momento eu obtive a resposta. Quando a Criança olhou nos meus olhos, vi nos dele um conhecimento de toda a minha paciência e das longas indagações em detalhes; simpatia pelas minhas falhas, aprovação à minha perseverança e amor a mim, porque eu era eu, e ninguém mais.

Isto, que descobri mais tarde em conversas, foi o que aconteceu com todo o resto. E as flores que recebemos eram simplesmente usadas, primeiramente como canais de sua graça e bênçãos, e em segundo lugar como isoladores entre Ele e nós. Ninguém naquela multidão poderia ter tocado Sua forma. Teoricamente, fazer isso significaria anulação. Praticamente, para chegar tão perto d'Ele, a ponto de tocá-Lo, é impossível. Nenhum de nós era de freqüência tão alta que se sintonizasse a Ele. Nenhum exceto um, e este era Israel.

O que foi Israel, por favor? Quero dizer em sua vida terrena - isto é, se ele viveu na terra.

Ah, agora você me pegou, meu filho. Eu não sei. Alguns dizem que ele é uno ao Cristo Total, uma Manifestação de certos ingredientes de Sua natureza. Alguns dizem que ele é um daqueles elevados Senhores Criadores que trabalharam subalternos ao Cristo quando o Cosmos material foi feito. Outros dizem que ele mesmo é o Cristo, e a Criança Sua Manifestação. Por que você hesitou, meu filho? - escreva da forma que impressiono a você. Outros dizem que ele é Judas de Quiriot.

É porque é o que chamamos de Judas, o Traidor, Arnel. É por isso que hesitei.

Assim eu o chamei um dia, meu filho.

Você me disse que gostava de minhas parábolas. Bem, aqui está mais uma. Quando tiver acabado de escrevê-la, releia vagarosamente e pense.

Parábola do globo de luz

Há uma lenda que contava de um dos poderosos Príncipes que governava os elementos quando a terra era jovem. Ele veio um dia ao encontro de outros que estavam à beira de um precipício sobre o mar, para se reunirem em conselho. Ele perguntou o que havia os deixado em dúvida. Eles contaram que haviam trabalhado para arrumar a órbita da terra e também sua revolução axial. Mas houve problemas com a sombra que cobria metade de seu tamanho continuamente. Eles haviam feito um grande globo opalescente que, se pudessem

colocá-lo no éter além da atmosfera da terra, tornar-se-ia iridescente e daria luz àquela metade da terra que ficava escurecida quando, em sua volta, se afastava dos raios de sol. Mas o globo era grande e pesado pela sua escavação, e não achavam uma forma pela qual pudesse estar pairando lá em cima.

Então, ele lhes disse que tomaria a si a tarefa, e eles largaram o problema aos seus cuidados.

Ele solicitou uma visita ao fundo do oceano profundo, distante de toda luz e todo em escuridão. Ele conversou ali com aqueles Senhores escuros que governam a escuridão abaixo, e alistou-os neste serviço.

Então retornou, e pediu aos outros Senhores que trouxessem a grande pérola para flutuar sobre as águas; e assim foi feito. Mas conforme observavam, perceberam que ela começou a perder sua brancura e tomou um matiz fosco. E também começou a afundar.

Quando estava quase abaixo da superfície, eles viraram aos companheiros pedindo ajuda, alarmados. Mas ele respondeu, “Não perturbem suas mentes, meus irmãos. O globo está descendo às profundezas, puxado por aqueles poderes escuros debaixo. Vai afundar vagarosamente e vagarosamente, mas sem o perigo de que algum mal lhe aconteça.”

Assim, o globo afundou cada vez mais, puxado para baixo pelos poderes escuros dali, até o fim, onde repousou todo coberto de limo e lodo sobre o fundo do oceano, longe da luz e do calor do Sol, fundo, fundo, lá embaixo.

Mas, quando os Senhores da Escuridão foram até lá, viram que, para manter o prêmio, eles deveriam continuar usando seus poderes sem descanso, a fim de prendê-lo lá embaixo, no fundo do oceano, de tão flutuante que era. Pois dentro era cheio de ar puro e luz do sol da superfície da terra, e era demais trabalhoso mantê-lo entre eles. Aquilo parecia ser de um princípio estranho, natural, insuportável e que não podiam entender. E este princípio trabalhava constantemente e sem esforço, enquanto eles, rapidamente, estavam chegando à exaustão de tanto esforço. Então chegou o dia em que todas as suas forças foram dispendidas, e eles deixaram de impor suas vontades, deixando o globo subir. Milha após milha, ele subiu em direção à superfície e, enquanto subia, sua velocidade foi acelerando até que, quando entrou na última faixa de água entre ele e a luz do sol, estava correndo como um cometa no céu.

O Senhor que planejara isto estava sozinho no precipício, certo dia. Olhava sobre as águas e, finalmente, viu algo surgir perto do horizonte. Então, enquanto olhava, emergindo para fora do oceano surgiu uma enorme bola branca que brilhava como pérola, conforme a luz do sol batia nela. Ela subiu e subiu, distanciando-se da superfície da terra e, pelo ímpeto de sua corrida, foi levada além do cinturão atmosférico, para o oceano etéreo e, ali, encontrou sua órbita apropriada, em plena luz do sol nos céus.

Naquele instante, os outros Senhores retornaram e, encontrando seu companheiro trabalhador ali parado e quieto no precipício, um deles disse, “Meu irmão, estivemos sobre muitos mares e correntezas, procurando por nossa lâmpada, que o senhor disse que se elevaria de volta das profundezas, mas não pudemos encontrá-la. Procuramos em riachos e não está por ali, nem em quaisquer águas pudemos encontrá-la flutuando. Tememos que a tenhamos perdido para sempre, irmão.”

Então ele disse, “Não, ela está apenas banhada e limpa, meu irmão. E de acordo com a profundeza de seu afundamento, assim foi sua elevação. Quanto maior o puxão sobre o globo, maior o rebote, e mais prontamente saiu o vôo da flecha. Quanto mais profundo uma bola oca puder ser colocada abaixo das águas, mais alto subirá acima da superfície do mar. Vocês procuraram baixo demais, meus irmãos. Sua lâmpada está ali, nos céus, e sua luz ajudará os muitos que vagam, tanto no mar, como na terra. Pois sua luz é a luz do Sol refletida, e é luz verdadeira afinal de contas.”

E devo interpretar isto assim; que Judas, por afundar em profundezas tão profundas do pecado como fez, quando arrependido, rebateu, por assim dizer, e subiu para um lugar elevado nos céus?

Para uma luz como a de Israel, meu filho, deveria dizer que seria uma subida muito longa.

Quanto a Judas - bem, não sei.

Não achei traço dele em nenhum lugar ao longo do caminho que fiz até onde estou agora. E viajei muito. Nem tenho notícias de que outros viajantes tenham encontrado com ele pelo caminho. Quanto a identificar com Israel, não sei. É uma das coisas que se imagina por aqui, nada mais. E quem foi o primeiro a debater isso, não sei. Foi uma conversa atrevida arriscar pela primeira vez, e o que mais me deixa perplexo é que achariam alguém de mente tão ativa que desse vida a isto, e de coração tão forte que verbalizasse - um coração assim como o de nosso Senhor o Cristo, meu filho.

CAPÍTULO IV

ADORAÇÃO E SERVIÇO

Terça, 6 de janeiro de 1920.

Quando chegou ao corredor, Israel deixou a criança no chão. Então ouvimos um som distante de vozes de crianças chegando do Corredor, para a direita se olhássemos em direção à entrada. Eles pararam, e a música foi tocada por outro Coro invisível à esquerda. Aí eles cantaram em coro como se ambos estivessem próximos. Surgiram juntos e percebi que os que vieram pela direita eram meninas, e os outros eram meninos. Eles misturaram seus dois grupos em um só e, assim, saíram pela entrada até os jardins, o Cristo Criança ainda na frente deles, com Israel.

Todos nós os seguimos então, para ver o que aconteceria lá fora. Encontramos todos ainda cantando como vieram. Eles seguiram a Criança que os liderava para a direita, ao longo de uma alameda que há entre duas colinas. Ela saía num local plano coberto com uma floresta. Seguiram uma avenida e, à medida que passavam, as árvores ficavam com um aspecto mais transparente e tornavam-se vivas com as luzes de muitas cores que vieram para cá e para lá do meio da folhagem. Pássaros chegaram também, até onde a luz alcançava, e cantaram seu hino de alegria que se ajuntava ao das crianças. A mim parecia, enquanto eu os escutava andando entre eles, que as crianças e os pássaros tinham muito em comum juntos, na inocência de sua alegre melodia.

Finalmente chegaram a uma clareira no mato. Era de bom tamanho, mas o espaço todo estava ocupado com galhos de árvores muito altas que formavam um teto no alto. Quando a Criança entrou, as crianças ficaram na avenida. Ele andou para o meio do espaço aberto, onde se elevava uma pequena colina coberta com flores. Aqui Ele parou, e Israel sentou-se na colina e pegou a Criança em seus joelhos.

Então, vagarosamente todo o espaço começou a se encher com uma luminosidade como se milhares de lâmpadas multicoloridas tivessem sido espremidas pelas mãos dos anjos e a radiação espalhada no ar. As árvores em torno foram invadidas com isto, até o tronco e a folhagem cintilaram e brilharam como alabastro colocado contra a luz do sol, e da lua, e das estrelas - já que todo este esplendor parecia estar presente naquele brilho. Isto é o que aparecia para nós que observávamos. Mas a causa real era que estavam apresentando-se muitos anjos de tão alto estado que não eram visíveis a nós pessoalmente. Só o que víamos era a sua luz.

Então do teto da clareira desceu um grande barco, como aqueles que estão nas águas da Torre dos Anjos. Mas brilhava muito mais e era mais translúcido que eles, e pedras preciosas brilhavam e cintilavam sobre ele, fora e dentro, enquanto ele descia e estacionava perto da Criança e de Israel.

Agora, isto foi uma coisa estranha indubitavelmente, e fico imaginando qual seria seu significado. Pois não havia água para flutuar, e ele ficou na relva verde. Mas eu iria entender mais tarde.

A jovem

Ali estava sentada na popa do barco uma jovem Donzela, e estou por falar dela. Havia outras garotas no barco e eram de um estado muito elevado, pela sua beleza de face, e forma, e a textura de seus corpos, que eram mais radiantes que os nossos. Mas a donzela brilhava além delas todas, pela beleza e pelo brilho de sua pessoa. Sua sobrancelha era arqueada e seu cabelo era castanho suave, sua forma magnificamente moldada. Sua roupagem era branca com uma radiação rósea misturada. Através dela, seu lindo corpo brilhava cintilante, e quando olhei para ela, o único pensamento em minha mente era de suave e profunda reverência de amor, por causa de sua santidade.

Ela desceu do barco entre suas amigas e a Criança pulou do joelho de Israel e correu ao seu encontro. Ela pegou-O em seu peito e beijou-O enquanto Ele a acarinhava em retorno. Eu estava tão embevecido com esta cena que não tinha olhos para nada mais. Mas repentinamente percebi que eu estava em pé diante de água. Eu havia andado na floresta e chegado na Clareira a umas poucas jardas da alameda pela qual seguíramos as crianças. Elas ainda esperavam ali na avenida, e por isso dei a volta por trás deles, para ver de mais perto a Clareira.

Uma transformação na Clareira

A água em meus pés não estava ali, logo quando cheguei àquele ponto. Agora eu vi que eram um arco de canal de umas seis jardas de largura, em torno da Clareira entre as árvores, algumas cobrindo sua superfície. Mais adiante havia uma calha deste canal um quarto de circunferência além da entrada da avenida, e vinha em direção à colina do centro para que o barco no qual vieram a Donzela e suas amigas descesse, agora flutuando nas águas. Ela e a Criança entraram a bordo e o barco por sua própria ação planou até o final daquela calha que dava para o canal circular, e lá ficou.

Ali então apareceram outros barcos sobre as águas, e neles entraram as crianças, cantando e rindo numa alegre folia. Cada um deles tinha dois remadores, um na proa e outro na popa, que usavam seus remos para guiarem e impulsionarem estas espaçosas naves em torno da Clareira. Primeiramente tomaram o curso mais interno e assim, enquanto passavam pela calha, chegaram perto, ao lado do barco no qual estava o Cristo Criança na proa. Ao seu lado estava a Donzela que segurava a mãozinha esquerda dele com a sua mão direita.

Agora, ao ver isto fiquei tão próximo da tristeza quanto é possível ser triste nestes reinos brilhantes onde a glória é tão real. Sobre nós, enquanto estivemos no Templo, Ele não impôs Sua mão. Mas agora, conforme barco após barco de crianças passavam em direção ao Seu lugar e vinham parando ao longo das margens eles, um por um, vieram para a amurada com as mãos dadas lado a lado, com seus lindos olhos escondidos pelos cílios abaixados, e Ele individualmente impôs Sua mão cheia de covinhas sobre cada cabeça abaixada e abençoou-os todos, enquanto se ajoelhavam diante d'Ele.

Meu filho, há pessoas estranhas de mentalidade estranha, que pensam que anjos não choram. Nós choramos, meu filho, algumas vezes de tristeza, e algumas vezes porque as lágrimas são a única oferta que podemos fazer pelo êxtase. Em tributo à santidade de sua doçura imensa em beleza, como vi e senti, meu filho, meus olhos ficaram banhados de lágrimas. Eles eram tão doces de se ver, a Criança e as Crianças, e a Donzela. Tão lindos eram em sua santidade que chorei pela alegria e pela paz que emanavam a nós mais velhos,

que estávamos aqui e ali entre as árvores sobre a Clareira circundada por águas, estávamos ali silenciosos, desejosos e não sem alguma ansiedade.

Então foram-se mais uma vez, desta vez tomando a saída entre as árvores. Elas haviam brilhado e vi que de seus galhos muitas frutas penduravam-se sobre as águas e sobre a beirada também havia flores. As crianças pulavam para pegá-las, à medida que seus barcos passavam, apoiados na proa ou em pé no barco. E conforme pegavam flores ou frutas em suas mãos, elas cresciam mudadas, e cada criança então ficava segurando uma coroa cravejada e brilhante, para grande deleite de todos eles. Então, coroados com elas sobre seus lindos cabelos, eles seguiram adiante cantando e rindo de alegria.

A lição de sua chegada

Israel tinha ficado perto da pequena colina, com as damas acompanhantes da Sagrada Donzela. Ele agora, com elas, começou a cantar uma canção rica em melodia e elevação. Servia de modelo para as crianças que aqui ou ali juntavam-se a ele da forma que podiam. À medida que a canção prosseguia, eles conseguiam pegar o tema mais e mais completamente, e finalmente puderam contribuir na harmonia. Então o hino atingiu sua plenitude. As doces vozes das crianças eram enriquecidas pelos demais timbres das moças e o tenor profundo de Israel firmava todos na harmonia.

Eu esperava para ver o final daquele encontro. As crianças todas desceram no banco mais interno do canal, e o Cristo Criança disse adeus a eles, e disse-lhes que viria a eles novamente com algumas novidades, quando eles aprendessem a lição desta Sua chegada. Então, Ele ficou sobre a Colina com a Donzela e as outras, Israel no meio, e eles sumiram para sua própria esfera mais elevada.

E a água e os barcos?

Estes ficaram, para que as crianças pudessem ser levadas até ali de tempo em tempo, para lhes ser ensinado o real significado daquela manifestação. Seria parte de seus estudos para o tempo a vir. Não sei se ainda está lá, aquele canal. Mas se não for encontrado um uso apropriado para ele, então será reabsorvido ao ambiente, assim com os barcos.

Mas de qualquer forma permanecerá por muito tempo, enquanto os pequenos não tenham dominado todo o significado que lhes trazia o Cristo Criança e Sua chegada a eles em Seu Dia de Natalício.

Quarta, 7 de janeiro de 1920.

Shonar

Da clareira repisamos nossos passos até o Hall dos Pilares, como é chamado de vez em quando o Santuário daquele templo. Ali nos agrupamos em Conselho, e ali chegou até nós um visitante para nos auxiliar com sua sabedoria, e que veio de uma esfera mais alta e estava no Santuário menor, no balcão, esperando por nós. Ele veio a nós pela entrada lateral da qual lhe falei, e foi a um ou outro de nós enquanto ficávamos conversando em grupos sobre o suave Festival que tínhamos testemunhado na Clareira.

Sei que você sempre está ávido pelo aspecto de qualquer um que trago ao palco de nossa narrativa, e você também tem necessidade de ter o nome. Portanto darei ambos a você. Seu nome será Shonar. Ele não era alto como são as estaturas por aqui. Ele era da altura do mais alto de nós. Isto seria na medida da terra alguns seis pés e um quarto. Sua pele era amadurecida, mais que branca ou rosa, mais dourada que a nossa, como se fosse bronzeada por tempestades ou raios de sol. Ele usava uma faixa clara de ouro avermelhado sobre seu cabelo castanho escuro, que caía ondulado sobre seus ombros em ambos lados de sua cabeça. Sua túnica não era da seda usual, mas mais semelhante a uma armadura folheada, mas não com a dureza dos metais; apenas assim ela brilhava e tinha aquela cintilação.

Chegava apenas ao meio das pernas e era bordejada com uma faixa vermelha. Seu cinto era de ouro velho. Este era seu único enfeite. Seus braços e pernas estavam nus.

Todas as suas maneiras e aspecto falavam de uma magnífica mistura de ternura e força quase rude. Eu não entendi à primeira vista. Quando ouvi sua história, eu soube que a respeito dele não poderia ser de outra forma. Ele tinha muitos séculos de serviço sob sua responsabilidade, e este serviço era prestado em várias eras extenuantes, a maioria de eras de revoluções sanguinárias na terra e na carreira de tiranos.

O quê?

Ele foi ativo nos negociações que aconteceram sob Ivan das Rússias, ele cujo nome era “O Terrível”; e havia dado uma ajuda na maioria das brutais selvagerias daqueles povos, daquele tempo até aqui. Ele também misturou-se com o povo da França em sua orgia antes da chegada de Napoleão. Ele também esteve com os ingleses nos tempos do oitavo Henrique e em seguida. Seu trabalho é um trabalho terrível. Todos estes movimentos mostraram aos historiadores da terra seu aspecto mais exterior de sangue e crueldade. Há um outro significado, mais profundo, em todos estes temas, e que são estudados por nós pelo lado mais íntimo, e ele tratou deles sob este ponto de vista. O trabalho de Shonar tem sido segurar o leme e guiar o barco sobre o mar de sangue. O sangue deve fluir e os ventos da blasfêmia devem rugir em tempos como estes. É a única forma de flutuar o barco, e a única forma para forçar seu curso para frente. Há vezes, meu filho, nos negócios do livre-arbítrio da raça humana, em que nada mais servirá.

Com o mar sangrento e com o vento forte de inferno Shonar não negocia. Estes são concernentes a quem os criou. Seu encargo era o barco do progresso humano, apenas isso. O mar que tinha que navegar e o vento ao qual abria suas velas eram fornecidos por homens e demônios. Shonar tinha que pegá-los e usá-los; para usar o fogo do inferno para acender sua lâmpada de santidade. Esta era sua tarefa. Entendi seu aspecto mais claramente quando cheguei a saber de tudo isto. E também entendi mais claramente quão poderoso é o poder inerente na vontade da espécie humana.

Maior que sua posição

Deixe-me tentar contar-lhe mais uma coisa dele. Ele era maior que sua posição. Quero dizer que, se tivesse abdicado de seu trabalho especial como eu lhe contei, e assumisse sua dignidade normal, ele subiria para uma esfera muito elevada. Seria, e é, por seu mérito, direito ficar ali por sua própria intenção. Ele poderia tomar seu lugar por direito e sem culpas de forma alguma. Mas até agora ele não quis clamar seus direitos. Então continua a fazer contato com os vilões e tudo que é horrível, pelo bem dos homens, e adianta-se às felicidades dos altos céus onde, por causa de tal contato, não pode entrar. Não que ele não seja merecedor, mas porque não está ajustado e por causa dos deveres que tem que assumir.

Citarei outro caso para exemplificar melhor. O Cristo é de Divindade próxima à do Pai. Quando Ele veio para a terra, Ele precisou condicionar-Se à esfera terrestre. Isso também pelo fato da Encarnação. Encarnado, não poderia retornar para Casa. Ele primeiramente deveria deixar a carne, e então subir as Esferas pela ordem, ganhando cada condição à medida que Ele sairia de uma para outras mais elevadas, até que alcançasse a esfera Crística, que é Seu próprio domínio.

Assim, expus esta Ascensão do Cristo para explicar a você o caso de Shonar por similaridade. O Cristo fez na forma principal o que eu lhe disse. Mas, de fato, sua Ascensão foi mais veloz e direta que pareceria ser. Sua descida para a terra já condicionou a estrada como a Auto-estrada do Rei.

Suficiente por hoje, meu filho. Reassumirei para contar-lhe de nosso Conselho amanhã.

Quinta, 8 de janeiro de 1920.

Uma chamada para serviço

Shonar esteve ausente por longo tempo da Esfera Sete, pois seus trabalhos mantiveram-no próximo à terra. Somente em longos intervalos ele subia para as altas esferas para descansar, e em uma destas ele agora veio até nós. Poucos de nós tinham se encontrado com ele antes. Observei-o enquanto ia de grupo em grupo, e percebi que suas palavras vinham contraídas, e suas sentenças eram concisas e diretas, conforme ia se apresentando a cada membro individualmente. Ele media cada um de nós, até que abriu o Conselho geral. Essencialmente era um homem de ação e de decisões rápidas, e incansável. Não, sua confiança, calada, forte e serena deu-nos uma sensação de energia sensível que, em si, era repousante.

Quando eu disse que ele *falou*, foi para usar fraseado terrestre. Está mais próximo da realidade, entretanto, dizer que eu o fiz por telepatia; o que atualmente não é muito penetrante, estando ainda em sua infância de desenvolvimento. É usada aqui, especialmente nas esferas mais altas, muito extensivamente, mas não tão amplamente que se exclua outro método. Ele a usava agora, e servia a ele melhor que expressar palavras pela boca, para conseguir atingir nosso calibre mental e espiritual. Eu, interpretando, falarei em palavras e vozes para melhor entendimento seu e dos que lerão tudo isto.

Quando ele, então, passou pelo nosso grupo, apartou-se no meio do Santuário e disse, “Meus irmãos, estejam descansados, peço a vocês, enquanto eu, quando da sua saída, também estarei.”

Era uma estranha maneira de dizer-nos que nos sentássemos. Era um eco de sua longa jornada perto da terra e num átimo deu caráter ao tema que tínhamos em vista. Sentamo-nos no canapé entre os pilares de ouro, abaixo das cortinas azuis. Shonar jogou-se ao chão perto do cruzamento das ruas e apoiava-se em um braço ou outro, conforme conversava com o que estava à sua direita ou à sua esquerda.

“Foi-me permitido vir a vocês, meus irmãos,” disse ele, “para pedir sua ajuda. Meus bons batalhões estão no plano da terra, deixados ao encargo de meu tenente Latimer. A eles devo retornar, pois lá, daqui a pouco, trabalho haverá que necessitará de mim. Eu trouxe para a Esfera Três um grupo de pessoas, coletados no plano terrestre, que estão muito necessitados de reforço e instrução. Eles saíram do redemoinho da terra e seus tormentos, e não podem equilibrar-se novamente sem socorro. Poderiam me ajudar, meus irmãos, neste trabalho, e dou meu coração por contente quando eles tiverem seu bem-estar, para que eu possa sentir-me livre para retornar para a luta lá embaixo na terra?”

“Quantos de nós todos o senhor necessita, meu senhor Shonar?” perguntou um; e ele respondeu:

“Trinta e cinco - cinco setes; cada sete de dois três, com um líder.”

“E quem liderará a companhia como um todo?”

Shonar ficou em pé prontamente, com muita graça, e disse, “Você me chamou de ‘Senhor’, meu irmão. Não me chame Senhor, peço a você. Estou aqui, não para liderar, mas como suplicante a vocês. Seu líder conduzirá vocês, com sua boa partida.”

Wulfhere

E, inclinando-se levemente, voltou-se e andou pelo Cruzamento à direita. Muito rapidamente reapareceu, e ao seu lado caminhava uma mulher. Era quase da altura de Shonar, e de perfeita compleição. Seus olhos eram escuros, com o azul profundo do céu à noite. Seus cabelos eram muito escuros mas não negros, e estavam trabalhados em tranças que foram arrumadas em cima e atrás de sua cabeça e sobre suas orelhas. Davam a ela a aparência de estar cingida para o trabalho; uma personalidade forte, mas doce. Ela parecia

misturar em sua pessoa a doce devoção de Maria de Betânia com o coração guerreiro de Boadicéia - uma mistura forte, mas graciosa. Ela devia ser gêmea de Shonar.

Ela caminhava num andar gracioso para o meio do Cruzamento e ali parou, armas dos lados, e olhou para o grupo, Shonar a seu lado esquerdo.

Então ela disse, “Senhores do Cristo e, para mim, todos meus irmãos, pediram-me que trabalhasse com os senhores neste bom trabalho. Poderiam, então, tomar-me como companheira neste empreendimento em comum?”

Nós nada dissemos, mas um de nós levantou sua mão em assentimento, e todos fizemos então como ele.

Então ela disse, “Agradeço-lhes, camaradas e colegas, todos vocês. Há aqui sessenta e três, e alguns de vocês deverão ser observadores daqui, enquanto estivermos lá embaixo, atuando ao nos substituir de vez em quando, quando precisarmos de descanso. Shonar agrupará nossa primeira companhia a serviço agora. “

Enquanto isso, Shonar fez a ronda em torno de nós conforme vinha vindo, e tocou um e outro de nós, e ao completar o semi-círculo já tinha justamente trinta e cinco, nem mais, nem menos. Por isso fiquei sabendo que ele já fizera sua escolha de quais de nós teria. E eu estava entre eles.

Então um de nós endereçou à mulher uma pergunta, “Por qual nome deveremos chamá-la, senhora, já que não é conhecida entre nós aqui?”

E ela respondeu, “Vão me chamar pelo meu nome de coração, meu irmão, enquanto esta tarefa estiver em andamento, que é ‘Wulfhere’. Como dizem, sou estrangeira nesta região. Meu trabalho tem se baseado, na maioria deles, em outros rumos, entre os povos de outra evolução. Por esta razão fui chamada para este empreendimento que, como verão, não é ordinário, e a respeito do qual ordinários métodos, como os conhecidos aqui, não terão proveito. Venham, senhores, e buscarei minhas mulheres e então poderemos ir em direção à terra, vocês e nós.”

Então Shonar beijou-a em cada face e sobre sua testa, e ela tomou-o em seus braços e abraçou-o apertando-o em seu peito, face a face, acariciando-o profundamente. Mais tarde contaram-nos que ele fora filho dela na terra.

Assim Shonar foi ao Balcão, e nós seguimos Wulfhere pela rua do Cruzamento até que chegamos ao seu quartel, onde suas moças esperavam por sua chegada.

CAPÍTULO V

O EPISÓDIO DA FONTE

Terça, 13 de janeiro de 1920.

Conforme atravessamos a rua do Cruzamento, estive imaginando quantas novas experiências estariam por acontecer. Eu havia visto muitas fases da vida e as atividades de variadas esferas até a Décima Primeira. Mas estas regiões são tão vastas em extensão e tão variadas em caráter, tanto em cenários quanto em seus habitantes, que sempre está próximo algum interesse novo para ser descoberto. A cada nova fase parece ter um charme de novidade maior que qualquer outro anterior. A vida aqui, meu filho, nunca é monótona para aqueles na luz e no progresso.

A rua do Cruzamento tinha uma parede no lado esquerdo, conforme vínhamos vindo. No lado direito, quando já tínhamos andado um pouco, era aberta a jardins. O teto era suportado por pilares delgados de bronze, e de trabalhos em treliça. Sobre esta Pérgola subiam e desabrochavam lindas plantas trepadeiras. Mas nos jardins havia campos de gramados, canteiros de flores, canais e fontes.

Na nossa esquerda, a parede continuava e era de bronze, como os pilares, mas almofadada e desenhada com uma magnífica decoração. Eu reparei especialmente num grande painel. Tinha oito pés de altura e vinte de comprimento. Era uma paisagem em metal de uma fonte da Esfera Oito. A pintura não era estática como são as suas, mas todas estão em movimento. A água caía branca da fonte e dali saía para quatro caminhos. Estas quatro correntezas eram azuis, amarelas, vermelhas e verdes; e as terras para as quais cada uma fluía tomavam a característica própria daquela correnteza fertilizante. O rio verde banhava um país onde as terras principais eram dadas a pastagens. Aqui havia cabanas, pastores e fazendeiros com suas ovelhas e cavalos e o gado, e tudo fazia com que fosse uma região ideal para a agricultura. Tudo isto, lembre-se, tinha um semblante de vida e de movimento. Os pomares de maçãs balançavam com a brisa e, quando olhei para as florestas, pude escutar o som dos pássaros. Até as nuvens planas moviam-se no céu e davam sombra nos prados abaixo.

A correnteza azul caía de um alto platô em direção ao oceano; e aqui havia barcos de todos os países e de muitos períodos, caiaques, canoas, galeões, fragatas e navios. Todos eles estavam em movimento, como também o mar sobre o qual navegavam.

A correnteza vermelha foi para uma região de trabalho onde homens forjavam suas máquinas de locomoção e comércio, e também outros instrumentos de metal pelos quais a humanidade estendeu o uso de suas duas mãos através de metálicos substitutos artificiais de trabalho. Mesmo essa correnteza era linda, já que a nota dominante era a luz e o fogo, e o artista tratou a matéria somente pelo ponto de vista do progresso. Nenhum instrumento de guerra ou destruição estava sendo aqui fabricado. Nenhum monte triste de cinzas, nem desperdícios desengonçados de entulho. Na terra, isso é conseqüência da cobiça pelo ganho. Na pintura, a idéia não interessava por si, mas o tema inerente era o desejo de servir a raça. E porque era assim, o artista foi capaz de fazer esta paisagem muito bonita também.

A correnteza amarela ia para o espaço. Agora você vai imaginar como foi feita, e temo que não poderei dar a não ser uma pobre idéia dela. Repito, tudo não era estático, mas em movimento, nestas pinturas. Agora, esta correnteza, à medida que seguia, tornava-se transmutada, primeiramente em vapor, e depois em névoa, e depois em luz. Mas era luz em sua essência, seu princípio. Incluía em si o que chamam noite, e também o dia. Como vocês sabem, a escuridão de sua noite terrena é esmaecida pelos raios de sol, só que não são luminosos para vocês quando olham para eles por detrás deles, enquanto formam uma corrente espaço afora. Vocês estarão olhando na mesma direção na qual eles viajam. Somente quando opuserem sua linha de visão na direção de sua passagem, quando ficarem neste lado da terra que faz face em direção do sol, realmente dirão que estes raios são doadores de luz.

Naquele quadro, os raios de luz são retratados em todos os seus aspectos. O resultado foi que vimos aqui o universo como de fato o vemos do lado espiritual da vida. Não há escuridão, mas somente luz em seus diferentes aspectos e fases. E através destas grandes profundezas de luz e radiação, eu podia ver os sóis e seus mundos em seus cursos celestes, movendo-se na majestade de sua graça firme. Era muito informativo, como também eram todos os temas naquela pintura; e eu fiquei ali por algum tempo para poder assimilar seu significado.

O serviço perfeito do homem

Descrevi esta experiência em alguns detalhes com um objetivo, meu filho. É para que pudesse lhe contar sobre o uso para o qual tais pinturas são feitas. São usadas como modelos para que alunos os estudem. Estes mostraram o trabalho mais íntimo, na terra, daquelas correntezas de influência geradas aqui por nossos químicos, biólogos e outros grupos de

trabalhadores. Se os homens estivessem sintonizados adequadamente a nós, então as várias atividades da terra trabalhariam como aqui retratadas, sempre como os céus declaram a Glória de Deus; a qual era o motivo do rio amarelo, ou dourado, do painel. A humanidade está andando neste caminho, mas ainda está longe do ideal. Mas tempo chegará em que esta pintura arderá e cintilará em toda sua alegria, a luz celeste sensível à alegria da terra no perfeito serviço do homem no Reino de seu Deus.

Quarta, 14 de janeiro de 1920.

A fonte no jardim de recreio

Quando acabei de ver este quadro, percebi que estava sozinho na Pérgola. Então fui adiante, até chegar num arco à minha direita e um lance de escadas além, que levavam para o jardim abaixo. Podia ouvir as risadas e as vozes de meu grupo. Então desci e andei ao longo das alamedas em sua direção. Em ambos os lados havia cerca viva, moitas floridas e árvores em flor. Cheguei finalmente por um caminho em curva que, do meu lado direito, dava para um Jardim de Recreio. Era uma área grande, de quarenta e cinco jardas de diagonal, um círculo irregular bem cercado de verde como nos passeios. No meio havia uma Fonte com sua bacia embaixo, cuja beirada ficava na grama que atapetava este anexo.

Perto desta Fonte estavam os meus companheiros em grupos e algumas mulheres, em um número de aproximadamente o dobro do nosso. Wulfhere estava conversando com outra mulher perto das bordas do círculo, ela também uma líder, como rapidamente pude perceber pelas roupas e pelo aspecto geral.

Agora voltei-me em direção às águas caindo, buscando a causa de tanta alegria. Era algo que me deixou perplexo. Eu escutei as gargalhadas e, como havia percebido quando estava chegando pelo jardim, como agora também, entre aquelas vozes de homens e mulheres também estavam misturadas vozes de crianças. Disto não havia dúvida. Mas onde as crianças estariam, isso me confundia muito, pois não havia crianças à vista em todo o Jardim de recreio. Suas vozes vinham de onde a Fonte funcionava, e fui até lá. Quando cheguei perto dos grupos, os membros viraram-se e olharam para mim, e seu divertimento aumentou quando viram minha expressão de perplexidade.

Onde estão as crianças?

“Arnel, meu irmão,” disse um de meus amigos, “aqui está o que se fazer. Estas jovens senhoritas são culpadas de um sério lapso em suas tarefas. Talvez possa vir ajudá-las a se emendarem.”

“Joseph,” respondi a ele - ele era um dos mais jovens irmãos - “você me dá, partindo de seu bom coração, uma tarefa tão agradável que você mesmo, garanto-lhe, avidamente tentaria. Isto não lhe daria méritos por uma recusa. Além do mais, Joseph, meu filho, estas jovens senhoritas parecem-me encarar seus problemas muito bravamente. Qual é o crime de vocês, minhas jovens pecadoras, que nem Joseph pode remediar, e do qual também vocês mostraram sinais tão incomuns de penitência?”

Então uma delas veio me minha direção e, colocando sua mão em meu braço, virou seu lindo rosto cheio de ironia, e disse, encenando choro, “Por favor, senhor, incorremos em uma grave falta. Perdemos as crianças.”

“Que crianças são estas?” eu disse, zombando com severidade.

“As que tínhamos ao nosso encargo, senhor.” disse ela. “Estavam brincando por aqui depois das aulas. São boas crianças e não desobedecem. Então, quando passeávamos em volta deste jardim, descobrimos que elas não nos seguiram. Corremos para cá e não as achamos.”

“Mas, quando vinha para cá escutei suas vozes muito claramente,” eu disse.

“Isto é verdade, senhor,” respondeu ela, também nós escutamos. Mas onde estão as crianças?”

Desde que havíamos começado nossa conversa, nenhuma risada de criança interrompera-nos. Mas eu sabia que elas estavam perto e estavam escutando tudo que dizíamos. Indubitavelmente, depressa percebi que de vez em quando um sussurro abafado vinha da direção da Fonte e, agora e novamente, uma risada de criança, baixa e irresistível, rapidamente sufocada.

Então eu disse, “Com sua licença, boa senhorita, este problema me agrada e sinto-me desejoso de tentar uma solução. Por isso, dê-me tempo para pensar um pouco sobre isto e farei o que possa, já que seria uma vergonha para minha idade madura se não fosse capaz de desvendar este mistério, como penso que fizeram.”

O enigma está resolvido

Então, enquanto ela voltou para suas companheiras, eu me aproximei da base da bacia para tentar minha sorte neste jogo. A Fonte, você deve saber, foi projetada e mantida pela instituição da qual este anexo fazia parte. Um dos departamentos ocupava-se em ensinar crianças de alguma forma mais adiantadas. Era o que chamariam, um Colégio misto. O desenho da Fonte, então, expressava uma fase de seus estudos. Era feita para representar uma colina em miniatura encaixada em um gramado e uma pequena floresta, onde se escondiam grupos de animais e pássaros.

Conforme inclinei-me para ficar mais próximo, pude examinar de mais perto este santuário. Era bem concebido, mas a execução carecia de acabamento. Verdadeiramente, eu poderia nomear a maioria dos animais que o escultor esforçara-se por expressar; mas foram rudemente feitos, e alguns eram quase que grotescos, e a parecença ao original era sofrível.

Mas fiquei cauteloso em tirar minha conclusão. Eu sabia que um trabalho tão mal feito na Esfera Sete era, no mínimo, incomum. Devia haver uma razão para isto.

Justamente quando eu estava pensando bem profundamente, veio da boca de um jacaré bem em frente de mim, do outro lado da água, um alto e terrível urro. Mas a voz não era de nenhum lagarto jamais criado. Era uma imitação passável do urro de um tigre.

“Ai, há cinco neste um aqui, dizem-me eles, e pelo estrondo que saiu quase posso acreditar nisto,” disse Joseph em meu cotovelo.

Antes que ele me dissesse, eu já havia desfeito meu enigma. As crianças estavam dentro daqueles monstros de pedra. Virei para o interlocutor com um sorriso. “Joseph, meu jovem amigo,” disse-lhe eu, “você disfarça mal. As que lhe disseram isto, percebo, são as que tão tristemente lamentam a perda de seus jovens encarregados. Então há cinco jovens tigres dentro deste pobre jacaré? É? Bem, e quantos há, pense, naquele avestruz?”

“Irei agora mesmo perguntar para o senhor,” ele respondeu com mansidão perfeita demais para ser real, e voltando-se, andou sisudo para um dos grupos de moças um pouco apartadas.

Bem, tudo foi satisfatório, mas não resolveu meu enigma. Também aqui faço minha confissão que fiquei estancado naquele ponto; porque não tinha dados para trabalhar neste assunto. Isto foi superado quando o grupo voltou a mim com Joseph e, ficando com pena de meu espanto, explicaram o caso desde o começo.

Parecia que estas crianças, um grupo de uns cento e cinqüenta, tinham, como seria a contagem na terra, idades entre dez e dezesseis, meninos e meninas. Nesta idade, se as

crianças vieram para cá na época de bebês, ou se vieram mais tarde e são de excepcional habilidade, são evoluídas o suficiente para começarem o curso mais intrincado de estudos da criação. Em outras palavras, tendo sido ensinados a eles, nas escolas inferiores, os princípios criadores da grama, árvores e, finalmente, flores e frutas, eles começam a aplicar seus conhecimentos no mundo animal.

Este grupo de estudantes tinha trabalhado nos mamíferos e tinham tido uma lição prática dos métodos criadores, antes de serem mandados para sua demonstração no Jardim de recreio.

Um experimento ousado

Aqui eles tinham arquitetado um projeto audacioso e puseram-no em execução imediatamente. Era nada menos que a desmaterialização de toda a Fonte e a recriação dela com eles mesmos dentro dos animais.

Na primeira parte saíram-se maravilhosamente bem, porque todos eram bem habilidosos e práticos. Mas quando a tarefa de reconstrução começou, viram que tinham se esquecido de uma dificuldade. Teriam que recriar estes animais, eles mesmos estando em seus interiores. Isto foi o que os incomodou. Eles perseveraram, contudo, e focaram seus esforços evidentemente muito orgulhosos de seu empreendimento. Porque os barulhos destes pobres animais que emitiam de suas bocas, seja lá o que se dissesse a respeito de sua verossimilhança, não falhava em vigor nem no tom de completa satisfação por tudo estar bem, e também de orgulho pelo empreendimento. Você vê, meu filho, estando dentro dos animais, eles não tiveram noção de que cada animal não era uma peça perfeita de trabalho, como desejaram que fosse.

Este fato entretanto, somou muito em divertimento a nós, seus adultos, e também foi adotado e usado mais tarde em seus próprios estudos para somar em conhecimentos e habilidades.

Quinta, 15 de janeiro de 1920.

Outro contratempo nos esperava para aumentar de tamanho o nosso divertimento. Quando as crianças se fartaram de se divertir e percorreram todo a gama vocal dos mamíferos, e outros do reino animal, pararam para descansar. De um barulho como o que eles fizeram, penso que aquele ponto de recreio nunca tinha tido notícia antes. Tendo realmente nos entretido com seus duetos ou quartetos, ou um ocasional solo, de acordo com sua própria idéia peculiar de que voz de algum animal em particular teria, eles nos deram um longo e alto acorde em concerto, para reunir todos os procedimentos.

Isto terminado, para o pesar deles mas não o nosso, iniciaram ali o próximo ato. Era de desmaterializar o conjunto de bichos para saírem dali, por assim dizer, e então recolocar o grupo na ilha pela re-materialização. A primeira parte foi facilmente realizada. Os animais começaram a derreter e sumir na invisibilidade.

Um apuro imprevisto

O primeiro a ir-se foi o jacaré. Havia cinco dentro dele, concentrados em sua destruição, e tinham que ser os mais velhos, e portanto os mais adiantados nesta ciência. Por isso ele dissolveu rapidamente, em obediência às suas vontades. Todos nós estávamos em torno da Fonte, próximos à base, esperando pela saída destes jovens cientistas. Bem, como eu disse, o jacaré foi o primeiro a ir. Mas quando os jovens levantaram-se livres – eram dois meninos e três meninas – olhamos pasmados e boquiabertos de espanto por alguns momentos. Então, percebendo a razão de seu apuro, caímos na risada. Eles estavam nus, sem nenhum trapinho, nem um pedacinho de pano sobre suas formas ossudas.

A princípio eles nos sondaram com alguma hesitação, imaginando o que estaria errado. Mas, quando olharam uns para os outros, entenderam a fonte de nossa surpresa. Apesar disso, embora perplexos pela aparência, participaram de nossa risada ao saberem que o que acontecera logo poderia ser remediado. Por isso ajuntaram-se a nós com suas gargalhadas e assim, tendo substituído os mais velhos no lugar de vítimas, ficamos todos muito alegres.

Aqui devia ensinar-lhe muitas lições, meu filho, tomando todo o acontecimento como se fosse uma parábola. Mas não o farei, entretanto, apenas passarei duas que o ajudarão em seu conhecimento da vida e da ciência por aqui nos céus, aonde chegará um dia.

Não há pecado aqui

Deixe-me reproduzir a cena para você. Havia uma Fonte no meio do Parque. Em torno da beira da água estava agrupado um bom número de jovens e moças com alguns mais velhos entre eles. Sobre a ilha ficaram cinco jovens de idades entre dezesseis ou dezessete anos. E eles estavam nus.

Provavelmente a primeira palavra que vem à cabeça do leitor comum da vida terrestre seria “Vergonha”. Quero falar disso bem clara e enfaticamente. Não ficou enrubescido nem pensou em vergonha nenhum de todo o grupo dos dois lados da água. Não há pecado aqui na esfera Sete. Onde não há o pecado, a vergonha não tem base e não é encontrada. Não temos pessoas pudicas na Esfera Sete. Não; quando estes cinco viram o que havia acontecido em seu experimento atrevido numa ciência há pouco aprendida, eles primeiramente ficaram atônitos e um pouco chocados, depois divertiram-se muito. E então, vendo que foram os primeiros a se livrarem de suas prisões, sorriram e fizeram sinais uns aos outros para ficarem em silêncio. Assim observaram os outros saindo para a luz do dia enquanto os animais viravam nada, um por um. Enquanto cada grupo chegava, cada criança no mesmo estado de nudez, eles esperavam ansiosos pelo olhar de assombro que denunciaria as mentes de seus companheiros neste infortúnio quando eles dessem nossa reprimenda aos seus amigos. Eles não ficaram desapontados. Enquanto grupo após grupo vinham voltando, eles esperaram cada um e primeiro deram uma pausa, mas depois irromperam em gargalhadas, uma mais alta que a outra, conforme a fila dos mais adiantados era aumentada pelos retardatários a cada instante.

Finalmente estavam todos livres, uns cinqüenta ou mais deles. Então as crianças mais velhas levaram os menores pelas mãos e vadearam pela água e vieram até o nosso lado.

E agora ficaram pouco à vontade por causa da perda de sua roupagem. Você pode ficar imaginar o por quê, já que eu eliminei da contagem uma das razões que seria obtida na terra. Explico-me.

O significado das roupas

Você sabe que o vestuário aqui não é o que é para vocês. É parte de nossa personalidade; é, num sentido muito real, nosso caráter, expresso e visível. Mas é mais que isso. Naquele Jardim, com lazer com sua única ocupação, estas crianças seriam desvestidas quase completamente, ou nuas como estavam. Mas quando um trabalho mais sério estivesse sendo realizado, ou se suas obrigações levassem todos para fora, então descobririam esta falta de cobertura como sendo um obstáculo bem real. Não posso explicar adequadamente isto a você, é uma das coisas que diferenciam em condição entre nós e vocês que fica inexplicável. Pense nisto, entretanto, depois desta colocação.

Cada um de vocês no corpo de carne têm uma aura. Se ela fosse tirada, logo sentiriam sua falta. Ficariam confusos em sua consciência, e sua atividade mental seria mais retardada. Também sentiriam uma indiferença esquisita em relação às outras pessoas, como se elas e vocês não estivessem juntas na mesma esfera de atividade.

Ou, para falar em materiais mais densos: Imagine sua epiderme sendo removida de seu corpo. A perda de uma cobertura externa não seria agradável de se contemplar, mas, se

seu ambiente fosse suficientemente quente, e compatível em outras formas, nenhum dano mais grave atingi-lo-ia. Pois a derme serviria. Mas se você tivesse que realizar alguma tarefa mais rude num clima diferente, isto seria seriamente inconveniente.

Em algumas formas, entretanto, a condição de desvestidos destas crianças da mesma forma afetá-los-ia. Por esta razão nosso primeiro cuidado foi arrumá-los diante de nós e, somando nossas vontades às deles, tornamos a revesti-los como estavam antes de se aventurarem nesta tão grandiosa empreitada.

O outro fato que vou lhe explicar é como esta involuntária perda de roupa aconteceu. Posso fazer isto com muita rapidez. A tarefa a que se propuseram estava na vergência da circunferência de seus poderes. Ela requis esforços tão extenuantes e sustentados que eles extrapolaram seus recursos normais e, em sua intensa preocupação de continuarem em seus esforços, pressionaram suas vestes espirituais também. Pois, como já disse, estas roupas são uma extensão de nossas corpos e inerentes à sua composição.

A próxima coisa a ser levada em conta era a re-materialização - ou, como você diria, a re-ereção - do grupo na ilha. Não vou detalhar isto a você. Foi feito com a nossa ajuda, dos mais velhos. Mas não foi feito na sua perfeição anterior, em linhas e curvas. Então chamamos o escultor original e ele suprimiu nossas falhas.

CAPÍTULO VI

CRIAÇÃO E CRESCIMENTO

Terça, 20 de janeiro de 1920.

Há um caramanchão naquele Jardim de Recreio, muito repousante e aconchegante. Nele, Wulfhere então chamou suas moças e elas sentaram nos lugares gramados que havia em três lados do quadrado, o quarto era aberto para o Jardim. Ela mesma sentou-se próxima ao lado aberto, e do lado direito, se visto de dentro. As crianças deitaram-se sobre a grama da entrada, na extremidade do limite.

Ela dirigiu-se desta maneira a eles, “Vocês se comportaram regiamente, meus pequenos. Invadiram o Reino de outra pessoa, desmancharam e demoliram o seu trabalho manual, e reconstruíram-no a seu bel prazer. Tão gentilmente o perigo trabalhou em seu encalço, que segurou acorrentados os seus desejos e, apesar de que a experiência trouxe-lhes conhecimento, os desastres não puderam se aproximar de vocês esta noite. Agora vou dar-lhes mais outras interpretações e, quando o problema estiver resolvido diante de vocês, escutarei de sua sabedoria então.

“Há muito, muito tempo atrás, um grupo de senhoritas veio até aqui de uma região distante, desta mesma esfera. Tinham sido mandadas para que pudessem procurar por um local onde estabelecer uma nova colônia de estudantes exatamente como vocês. Disse uma delas, quando chegaram, “Penso, minhas irmãs, que a beira da praia seja o lugar mais adequado, porque o que estes jovens têm que aprender é sobre o começo da Ciência da Criação. E em primeiro lugar, foi dali, para fora das águas, que saíram os primeiros seres viventes que, evoluindo, povoaram a terra com a humanidade.’

“Então foram para a praia. Mas embora tivessem feito buscas cuidadosas, nenhum bom lugar pôde ser descoberto. Porque não poderiam construir sua escola sobre o fundo do mar, já que os jovens que tutelavam não eram animais das profundezas onde aquele início poderia ser estudado com facilidade e perfeição.

“Entretanto”, disse outra, “aconselho que busquemos as florestas onde há águas de riachos e tanques nos quais a vida aquática pode ser encontrada e estudada. Pois lá também as árvores mostram a vida de sua espécie, e pássaros e animais silvestres acrescentarão algo aos seus estudos das águas.’

“Então elas foram para a floresta, e viram que, para construir sua escola e casas, teriam que derrubar as árvores e desviar os cursos d’água para perto das clareiras. A colônia deveria ser grande e destruiria tanto o crescimento da floresta, que o toda a vida florestal seria perturbada e as características principais seriam modificadas.

“Então elas sentaram-se ali, entre as árvores, para falar de tudo aquilo e, enquanto estavam sentadas ali, veio um passarinho que, parando num galho de árvore, começou a cantar. E, enquanto ele cantava, a forma daquilo que cantava formou contornos em suas mentes, na hora em que elas ficaram em silêncio para escutá-lo cantar. Seria alguma coisa como estas palavras, em vocabulário humano:

A canção do passarinho

Não é para a sabedoria da terra que cantamos,
Pois de sabedoria tem o suficiente;
Ou, na falta dela, deixam de saber
Que a sabedoria não é nada
A menos, a menos que seja mesclada
Com o agradável silêncio de essência.

“Não é para os grandes em poder mundano
Que nossa música muito oferta;
Apesar de serem parentes de tudo isso,
Diferentes valores para tudo designam;
Não podemos cantar sobre riquezas ou armas
Que são para eles seu único encantamento.

Mas, quando abaixo de nossos ninhos de folhas
O trabalhador cansado se deita,
Nós aliviamos seu coração, campestre ou urbano,
E preenchemos sua alma com suave repouso,
Preenchemos sua alma com graciosa leveza,
Sussurramos a ele, abençoando-o: “PAZ”

“Assim ele, que busca a dominação
Pela força das armas ou do poder mundano,
Achará seu lugar solitário e duro,
Pois ninguém com ele alegremente ficará;
Assim, agarrando-se a tudo, tudo perderá,
Porque é grandioso demais.

“Tomem-me como exemplo todos vocês.
Posso vibrar apenas de uma forma,
Um tema, e único, dia após dia,
Mas o que posso fazer, faço
E, tendo feito, quem poderá dizer,
Que não cumpri com minha obrigação?

“E agora, boa gente, todos vocês,
Façam apenas aquilo que podem fazer bem,
Evitem o quase impossível;
E assim dando-lhes adeus,
Vou a outros enganados cumprimentar,

E assim, piu-piu, piu –piuar.

(Observação: “A canção do Passarinho” foi transmitida para o Sr Vale Owen na forma de prosa, e foi dividida em estrofes e versos pelo Editor inglês)

Quarta, 21 de janeiro de 1920

“Bem, minhas crianças, aquelas senhoritas entenderam a lição daquela canção no fundo de seus corações, e moldaram seu método por ela. Qual foi, pensem, o curso das atitudes delas? Como esta colônia foi construída?”

Não vou trabalhar para lhes dar as respostas delas, meu filho. Darei apenas a solução que foi levada adiante na fundação, apesar de que você provavelmente já tenha chegado a ela.

Eu diria que elas primeiramente estabeleceram uma espécie simples de escola e, conforme o necessário, foram aumentando.

Bem, sim, meu filho, isto sem dúvida foi assim, como você diz, simples o suficiente. Mas, realmente se soubesse de todas os múltiplos departamentos de instrução daqui, você se maravilharia de como o simples pode se transformar em tal complexidade.

Seria algo nas linhas de evolução, como nós da terra as entendemos? Quero dizer, desde a célula única até, digamos, o corpo do ser humano?

Quase, quase. E não é uma má ilustração, se a entendermos como sendo meramente geral e não verdadeiramente detalhada. Você vê, meu filho, sua teoria da evolução é verdadeira em suas linhas principais, mas superficialmente o tema mal se desenvolve. Não falaremos até o fim neste tema para que não saiamos de nossa tese principal.

Evolução

Vou apenas relembrar que o corpo humano, se fosse composto de células iguais umas às outras, se ele crescesse somente da forma unicelular inicial, cresceria pela aglomeração conseqüente da expansão e da subdivisão. Mas se cada célula primária fosse como cada uma das outras, de onde viria a variedade de estruturas nos organismos complexos e diversificados de, digamos, uma amoreira, um sapo ou um cavalo?

Não, há um outro fator externo a ser levado em conta. Esta fator é externo não em matéria de lugar, mas de condição. É a personalidade inerente de Seus Senhores Criadores. Este princípio de personalidade é continuamente diversificado entre os Senhores Criadores menores, e assim por diante, descendo através da hierarquia de ordens angélicas, cada ordem manifestando uma quantidade menor em cada individualidade, até que finalmente atinjamos a partícula unicelular de vida. Aqui a personalidade parece ter se tornado extinta. Mas não é assim: quando comparada com a mais alta manifestação de Deus – a do Maior dos Senhores Criadores – a personalidade dinâmica é mais externa e a entidade, a célula, é mais de natureza passiva que portadora de iniciativa. Em outras palavras, o círculo aqui é visto na metade do caminho em direção à sua plenitude. O processo, tendo passado através de todos os degraus, foi ultimado, na direção externa, na simples célula. Agora a célula deve ser tratada do outro lado do arco do círculo e lançada de volta ao longo da Segunda metade da circunferência, não sozinha por um curso inverso – inverso quanto a sua direção – mas também por um processo inverso.

Eu não entendo isso, Arnel. Captei de forma certa?

Tão certa quanto a linguagem da terra pode conter tudo isso, meu filho, penso eu. Escute intensamente, enquanto eu continuo.

Sim, estou escutando.

A garotinha e a bolha

Havia dois garotos que se sentaram para descansar nas terras montanhosas da Suíça. Falavam da criação e do processo pelo qual ela continuava. “Evolução” era, claro, a palavra que eles usavam. Mas eram garotos maiores, e numa idade de raciocinar em tais temas. Tais mentalidades maduras são freqüentemente originais, e estas eram assim. Eles cogitavam se o processo de criação e evolução poderia ser considerado em paralelo no concreto; se por algum curso de ação deles o principal princípio pudesse ser exemplificado. Postulavam que, como Deus é Único, tudo emanando d’Ele deve, no fim, retornar a Ele novamente. Por isso fizeram este teste no dia a dia.

No primeiro dia saíram da base da montanha, escalaram seu cume e desceram até a base do outro lado. ‘É óbvio,” disseram eles, “que não há um curso verdadeiro para direcionar o progresso das eras. Estamos num nível tão baixo quanto quando começamos, e com uma montanha entre nós e nosso objetivo.”

No dia seguinte eles foram ao cume, desceram a montanha e subiram a montanha que estava em frente a eles no vale. Eles disseram que estariam dispostos para estudar o tema aqui, pois estavam em alta altitude, e de fato um pouco mais altos que quando começaram, já que o cume estava mais alto que os dois. Também tinham uma visão clara de todo o caminho de cume a cume. Mas não retornaram ao ponto de partida - havia um oceano de atmosfera no meio.

Quando escalaram na manhã seguinte, a filha do estalajadeiro estava fazendo bolhas de sabão. Eles observavam o crescimento de uma grande e linda bolha e, conforme ela crescia, as veias coloridas eram vistas num movimento circular no globo.

Disse um ao outro, “Aqui está nossa solução do problema.”

O outro disse, “Menininha, o que é que há dentro desta bolha?”

E a criança respondeu, “Quando faço minhas bolhas, senhor, sempre penso que cada uma é o céu.”

“Mas se essa bolha é o céu, pense, então onde está Deus?

“Dentro,” disse a garotinha.

“Mas esta bolha, pense, grande o suficiente para conter Deus?”

“Não,” disse a garota. “Você vê, é o porquê de sempre estar cada vez maior, maior. Olhe!”

Ela fez um esforço poderoso e a bolha expandiu ainda mais e - estourou.

“Agora,” disse o menino, “sua linda bolha, com todos os seus continentes e oceanos e árvores nela, tornou-se nada. Quando você a inflou mais, você viu, ela estourou.”

“Sim; mas Deus não,” respondeu a pequenina.

Quinta, 22 de janeiro de 1920.

Exteriores e essenciais.

E qual é o significado de sua parábola, Arnel? Como ela se encaixa na fundação daquele Colégio?

Não, meu filho, prefiro que você dê a interpretação. É o porquê de eu lhe dar estas parábolas.

Bem, parece que vagueamos um pouco, não é? Foi aquela via à evolução que fez tudo, não acha?

Quando as mensagens são mandadas destas esferas até a sua, estamos sempre sob esta limitação, isto é, que não podemos pensar por vocês. Fazemos os tijolos, vocês constróem o prédio. Por este método vocês obtém mais benefício. Não obstante, desde que o que eu tenha escrito a você esteja obscuro em seu significado, então pode estar também a outros. Então vou dar-lhe a pedra angular e deixá-lo erigir o arco no qual deverá ser colocada.

Quando eu falei da Escola Secundária, eu tinha em mente, basicamente, a instituição em si e não os prédios nos quais deveria ser instalada. O erro daquelas garotas foi o erro que está em sua mente: elas estavam planejando uma enorme planta de construção, e escolhendo o mais apropriado local onde erigir os prédios do Colégio. Este erro delas foi realmente o tema da canção pela qual o passarinho as reprovou. Elas estavam confundindo exteriores com essenciais.

A matéria aqui é muito mais plástica à ação da vontade, elas deveriam ter isto em mente e não tinham.

O método delas deveria ter sido muito mais simples. Indubitavelmente ao final chegaram a isso, depois de muito raciocinar. Quando descobriram, puseram em execução rapidamente.

Este método era congregar a escola toda, colocá-la na região escolhida, e começar a instruir. Os edifícios são meros acessórios. Seriam levantados conforme surgisse a necessidade deles, independente da evolução do conhecimento dos alunos.

Tão fortes são a vida e o poder da mente aqui, que não é bom ou útil que se construa o prédio primeiro, para depois moldar e formar os escolares naquelas proporções e planejamento. Não, pois, como eu e outros explicamos a você, árvores e construções, e todas as coisas aqui que correspondem ao que vocês chamam de material na terra, são responsivas e muito sensíveis à personalidade daquelas pessoas que se aproximam delas. Também esta resposta sensível é mútua entre estas coisas e as pessoas. Estes Senhores Criativos que planejaram e desenvolveram o caracol não adequaram o animal à sua casa, mas em outro sentido. Nos caracóis ou humanos é a mesma Vida Divina que é operativa, somente qualificada diferentemente em graus de poder e métodos de expressão.

Por esta lembrança, meu filho, retomo em sua mente a bolha, e por que ela estourou, e o Quê não estourou quando a bolha cumpriu seu desastre.

Isto deveria ser suficiente para a pedra angular, penso eu.

Agora construa seu arco e deixe a pedra angular bem no meio, em cima - bem no meio, meu filho, ou seu arco nem será verdadeiro, nem estável. Bem.

Eu agora estou pensando em ir a campo com você e restabelecer nossa função.

“Alice no País das Maravilhas” retomado

Você quer dizer a missão que esteve por iniciar?

Mas claro, este é o nosso objetivo, não é?

Suponho que sim; mas parece que estamos em um lugar agradável naquele jardim de Recreio. Estou gostando de lá. Aquilo me lembra bastante "Alice no País das Maravilhas". Não tem nada a me dizer a mais de lá, Arnel?

(Pausa de quase um minuto)

Devo apagar isto? Quero dizer "Alice no País das Maravilhas". É isto que o preocupa, Arnel? Desculpe-me se for assim.

Não, não, meu filho. Conheço o livro e parei para relembrar a história. Já sei dela. É um livro muito bom, porque força a imaginação e treina-a. Você se surpreenderia se eu lhe dissesse que, com poucos detalhes de diferença, nós a tivemos algum tempo atrás encenada algum tempo atrás. Não, eu não assisti. Mas alguém que viu contou-me dela. Foi um experimento relativo à mesma série de leis que lhe mencionei em relação ao prédio da Escola Elementar, aquelas que agem entre a pessoa e seu ambiente.

Resumidamente o caso foi este: Foram feitos muitos experimentos nos diferentes elementos que fazem parte do ambiente - vegetação, vida animal e então a atmosfera. O grupo que estava na experiência então buscava o ambiente mais próximo, e alguém sugeriu seus próprios corpos, onde o individual, o espírito, funcionava.

Isto era ousado, mas amamos empreendimentos ousados por aqui. Bem, a execução tinha um plano bem cuidadoso. Os atores foram selecionados e conduziram, depois de algumas falhas, a elaboração de quase todo o âmbito de maravilhas naquela narrativa. Foi meramente uma maneira pitoresca de dar uma lição objetiva para uma grande escola infantil de poder de mente sobre o que é exterior. Muitas das crianças sabiam da história e ficaram extasiadas quando tudo foi visto, não num livro, mas na vida real, com as personalidades atuando diante de seus olhos.

Quando tudo terminou, os atores revisualizaram a si próprios em seus próprias personalidades, e gradualmente as reassumiram.

Fizeram a representação do pescoço comprido, e Alice ficando enorme e encolhendo até ficar pequenina?

Sim, sim, estas partes foram muito fáceis. Foram os animais que trouxeram maior dificuldade.

Pararemos por agora, e penso que alguns de seus leitores murmurarão, "basta". Ah, bem, meu filho - algum dia...

CAPÍTULO VII

COMO SÃO TREINADAS AS CRIANÇAS

Terça, 27 de janeiro de 1920.

Como você me disse que quer continuar brincando naquela região agradável da qual lhe falei por último, seguirei seu rumo, desta vez, para obsequiá-lo, pois tantas vezes seguiu o meu. Também o faço porque, quando me coloco em suas condições, acho que há muitos a quem os elementos mais simples de nossa vida celestial são estranhos e, para estes, uma narrativa mais leve, como esta que acaba de terminar, é confortante e útil para a instrução.

Naquele mesmo conjunto de edificações dos quais o Hall dos Pilares é o principal, há outros de menor magnificência, onde os estudantes recebem instruções. Em um destes, dedicado principalmente aos mais jovens de nossos alunos, aqueles do episódio da Fonte foram agrupados logo depois de sua magnífica experiência nos reinos da ciência criadora.

O Salão de Conferências era retangular, e o Pretor tomou seu lugar no meio entre os dois arcos centrais da arcada que dá para os jardins abaixo. Era como uma secção de uma Pérgola seria, se tivesse parede no final. Pois a arcada era aberta para os jardins, com um terraço acompanhando pela direita e pela esquerda, além dos arcos, e descendo em degraus toda a extensão do terraço para os jardins abaixo.

Aqui, então, sentou-se a professora, e os escolares sentaram-se em grupos sobre os divãs colocados aqui e ali, diante dela. Ainda mais, na parede oposta a ela e nas duas paredes menores, como acabamento, havia quadros como os que eu descrevi a você na Pérgola.

Outros estudantes mais velhos e professores sentaram-se ou ficaram aqui e ali espalhados pela sala, e davam sua ajuda fácil e silenciosamente quando viam uma oportunidade de serviço secundário ao da Pretora .

Disse ela, em prelúdio, “Meus queridos jovens exploradores, vocês retornaram do reino do mistério no qual foram audazes o suficiente para entrarem sem guia para lhes mostrar os passos seguros, e estou novamente aqui para dar-lhes sua lição ordenadamente, para que futuramente estejam armados de antemão para quaisquer projetos que empreendam com estas leis inflexíveis que governam o Reino de Deus.”

Então ela explanou a eles, em detalhes, aqueles pontos que já lhe coloquei resumidamente. Não vou enumerá-los detalhadamente, para que não me torne prolixo demais, mas concluirei contando-lhe da parte experimental que serviu para ajudar digerir os diversos pratos de carnes que compunham a refeição.

O nó cego

Havia um grande pássaro sentado sobre um dos arcos, assim como também outros pássaros estavam e que, de tempo em tempo, vinham dos jardins e voavam aqui e ali sobre o Salão de Conferências. Alguns pousavam sobre o pavimento, entre as crianças, ou sentavam-se sobre seus bancos, ou sobre seus ombros, ou ainda em seus colos. Este era maior de todos os outros.

A professora, apontando para ele, disse, “Agora que vocês podem pôr à prova o que lhes explanei e assim colocar os princípios em prática, vou lhes passar um problema. Este grande pássaro avalia que sua dignidade seja maior que a de seus primos menores, penso eu. Pois ali ele se sentou durante toda a explanação, em sua solene e encantadora pose lá no alto, enquanto estes pequeninos fizeram companhia a vocês e uns aos outros. Agora eu os deixo, em breve retornarei, quando então espero vê-lo, se não com orgulho menos exaltado, pelo menos mais fraterno em seu comportamento. Vocês devem trazê-lo para baixo, minhas crianças, aqui entre seus companheiros que cantaram canções alegres e fofocaram entre vocês, como se vocês pudessem ser seus avôs ou avós, ou mesmo primos. Mas, reparem, crianças - pois este jogo tem suas regras - vocês devem fazer isto, mas sem gritos ou chamados a ele, nem qualquer incentivo com gestos, mas apenas com suas vontades em concentração criadora.”

E assim, com uma feliz risada de felicidade por um nó tão cego tê-los amarrado para que se desamarrassem, ela beijou um ou outro que encontrou em seu caminho, e passou através da Arcada para os jardins adiante.

A maioria dos alunos mais velhos saiu com ela. Eu fiquei para trás, para ver o divertimento resultante, e assim fizeram quase a metade deles.

Uma qualificação difícil

Há mais de um método de se proceder, pelos quais aquilo pode ser feito. Não é meu propósito agora contá-los, mas somente como foi que estes jovens estudantes desembaraçaram-se deste encargo. Você deve ter em mente que seus estudos foram, nesta

época, principalmente dirigidos para a esfera da faculdade criadora, e também que eles estavam ainda no estágio inicial daquele departamento de ciência. Para alguém mais adiantado, o problema não teria apresentado dificuldade maior. Mas estes impetuosos jovens cientistas ficaram, por momentos, paralisados, por causa da qualificação proposta pelo problema dado pela Pretora. Eles deviam usar criativamente sua vontade. Este, e somente este, era o ardil, já que seria fácil eles desejarem a descida daquele pássaro e clamar por obediência. Mas aquilo não combinava com a qualidade criadora. Vê, meu filho? Percebe claramente este ponto, não é?

Por instantes estiveram em silêncio, impotentes e desesperados. Oh! Era bonito vê-los, aqueles queridos e doces meninos e meninas na liberdade de sua desenvoltura uns com os outros, e tudo em envolvente amor. E quando quebraram o silêncio, a desordem irregular da melodia de suas vozes era, por si, um Te Deum espontâneo e inconsciente a Ele Que, penso, delicia-Se muito com a liberdade, tão alegre como esta.

Tomarei a liberdade de confessar, meu filho, que quando revi o problema por todas as facetas, uma por uma, e todos os estágios pelos quais avançaram em seus estudos, fiquei muito em dúvida de seu sucesso. Mas pensei, com rigoroso prazer, que minha vingança agora estava chegando em defesa do que suportei quando falhei em resolver o problema de seus atos na Fonte.

Mas não, foi-me negado este benefício. Eles realmente encontraram o caminho. Não foi o método que os mais adiantados teriam empregado. Mas foi um bom método. Observava as condições propostas e atingiu o objetivo colocado.

Disso, meu filho, falaremos amanhã.

Quarta, 28 de janeiro de 1920.

Criando pelo poder da vontade

Foi uma das garotas que propôs o método, que veio a ser adotado depois de muita discussão barulhenta. As crianças fizeram um círculo de sofás que foram colocados de forma irregular na sala. Então, cada um e todos, arrumaram-se em ordem, com as crianças menores distribuídas entre eles, e dedicaram-se a sua tarefa com a correta seriedade.

O primeiro estágio de seus procedimentos era agrupar todos os passarinhos pequenos dentro do círculo. Isto foi fácil. Eles vieram, um depois de outro, em número de sessenta, ou mais. Então estes passarinhos começaram a se agrupar no meio, respondendo à vontade dos alunos.

Quando eles estavam agrupados desta forma, havia muito gorgeio de um para outro e arrumação de plumagem. Mas, gradualmente, eles começaram a ficar quietos e parados, até que ficaram todos dispostos a dormir.

Eu estava observando curioso, e agora notei uma mudança acontecendo sobre eles. Suas penas multicoloridas vagarosamente mudaram de natureza e tornaram-se de coloração acinzentada, não feia, mas pura, e de coloração neutra. Logo entendi o que estas crianças estavam fazendo. Eles tinham retirado de cada pássaro a sua aura, não inteiramente, mas deixando talvez uma oitava parte que, entretanto, não era visível externamente, mas internamente estava distribuída através do corpo do pássaro.

Então as crianças da direita, conforme eu as observava estando embaixo da Arcada, quieta e vagarosamente deixaram seus lugares e, indo para o fundo e à esquerda da sala, tomaram lugares embaixo dos outros que ainda se reclinavam sobre seus canapés. Enquanto isso uma nuvem luminosa formou-se na frente deles, e entre eles e os pássaros. Isto era a aura de todos os pássaros, compostas e misturadas em uma só. Aquilo lentamente concentrou-se

sobre si mesma até que deitou no solo, no formato de um ovo enorme. Este foi levantado lentamente sobre sua base. Seu tamanho aumentou no raio de sua concentração.

Seu formato foi mudado até que ficou ali em seu lugar uma réplica do grande pássaro que ainda estava sentado no arco acima, muito atento às estranhas atitudes que aconteciam abaixo dele. Finalmente, um pássaro fêmea recém-nascido moveu levemente sua cabeça, e alguns dos pequenos alunos começaram a bater palmas de alegria. Mas foram calados instantaneamente pelos mais velhos, pois uma distração na vontade poderia estragar seu trabalho, agora quase perto de terminar.

O pássaro fêmea ficou ali parado e silencioso, mas logo houve um leve levantar de asas; então seus olhos abriram; então ela andou uns poucos passos em direção às crianças. Eles ainda aplicaram suas vontades em ação unida sobre ela, e finamente ali estava um pássaro vivo, companheira de sua majestade acima.

Ela correu para uma criança, e então para outra, recebendo seus carinhos onde quer que fosse. Depois disso ser feito por instantes, ela se afastou umas jardas deles e proferiu seu chamado amoroso, e o pássaro do telhado veio para baixo e ajuntou-se à sua companheira sobre o solo.

Revertendo o processo

Então, estes jovens criadores emitiram um grito alegre e começaram a conversar com a real consciência de sua vitória. E acariciaram estes dois pássaros tão avidamente que finalmente ambos correram para o outro lado do grupo silencioso de seus primos menores e pousaram sobre o encosto de um dos bancos.

Eu lhe adiantarei que, à medida que este processo continuou, foi ficando cada vez mais extenuante para os jovens operadores, a cada estágio. O item mais difícil de todos foi o de construir a garganta do pássaro para que pudesse dar voz às notas corretas de seu trinado. Se isto falhasse, seu companheiro não teria vindo e o trabalho deles seria todo feito em vão.

Eles fizeram tudo muito bem, conforme nos apressamos a dizer-lhes. Também enviamos uma mensagem à Pretora, que veio e elogiou-os dizendo que nenhum erro foi cometido por eles, como os muitos que deixaram para trás.

Agora ficou para eles a incumbência de reverterem o processo, pelo qual o pássaro seria novamente dissolvido na nuvem composta das auras, e esta novamente dispersa para seus donos originais.

Isto foi efetuado, mas não pela concentração de suas vontades sobre o pássaro em si, mas sobre os pequenos pássaros ali parados, insensíveis e inconscientes. Este é o porquê de não terem absorvido toda a aura deles. Ou uma das razões. Outra era que não teria sido bom para os pássaros se fossem privados de suas auras totalmente. Era, portanto, em cima da aura remanescente deixada neles que as crianças agora operavam e, através dela, extraíam da nuvem composta, para cada pássaro, sua própria aura. Foi mais fácil deste modo, do que se tivessem assumido operar diretamente sobre a nuvem e separar as auras ali misturadas.

E este foi o problema proposto a eles; e o método pelo qual chegaram a uma solução dele.

CAPÍTULO VIII

JOGOS QUE AS CRIANÇAS JOGAM

Quinta, 29 de janeiro de 1920.

Estou pensativo em contar-lhe mais, meu filho, sobre a vida destas jovens pessoas deixadas aqui no Eterno Presente de Nosso Pai. Servirá para o conhecimento dos que lerem estes escritos, e também para confortá-los. Destes dois fatores verdadeiramente há pouca coisa armazenada entre vocês. Pela mesma lembrança, além disso, eu bem sei que o que tenho a dizer-lhe será recebido, do seu lado do Véu, por cada um, de acordo com seu degrau de evolução espiritual, e de acordo com o conhecimento pessoal de pessoas muito boas, e que não é muito grande. Mas o tempos estão chegados, e não muito adiante as pessoas olharão para trás e maravilhar-se-ão com dois aspectos desta geração.

Dois aspectos desta geração.

Um deles é o tremendo acesso à força motriz por trás desta fase atual da evolução do mundo. O outro é a ponderabilidade das naturezas daqueles que não eram capazes de aceitarem o movimento progressivo, ou de estimá-lo em sua verdadeira avaliação. Isto, entretanto, não pareceria estranho demais pois, apesar do Véu ser tênue, ainda está pendurado no lugar onde o materialismo o pôs, desde os velhos tempos; e a luz do Santuário de Sheckinah* somente pode brilhar obscuramente, como ainda o faz, ainda.

Não é, entretanto, e eu devo deixar isto conhecido, para a atual geração somente que estou dando voz às minhas mensagens, mas para os que seguirão você e que agora estão começando escalar as encostas da Montanha de Deus, no topo da qual Eles estão, e nos chamam, nós os que estamos no meio, que devemos expor suas inspirações, nós mesmos que estamos mais próximos de vocês que Eles, porque suas luzes eclodiriam e suas vozes fariam a terra tremer, e o terror espalhar-se-ia no meio da humanidade em razão da enorme beleza e poder na santidade d'Eles que clamam.

Portanto vou contar-lhe tão bem quanto possa e tão completo quanto for capaz, e deixo para as suas crianças, talvez, para entenderem mais profundamente o que pode parecer estranho a vocês nestes tempos atuais. E também isso, mesmo que eles, lendo minhas palavras, as rejeitem como insensatas ou vãs, mesmo assim, tendo sido lidas, servirão neles como base de avanço quando chegarem aqui, conosco. Apesar de que primeiramente deverão reconhecer que havia loucura em tudo, mas não em nós, mas neles, naquilo que não acreditaram, e naquele dia verão o que é verdadeiro.

*__Shekinah__: palavra hebraica para *Habilitação* ou *Presença de Deus*; (muitas vezes usada no lugar da palavra Deus). No conhecimento judaico, vinha do fato que Ele "habitou" ou "descansou" entre seu povo. (nota da tradutora)

"Vôo aéreo" e "balançando a bola"

Vou contar, em primeiro lugar, algumas das brincadeiras de que estes espíritos jovens participam.

Uma é aquela que eles se agrupam em diferentes partes do Jardim de Recreio. Um deles fica em cima da Fonte, na borda onde o desenho termina numa árvore. Ele chama um dos companheiros, ordenando a ele certa posição na Fonte. O que foi chamado fecha os olhos e se eleva, pelo que vocês chamam de processo de levitação, e flutua até sua posição. Um após outro é chamado até que cada um esteja em sua posição. Então o outro desce ao solo, e os chama de volta, e eles têm que descer da mesma maneira, olhos fechados, no mesmo local de onde saíram no começo do jogo. Se você seguir este jogo em sua imaginação, e pensar nos erros que são passíveis de serem cometidos, você verá quanta farra estes alegres jovens fazem com ele.

Outro jogo é aquele em que alguém fica em pé no meio de duas filas de jogadores, afastadas umas dez jardas uma da outra. Ele deve segurar um bastão na mão, sobre o qual uma grande bola de opala balançará em sua ponta. As duas filas em oposição desejam que a bola aproxime-se ou que se afaste. O que segura o bastão deve mover o bastão para a direita

ou para a esquerda para mantê-la balançando. Um truque é que uma fila deve, com os olhos, sinalizar para a outra, e então uma empurra e a outra puxa com rapidez. Se o segurador for pego de surpresa, a bola perde seu balanço e flutua para o solo. Então, ele é penalizado em sua posição e sai do jogo. Isto continua até que somente três restem, e então dois, e estes serão proclamados parceiros na vitória.

"Manobras no ar"

Outro jogo é este. Um quadrado é formado e para o centro vai um dos jogadores. Eles preferem que este seja uma das crianças menores, porque são mais espontâneas em seus gritos de alegria, enquanto que os mais velhos, entendendo melhor o processo, sendo mais estudiosos do tema, anotam cada efeito e vão julgando a força requerida para algum movimento em especial, e a direção de seu foco, e assim por diante. Os pequenos apenas aceitam a alegria e gritam de deleite.

Assim, os jogadores estando colocados, começam as operações. Direi a você, do jogo, da forma como eu o vi na última vez que brincaram. A criança do centro era uma menininha. As crianças mais velhas puseram suas vontades a trabalhar, e eu a vi lentamente elevar-se do chão. Numa altura de aproximadamente vinte pés, ela gradualmente assumiu uma posição horizontal. Este movimento continuou até pusesse os pés no lugar mais alto, e então completasse o círculo e ficasse na posição normal novamente. Ela gostou muito, e quando começou o movimento circular ela ria feliz e gritava alto, enquanto os membros mais jovens entre os operadores batiam palmas e davam risada de felicidade.

Em seguida deixaram-na direita, parada alto no ar. Então dobraram seus joelhos, até que ela sentou num trono invisível, mas no ar lá em cima, e inclinava-se de um lado para outro, como se fosse alguma rainha-nenê e seus vassalos.

Então, nesta posição, obedecendo às vontades dos de baixo, eu a vi planar através do ar e ir além dos confins do Jardim e, olhando para lá, eu a vi pousada na copa de uma árvore enorme. Bem em cima do topo da plataforma de folhagem ela ficou, braços esticados para os lados, rindo feliz.

Pois então este é outro de seus jogos, e tem muitas possibilidades, como vê. E todos estes jogos têm um motivo principal de educação. Os menores são ajudados desta forma em seu desenvolvimento, pela associação com os meninos e meninas mais velhos em sua manipulação das forças naturais que impulsionam a serviço desta forma. E os garotos e garotas mais velhos acuram suas faculdades por exercícios como estes, que suplementam seus estudos mais sérios. Estes jogos são jogos verdadeiros e são jogados pelo prazer deles, primariamente. Somente secundariamente o aspecto científico entra.

Terça, 3 de fevereiro de 1920.

Trabalho mesclado com prazer

Jogos como estes que lhe descrevi são do tipo simples, apesar de não destituídos de instrução intrínseca. Pois é este o nosso jeito de ser aqui. Sem dúvida, todo nosso trabalho, exceto o que nos leva às esferas de trevas e angústia, é assim, mesclado com a alegria de viver e o prazer da ação que não é, em essência, diferente dos jogos que as crianças brincam.

Não obstante, alguns jogos têm mais do elemento de esporte, e outros mais do elemento de ciência, e alguns também misturam com estes dois fatores o da devoção. O que tenho a contar-lhe em seguida é sobre esta última espécie e, sem dúvida, não sei muito bem por qual nome devo chamá-lo. Mas eu nomeei os outros jogos, e você pode transcrever este item se assim desejar, não importa, portanto tome minhas idéias como eu as mando a você.

Um exercício para crianças mais velhas

Este passatempo ou jogo é para os mais velhos que são mais evoluídos na mesma ciência da qual estive falando, a ciência da criação. Saiba você, meu filho, que a criação não é, primordialmente, de natureza concreta como se manifesta na matéria. Indubitavelmente muita atividade criadora nunca emerge para o material, e é verdadeiramente criadora, apesar de tudo. E toda a criação, como você rapidamente entenderá, se encontra sua ultimação na matéria ou não, mas, em seus princípios, é ideal; isto quer dizer, é somente de conteúdo espiritual, e somente quando ela progride para frente, ela se torna formulada em formato concreto.

As crianças mais velhas, entretanto, são acostumadas a serem agrupadas de vez em quando em algum lugar escolhido. Elas aqui conversam, transformando suas belezas mentais em amor. Assim elas se tornam mais unidas nos propósitos e nos focos de suas energizações. Quando isso é atingido, então silenciosamente são postas a trabalhar.

Contarei a você de uma destas ocasiões em que estive presente, como algumas vezes é de hábito de um Diretor de uma esfera mais alta.

A paisagem era de um vale onde colinas, cobertas de arvoredos e com clareiras, aqui e ali ao longo das trilhas, que formavam um recanto agradável e impediam a visão mais distante dos que estavam ali reunidos. Na parte mais alta surgia um córrego entre dois altos cumes de rochas com variadas cores, e descia para o vale com muita música e nuvens de gotículas que brilhavam como jóias.

Quando o grupo de uns trinta estava sintonizado, reclinaram-se à vontade sob um círculo formado de árvores floridas no vale, e então o Diretor* falou a eles numa maneira muito suave, para que qualquer distúrbio não encontrasse lugar num exercício como esse. Ele disse, “Deixem a paz estar em vocês, minhas crianças - assim - assim - assim. Paz e silêncio, silêncio e amor. Agora deixem que seus pensamentos aspirem por estes reinos, minhas crianças, nos quais vocês penetram agora e que são reinos de paz, e nada de desassossego ali é encontrado. Bem.”

O que Raul viu

Ele deu uma pausa e somou a potência do silêncio desejado por ele à deles por instantes. E então olhou para cada um deles, sem pressa, mas observando-os com muito prazer, até que os avaliou um por um. Agora voltou seu olhar para uma moça que não estava reclinada como a maioria de suas companheiras jovens e maduras, mas estava ajoelhada, sentando em cima de seus calcanhares, mãos espalmadas nas pernas, acima dos joelhos. Seus olhos estavam extasiados olhando para cima, nada vendo do vale, mas o foco estava ajustado para grandes distâncias, para se dizer assim.

Bem, o Diretor, falando baixinho e vagarosamente para não quebrar a magia, disse ao menino, chamando-o pelo nome, “Raul, meu filho, diga-nos agora, qual é a sua visão, a região onde está localizada.”

E o menino respondeu-lhe, vagaroso e silente como ele, “Sobre uma rocha de pedra púrpura, plana em seu topo, e solitária, da altura de cinqüenta homens, vejo alguém. É um homem. Sua roupa é azul até a metade dele, e sombreada de verde e âmbar até seus joelhos. Seu cinto é escarlate e branco, entremeados. A jóia de seus ombros é um rubi no esquerdo e uma safira no direito. Sua coroa não é vista bem em cima de sua cabeça. Está ligeiramente pairada acima de sua cabeça. Ela tem estrelas que juntam suas cintilações e fazem uma outra coroa consecutiva, uma peça circular, e elas são de matiz dourado e verde alternados, de maior brilho do lado direito. Por sinais como esses, e pelo último sinal da coroa principalmente, sei que ele é de um estado de hierarquia elevada. Quem é ele e seu propósito aqui, eu não sei. Penso que a posição onde ele está olhando tudo do topo da rocha em atenção firme, fica perto da segunda esfera acima de nós, ou na fronteira mais adiantada da esfera próxima da nossa.”**

"É assim que também o vejo," disse o Diretor, "exceto que com ele vejo uma criança em seu ombro. Também eles olham para cá, mas passam por nós, para as esferas entre esta sua e a terra. Eles são Israel e o Cristo Criança, Raul. Como você os viu no bosque na época de Natal, eles estavam condicionados para esta Esfera Sete e menos sublimes em sua aparição. Você os vê agora com a glória com que podem se revestir na Esfera Nove. Você contou a distância certa até ali. Mas você não viu a Criança, Cujo corpo e roupagem são mais sublimados que os de Israel."

Misturaremos nossos conhecimentos

"Eu vi o brilho d'Ele, meu senhor," respondeu o menino, "mas não Sua forma, e pensei que fosse apenas irradiação das estrelas da coroa de Israel."

"Bem," respondeu o Diretor. "Bem, meu filho, lá estão, a Criança e Israel. pediremos bênçãos a eles, ambos, e para a Criança, prestaremos homenagem. Assim os deixamos ali. Para o propósito que temos pela frente, eles são muito evoluídos, meu Raul. Vamos ouvir o que uma moça pode ver em outras esferas que não seja esta de vocês. Você foi muito bem, Raul, e está fazendo bastante progresso. Sem dúvida, sua visão ampliou seus limites; você alcançou ver coisas grandes demais para serem usadas em nossa atual aventura. Deus esteja com você, meu filho. E agora, escolhamos a moça que deverá nos contar o que vê. Venha, Raul; fique comigo, meu menino, e ajude-me nesta escolha. Você as conhece como colegas, e eu como alunas. Assim misturaremos nosso conhecimento, e talvez cheguemos a uma combinação de tipo mais prático do que apenas a minha."

* O Diretor é o próprio Arnel, como veremos mais adiante.
** Esfera Nove, ou no limite entre a Esfera Oito e a Esfera Nove.

Quarta, 4 de fevereiro de 1920.

No meio do vale, havia uma pequena piscina onde um afluente do rio parava para ponderar, e então continuar, seu caminho mais caudaloso em direção ao mar. Aqui havia uma casa rústica, construída em pedra, e ali também havia uma mocinha de treze verões - falo da contagem da terra, e não na nossa - que tinha ali se acomodado. Ela estava afastada, mãos cruzadas em seu colo, e assim, à vontade, absorvia a beleza da cena que viu além das fronteiras de sua própria esfera.

Raul apontou para ela e murmurou, "Senhor, aquela garota está mais relaxada que algumas de suas companheiras. Deveríamos perguntar a ela que maravilha abriu-se para ela, para que esteja tão extasiada?"

"Vá você até ela, Raul," disse o Diretor, "e chame-a à atenção. Pode ser que prontamente ela venha nos trazer de sua sabedoria simples, Raul. Você está mais sintonizado com ela por causa das idades que eu."

Visão interior combinada

O garoto sorriu pela genial brincadeira, e andando macio aproximou-se da garota. Pôs a mão em sua testa mas não falou em voz alta, apenas pelas mentes. Quando sua mensagem de pedido alcançou a disposição dela ao cochilo, ela moveu-se, tomou sua mão dentro da dela e, colocando-a em seu colo, disse, "Raul, você veio prazerosamente e também com cuidado. Seguro você assim, Raul, para que possamos nos sintonizar em um só para vermos, eu e você, juntos. Pois, realmente vejo muito claramente minha visão, mas não sou sábia para entendê-la. Por isso ajude-me, querido, já que sua idade e a minha são iguais, mas sua sabedoria anda à frente da minha."

Assim estas duas crianças contaram ao Diretor o que viram, ela ainda reclinada, e ele ajoelhado ao seu lado, sua mão direita presa nas dela, e as dela em seu colo.

Arnel, você está falando como se tivesse estado lá e os visse por si mesmo. Era você?

Meu filho, mas claro. Eu era o Diretor naquela hora. A história deles foi como lhe conto agora - a história da cena que eles viram juntos:

Havia uma grande estrada que corria ao longo da lateral de uma floresta, e do outro lado da estrada havia um rio. Em um lugar ali, descendo rio abaixo, havia uma larga escadaria, e dentro da floresta no lado oposto havia uma casa grande. Uma por uma, as pessoas desembarcavam dos barcos que vinham parar abaixo dos degraus. Estas pessoas subiam para a estrada e, atravessando-a, passavam pelos portões e entravam na rua, que era bordejada por uma floresta nos dois lados. Perto da casa, a rua já não tinha árvores, e a casa se estendia da direita para a esquerda, numa clareira de frente para a floresta.

As pessoas entravam, algumas para a casa e outras para os jardins ou para a floresta. Outras ficavam em grupos conversando.

Tudo isto era muito simples e nada espantoso. Mas havia outra coisa e era o que a mocinha não podia interpretar. Era isso:

O que espantou a mocinha

Nos portões estavam dois homens. Eles eram de grande força e beleza. Olhavam do outro lado do rio e, vez ou outra, um ou outro levantava suas mãos num sinal. Quando ele fazia isso vinha uma coluna de luz através das águas, e permanecia por um momento na casa, ou rua ou floresta. Sua chegada e sua saída era rápida e decisiva, como se quem a mandasse tivesse perfeito conhecimento de onde acharia seu lugar, que lugar deveria ser, e também o por quê. Isto, portanto, deixou a mocinha espantada.

Eu vi tudo e entendi. - Note, meu filho, que agora falo pessoalmente. Sua pergunta e minha resposta fizeram-me voltar de Diretor para mim mesmo. Portanto o diretor em pessoa desaparece. Bem.

Eu estava esperando para ver o que o garoto Raul faria daquilo; ele tinha sabedoria acima de sua idade, como a mocinha havia dito. Mas ele observava e não disse uma palavra sequer.

Eu portanto fui até o jovem casal e, como ele fizera, assim eu coloquei minha mão sobre a cabeça da garota, e também pus minha outra mão sobre a cabeça dele. Então eu soube o que barrou o menino de tal forma que ele, avançando até a porta do mistério, não pôde abri-la e entrar. Então expliquei o problema a eles.

A cena foi captada, não em uma daquelas esferas à frente de nós, mas duas esferas para trás. Isto quer dizer que o rio era o limite entre as Esferas Quatro e Cinco. Aqueles que vivem ali, mesmo sendo boas pessoas, não estão bem livres das influências que de tempo em tempo invadem a Esfera Quatro, vindas da Esfera Três, onde freqüentemente os distúrbios chegam, por sua vez, vindos das regiões próximas da Terra.

Nada muito prejudicial pode invadir a Esfera Quatro desta maneira. Aquelas influências que são capazes de chegar ali não prejudicam, apenas impedem ou retardam. Elas têm a capacidade de circunscrever a liberdade daqueles que, tendo avançado, ainda têm uma certa afinidade com a Terra. Tal afinidade é conseqüência de terem ainda entes queridos na carne, ou algum empreendimento em curso no mundo que ainda seja de seu interesse, ou outra causa ainda.

Olhando para outras Esferas

Quando aquelas pessoas, portanto, atravessavam para a Esfera Cinco, tinham a necessidade da observância de guardiães colocados em diferentes partes onde elas

primeiramente andariam. Estes nos portões eram dois destes observadores. Vendo algum sinal de fraqueza ou angústia entre estes recém-chegados, eles rapidamente sinalizavam, e recebiam instantaneamente informações quanto ao caráter, progresso ou atual estado de tal pessoa sobre a qual fizeram a pesquisa. Também um raio forte era mandado sobre a pessoa em questão. Estes raios eram visíveis apenas aos observadores, e não para quem eram dirigidos. Foram visíveis também para as duas crianças porque eles eram de esfera superior. Eles não entenderam transações como estas que testemunharam porque pensaram que a esfera em que olhavam era mais alta que a deles. Mas era de grau inferior que a deles mesmos.

Mas como fizeram esta asneira, Arnel? Não seria fácil a eles saberem se estavam olhando para frente ou para trás deles?

Claro, meu filho, com certeza. Você me questiona cruelmente, meu filho, e tenho humor para me suster, como bem sabe. E você ainda está sério, quando deveria estar rindo comigo.

Mas não vou mais ralhar com você. Apenas visualize nosso ambiente, não tão materialmente. Eu talvez deva contar-lhe minha história na linguagem terrena. E devo agora dizer “acima”, e agora “para baixo”, e novamente “para frente” e ainda de novo “atrás”. Mas não são adequadas para conter as mais sutis de nossas condições, como sabe.

O espanto destas crianças não estava nas duas direções “na frente”, “atrás”. Pois quando olharam para outras esferas, olharam para o infinito, ou em direção do infinito *através* destas esferas. Veja bem, meu filho; a operação que lhe descrevi não era exterior ao ambiente para eles. Eles não foram chamados para cima ou para longe, a esta ou àquela Esfera. Isto conosco, como com você, seria escolher ir por aqui ou para ali - para frente ou para trás, como assim desejar. Mas o caminho que eles estavam fazendo agora, era por um processo diferente. Era o inverso do outro. Porque ao invés de se moverem sobre um ambiente exterior a eles mesmos, fizeram outra coisa. Absorveram o que lhes é de atividade externa, mental e intencional, para dentro deles mesmos, e ali encontraram, naquela hora, seu próprio ambiente. Sua ação foi, note, dirigida para dentro deles mesmos. Ali não há limites tão claros de reinos e esferas como se têm ordinariamente. Foi o reverter do processo que criou o espanto. Eles pensaram que tinham penetrado na esfera Oito ou Nove, e acharam ali condições que fossem estranhas a estas esferas. Assim foi que erraram.

Terça, 10 de fevereiro de 1820.

Outra experiência em criação

Bem, tudo foi instrutivo, e foi registrado para que estas crianças pudessem receber de seus Pretores, depois, algum conhecimento através de ensino objetivo. É assim: quando estes jovens escolares fazem tais exercícios de visualização, eles são reproduzidos de alguma forma nos seus salões de reuniões, e o ensinamento é dado ali. Mas ainda não encontrei o que serviria adequadamente para o meu propósito atual.

Então andei em torno deles, impondo minha mão sobre a cabeça de um e outro, até que cheguei aonde queria. Havia três deles sobre quem pairava uma formação de névoa cuja coloração era diferente da dos outros, mas bem próxima.

Suas auréolas, é isso?

Não precisamente. Isto não era um ingrediente permanente de suas auréolas, mas um acréscimo puxado por eles daquele ambiente no qual penetraram pela visão. O instrumento que eles usaram para este fim foi o halo. A névoa era de uma substância parecida, mas não idêntica. Foi um fenômeno transitório que, em as crianças reassumindo a normalidade, automaticamente gravitaria para sua própria esfera da qual havia sido puxado.

Chamei a mim estes três e, o resto do grupo estando completamente desperto e atento, falei a eles, desta forma:

"Minhas crianças, nestes três eu encontrei o que nos servirá agora para nosso exercício da ciência criativa. Eles visualizaram a mesma cena juntos. Agora devem reproduzi-la e, quando assim eles fizerem, vocês devem agregar sua vontade à deles em uníssono. Sejam sérios em suas atitudes, minhas crianças, e façam as coisas tão perfeitas quanto possam."

Convidei estes três, portanto, a tomarem seus lugares no círculo, um em cada extremidade de um triângulo. Então começamos a trabalhar, o círculo todo concentrando-se sobre o foco onde fiquei, no centro da clareira.

Conto a você, em seguida, o que aconteceu na ordem certa e nesta seqüência:

Ali elevou-se sobre mim uma nuvem que gradualmente se condensou, até que assumiu propriedades maleáveis de substância. Vagarosamente o topo tornou-se mais denso e mais opaco e aí, do topo, a massa de nuvem caiu em oito correntes até que atingiu o solo, quando então, continuando o processo, cada uma adensou-se até transformarem-se em oito pilares sólidos eretos, suportando o domo acima.

Embaixo de meus pés senti o chão subir até que estivesse no nível de um pé e meio acima do chão deste pequeno pavilhão. Aqui ficou e, olhando para cima, vi que aquele domo era agora de ouro por dentro, e com cinco pés acima além da minha cabeça.

Arnel como cavaleiro grego

Não era minha idéia inicial, quando os pus a trabalhar, que eu me transformasse em estátua elevada num pedestal. Não. Mas, quando os três foram colocados num triângulo, logo senti uma mensagem circulando em torno do círculo e então centralizada em mim. O que ela dizia era, " Fique firme, bom Arnel, onde agora você está. Nós temos um uso para fazer de você. Dê-nos, portanto, este prazer." E então estes jovens palhaços acrescentaram, graças a seu humor, "Não vamos machucá-lo, gentil Arnel, enquanto estiver firme e destemido. Trataremos carinhosamente de você, por nosso amor a você, bom Arnel."

Este é o jeito deles, meu filho. Pegam um velho para ensiná-los a ciência criadora, e então protegem-no maternalmente na primeira oportunidade que aparece. Algumas vezes fico pensando se não sou aficionado demais para conduzi-los ordenadamente. Mas ainda, meu filho, novamente penso que o amor é tão forte que não se pode errar muito se for usado em excesso. E duvido que o nosso Pai, e o deles, ama-os menos um pouquinho, só pela brincadeira. Mas, por isso ou por aquilo, assim foi. Acabo aqui com meu palrar e continuo com minha história. Mas foram muito doces, estas crianças, e tão maravilhosas também, tanto dentro como fora deles. Mas de novo isto não é a narrativa. Continuando:

O processo continuou, já que eles eram um grande grupo em ação, e logo tudo estava completo.

Lá estava o pavilhão de pedra translúcida. Os oito pilares eram desenhados e os desenhos eram em alto relevo e em ouro. Dentro, lá estava eu, transfigurado de minha figura para um homem vestido em malha prateada, protegido com capacete e amadura completa. Um cinto estava sobre minha túnica, mais ou menos na cintura, e um espada em minha mão direita. Um Cavaleiro Grego, certamente; isto é o que fizeram de mim, estes jovens galhofeiros, e colocaram-me num pedestal.

Bem, bem, Deus os abençoe, foi uma noção alegre apesar de tudo. Porque, veja, meu filho. Isto foi uma reprodução do que aqueles três tiveram na visão, trazida por eles da Esfera Oito. Lá, numa clareira na floresta, está erigida uma estátua do Cavaleiro da Inglaterra, mas na panóplia de armas da Grécia. Isto, então, eles chamaram para ser duplicado aqui na Esfera

Sete, de acordo com as leis da ciência criadora que, operando desta forma, chegou à produção de uma Forma Presente*.

A Nova Jerusalém

Isto me lembra, de alguma forma, a Nova Jerusalém na Revelação de São João.

Verdadeiramente, verdadeiramente. Como você observará, a Forma Presente pode ser projetada pelo operador em algum lugar distante dele. Ou pode ser puxada de uma distância por uma ou mais pessoas, operando em união. Isto foi alcançado pelo segundo método.

Aquela Cidade Modelar de Jerusalém, como que aperfeiçoada nos céus, foi também reproduzida por algum grupo de operadores por este mesmo meio, isto é, pelo exercício da vontade em energia criadora. Mas o Vidente não seguiu sua descida quando a cidade veio para baixo, vinda do céu no qual está. Você devia ler aquilo assim: que ele viu a cidade Salém em Forma Presente, enquanto ela descia da esfera acima para onde ele estava. É bem óbvio que eu acabo de descrever a você, agora, uma peça elaborada num processo de menores e menos detalhes. Foi, como direi, materializada para a visibilidade na esfera onde foi vista, uma reprodução da Salém permanente, cuja localização está na esfera próxima na ordem acima.

E os Anjos que ele viu nos portais?

Estes são também anjos vivos, mas na Forma Presente; por seu próprio consentimento e cooperação intencional, reproduziram-se com a cidade em si, em réplica.

Uma relíquia da Primeira Cruzada

E qual era o significado da estátua de São Jorge na Esfera Oito?

Foi colocada em resposta aos que rezaram pedindo ajuda aos que foram mandados para o Oriente na Primeira Cruzada. Estava nos jardins de uma colônia de pessoas cuja missão especial era junto a estes Cruzados. Eles erigiram o ideal de um Cavaleiro, como foi concebido pelos soldados da Inglaterra. Não era somente para ornamento. Era sensitivo de uma maneira que não posso explicar a você. Mas transcreverei em palavras assim: que os pensamentos e os apelos que os soldados cruzados endereçavam ao Cavaleiro eram atraídos até aqui, onde eram testados e tratados, como é feito com todas as orações. E o foco deste trabalho era a Estátua do Cavaleiro da Inglaterra.

E agora, para que é usada?

Bem, meu filho, seu uso não está inteiramente no passado até agora. Há ainda alguns destes Cruzados, ligados lá embaixo nas esferas mais escuras. E estes, em algumas ocasiões, ainda clamam por seu Patrono. Tais orações não têm os méritos que alcançam as oferecidas aos que estão nos planos mais altos, e têm menos virtude de poder que um suspiro em Nome do Cristo. Mas são orações, apesar de tudo. E nenhuma oração a Deus, Pai de Todos, ou ao Seu Cristo, ou ao Seu Espírito Operativo, ou ao Seu Príncipe Angélico, é jamais feita em vão.

E São Jorge é uma pessoa real - o Santo Patrono da Inglaterra?

Eu não diria isso, meu filho. Eu o mencionei sem nomes. Mas, se quer, não estarei em falta ao fazê-lo. Mas tenha em mente que Jorge não foi sempre o patrono da Inglaterra. Há outros cujo trabalho era esse, de tempos em tempos.

Este grupo de quem lhe falei, e que erigiu aquela estátua - chamo-a de estátua, mas era mais do que palavras possam traduzir a você - este grupo era o que foi autorizado na Esfera Oito, estando em contato com eles, por aqueles cujo encargo especial nas Altas Esferas era a Inglaterra e a bênção da Inglaterra. Não um Anjo Cavaleiro somente, mas formam um

grupo brilhante, meu filho, e penso que sustentaram o encargo bem regiamente, e não com pouca força de propósito e de habilidade.

Eu avalio este tema justamente, não pensa assim? Bem, deixemos isto de lado. Por Jorge da Inglaterra, ou pelos Cavaleiros de outros nomes, a Inglaterra tem sido muito favorecida em bênçãos. E Amém a isso digo eu, seu narrador Arnel. +

CAPÍTULO IX

O PORTAL DO REINO DE CRISTO

Quarta, 11 de fevereiro de 1920.

Você agora, meu filho, verá o que quis dizer quando lhe contei de como o elemento lúdico e instrutivo, e também de reverência, entram nos exercícios aos quais estas crianças são enviadas. Contarei agora mais um evento, já que sinto em sua mente uma relutância em deixar os campos nos quais estas crianças se divertem tão alegre e docemente. Mas será um no qual o elemento da reverência predomina sobre todos.

Nos prédios do Hall dos Pilares há um saguão onde, quando o número de crianças é grande, nós os agrupamos. É uma grande rotunda. Tem seu domo, e não é aberto, acima, como é o Hall dos Pilares e a Arcada Dourada. Mas o domo não é contínuo nem intacto sobre toda a sua superfície. Há quatro cortes que, saindo das paredes circundantes, sobem para cima e para dentro, e dividem o teto em quatro folhas pontudas. E estas não se tocam umas às outras na parte mais alta no centro acima. Elas chegam a ter uma ponta ponteaguda cada uma, a quatro pés do meio do domo acima. E, sendo de ouro, e não muito espessas, elas ondulam para cima e para baixo conforme as vibrações das adorações sobem ou descem, correspondentes. Elas respondem, como quero explicar, à música da reverência, e tingem com sua ressonância vibrante, e assim somam à sua profundidade de doçura. Pois sobre estas quatro folhas douradas são dirigidas as vibrações mentais dos que estão fora da rotunda, alguns da esfera Sete, próximos ou distantes, e alguns de esferas superiores, para nos ajudar na reverência e para nos abençoar.

Os lugares são dispostos em círculo em torno do espaço aberto que está bem embaixo do meio do domo, e elevam-se até as paredes circundantes, com caminhos em galerias aqui e ali, como muitas construções na terra teriam. Mas no espaço aberto, e algo fora do centro, há um dossel azul, prateado e vermelho, todo estampado de amarelo e verde. Ele está apoiado em cinco pilares feitos de uma liga de bronze. Mas toda a substância é opalescente, tanto o dossel quanto os suportes. É também altamente magnético e de aspecto mutante, tanto em coloração quanto em substância. Eu os vi, em ocasiões, tornarem-se invisíveis em algumas partes, ou totalmente desaparecidos da visão. Então reaparecem novamente ao estado visível, como se suas partículas tivessem estado suspensas na atmosfera e chamadas de volta mais uma vez ao lugar.

Substância Sensível na Esfera Sete

Meu filho, paro para responder a alguma dúvida surgida em sua mente. Não seja curioso em prover aos que indevidamente exaltam o que é material. Transcreva sem hesitação o que lhe coloco em sua mente. Pode ser encarado com desprezo por aqueles que ainda estão imersos profundamente na matéria. Mas há outros que realmente compreendem tanto destes reinos, que não colocarão tudo de lado, mas raciocinarão sobre isso, se talvez puderem receber instrução sobre quais leis dominam isto que, para nós, é como é a matéria para vocês.

A substância das coisas nestes reinos é de conteúdo mais vivaz que na terra. É menos inerte e mais próxima de uma sensibilidade que vocês vêem na vida vegetal. Tanto é assim

que, sem dúvida, é capaz de responder às vibrações de nossas vontades, assim como tornar-se dotada com o que na terra estaria na vida animal e quase de movimento consciente. Resume-se em se dizer que, ao habitante da terra, vendo alguma de nossas operações com a substância básica desta esfera, ele certamente gritaria “Está vivo!” Não é assim nas Esferas próximas da Terra. Falo agora da esfera Sete somente.

Agora, estando as crianças agrupadas ali, tudo estava pronto. Portanto, dos quatro portões colocados nas paredes correspondentes às quatro folhas no domo acima vieram seus professores, em torno de cem, mais ou menos. Eles foram ao espaço circular e fizeram uma roda, olhando para fora, em direção às crianças.

Quando tomaram suas posições desta forma, veio e ficou embaixo do pálio sua líder, uma mulher, e perto dela ficou Wulfhere. Wulfhere já lhe contei quem é. Como deveria contar-lhe desta outra? - O Anjo-Mãe das Crianças da Esfera Sete?

Desculpe-me, Arnel. Sentaremos novamente amanhâ.

Terça, 12 de outubro de 1920.

UMA INTERRUPÇÃO DAS MENSAGENS:
NOTA EXPLICATIVA, pelo Reverendo G.V.O.

Antes de reassumir meu trabalho sinto-me na obrigação de explicar por que as mensagens cessaram tão abruptamente em 11de fevereiro.

O nome do Anjo-Mãe das Crianças foi dado a mim como sendo “Afrelda”. Eu me recusei a transcrevê-lo, já que duvidei de sua autenticidade. Pensei que o meu processo mental estivesse interferindo e tivesse se imiscuído entre meus comunicadores e minha mão.

A razão de minha dúvida foi esta: O nome “Afrelda” é aquele pelo qual conhecemos a mãe de minha esposa, que havia passado para lá há uns quinze anos atrás.

Eu não acreditava que ela pudesse ter atingido tão alta posição quanto a mensagem parecia querer dizer.

Eu, portanto, interrompi as comunicações com a promessa de sentar-me novamente na noite seguinte.

Eu mantive esta promessa, mas nada aconteceu. Então resolvi suspender as sessões conjuntas, a menos que, e até que, recebesse uma solução satisfatória deste obstáculo.

Foi somente algumas semanas mais tarde que uma tentativa para lançar luz neste tema foi feita com sucesso. Outras se seguiram, e, como estas foram anotadas em nosso livro de anotações de nossas experiências, não é necessário que eu as coloque nesta nota. É suficiente dizer que finalmente eu estava inteiramente convencido de que o nome “Afrelda” estava corretamente dado e, minhas dúvidas quanto ao tema estando devidamente esclarecidas, eu então, estando de acordo com várias intimações dadas a mim através de minha esposa e outros, resolvi sentar-me para as mensagens durante este inverno, como fiz no último.

G.V.O .

Quinta, 14 de outubro de 1920.

Afrelda, Anjo-Mãe

Se Wulfhere era a força e o poder incorporados, então esta outra era a doçura incorporada. Ela emanava para a atmosfera um sentido de graça, perfumado com humildade e santidade. Enquanto ela ficou no Pavilhão, ele primeiramente tomou uma forma de maior solidez pelo contraste com a sua delicadeza, pois ela aqui, e não Wulfhere, dava o tom dominante ao seu ambiente. Mas, aos poucos os pilares e o dossel acima absorveram estes fatores ambientes em sua substância, e tornaram-se mais translúcidos que antes.

O nome desta outra era Afrelda. Sua face era mais oval e de matiz mais clara que a de Wulfhere, e seu cabelo era de um castanho mais claro, e também era talhada com menos seriedade. Ela era de compleição mais leve e um pouco mais baixa em estatura.

Enquanto elas ficavam ali em silêncio, o círculo de mulheres, mãos cruzadas no colo e olhos velados, entraram em êxtase pela meditação. Então lentamente elevaram-se do chão até que ficaram acima do dossel. Então vagarosamente dividiram-se, até que formaram-se três círculos concêntricos em cima, e o menor em diâmetro foi disposto exatamente sobre o Dossel. Conforme sua disposição tomou esta tripla forma, suas roupas mudaram de coloração. O círculo maior era dourado, o do meio prateado e rosa, e o mais baixo azul.

Isto feito, Afrelda elevou sua mão, e as crianças começaram alegremente uma música e, conforme cantavam, ali formou-se sobre os três círculos uma nuvem de luz tinta de rosa que, subindo, tocou as folhas douradas acima, que vibravam em resposta à melodia e lentamente elevaram-se como pétalas de uma flor aberta à carícia do sol, até que ligeiramente curvaram-se para dentro, deixando um espaço aberto sobre a Arena abaixo.

Então outra nuvem flutuou sobre o anel dourado e ficou sobre as cabeças das mulheres até que, pela concentração, pareceu ficar sólida, e uma plataforma foi feita.

A cidade dourada

Sobre esta, as crianças, observando, viram uma cidade, modelada em forma circular e feita da substância ouro, vagarosamente emergindo à visibilidade. Havia torres e muros e portões e amplas avenidas, uma cidade completa.

Agora esta cidade estava quase sólida no aspecto, e mais propriedade era inspirada a ela, até que permitiu que ficasse translúcida de tal forma que as paredes não eram mais obstáculo à nossa visão. As crianças abaixo podiam ver em detalhes tudo o que havia dentro. Perto do centro da Cidade havia um enorme espaço aberto no qual uma grande fonte jorrava coloridas águas. Estas águas, passando pela base, misturavam suas cores e fluíam para as ruas e caíam pela plataforma circular numa chuva dourada.

Eu era testemunha de tudo isso, ao tomar meu lugar numa porta de um dos corredores-galerias atrás, onde as crianças estavam cantando seu hino de alegria. Então eu as observei, e digo-lhe, meu filho, como aquilo me parecia, do meu ponto de vista de observador.

Esta correnteza dourada saindo da plataforma transformava-se em nuvens de garoa que flutuavam sobre as crianças, caindo sobre elas como uma chuva de orvalho. Era de natureza muito dinâmica, e o efeito de seu contato sobre as crianças era para elevá-las em suas aspirações e também sublimá-las corporalmente.

Outro fator entrou em ação e teve o efeito de recondensar a garoa, mas agora não mais como substância líquida, - como poderia dizer? - contraiu-se até que formou duas calçadas de material elástico e vibrante, porém forte e coesivo, que veio de duas saídas da ampla rua que atravessava a Cidade, indo da Fonte central e saindo do outro lado nos portões mais largos.

Assim estes caminhos em galeria esticaram desde o lado oposto da plataforma onde estava a Cidade, assim como sua base, até bem na arena diante das crianças em círculo.

Eu estava muito interessado em ver o que sucederia, e também as crianças. Mas algumas das mais velhas, como pude observar em suas faces, traíam o fato de que já tinham sido escolados nesta parte do que participariam. Estes irradiavam sua alegria pela surpresa e maravilhas que apareciam na face dos menores, ficando orgulhosos, sem dúvida, de sua superioridade em sabedoria e idade. Eles amavam proteger os pequeninos, e notei que os meninos não eram menos ávidos por este prazer que as meninas.

Muito bem. O que sucedeu foi isto. Afrelda deixou o Pavilhão e veio até o fim de uma destas calçadas inclinadas, então notei que havia com ela também outra mulher, a quem eu não havia visto antes. E para o outro caminho-galeria vieram duas jovens mulheres e tomaram seus lugares aos pés da subida na Arena. Então as quatro começaram a subir e, conforme subiam, as crianças ficaram em filas atrás delas e seguiram-nas para cima, através dos dois grandes Portais da Cidade.

Uma nova aparência de distância

Preciso parar por aqui para explicar algo, se for capaz. Repare, meu filho, tudo isso foi encenado na Esfera Sete, como numeramos as esferas nestas mensagens. Agora o elemento básico da matéria terrestre é o éter, como vocês o nomearam. Mas a substância básica da qual a matéria da esfera Sete é feita é de uma textura muito mais sublimada, e tem propriedades de manipulação que não entram na matéria do universo de vocês. Assim aconteceu que, embora toda a Cidade ficasse espacialmente dentro do Hall, tinha propriedades de distância que eram bem reais, mas não normais naquela esfera. Eles ficaram infusos numa esfera superior que também dera gênese à Cidade em si. Bem.

Então, as crianças, entrando na ampla avenida e continuando em direção ao Espaço da Fonte, apresentaram-se à minha visão, enquanto isso fiquei na galeria perto da parede do prédio, e uma aparência de distância foi aumentando sempre, à medida que eles continuavam afastando-se de mim. Eles ficaram visualmente menores, exatamente como seria se tivessem se afastado milhas em campo aberto. Vejo que a palavra “ilusão” toma forma em sua mente. Mas, não, meu filho, não é bem o que você entendeu como ilusão de óptica, a qual gradualmente depende da lei da comparação. Não foi isso; foi uma qualidade não normal da Esfera Sete que desceu sobre os que estavam nesta esfera, transmutando-os na aparência de seus corpos até uma condição não normal a eles ordinariamente. Sinto muito, meu filho, não posso atingir mais porque não tenho registro mental armazenado em você para que pudesse acomodar meu propósito.

Transmutação espiritual

Então a dupla procissão encontrou-se no Espaço Aberto na Fonte e, misturando-se, passou como uma só coluna pelo portal de um grande prédio. Era muito belo este Templo, muito brilhante com as luzes das esferas acima e, portanto, mais brilhante que todas as coisas em torno. E sobre o portal através do qual a procissão passou estava escrita a legenda de seu propósito, isto é, “O Portal do Reino de Cristo”.

Li isto e entendi então o significado de tudo o que tinha visto. Estas crianças foram chamadas juntas, foram borrifadas com a garoa dourada de Sua graça para condicioná-las para a Sua Presença, e agora foram para a Sua Esfera para prestar a Ele sua reverência, e para receberem d’Ele Suas bênçãos.

E certamente foi assim como escrevi, já que a Cidade toda, gradualmente, reassumiu sua condição de invisibilidade e saiu de minha visão com todas aquelas mulheres e crianças, e ninguém mais era visto.

Você quer dizer que o Grande Hall, no qual eles estiveram, era uma espécie de vestíbulo para a esfera do Cristo?

Eu não diria desta forma, meu filho. Preferiria dizer que foi uma espécie de veículo de transmutação. Não fui com eles, subindo aos céus acima. Eu, então, não digo transporte, mas transmutação. Porque ele desapareceu de minha vista e, isto feito, eles também não mais foram vistos. Eu sabia que seu condicionamento para o ambiente da esfera do Cristo começara na Rotunda, foi completada no templo diante do qual a Fonte jorrava. Aquela Fonte, como outras que conheço nas diferentes Esferas, tem sua fonte na esfera do Cristo, e era carregada com Sua graça e poder.

E como as crianças e suas líderes voltaram para a Esfera Sete de novo, Arnel?

Vieram ao longo de um dos rios que atravessam a atmosfera destas esferas.

Imagine um canal, ou um rio, de um líquido correndo através de um fluido como o cinturão da atmosfera sobre a Terra. Há uns condutos de substância feitos mais densos que a atmosfera dos Céus por precipitação. Estes são feitos e dispostos por certos estudantes de química nas Esferas mais altas conforme aparece uma ocasião. As crianças foram mandadas para casa em barcos ao longo de um destes rios, e aportaram em um lago da Esfera Sete aonde dava este rio. Lembre-se, eles eram crianças, muitos um pouco maiores que bebês, e a eles foi dado o que mais lhes agradaria. Eu os vi em sua chegada pela água e testifico a você, meu filho, suas faces gorduchas estavam iluminadas por sorrisos. Eu tinha como ter uma idéia de suas aventuras, já que muitas correram para mim gritando sobre seus fatos maravilhosos e de muito deleite.

Mas todos tinham um semblante recatado em amor e reverência quando falavam da maior de todas as belezas e maravilhas. Pois eles tinham visto a Criança em Sua Própria Casa.

Terça, 19 de outubro de 1920.

Austeridade, beleza e doçura

Lá, naquele grande espaço, ficou comigo mais alguém deixado de lado. Wulfhere sentou-se no degrau do Pavilhão, silenciosa e em profunda meditação.

Não me aproximei dela, não; confesso a você, meu filho, eu também estava muito extasiado pela beleza do que tinha acontecido desde que entrei ali.

A inocência e a doçura destas queridas crianças foi acumulada na pessoa de seu Anjo-Mãe, e tudo se dissolveu da substância para a memória. Para os que são como eu, a conversação virginal estava entre estas pequeninas flores de Reino do Senhor Cristo; era como o tocar de uma oitava da harpa de algum grande anjo, e meu lugar no diapasão mais profundo parecia não combinar com suas belezas mais etéreas em harmonia. Sua música soava lá em cima, a minha era básica e agregada a alguma escuridão das esferas mais baixas em seu timbre mais sombrio.

E contudo, meu filho, ninguém é mais belo apenas pelo contraste com alguém, mas por atingir tonalidades pela mistura. Isto pelo menos me conforta, por causa de minha idade mais avançada. E uma coisa mais, um homem bonito é uma alegria para aqueles que observam seu semblante, mas a prata precisa ser muito bem polida, para que sempre seja possível observar prazerosamente seus atrativos plenamente. E assim é com estas pequenas ovelhas de nosso Pastor. Os de mais idade podem gostar de levar em conta sua doce ternura, enquanto que eles mesmos nem percebem o quanto doces e ternos eles próprios são.

Sua mente não se apresenta plácida com as minhas palavras, meu filho. Mas saberá um dia que nós, que descemos às profundezas para fazer o recolhimento de almas, não o fazemos sem nos ferir. Preste bem atenção a isto, para saber que nossas feridas têm ainda uma beleza própria. Nós que tivemos ferimentos na grande batalha e aqueles pequenos cujas feridas são luz ou nenhuma, somos Ele em Sua variada riqueza de conteúdo espiritualmente. Eu O vi Criança, e O vi como o Real Capitão nos confrontos com os poderes das sombras dos

mais profundos infernos, austero e inflexível, e muito grande em Seu papel, e não sei em que desempenho Ele era mais magnífico. Sim. Ele é para elas e para nós como Um. Bem.

Mas agradeço a você, meu filho, pois aquela sombra de tristeza toldou seu espírito quando respirei no espelho de sua mente com o hálito de meu suspiro por um momento. Era um tributo de seu desabrochado amor por mim, que amadureceu pelos tempos em que estamos conversando juntos assim. Deus o abençoe, gentil amigo, pela sua bondosa simpatia.

Asas douradas vibrando

Mas não nos alonguemos nisto, meu filho. Porque há trabalho a fazer, e o trumpete rompe o véu e permite ver as esferas abaixo, e devemos ir para lá, já que há trabalhos sobre quais devo lhe contar; pois esta é a pauta que me foi dada no Conselho. E eu a aceitei, devo cumpri-la.

Basta apenas que eu não seja lento neste tema. Pois lá estava Wulfhere, aquela rainha indômita de rara força, sem dúvida tecendo pensamentos tão desanimados quanto os meus.

Mesmo assim, entretanto, ela se levantou e chamou-me para perto, acenando suas mãos. Quando me aproximei, ela apontou para onde as quatro folhas ainda estavam levantadas, deixando o espaço exterior exposto aos nossos olhos.

E ela disse, “Bom Arnel, elas são muito encantadoras, estas grandes asas douradas vibrando ali como se fossem levantar e flutuar na companhia de quem, há pouco, esteve movendo seu brilho amplo com a emoção de sua música alegre; penso que são muito lindas, estas aqui.”

Logo percebi que sua mente não estava focada na visão daquelas folhas, mas alcançava um raio mais distante. E pausadamente chegou a isso, pois disse, “Mas, meu amigo, poderia bondosamente olhar adiante e dizer-me se os vê, aqueles pequeninos, e suas madrinhas, onde estarão eles com seu encanto? Você os vê, Arnel, e o que estão fazendo onde estão agora?”

Mas eu não pude ver nada. Realmente olhei para cima através do buraco acima e penetrei nos espaços afora, esforçadamente. Nada pude ver, e eu disse isso a ela.

Maternidade agitada

“Não,” respondeu ela, mas falando mais para seu próprio coração que de fato para mim, “Não, estivemos misturados demais com os afazeres nas trevas e nas tarefas sobre a Terra e estes reinos exteriores do Reino, este é o porquê. Mas aquilo de materno em mim, que me agitou nas épocas idas e passadas, ainda está em mim. Meus próprios bebês estão crescidos e têm limpado poderosamente, para cima e para baixo, as profundezas daquelas vastas regiões entre as extensas constelações nos confins do espaço. Não tenho mais pequeninos como estes mais, há tempos. Mas meu colo está pronto para aconchegar cabecinhas castanhas claras, e estas minhas mãos que romperam férreos poderes muitas vezes, abraçá-los-iam profundamente, muito carinhosamente. Bem, bem, um dia meu atual trabalho concluirá por estas mesmas mãos, e então talvez um descanso ser-me-á dado, e terei para mim um bando destes pequeninos, então...“

Ela não terminou seu discurso. Ela continuou num tom monótono e depois ficou em silêncio. Em sua face estavam os sinais de quem sofreu, mas de quem, enquanto sofreu, mesmo assim comandou. Sim, era régia em qualquer coisa em que tocasse as mãos. Mas agora, enquanto estava ali, silenciosa, tive um relance de Wulfhere, a mulher, em seus anos virginais de juventude, saudosa do doce instinto feminino da maternidade em seu coração. E era uma mulher muito adorável a que eu estava vendo. E contudo, quando o filme das épocas passadas saiu de diante de sua face e ela tornou-se mais uma vez Wulfhere, a líder e a realizadora de tantas coisas, pensei o quanto graciosa ainda era.

00000..oO0Oo..00000

SEGUNDA PARTE

OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU

CAPÍTULO I

O poder de Wulfhere subjuga uma rebelião

Quarta, 20 de outubro de 1920.

Penso que não eram menos de dez mil, ou aproximadamente isso, o número dos que se agruparam abaixo das escadas diante da Casa das Ordens. Wulfhere tinha seu posto sobre o topo da escadaria, e esperava enquanto chegavam a algum acordo, pelo qual poderiam apresentar diante dela seu apelo comum. É assim na Esfera Três, já que aqui não estão completamente afastados das influências da terra, estando apenas dois estágios adiantados além dela, e este avanço não é tão grande para resultar em um acesso a um poder maior para educar certos elementos de fraqueza. Não é apenas um progresso para frente, mas uma preparação para o tempo em que o chamado lhes seja feito para seguirem em seus caminhos.

Assim, é por isso que a Esfera Três é dividida em muitos departamentos de pessoas, cada um com uma linha especial de treinamento. Muitos dos que são admitidos nesta esfera precisam passar por muitos deles, e alguns por todos eles. É a esfera que ainda é muito sensível à terra e aos pensamentos dos que ainda lá estão encarnados, porque, primeiramente, é pouco afastada; em segundo lugar, muitos desta esfera têm amigos ainda na vida terrena. Entre estes e aqueles há muitos sentimentos correspondentes, apesar de que nem são muito claramente capazes de entender a causa de tal efeito, nem onde nem como chegam a eles.

Bem, em um destes departamentos Wulfhere foi colocada, e esta Casa das Ordens era de onde os direcionamentos eram enviados como obrigações a serem cumpridas por aqueles daquela colônia em particular. Mas nem sempre estavam contentes em levar adiante tais tarefas que lhes foram dispostas, e aqui estavam, neste momento, dez mil deles para nos dizer por quê.

Sua Senhora estava sozinha no topo da escada, e nós do grupo, em número de vinte e um, estávamos juntos abaixo do pórtico cujas arcadas uniam-se acima de nós, mantendo-nos afastados de alguma forma, não sendo vistos pela multidão.

Reclamação e desafio

Finalmente ela lhes falou desta maneira:

“Agora que se aquietaram um pouco, minhas crianças, eu gostaria de conhecer a sua parte e, quando acabarem, tentarei ajudá-los. Contenham-se portanto, enquanto estes tentam dizer-me o que está errado.”

Então ao topo da escadaria veio um alto e agradável homem, e ficou ali por uns momentos, afastado de seus companheiros. Depois disso, levantou a cabeça e falou com ela.

“Nós viemos até a senhora para colocar o que sentimos estar, não só errado, como também injusto. O que sentimos estar errado é que a senhora, uma mulher, seja colocada acima de nós que não estamos acostumados a uma liderança como a sua, porque temos seguido a liderança de homens, e também de homens que foram eleitos por nós para nos liderarem e, mais ainda, para nos liderarem no caminho que nós mesmos indicamos. Esta é a nossa reclamação em primeira forma. É o que chamei pelo nome de ‘erro’.

“A injustiça que atenta dolorosamente nossa paciência, madame, é que não fomos escolhidos para melhores locais. Isto não é uma reclamação justa de todos nós, porque há alguns aparentemente ainda não ajustados para serem elevados, nem pela extensão de trabalho, nem por terem atingido qualificações no trabalho deste reino. Mas a maioria de nós está bem ajustada e muito merecedora da promoção, e esta é a nosso clamor a respeito de injustiça, e esta é a nossa reclamação.”

“Penso,” disse Wulfhere, “meu pequeno, que você...“

Mas ele cortou rapidamente suas palavras e disse, “Não quero trocar palavras com você, você sendo uma mulher, madame, mas protesto por assumir sua maternidade em relação ao meu comportamento. Não sou *seu pequeno*, madame, e peço que me trate como o delegado escolhido destes meus camaradas que não podem obter o que gentilmente viemos pedir-lhe. Não sabemos quem a colocou aqui, nem de onde veio. Mas quando nosso Senhor Shonar nos deixou, descobrimos que você tinha sido colocada na Casa das Ordens. Portanto, é por isso que viemos a você, esperando falar claramente. Mas somos homens maduros e capacitados, e com vontades todas nossas para usarmos. Se conseguirmos o que queremos por sua vontade, tudo estará bem. Se escolher não nos ouvir...”

“E se eu escolher não ouvir, sim?”

“Madame, peço sua resposta, e espero que elabore esta resposta sabiamente.”

“Responderei a você, meu pequeno,” disse ela, “ e eu não uso o termo de forma indelicada. Você é o delegado de seus companheiros aqui, e é um dos mais fortes de todos. É por isso que escolheram você para falar comigo. Sua força de vontade e de mente não é pequena, e isso é bom. Mas você as usa com falta de humildade. Pelo seu próprio bem, mas mais pelo bem dos que estão atrás de você, a quem você está enganando, é necessário que eu lhe mostre o limite de seus poderes.

Uma criança que precisa de liderança sábia

Ele ficou parado. Mas ela olhava para baixo, diretamente sobre ele, nem seriamente nem brava, mas quase casual. E, contudo, eu logo vi sua face ficar intranqüila, e uma sombra de espanto passando por ela, e então um leve tremor de medo. Então, ele subiu os degraus, um por um, muito lentamente, e finalmente posicionou-se diante dela.

Ela então falou às pessoas, “Meus pequenos,” disse, “se eu os chamo assim, vocês têm o direito por sua vez de saberem que tenho força para governar vocês, e guiá-los como uma mãe poria ordem em sua família de bebês. Este homem é o seu líder escolhido, e nisto mostraram sabedoria, porque realmente ele é o maior entre vocês todos. Mas ele não está, de jeito nenhum, ajustado em todas as partes. Eu, portanto, vou mostrar a ele e a vocês que ele é

para mim, como vocês são, uma criança que necessita de liderança sábia para que possa seguir seu caminho sem infortúnios."

Então ela se voltou para ele e colocou suas mãos em seus ombros e, assim que fez isso, ele se tornou mudado em seu aspecto. Seu cabelo ficou branco e seus joelhos começaram a falhar. Suas roupas ficaram de um tonalidade pálida, e seus olhos parados e com olheiras. Ela tirou suas mãos e falou a ele, sem deixar de ser gentil, "E agora, meu pequeno, considera-me forte e poderosa, e seguirá minha orientação?"

E numa voz fraca ele disse, "Madame, a senhora é o que diz ser. Ajustada para nos liderar. Mas não a seguirei por sua ordem. Reconheço a mensagem de sua mente sobre mim, madame, irei para onde me aconselhar ir, madame."

"Agora, minha criança, você tem em si mais doçura e mais dignidade do que tinha quando veio falar a mim com mais palavras e menos sabedoria. Você já vê que é bom que trilhe o caminho que já fez mais uma vez, mas desta vez mais cuidadosamente. Por esta razão seu progresso será acelerado. Portanto, de coração, vou mandar-lhe minha vontade e de meu poder, e quando vier novamente a mim, será capaz de me ajudar no governo destas pessoas, e valorizarei seu serviço."

Ele ajoelhou-se diante dela, e ela impôs suas mãos sobre sua cabeça inclinada com longos cabelos grisalhos. Então ele a deixou, e andando vagarosamente, e quase parando, desceu as escadas, passou pela multidão que se abriu à sua passagem em jornada para a Esfera Um, para a qual ele fora reduzido em suas condições.

Você vê, meu filho, ele não podia ficar na Esfera Três estando condicionado ao ambiente da esfera Um. Portanto, por sua própria vontade, partiu.

Um toque de magia oriental

É um conto bem estranho, não é, Arnel? Tem um toque de magia oriental. Não acha?

Meu filho, você tem razão. Mas desta mesma mágica eu lhe direi:

Havia, e há, certos poderes que os países orientais sabem usar. Mas tais contos de magia, como transformar um homem num animal, ou o outro fim em primeiro lugar, ou o envelhecer de um homem, ou o tirar idade de um velho para que se torne um belo jovem, estes eles não fizeram, e não fazem, na carne. São versões dos homens, e das mulheres também, das faculdades psíquicas que traduzem para a linguagem da paisagem do Oriente que coisas foram mostradas a eles lá. É a mágica das esferas que fala, e fala na linguagem de palavras com as quais estão familiarizados.

Vejo o que quer dizer. Mas ainda está em dúvida. Bem, meu filho, a palavra "magia" foi sua. Eu preferiria outra palavra como "processo" ou "ciência". O que lhe repassei não é sempre feito com colocações tão dramáticas. Foi necessário, neste caso, como uma lição para uma multidão de pessoas de alguma forma vãs e descontentes, imaturas na sabedoria que lhes cabia pela idade. Mas, apesar de excepcional, ainda assim não é raro que um homem seja rebaixado de volta para uma esfera para, desta forma, fazer um avanço mais seguro. Isto é especialmente verdadeiro nas primeiras três esferas, onde freqüentemente se misturam numa esfera acima de seu ambiente normal. É permitido que seja assim, como aconteceu com esse, por ser a melhor forma de ensinar a necessária lição quando são vãos e teimosos como ele era.

Este é o ir e vir de tudo, meu filho, - um processo da ciência das esferas - um processo da ciência das esferas, neste caso atado pelas algemas do ator aos olhos daquela multidão que pôde aprender dessa forma, onde o raciocínio amplo teria sido em vão.

Quinta, 21 de outubro de 1920.

Dor, a faca do cirurgião

Dos eventos acontecidos eu tenho uma lembrança vívida, já que foi um dos trabalhos nos quais a faca do cirurgião foi introduzida rapidamente. Ela tem duas pontas, uma para a doença e uma para o curandeiro.

Wulfhere falou a eles quando seu líder já havia partido. Ela disse, “Nas esferas mais altas, minhas crianças, a sabedoria é de tal qualidade que capacita o líder e os seguidores a trabalharem em harmonia. A dominação do líder não é percebida, já que ambos estão sintonizados, um ao outro, em amor e confiança. Mas aqui vocês têm pouca evolução nesta mesma sabedoria que é necessária para que o comando e a obediência sejam definidos e pronunciados. Vocês têm necessidade, nem tanto de uma liderança de um Capitão em Armas, mas dos cuidados do coração forte de uma mulher. É por isso que fui escolhida e mandada a vocês. Se perguntarem quais seriam as minhas qualidades para tal tarefa, responderei de boa vontade. Estou diante de vocês agora como uma simples mulher. Mas tenho em minha idade séculos de trabalho extenuante aqui e acolá no universo.

“Há muito tempo fui mãe na terra, como algumas de vocês foram recentemente. Desde então tenho dado pouca importância em atender aos pensamentos tão cheios de ternura como os que preenchem o coração de uma mamãe. Mas há pouco isso voltou em mim novamente - minha anterior maternidade, e agora entendo quão profundo dentro da rocha é construído este estado tão doce - a maternidade. Fui a virago - pelo amor às almas, mas sou, como percebo agora, mais mãe que qualquer outra coisa. E essa, como reconheço, é a razão de minha missão aqui entre vocês.

“E agora, minhas crianças, convido-os a confiarem no amor de mãe e na minha sabedoria, e farei o melhor por vocês para que possam seguir adiante para a luz radiante além destas colinas que limitam seu atual reino.

“E seu treinamento tem algo de dor, saibam que cada mãe também entende da dor que sua criança sofre, já que desde a chegada delas a dor torna-se para ela uma coisa sagrada, uma oferta de amor à criança que está a seu cuidado.

“Fiquem parados, meus pequenos, e façam silêncio um pouco de tempo, e entenderão melhor o que lhes digo e um pouco da doçura que está na dor.”

Mergulhando no passado

O que se seguiu, eu vou lhe contar como foi sentido por estas pessoas, e então contarei a causa intrínseca de tudo.

Eles estavam muito tocados pelo poder exposto por Wulfhere sobre o mais forte entre eles, a quem haviam elegido seu líder. Estavam, portanto, a ponto de render reverências a ela, e fazer o que ela dissesse a eles. Também ela não contou vitória sobre o delegado deles, mas falou firmemente a todos, mas ainda com alguma humildade diante deles, e certamente com calma e sabedoria. Todos eles, portanto, exceto alguns rebeldes, tomaram as palavras em seus corações e inclinaram suas cabeças em silêncio.

Estes que ainda estavam rebeldes deram sinal dos poderes misteriosos que desceram sobre a multidão. Eles começaram a bater suas cabeças, ou sair de seus caminhos sem permissão, ou ainda alguns começaram a gritar seus desafios contra aquela influência que sentiam sobre eles.

Repentinamente, todos estes ficaram parados e mudos. Ficaram parados como muitas estátuas entalhadas no meio da multidão, tolhidos da fala e do movimento e dominados por um sono profundo. Nenhum de seus vizinhos notou isso, já que cada um estava interessado em sua própria introspecção.

Em seguida, um e outro lamentaria como se uma faca tivesse sido espetada neles. Um choraria, “Ah, minha esposa, e ah para mim, que a tratei tão duramente.” Outro, “Mas, meu bebê, você vai olhar para mim com pena quando nos encontrarmos, não vai? Não fiz com você o que deveria ter feito como mãe, meu pequeno, mas ai, meu coração de mãe está agora rasgado e sangrando, até que me chame de mamãe mais uma vez em minha aflição, meu bebê, bebê meu.” Outro, “Se eu vier a tratá-la assim, coração querido, para pô-la de lado quando aquela face, que eu pensava ser mais limpa que a sua, parecia amor líquido aos meus olhos. Não, a luz neles e nos meus não foi acesa pelo amor dos céus, mas pelo reflexo dos infernos. Mas, agora, você se lembre de nosso velho amor, e esqueça todas a coisas, doce pedaço meu, e diga que não me prenderá ao seu desprezo.”

Outro, “Se eu pudesse mudar mais uma vez o curso de minha jornada da terra... Pensei que era bom metal, o ouro, e que valia a pena lutar por ele; sim, lutei a luta do homem pelos seus pertences, e vi que não valia a pena, nem pelo que uma criança pudesse usar para seus trocos em seus jogos do jardim da infância. Fui um idiota, e idiota sou, mas, sabendo disso, sou menos idiota hoje. Deus me leve para algum lugar a serviço de meus companheiros, dos que pensei em governar com o que para mim era de tão grande valia.” Outro da mesma forma, “Mas onde achei tudo isso, quando vim para cá? Não, não eram mais meus, todos aqueles campos e suas construções e casas, eles evaporaram transformando-se em nada, e fiquei sem propriedades ou chalés em meu nome. Hoje sou um pobre homem, por ter tido aquelas coisas. Atrapalhei a tantos, e a mim não menos, no final das contas.”

O fruto da busca amorosa

Assim se seguiu, eles murmurando tais frases, enquanto a muitos uma lágrima, ou a outros um soluço, testemunhava a angústia dentro deles que, preenchendo seus corações, não deixavam espaço para mais nada, mas explodiram desta forma, numa expressão exterior. Mas ninguém ouviu ou cuidou de outro em sua busca, já que cada um tinha o que fazer para que pudesse sustentar seus próprios assuntos nestas relembranças.

Depois de muito tempo, Wulfhere falou-lhes. Ela disse, “E agora, meus pequenos, eu os chamo de volta do passado, onde estiveram semeando o trigo para a presente colheita. Bem, prometo que terão bons frutos em suas mãos. Mas façam seus caminhos agora, para suas casas, e pensem mais naqueles que sofreram pelos seus erros, e então nos encontraremos novamente para um conselho mais tarde. Vocês não ficarão sem resposta enquanto prestarem reverência ao silêncio, pois os que lhes concernem serão certificados de suas necessidades, e trarão conforto a vocês. Mas poucos de vocês vão ouvi-los ou vê-los, mas farei isso por vocês, por isso sejam diligentes em manterem-se de mente clara e sejam bondosos aos seus companheiros.”

Assim eles se foram em silêncio para suas casas e deixaram a vontade de Wulfhere estar sobre eles na Casa das Ordens. Pois agora acabaram de acreditar que ela era capaz de fazer o que prometera que faria.

Atrás das cenas

E agora, meu filho, contarei o significado intrínseco deste fenômeno. Houve três grupos no Pórtico da Casa. Cada um tinha seis, com seu líder, homens e mulheres. A um sinal de Wulfhere, nós nos movemos, pois a nós foi dado saber o que tínhamos a fazer, e cumprimos silenciosamente, sem nenhum movimento.

Começamos por mudar nosso condicionamento, da Esfera Três para o da Esfera Cinco. Por esta operação, tornamo-nos invisíveis a esta multidão, e também ficamos capazes de entrar mais facilmente em seus íntimos, os mais altos. Desta forma invisíveis, um Sete avançou para o topo da escadaria e ficou em fila; outros dois Setes foram em direção à multidão e circundaram-na pelos três lados.

Assim posicionados, cada um selecionou um homem ou mulher cuja alma parecesse oferecer campo apropriado para um ou outro de nossas variadas personalidades. Rapidamente escolhemos as faltas que ainda estavam amarrando seus pés e fazendo-os parar na rota do progresso. Isto feito, mandamos prontamente um jato de luz para aquele local. Esta luz não era da Esfera Três, mas da esfera Cinco. Era, portanto, muito pungente, e deu-lhes uma punhalada de dor aguda. O efeito, entretanto, foi instantâneo, e podia ser testemunhado externamente pelo olhar em suas faces, e freqüentemente, como lhe contei, por alguma confissão íntima e murmúrios de arrependimento. Fomos de um a outro, e nossas operações foram conduzidas com grande rapidez. Portanto, em pouco tempo tínhamos tocado todos eles, e nosso trabalho estava pronto.

Isto foi difícil de explicar a você com precisão, meu filho. Contei de forma que entendesse?

Penso que sim, Arnel, obrigado.

Sim, penso que entendeu, conforme estou vendo em sua mente, sob o meu ponto de vista. Você vê, meu filho, da mesma forma com que lidamos com a multidão, assim lidamos com você, no essencial. Trabalho diretamente em sua mente, estando, desta forma, em vantagem, isto é, posso chegar a você desta esfera interior.

Agora devo lhe dizer mais uma coisa, e então meu conto estará completo.

Assim no céu, como na terra

Aqueles rebeldes foram deixados, um aqui, outro lá, quando a multidão se dispersou.

Quantos ficaram?

Algo como vinte e dois de todos eles. Destes, penso que a metade era de mulheres. Ficaram ali, parados e inconscientes. Assim os pegamos como estavam, e os levamos para a Esfera Um. Ali procuramos pelo delegado que chegara antes, e os entregamos a seu encargo, para ensiná-los e conduzi-los de tal forma que, quando chegasse a hora, pudessem ser readmitidos na Esfera Três. Ele ficou grandemente comovido por esta primeira marca de nossa confiança nele, e está fazendo seu trabalho muito bem. Também, ele mesmo está aprendendo tão bem que um dia será um grande líder, acho.

Uma palavra minha a mais, meu filho, e está pronto. Eu lhe falei de uma série de acontecimentos da vida espiritual, e da parte que tomamos nela, nós, socorristas de esfera mais alta. Eu lhe contei isto para lhe mostrar as condições de vida aqui obtidas, onde um dia também você será colocado a servir a seus companheiros. Mas eu tenho outro objetivo para minha narrativa. Tanto acima, quanto abaixo. Nós não fomos vistos por aqueles aos quais enviamos nossa influência, para ajudá-los. Da mesma forma lidamos com vocês que ainda estão em seus caminhos na vida terrena. Quando vocês estão em grupos, lidamos com vocês desta forma, e quando estão sozinhos, em silêncio, também. Tanto fora quanto em casa, cuidamos muito de você e mantemos vigilância. E como lidamos com estes, assim fazemos diariamente com vocês.

CAPÍTULO II

O HOMEM E O SEU AMBIENTE

Quinta, 28 de outubro de 1920.

Esta mesma Esfera Três é aquela para a qual tantos de vocês vêm tão logo passam pela morte, e seria talvez de muito interesse de vocês se eu pudesse explicar algo mais com detalhes concernentes a ela.

Primeiramente a razão pela qual passam diretamente para a Esfera Três, e tantos mais atravessam pelas duas esferas abaixo rapidamente para esta.

Considere a Terra como é presentemente constituída e condicionada. A respeito do planeta Terra, você tem muitas fases de beleza e de feiúra dispostas; também há partes nas quais estes dois termos não se apresentam na totalidade. Nós devemos encontrar outros termos para serem usados, tais como ferocidade, grandeza, solidão, e os semelhantes. Seus filósofos admitirão que todos os efeitos são perfeitos espelhos de suas causas peculiares. Bem. Então estes efeitos fenomênicos, nas condições cênicas do planeta, devem ter causas apropriadas para as condições que exibem.

Ondas mentais produzem o átomo

Estas causas não são encontradas nos fenômenos, nem entre eles. Eu diria que não são encontradas dispostas. E contudo estas mesmas causas estão nestes efeitos fenomênicos, e entre eles: neles, em sua causa ou dinamicamente; entre eles, na coesão.

Estas exposições vistosas na natureza são apenas uma extensão do mesmo processo pelo qual o átomo é feito ou usado. É feito pela projeção do princípio de movimento no éter, de tal forma a estabelecer uma certa agitação naquele elemento operativo, ao mesmo tempo, em duas fases. Estas duas fases podem ser grosseiramente chamadas de espiral e centripetal, as quais, combinando-se dinamicamente, produzem como resultado o átomo. A agitação, da qual lhe falei, tem criado alguma perplexidade em sua mente, meu filho. Não sei se meu inglês vai servir muito bem. Você vê que sou limitado por suas limitações mentais, e também você não é tão maleável quanto eu desejaria que fosse. Tenho que agarrá-lo quando enquanto se eleva, e ai, mais ainda, você freqüentemente desliza e ...

Arnel, ...

Não, meu filho, não escreva isto. É exatamente como eu digo. Agora, usei a palavra “agitar” para descrever o efeito, no seu reino de manifestações exteriores, da projeção deste reino mais íntimo do espírito, de ondas mentais mais refinadas e sublimadas que, mergulhando no material mais denso que vocês chamam de éter, produz esta agitação por causa da fricção conseqüente pela oposição oferecida pelo mesmo éter.

Não há duas coisas iguais em potencial. Estas ondas mentais são de maior potencial que o éter inerte, que, então, é compelido a estar em conformidade com a operação do elemento mais poderoso. O resultado na forma é o átomo - não o átomo etéreo, mas o átomo da matéria.

Agora, isto é a substância básica da qual o seu planeta é feito. Por aquilo que eu já lhe falei, você verá que esta substância está continuamente correspondendo à energia espiritual dirigida sobre ela, vinda dos reinos íntimos e superiores. Em sendo assim, então segue-se que o todo do planeta Terra, em todas as suas partes e detalhes, é também continuamente levado a expor externamente os efeitos das causas espirituais.

A energia humana afeta ambientes

Os seres que dispõem estas ondas mentais são compostos do todo da grande multidão que está em contato, de uma forma qualquer, com a Terra. E entre estes, há aqueles espíritos encarnados que habitam na face do planeta.

Nós?

Também isso, meu filho, vocês, população da Terra. Agora, prenda sua mente nos continentes da Terra e verá várias coisas.

Algumas regiões são lindas, e algumas não são bonitas. Mas quase todas as regiões da Terra são belas de uma forma ou outra, onde o homem não tenha interferido no trabalho daquilo que chamam de Natureza. É onde o homem pôs suas mãos nesse processo formador, que achamos que a Natureza assume um aspecto menos bonito.

Vejo seu espanto - explicarei. Você acha que o selvagem médio da África Central vive sua vida num nível espiritual mais baixo que o europeu médio. E contudo o país dele é mais belo e mais genial no clima que o seu. Bem, esta última estimativa teria que ser modificada para ser correta. Mas deixemos passar como material para argumento; servirá.

Seu espanto sumirá se aplicar ao problema apenas uma verdade. O Africano é espiritualmente de menor potencial dinâmico que o irmão mais desenvolvido Europeu. Ele é, então, menos capaz de afetar o ambiente para o bem ou para o mal, para o belo ou para o feio. Um monte de escória, ou uma rua suja, são coisas maravilhosas. São testemunhos do progresso espiritual de seus criadores, e também do fato de que seus poderes espirituais apenas foram imperfeitamente aplicados. Enquanto o monte de escória impele o motor da locomotiva, também impele um motivo na mente de seus criadores, dominando-os em direção a desejarem beleza, e que isto é um grande e forte motivo de ganância - o instinto aquisitivo levado ao excesso.

Os resultados a seguir são também observados; são acidentes aos corpos das pessoas, a dor causada para estes que são despojados, a ruína conseqüente da Terra pelos rastros das ferrovias, e assim por diante. Falo apenas desta máquina. Você deve aplicar o princípio na seqüência.

É mesmo assim. E, contudo, tudo isso testemunha o fato de que o Europeu atingiu um estado mais alto de desenvolvimento que o Africano. Digo “espiritualmente” porque seu desenvolvimento é, por último, espiritual, se o poder espiritual, assim adquirido, for direcionado para propósitos de bem ou mal.

Assim vocês têm esta diversidade de exposições sobre a Terra, em conseqüência da resposta dada ao assunto da energização do espírito.

Assim é na Esfera Três. Eu expus estes fatos elementares para que você pudesse mais rapidamente captar as condições da Esfera Três. Delas, falarei quando sentar para mim novamente, para uma nova sessão.

Terça, 2 de novembro de 1920.

Condições da Esfera Três

Agora, as condições que se obtêm na economia da Terra, como eu já lhe explanei sobre elas, podem ser traduzidas aqui, mas com uma modificação muito importante.

Vamos expor da seguinte forma: o livre arbítrio opera do centro para fora, em direção à circunferência da criação. No centro está Deus, diremos. Ele é a Fonte de todo o Livre Arbítrio, e de Seu armazenamento provê o estofo de que são feitos todos os que são seres com menos livre arbítrio. Estes, apesar de tudo livres, são competentes para modificarem Sua operação intencional e, em degraus, torná-las conformes à sua própria medida. Em outras palavras, cada ser de livre arbítrio cria seu próprio ambiente.

Conforme vamos indo em direção ao centro, a liberdade será exercitada cada vez mais e mais, de acordo com a Mente de Deus. É por isso que o ambiente destes Altos Seres torna-se mais subjetivo, quanto mais alto subamos, ou torna-se mais objetivo, quanto mais baixo se vá, ou quanto mais nos aproximemos da circunferência.

Presença e onipresença

Na Terra, o ambiente é muito grandemente objetivo. Conforme se eleva para esferas mais e mais próximas da Energia Central, a Quem chamamos Deus, o ambiente torna-se mais sublimado em substância. É, por isso, mais facilmente moldado na conformidade das vontades dos habitantes. Assim, diria eu, o ambiente torna-se mais e mais subjetivo, quanto mais alto se vá. Esta é uma outra forma de se dizer que estes Seres Elevados, porque absorvem mais de seus ambientes em si mesmos, tornam-se, *ipso facto*, mais universais. Abarcam em si mais conteúdo de espaço, ou seres, ou qual contagem queira usar para considerá-los acima em vários degraus de poder.

O Criador soma, e inclui em Si, todo o espaço, os seres, e assim torna-se universalmente Subjetivo. Ele é Seu próprio ambiente. Considerando do mais íntimo para fora, isto é Onipresença e, inversamente, é Unidade.

Aqui, e somente aqui, o Ser é elevado à sua mais alta intensidade de silêncio e imobilidade. Aqui reside, onde o calor branco da energia estática é continuamente operativo. Isto é paradoxo, pois só o paradoxo é capaz de expressar a você, e a nós que falamos a você, a Onipotência do Um Que nem é subjetivo nem objetivo, mas persiste eternamente, o Único Grande Ser de Todos os Seres; o único Eu Sou.

Pensamento materializado

Agora você verá que, quanto mais para fora vamos do espírito em direção à matéria, mais objetiva se torna a substância da qual nosso ambiente é feito. No planeta Terra é francamente material. Na região mais próxima, acima da Terra, é menos material e mais etérea; depois então é etérea; e depois é mais espiritual que etérea, depois então é espiritual; e então é espiritual mas mais sublimada. A modificação da qual falei é a remoção do ambiente material, ou sua reposição pelo espiritual. Tente imaginar o que isto significa entre o livre arbítrio e sua expressão exterior em forma. Pense em todos os processos intermediários que acha necessários para materializar um pensamento na Terra.

Um homem move em seu mais íntimo ser, e o efeito é um pensamento. Ele se impõe ao cérebro material. O cérebro é usado como uma câmara de mistura. Então quando os elementos são misturados na proporção certa, uma mensagem é enviada para a mão, ou pés, ou olhos, ou todos eles ao mesmo tempo. Eles, trabalhando em conjunto, produzem a planta de um prédio. Ela é entregue para outro homem, e ele agrupa especialistas, e eles, por sua vez, juntarão madeira, e ferro, e pedra, e outras coisas materiais. Então farão construir sua casa.

Tudo vai para seu próprio lugar

Todos estes procedimentos são necessários em razão do ambiente no qual eles movimentam o ser material. Mas, ao atravessarem para cá, através da morte, em apenas uma operação desprende-se do ambiente da matéria e começa logo a operar num ambiente espiritual. Todos esses processos intervenientes são eliminados, e a mente atua diretamente sobre o ambiente e toma a expressão de forma.

O efeito é, por isso, mais imediato em resposta e também mais claramente aparente. Tão aparente é, de fato, que não é possível habitarem juntos os que são diferentes em temperamento. Tudo seria confusão.

Não, pela mesma lei, e pela interação gravitacional normal, cada um vai para seu próprio lugar.

Não é verdadeiro dizer que as esferas mais próximas da terra são mais materiais que as mais distanciadas dela. Isto é somente dito para explicar o ambiente mais denso, em contraposição ao mais refinado. Mas mais próximo à Terra o ambiente realmente parece, para

os que acabaram de chegar, muito mais material, porque ainda não aprenderam completamente a grande mudança que lhes sobreveio em seu estado subjetivo. O novo estado responde ao seu novo ambiente tão naturalmente que, até que comecem a fazer novas coisas, não percebem quão mais responsivas que as da Terra são as substâncias básicas daquela esfera à qual acabaram de chegar. Eles encontrarão isso então, e muito freqüentemente com choque, como criança e fogo.

Mas, por umas três esferas próximas à terra, as condições são bem misturadas e somente à medida que se avance é que vai se encontrar mais harmonia entre os membros de uma esfera, e isto quanto mais e mais alto se subir.

Na Esfera Três, portanto, há lugares que, respondendo aos que têm vontades mais harmonizadas com a Unidade Central que outros, são mais belos por causa desta resposta. Também vale o inverso.

Céu e inferno

Agora, meu filho, vocês, população da Terra, têm estado preocupados nas últimas gerações em classificar pessoas como boas, aquelas que vão para os céus, e como más, as que vão para os infernos. Mas pense. Se estas duas regiões são encontradas ali, e nenhuma outra mais, onde fica a terra em relação a estas duas?

Digo-lhe que a Terra nem é céu nem é inferno no total, mas tem em si algo de ambos. E isto já lhe falei nas mensagens anteriores. Nós aqui, olhando para seus corações, achamos que há algo mais próximo que tudo do céu, e outras que são completamente do inferno, e outras que são meio a meio. É assim, portanto, nestas três primeiras esferas do espírito.

Não há limites marcantes para os infernos. A descida para lá é gradual, e no caminho são encontradas pessoas de todos os graus de baixezas.

Assim, tendo dito a você algo da Esfera Três e sua espantosa constituição, posso, continuando, expor a você alguns dos acontecimentos que testemunhamos ali. E isto será feito através de seu próximo bom serviço de escrever por mim, meu filho.

CAPÍTULO III

O RESULTADO DE UMA TRAGÉDIA NA TERRA

Quarta, 3 de novembro de 1920.

Tenha em mente o que escrevi com sua mão nestas duas últimas vezes, meu filho, e interprete o que resultou na linguagem que lhe dispus.

Arrependimento é, nem mais nem menos, um reajustamento da personalidade ao seu novo ambiente. É verdadeiramente científico. Mas na ciência do espírito - sim, e toda ciência é espiritual - aqui entra outro fator que marca com o mesmo selo: livre arbítrio. Isto faz a recompensa da evolução valer bastante o risco, pois eleva aquele que consegue para um nível mais alto, e a subida é freqüentemente muito íngreme, e muito cercada de perigos.

Eu estava perto da fronteira entre as Esferas Três e Dois. Determinaram-me para que observasse ali a chegada de alguns a quem eu poderia ser benéfico.

Agora, nestas esferas mais baixas, nós, socorristas, raramente chegamos visíveis, como fazemos naquelas esferas que são um pouco mais elevadas em grau. Podemos fazer melhor o nosso trabalho desta maneira. Por isso fiquei ali, sem ser visto.

Era um agradável caminho naquela região, com grama, árvores e canteiros de flores, não luxuriantes, mas bem repousantes.

Um desvio saía da lateral florida em direção aos planos mais baixos da Esfera Dois, e mergulhava abruptamente algumas jardas além da encosta; depois mais abruptamente ainda, atingindo o vale embaixo onde, como era visto desta elevação, estava escuro e nublado.

Invisível, portanto, fiquei nesta encosta perto do final deste desvio, porque eu já conhecia um dos que deviam chegar lá de baixo até este caminho. Uma longa distância, em cada lado, era de precipícios. Aqui só havia caminhos bem difíceis de se achar apoios para os pés.

Logo vi aquele a quem fui mandado até aqui ajudar. Ele era um homem que escalou vagarosamente e com muito esforço, parando para descansar muitas vezes nesta subida.

Fiquei ali e o analisei. Ele havia passado da vida terrena na meia idade. Foi para um dos infernos e trilhou seu caminho para frente dolorosamente, até que alcançou este lugar escuro. O magnetismo que o envolvia era remorso pelo que fez de errado, e amor por alguém que passara para cá um pouco antes que ele. Esta pessoa, louca por tanta angústia, jogou-se nas águas, e sua vida saiu dela. Ela veio então para a Esfera Um, mas foi especialmente guardada, já que havia sofrido muito nas mãos dele, e logo estava apta para direcionar sua mente para um avanço em direção à luz.

Eu o observei, enquanto ele parava para descansar um pouco. Semicerrou seus olhos e olhava firmemente para cima, e vi que estava procurando esta mulher. Ela sentou-se no topo da encosta e ele, ao olhar para cima, viu seu perfil. Mas ela não o viu porque, do lugar onde ela estava, a forma menos evoluída dele seria muito escura para que ela o enxergasse. E entre as rochas do local ele se moveu; para ela, ele estava quase invisível.

Eu vi que havia em seu rosto uma certa ânsia, um olhar de amor e piedade e tristeza. Sim, havia alguma evidência de um aumento de bondade nele agora. Assim ele se dirigiu em direção a ela, e pude ver um pedido de perdão em seus lábios. Então algo aconteceu.

Mãe e filho

Ao longo da estrada abaixo da encosta, vinham duas pessoas. Uma era uma mulher de muito brilho e a outra, um menino de uns dez ou doze verões, era de uma forma ainda mais etérea. Eles pararam a um boa distância e a mulher largou a mão dele. Então o vi tomar um aspecto mais sólido e, quando ele assumiu a visibilidade completa, veio correndo pela estrada até a garota e, arremessando-se, ajoelhou-se e envolveu-a com seus braços e beijou sua face. Ela olhava espantada para tudo, em dúvida do que poderia significar. Ela retomou a posição de seus ombros e olhou para o rosto dele, e gritou apavorada. Mas, num impulso de grande amor, lançou de lado seu medo e, aconchegando-o para mais perto em seu colo, começou a chorar.

Finalmente ele disse: “Não, minha mamãe, não chore assim. Tudo foi dito para mim, minha mamãe, e sei que não foi por sua mão que fui lançado da terra para cá, nestes reinos espirituais. Foi muito mau que ele tivesse feito isso. E isso, querida mamãe, é apenas um de seus vários pecados. Mas você, eu e meu anjo vamos ajudá-lo, mamãe, e em um longo tempo, talvez ele venha até aqui, bom e bonito, querida, como outros já fizeram antes.”

Mas ela ainda lamentava com a cabeça em seus joelhos, agora envergonhada e em grande tristeza. Então ele, libertando-se, olhou em torno de si. Justamente acima de onde ela estava sentada, havia uma árvore florida. Então ele ficou em pé na encosta e, espichando-se,

colheu um lindo ramo de flores. Teceu-o numa grinalda e, indo até sua mãe, beijou-a nos cabelos e circundou o beijo com a coroa de flores.

Memórias de ontem

Quando o menino ficou em pé no topo da encosta, o homem viu-o pela primeira vez. Observou-o muito curiosamente. Parecia atento a alguma afinidade com o garoto que ele não podia definir bem. Mas quando viu o garoto beijar sua mãe e coroá-la com flores, sua dúvida foi dissipada rapidamente e sem muito esforço de sua parte. Um olhar de horror e medo desvairado dominou-o, sua face ficou lívida e ele, em colapso, caiu morro abaixo. Ele bateu nas pedras, uma após outra, e finalmente jazia inerte e imóvel no fim do caminho onde a neblina chegava. E onde ele caiu, ela tornou-se mais densa que em outros lugares, atraída na direção dele pelas condições do espírito. Eu sabia que seria um homem difícil de se lidar, já que em seu medo vi um repentino ódio acrescentado.

A garota não o viu, nem o menino. Quando o homem gritou, ela ficou quieta por instantes para escutar, como se estivesse escutando alguns ecos abafados e distantes. Mas ela não fez nada mais que isso.

Assim, o menino estendeu suas mãos para ela e convidou-a a levantar-se e vir com ele para uma clareira, em algum lugar mais bonito que qualquer um por ali. Então ela foi com ele, e eles se aproximaram da mulher mais velha.

Ela havia visto tudo a que eu assistira. Ela viu o homem subindo e o viu cair. Notei isso em seus olhos, havendo lágrimas de piedade onde antes brilharam pérolas de amor, e ela suspirou pelas memórias de ontem que se derreteram na luz do amanhã.

Eu notei o quão bela ela ficou com a doce saudade daqueles espíritos puros que sofreram tanto e pecaram pouco. Ela havia passado para cá vinda da terra uns quinze anos antes que o menino, o qual cresceu na vida espiritual, chegando da Terra bebê, mal tendo dado meia dúzia de suspiros, lançado para cá pelas mãos de um assassino.

À medida que ela ficou mais visível, ao tomar as condições da Esfera Três, a moça chegou mais perto. Quando viu a mulher, ficou muito pálida e, ajoelhando-se, encostou sua cabeça no chão soluçando se cessar. Sua linda cabeça ruiva abaixou-se e foi de encontro a ela e percebi então que o menino, e também o homem, tinham a mesma cor de cabelos. Mas a mulher mais velha tinha-os castanhos, muito belos.

Bem, isto não era de minha conta. Eles poderiam fazer o que tinham que fazer, sozinhos.

Diferentes alcances de visão

Desci ao vale onde o homem ainda jazia em estupor. Não o levantei, mas carreguei-o a um lugar de repouso onde, quando estivesse descansado, ser-lhe-ia dada sua próxima tarefa a cumprir. Esta tarefa seria eliminar toda mancha de si e o ódio de seu coração, e preenchê-lo novamente com humildade. Isto levaria um longo, longo tempo. Pois quando um homem odeia quando devia penitenciar-se e clamar por piedade, bem, é uma situação angustiosa de muito arrependimento a se alcançar, e difícil de consertar. Ele fará isso; terá que fazê-lo antes que se movimente para cima mais uma vez. Mas levará muitos e muitos anos ainda.

Suponho, Arnel, que você e a mulher mais velha podiam vê-lo quando ele caiu, porque eram ambos de uma esfera mais alta que a moça?

Do que a moça mais jovem, que ainda era da esfera Três. É assim, meu filho. Mas eu lhe dei duas mensagens antes desta de hoje, como Chave para tais detalhes como este. Sim, a mulher mais velha e eu tínhamos um campo de visão mais amplo, em correspondência com o

ambiente que a mulher mais jovem, ou o menino que naquela hora estava condicionado para a Esfera Três. E o homem, claro, tinha o menor campo de qualquer um de nós.

Quinta, 4 de novembro de 1920.

Uma colônia de descanso

Havia um brilho jovial nas águas que ondulavam gentilmente como ouro líquido. O bater das ondas na areia era macio e repousante como beijos de uma criança sonolenta na mão de sua mãe enquanto ela lhe canta canções de ninar. Tudo era repouso, e o ar parecia exalar suspiros de ternura. Verdadeiramente, sabíamos, aqui neste plano, como tais coisas como estas realmente respondiam às presenças benignas, que das esferas acima enviavam para baixo, para informá-los com sua influência ativa.

Um pouco afastado da orla estava uma floresta. Ela se estendia para o interior por muitas milhas. Mas aqui havia uma alameda entre as árvores que saía da costa indo para uma ampla clareira onde estavam muitas casas. Elas estavam todas em seus próprios jardins, e algumas eram muito grandes, mas a maioria era de pequenos chalés. Mas, pequenas ou grandes, quase todas estavam numa encosta com um terraço à frente, e as águas ali deslizavam plácidas. Era uma colônia muito linda, e sobre ela pairava um senso de retiro, um descanso que envolveria em paz os corações cansados. Para cá realmente acorriam pessoas para repousarem e, tendo ali absorvido vitalidade e recuperado algum equilíbrio, saíam pela doce clareira uma vez mais em direção aos seus compromissos.

Nosso grupo havia chegado de uma longa jornada, pois isto estava nas regiões mais brilhantes da esfera Quatro. Eu, tendo conduzido o homem aos seus guardiães na esfera Dois, vim no encalço deles e cheguei na clareira da floresta quando eles vinham pela alameda da costa.

Ele é um anjo?

Fui até a mulher e cumprimentei-a. Disse, “Então aqui nos encontramos, boa Ladena, e penso que foi bem na hora. Iremos, se for do seu gosto e do deles, para o final da clareira para olhar a casa, e então voltar para a costa para cumprimentar o jovem James, pois penso que já está chegando no nosso alcance de visão.”

Assim fomos até a casa. Não era das mais amplas, nem das menores. A arcada era quase escondida por flores de muita cores e formas que cresciam em ramos sobre ela. Era uma das mais lindas abóbadas dali, e dava uma visão de frescor que expressava a vitalidade do proprietário.

Então nos voltamos e seguimos pela alameda para a costa. Aqui chegando, nosso pequeno amigo Habdi gritou de alegria e, puxando a saia da jovem mulher gritava, “Ali ele está, minha mamãe. Veja, sua vela está enfunada mas nenhum vento há nestas paragens, e contudo ele chega com muita velocidade, mamãe, como sempre o faz.”

“E quem é ele que vem, Habdi?” inquiriu a garota.

“É James, querida mamãe, e ninguém mais que ele, que vem a nós. Ele vem, muito freqüentemente, mamãe. E todas as pessoas daqui ficam muito felizes quando ele chega, porque ele é muito bondoso e de grande poder para ajudá-los, e está sempre procurando prestar serviços em sua companhia.”

“Ele é um anjo, Habdi?” ela perguntou.

O menino encarou-a perplexo. Você entenderá, meu filho, que as palavras aqui não são tão importantes quanto o significado atado a elas. É a palavra íntima, isto é, o significado traduzindo as palavras faladas que imprimem em nossos ouvidos, não somente a forma da

palavra em si. A moça havia trazido com ela da Terra suas próprias idéias daquilo que um anjo deveria ser, e isto foi o que deixou perplexo o garoto.

Mais amor que na Terra

Mas ele logo conferiu o significado que ela dera, e respondeu, “Ele é jovem em idade, minha mamãe, e chegou a ser espírito depois de mim. Mas ele já era um anjo, ainda na vida terrena, pois ele foi muito bom, e muito bravo em fazer grandes sacrifícios por amor. Por isso, quando ele chegou aqui, ele progrediu rapidamente, querida mamãe.”

E nesta hora a face do menino ficou tomada de uma ternura profunda e uma grave reverência, e ele acrescentou, “Mas eu o amo muito e ele me ama muito também, minha mãe, e ele fala comigo e me diz coisas.”

“De que coisas, Habdi, ele lhe fala, querido?”

“De muitas coisas, mamãe. Ele me fala sobre o Cristo e os do Cristo acima de tudo, porque ele diz que temos nossas faces voltadas para lá, e devemos saber muito deles, o quanto possamos, para andarmos na estrada à frente com firmeza e direção segura. Então ele me diz que os corações das árvores trabalhamm para uma árvore ser verde e outra marrom, e uma reta e outra ampla. E algumas vezes, minha mamãe, ele me fala de você.”

“De mim? Habdi querido, o que está me dizendo, minha criança!”

“Oh, mas claro, minha mamãe, ele sabe de muitas coisas sobre muitas pessoas, mais do que as pessoas desta esfera sabem. E por isso ele sabe de você também.”

“Mas ele conhece todo mundo da Terra e seus compromissos?”

“Nunca pensei nisto desta maneira,” respondeu o menino, hesitando. E então ele continuou, mais vagarosa e pensativamente. “Penso, querida mamãe, que é porque ele ama seu pequeno amigo Habdi, e você é a mamãe de Habdi. James me ama muito bondosamente, querida, e ele e Ladena ensinaram-me como amar você também. Há muito amor nestes reinos, querida, mais do que na vida terrena; eles me disseram isso. Em algumas partes eles não amam muito, mas estes estão distantes além das montanhas, e estas pobres pessoas não podem chegar até aqui, a esta região. Ladena ama você, mamãe. E James está chegando, e ele vai amá-la porque você algumas vezes chora, e você é gentil comigo, e você é linda - mas você ainda não é tão linda quanto Ladena ainda, mamãe, ou é?”

James e seu trabalho

Em resposta, ela parou e beijou-o nas sobrancelhas, onde seus lindos cachos de cabelos chegavam aqui e ali em sua pele clara e brilhante como mármore. Então eu intervim e disse, “Bem, Habdi, meu pequeno filho, sua galanteria não lhe foi ensinada na terra, e não há nada pior que aquilo deveras. Mas agora devemos ir para a costa, a fim de nos encontrarmos com James, ou ele vai desencontrar de nós, e então nos repreenderemos uns aos outros pela nossa demora.”

E desta forma fomos embora. Ele havia acabado de encostar o barco na praia, e veio diretamente para nós, que o esperávamos embaixo da arcada da alameda da floresta.

Seu passo era firme e constante. Seu corpo era esguio, mas muito poderoso, e balançava relaxadamente conforme movimentava-se para frente. Seus cabelos eram castanhos escuros e seus olhos eram quase violeta em sua cor profunda. Realmente era muito bonito.

O que o garoto havia dito dele era verdadeiro. Ele era recém-chegado à vida espiritual, da forma como a medida de serviço vale nestes reinos. Mas ele era uma das grandes almas,

tão pouco discernidos entre as rudezas e turbulências da terra, e que passam para cá para serem avaliados em seu completo merecimento. Eles podem fazer muito pouco do que os homens podem considerar realização. Mas a terra deve a espíritos como esses, muito mais do que sabem seus residentes.

Assim, quando ele chegou aqui, aceleradamente foi elevado à esfera Sete, que era seu próprio lugar. Ali ele tomou conhecimento das coisas e logo requisitou que lhe fosse dado trabalho perto da terra, entre aqueles que estivessem atribulados em suas condições.

Ele raciocinou que poucos agem assim, rapidamente avançando para uma esfera tão alta como a dele e, quando chegam para cá, muito do contato com a terra fica perdido para eles, e a terra em si fica parecendo um outro período. Mas a ele, tendo absorvido em si os poderes inerentes da Esfera Sete, eram recentes ainda os alcances de pensamento da terra, e os tempos na terra ainda não tinham mudado, pois ele tinha apenas há alguns meses feito sua travessia, e neste tempo subira para aquele alto plano. Então, ele trazia todas estas qualidades para ajudar, a serviço de sua gente ainda encarnada. E uma em especial, ele não poderia deixar para trás: a garota Mervyn.

A jovem mamãe?

Ela mesma. Não lhe dou os nomes terrenos aqui. Sem dúvida não achei necessário investigar quais seriam, e estes servirão muito bem.

Então, isto era o que eu devia falar sobre ele, por agora. Nesta Esfera Quatro, ele tinha um posto onde cumpria suas obrigações quando estas o levavam para estas paragens. Muitas vezes, em seu caminho a estas regiões mais próximas da terra, ele parava em uma casa ou outra nas esferas intervenientes, já que ele tinha uma casa em cada uma das esferas, da Sete até a Quatro. Desta última, ele fazia suas saídas para os infernos, mas não residia ali.

Uma tragédia de vida

Faça suas perguntas agora, meu filho. Eu as vejo em sua mente.

Como o barco andava, já que não havia vento?

Ele tinha uma instalação de velas. A vela não era a propósito do vento, mas como uma tela. Nela, a corrente do poder da vontade é dirigida pelo velejador, e a tela, estando em oposição, move o barco para a frente. Esta é a melhor maneira que encontro para lhe dizer disso. O processo é um dos mais usados naquela esfera. Há outros. Algumas vezes, em lugares mais rudes, há vento. Mas não é freqüentemente usado para a locomoção.

Há quanto tempo James e o menino se conheciam?

James viera para cá quatro anos depois da garota. Habdi, alguns meses antes dela. Foi o conhecimento da forma da morte dele que acelerou a chegada dela para cá. Tudo foi escondido dela naquele momento. Mas ela descobriu, e isto a desvairou.

James, como lhe disse, foi quase direto para a Esfera Sete. A garota Marvyn permaneceu longo tempo na esfera Um, e mais ainda na Dois. Ele a ajudava através de Ladena, até que ela pudesse encontrá-lo na metade do caminho, a saber, na Esfera Quatro. Antes disso, ele não poderia lidar com ela como ele gostaria. Ele a amara muito na vida terrena. Então a sombra desceu sobre ela. Ele não sabia por quem a sombra foi lançada. Mas ela esfriou pela necessidade, apesar de que seu coração estava partido por amor a ele ainda. É melhor não prolongar mais, meu filho. É uma das muitas tragédias da vida que aguardam um foco de luz destas esferas. Isto é onde o inferno está localizado para muitos, mesmo dentro dos raios da luz que, sendo para eles como escuridão, mesmo assim mostram cada mácula e cada vergonha secreta e pensamentos doentios. Pois nada aqui pode ser escondido. Você sabe de que forma Ele disse, “Por causa das más ações eles odeiam a luz.”

Luz e Deus, meu filho, estão próximas aqui.

A casa na clareira, que você mostrou para a garota, era a casa de James; acertei, Arnel?

Sim. Era a casa dele na Esfera Quatro, e as pessoas daquela colônia nunca estão completamente felizes quando a luz de sua presença não é vista ali. Disto direi mais em seguida.

CAPÍTULO IV

DIAGNOSTICANDO RECÉM-CHEGADOS DA TERRA

Terça, 9 de novembro de 1920.

À medida que James chegava perto de nós, Mervyn observou-o com uma ansiedade cada vez maior, mesclada com perplexidade. E quando ela percebeu que este era realmente aquele em quem estava pensando, um olhar de medo cobriu sua face e ela se virou, envergonhada diante dele. Mas ele sorriu dando suas boas vindas para nós todos e, indo direto para a garota, colocou suas mãos em seus ombros e, gentilmente virando-a de volta, tomou-a em seus braços. Enquanto ela estava ali aninhada e lamentava sua longa angústia, não falavam, mas ficaram em silêncio, apoiados um no amor do outro, dando e recebendo em perfeito entendimento.

Então todos nós tomamos a alameda da floresta, e ele a conduzia pela mão e nós vínhamos atrás, em passos mais lentos, para a Casa de James.

Nenhuma palavra era dita, nenhum choro era ouvido nesta chegada. E contudo, à medida que ele entrou pelo portal da casa dele, a clareira recebeu um e outro dos habitantes dali. Eles vinham para lá sorrindo ao afirmarem, respondendo a outros, que James estava em sua casa, e eles estavam felizes pela grande alegria de sua presença.

Ele se agruparam no espaço aberto e, enquanto ficaram ali olhando a casa, a intuição deles recebeu a confirmação. As paredes lentamente ficaram mais translúcidas e com uma radiação cintilante, emitindo em direção a eles no lado de fora, tocando a folhagem e as flores, e mesmo toda a atmosfera em torno da habitação, até que tudo brilhou com a luz de sua presença ali.

Ele saiu e foi em direção a um e a outro deles, perguntando de seu progresso, e de como evoluíra o assunto de sua última advertência a eles em sua última vinda. Ele sabia das necessidades e das condições de cada um em geral, e todos ficavam felizes pela silenciosa energia e competência para progredir que irradiava dele a cada vez que vinha. Por isso eram cordiais e todos felizes, porque sabiam que ele tinha ido para lugares mais brilhantes na frente deles, portanto tinha o avanço deles também no coração.

Assim ele fez o que tinha a fazer e foi para o interior, para os que estavam nos locais onde era necessária a sua ajuda. Para estas jornadas Habdi sempre pedia permissão para acompanhá-lo, e freqüentemente este benefício era concedido ao menino, para seu grande deleite. Mas Marvyn ficou dentro da casa, contente por descansar e receber as novidades quando eles voltassem. Ladena também estava por perto para conduzi-la em sua nova esfera de progresso. Ladena tinha muito trabalho nestas paragens onde ela e James faziam esforços mútuos para instruir as pessoas naquela região da Esfera Quatro.

Shonar manda para Habdi

Enquanto isso, retornei para perto de Wulfhere, para ajudá-la em suas difíceis tarefas, já que me cabia fazê-lo.

Um dia, sentei-me com ela no pátio central da Casa das Ordens. Era um local bastante agradável, escondido no meio do grupo de prédios que correspondiam a esta denominação. Era um parque todo ajardinado, como um pátio isolado das condições daquele local da Esfera Três, de uma forma que sabemos como usar aqui, quando necessário. Neste pátio, com suas agradáveis fontes, árvores, flores e gramado, o condicionamento era mais para o da Esfera Seis, na sua melhor parte, que o da Esfera Três. Para cá acorríamos quando um descanso, ou o silêncio para pensar, era necessário. E aqui éramos capazes de comungar mais efetivamente com a Esfera Quatro e adiante, e para nossas avaliações para a ajuda neste reino de certa forma tumultuado.

Agora vou tentar explicar o que se passou quando ali nos sentamos juntos, conversando de vez em quando entre os intervalos de silêncio quando cada um fica ocupado em comungar com o reino que esteja nos chamando.

Finalmente eu disse, “Wulfhere, eu tenho conhecimento de que James está me chamando, mas não consigo entrar em sua mente. Você, talvez, poderia olhar para lá com sua visão?”

“Não”, ela respondeu, “não consigo. Diga-me, Arnel, o que lhe parecem os pedidos dele?”

“Não acho que ele esteja precisando de algo; mais parece que ele está oferecendo sua ajuda, que ele sente que é necessária aqui. Também o menino Habdi está em seus pensamentos, para levá-lo com ele.”

“Você disse para trazer o menino Habdi para cá, Arnel?”

“Parece que sinto isso, sem muita certeza.”

“Se você estiver incerto, é porque ele não está requisitando, nem está com uma oferta definida, mas envia uma pergunta.”

Então fiquei silencioso para escutar James, e então descobri que Wulfhere estava certa.

“É isso,” disse a ela. “Ele não está oferecendo ajuda. Ele foi requisitado para que a ajuda dele fosse dada. Ela é definitivamente necessária. A do menino Habdi também. Sua indagação era, *Onde descerei na Esfera Três*?“

Então ela respondeu, “Arnel, bom filho, fique quieto enquanto eu desvendo este assunto.”

Depois de um tempo ela continuou, “Agora se faz claro para mim aquilo que me punha em dúvida um pouco antes de que você me falasse, Arnel. Eu estava arriscando uma resposta a um chamado de lá de baixo, mas não conseguia entender. Agora está tudo claro para mim. É Shonar quem me chama. Ele chamou, em primeiro lugar, além daqui, passando o recado através de nós para James, para que ele trouxesse o garoto. E ele nos chama para encontrarmos estes dois e ele próprio no limite desta Esfera, onde pessoalmente deliberará conosco sobre sua comissão. Envie sua palavra para James, para que nos encontre no Porto Pedregoso. Bom. Agora vamos nós para lá. Este assunto tem realmente um quê de urgência.”

Encontro no Porto Pedregoso

O Porto Pedregoso era um lugar inóspito na fronteira extrema da Esfera Três. Havia muitas pedras grandes, e entre elas havia umas marcas ou algo que fez uma passagem

irregular sobre a encosta da colina em direção à região abaixo. Era um lugar de certa forma escuro e de atmosfera pesada, com uma sensação depressiva de uma presença infeliz por ali.

Aqui chegamos, não pelas estradas nem pelas planícies, mas diretamente pelo ar. James também chegou, mas o menino não estava presente. A ele, Wulfhere dissera, “O que você acha, jovem amigo, que seja o propósito deste encontro?”

“Não sei,” disse James, “não sei de nada, a não ser que o menino está nisso. Mas eu não o traria nestas condições. Deixei-o no jardim da Casa das Ordens.”

“O comando para você veio de Shonar?”

“Sim, e era de alguma urgência.”

“Assim penso eu, bom James. Quanto ao menino, você pode ter feito bem, ou não. Não posso dizer. Devemos esperar pela chegada de Shonar.”

Logo vimos, distante na terra deserta da Esfera Dois, o movimento de pessoas. Vinham lentamente em nossa direção. Finalmente pararam no topo da colina onde estávamos; para fora da névoa saiu Shonar e, aproximando-se, ficou diante de nós.

Ele disse, “Eu agradeço a você, mamãe, e a você, meus amigos, por sua reposta tão gentil ao meu chamado. O assunto é este: Estas pessoas foram desencarnadas pelos seus opressores, e vieram da terra para cá atordoados e com violentos clamores de vingança em seus corações. Eu os fiz atordoados e então os puxei de lá. A maioria deles tem um sentido entorpecido do que lhes aconteceu antes de sua saída, e querem retornar para incitar seus compatriotas para atuarem em represália. Isto não pode ser. Não há lugar naquele pobre país para mais sangue e ódio. O chão já está mais que saturado para absorvê-los. Levem estes para adiante, e eu retornarei, sem mais delongas por aqui, para o cenário de todo este horror. Ainda há algum trabalho diabólico ali, e sou necessário.”

A multidão desamparada

“Por que você se vai, Shonar?” respondeu Wulfhere, com alguma severidade, e eu podia ver o espírito da velha loba brotando dela, dificilmente controlado.

“Por que são de mentalidade violenta e difíceis de controlar. Nenhum outro poderia tê-los trazido para tão longe além de sua atmosfera normal, e para este lugar, Wulfhere. Se permitir, minha mamãe, entrego-os para você. Você encontrará a força da coragem dos velhos tempos de que necessita a tarefa. Eu certifico a você disto. Aceita este trabalho?”

“Vou pegá-lo,” disse ela, e eu vi as sobrancelhas largas dela levantando mas só um pouco, e sua cabeça parecia colocada um pouco mais firme entre seus ombros.

“Siga adiante, meu filho; eles precisam de nossa proteção pelos caminhos lá embaixo. Eu aqui, você lá, faremos tudo juntos e terminaremos também. Você fez bem, Shonar, em mandar sua comissão em direção a nós para James. E o menino, Shonar, foi uma boa idéia sua chamar o menino. Agora vá, e que o Grande Poder possa ajudá-lo, porque você precisa, e vejo isto em seus olhos.”

Shonar estava muito tenso naquela hora. Cada fração de poder de dentro dele foi usado para a tarefa em curso. Ele não tinha nenhum para desperdiçar em palavras. Andou a passos largos até sua mãe, colocou suas poderosas mãos na cabeça dela, sobre seu lindo cabelo trançado, inclinou-a para sua direção, beijou-a onde era a risca dos cabelos e, levantando a mão em adeus para nós, os dois homens, foi embora colina abaixo, passando pela multidão que se movia desordenadamente, mas não se espalhava, apenas mantendo-se unida pelo desamparo. E assim partiu para a escuridão ainda mais profunda além dali.

Wulfhere observou seu perfil até que não fosse mais visto, e murmurou, “Ah, eu já o vi assim em ocasiões anteriores. Será duro com seus adversários.”

Quarta, 10 de novembro de 1920.

Como evitar o pânico?

Enquanto isso ela ficou sentada numa pedra, em silêncio, profundamente imersa em pensamentos. Seus olhos nunca deixavam a massa de pessoas, indo a eles aqui e ali, e avaliando seu estado de espírito em geral, enquanto eles ondulavam como águas perturbadas por ventos de muitos quadrantes. Ali pairava sobre eles, e entre eles, uma nuvem de neblina na qual fluíam o vermelho e o verde escuro. Eu observava seu número, até onde eu podia vê-los naquela massa e na escuridão envolvente. Penso que eram perto de três mil homens, e duas mil e quinhentas mulheres, e umas mil crianças.

Eu, como Wulfhere, concentrei-me sobre suas mentes e finalmente cheguei a uma idéia do nosso problema. Em resumo era esse, como se apresentou a nós naquela hora:

Estas pessoas foram vilmente levadas à morte. Elas não eram altamente sintonizadas espiritualmente, exceto algumas delas. Se fossem acordadas repentinamente de seu estado de torpor, sua morte súbita e violenta seria arremessada contra eles, haveria uma explosão de raiva frenética da parte de três quartos deles. Isto envolveria os outros, e o resultado final seria um pânico e a deflagração do medo, atirando-os de volta para a cena do seu massacre. Ali chegados, eles, por sua vez, enfureceriam seus compatriotas ainda encarnados, e a matança seria por eles retomada, contra seus doentios contendores. Estes seriam vingados, e assim a horrível história de desgraça seria prolongada. Tínhamos nossos assuntos a tratar nesta trama. Nosso objetivo estava claramente demarcado para nós. Era prevenir esta catástrofe. Mas os meios para tal fim não estavam claros. Cada uma destas vítimas era um ser de livre arbítrio. Livre arbítrio é sagrado, e não pode ser contestado. A cada um deles deve ser dada a oportunidade de escolher qual o caminho pelo qual seguiria, e o que faria. E esta escolha deve ser feita com pleno conhecimento do que se passa com ele e seus afins. Não podemos impedir tal escolha, e de jeito nenhum podemos defletir a sua linha de liberdade.

Livre arbítrio em condições favoráveis

Tudo o que podíamos fazer seria assegurar que a escolha seria feita em condições favoráveis à sabedoria. No seu estado atual, estas pessoas não seriam capazes de usar seu raciocínio livremente, pois seriam cegados pela raiva e terror. Pois se estivessem completamente recuperados em seus domínios neste momento, as últimas emoções sentidas na carne quebrantariam o espírito, e a este distúrbio seria acrescentada sua surpresa por acharem-se em novo ambiente, um deserto onde se sentiriam perdidos e sentenciados à morte pela sede. Não entenderiam a mudança de estado. Então aquele arrebatamento de emoções profanas iria transferi-los rapidamente de volta para o plano da Terra que, causando estranheza, os apavoraria. Pois seria muito estranho a eles verem tudo, pela primeira vez, pelo lado do espírito. Contudo, sentiriam seus assassinos e todos os feitos que fizeram estas localidades tão conspurcadas. Isso resultaria em uma daquelas cenas infernais na terra que, atuadas por um apenas, ou por um grupo, tanto assustam os homens, de tempos em tempos, pela motivação, pela extensão da crueldade diabólica presente ali. Nós, deste lado, vemos a origem de tais acontecimentos.

Em seguida, eu lhe darei a forma pela qual amarramos esta besta, arreamos e deixamos na baia, onde poderia encontrar lazer em pensar nas coisas.

Eu transcrevi o problema em alguns detalhes, meu filho, porque servirá como chave para você em outros casos. Pela mesma razão, também serei tão preciso quanto possível ao lhe passar minha narrativa da solução.

Erro significa desastre

Wulfhere e eu levantamos nossos olhos juntos e olhamos um para o outro, inquirindo. Ambos vimos que, repentinamente, chegamos juntos à mesma idéia de como deveríamos começar. Eu anuí, e fui para James que, não tão iluminado neste assunto assombroso, tinha ficado à parte e estava observando a multidão à vontade. Eu disse a ele, “James, meu amigo, há um trabalho extenuante por aqui. Não deixe que se cometam erros, ou iniciaremos um desastre. Marque bem o que lhe digo, e esteja pronto para cumpri-lo, meu filho. Você entenderá melhor quando as coisas tomarem rumo.

“Vá, portanto, para a Casa das Ordens, mande para cá quinze pessoas de nosso grupo; eles saberão que composição o grupo deverá ter. Mande que venha com eles o garoto Habdi também.

“Vá depois até Ladena. Diga a ela para adequar as mentes das pessoas da clareira para servirem. Ela entenderá. Deus esteja com você, meu filho; nós estaremos por aqui a Seu serviço.”

Pus minhas mãos sobre seus ombros, e ele olhou sério nos meus olhos e então, virando-se, foi velozmente para o alto, até o local de sua incumbência.

Logo chegou o grupo. Wulfhere viu que eu entendera seu pensamento e deixou que fizesse as ordenanças, enquanto ela usava todos seus poderes sobre a multidão de tal forma que nossos companheiros fossem capazes de cumprirem seu trabalho mais eficientemente.

Desta forma trabalhamos juntos, ela e eu, e o grupo funcionou como se fossem nossos dedos para desenrolarmos esta meada emaranhada. Eles eram sete homens e sete mulheres, e uma mulher para liderar, e Habdi.

Acordando as crianças

Distribuí as tarefas e prontamente começaram a trabalhar.

A multidão lentamente começou a se recompor, até que tomou a forma de longas filas de homens e mulheres, por onde os socorristas passavam. Wulfhere e eu nos sentamos perto um do outro, e lançamos nossa influência sobre as pessoas. Para este efeito: seus corpos começaram a tomar um aspecto semitransparente, e dentro deles podia ser vista uma réplica mental de seus corpos de carne recentemente arrebatados. Suas feridas eram vistas, a roupagem que usavam e seus ornamentos, e também a cena de onde exatamente haviam caído - cada detalhe de seu estado terreno na hora de sua passagem podia ser visto como fôra registrado em suas mentes. Tudo foi avaliado pelo grupo e, feito isso, foram separados em grupos de acordo com a avaliação.

Então veio a tarefa de acordá-los, e para isso nós dois também enviamos nossas mentalizações. Puxamos as crianças e trouxemo-las para a colina, para um lugar ligeiramente distante, na Esfera Três. Aqui, rapidamente fizemos um cenário agradável para elas, tratando as condições do local de forma a neutralizar os males e potencializar os benefícios. Por isso foi feito um agradável e amplo prado cortado por um rio, e então banhamos tudo com a luz do sol. Mas somente aqueles para os quais nós preparamos o lugar veriam tudo daquela forma; de forma alguma alguém fora disto seria capaz de achá-lo, passaria ao largo sem ver tudo isto.

Por isso trouxemos as crianças e as acordamos. Primeiramente levantamos uma e levamos para Habdi, que o levou dali e mostrou as árvores e as flores, e respondeu suas perguntas. Quando este ficou à vontade, acordamos mais três. Então, gradualmente, nós os tínhamos todos acordados e à vontade, quase mil deles.

Quando tinham recuperado seus poderes e puderam pensar prazerosamente, perguntaram onde este lugar estava situado, como tinham chegado ali, e onde estavam seus pais e seus outros entes queridos. Habdi, indo no meio deles, fez muito ao ajudá-los com seu

sorriso e sua alegre sabedoria de menino. E ele, tendo se colocado como habitante daquela região que devia ser consultado para informações, ficou feliz pelo nosso pedido de nos apresentar para as crianças. Nós, ao ganharmos a confiança deles, dissemos a eles que conhecíamos seus amigos e os traríamos para aquele lugar dentro em breve. Esta foi a fase inicial de nossas operações, mas estávamos bem contentes que tudo tivesse corrido tão bem. Mas as crianças são mais facilmente recompostas em tais circunstâncias, mais que os adultos. Esta era a nossa próxima obrigação, a que estava diante de nós, portanto, deixando-os ali aos cuidados de Habdi, voltamos ao Porto Pedregoso.

CAPÍTULO V

O POVO DA CLAREIRA

Quinta, 11 de novembro de 1920.

Voltamos agora nossas atenções sobre os milhares que estavam ou permaneceram na planície ao pé da montanha. Eu peguei os Sete homens e Ladena chegou para comandar as Sete mulheres socorristas. Nós percorremos as filas, para cima e para baixo, por um longo tempo. Estávamos testando-os e sondando para ver se encontraríamos alguns que servissem para o nosso propósito, aqueles em cujos corações não remanescera amargura demais. Estes, nós acordaríamos e conversaríamos com eles, e então os convidaríamos para nosso grupo, para nos ajudarem com a multidão. Mas eu não achei nenhum, exceto alguém que tinha sido pastor entre eles. Este eu despertei e levei-o à parte.

Mas Ladena conseguiu três mulheres, e mais tarde havia mais oito delas acrescentadas ao número dos selecionados de toda aquela multidão. Realmente era uma ocorrência lastimável, quando tanto ódio tomara conta de seus corações. Mas deve-se considerar um fator, meu filho, que era este: Estas pessoas estavam agora como estavam no momento de seu assassinato. Nós sabíamos que muitos, quando acordados em suas consciências, e quando lhes explicássemos o que lhes acontecera, sairiam de seu ódio desenfreado e tornariam sua mente mais amável. Mas o que nós não sabíamos era quais fariam isso e quais seriam mais renitentes. Esta era uma questão para se prever, e a nós era difícil de se prever sua linha de atividade mental e espiritual. O elemento problemático era o mesmo livre arbítrio que faz um homem de fato um homem, e o leva a cavaleiro da divindade. Isto foi deixado por agora, deverá esperar nossas operações mais leves. Voltamos com nosso grupo até Ladena, portanto, e a seguimos com sua busca mais promissora.

O bispo

Primeiramente eu ajudei o pastor.

Como você o acordou, Arnel? O que ele fez quando foi acordado?

Ele estava sentado sobre um pequeno outeiro na planície, a cabeça nas mãos. Mais de uma vez ele levantara os olhos, mas eles lhe diziam pouco, estando mal focados sobre o ambiente. Ele suspirava sem saber e pensava estar dormindo, sonhando, e que acordaria logo. Ele não errou muito nisto.

Fiquei diante dele e emiti minha vontade numa corrente sobre a dele, meus companheiros ajudando-me. Num instante ele acordou e espichou seus braços para cima, e suspirou mais de uma vez. Olhamos então para seus olhos, e os seguramos pelo menos nos nossos. Vagarosamente ele chegou ao foco, então uma carranca surgiu em seu rosto gracioso, e num instante, estando completamente acordado, veio em nossa direção e dirigiu-se a nós.

Ele disse, “Peço que me perdoem, senhores, dormi por um pouco. Mas - pouco sei - sim, realmente dormi, mas nem aqui estava - não creio, senhores, que sejam da companhia daqueles outros. Vieram em meu socorro, senhor? Estou algo confuso...“

Ele interrompeu-se abruptamente, pois viu os milhares de seus compatriotas contemporâneos deitados, quase desacordados, alguns intranqüilos, alguns andando vagarosamente umas poucas jardas e novamente sentando para fecharem seus olhos em torpor.

Ele olhou para eles, firmemente e destemido. Era um nobre companheiro, e muito me regozijei pois logo seria um de nossos companheiros. Ele disse, “Agora isto volta para mim. Meus pobres companheiros e meu povo. Deus os ajude a suportar, como eu os aconselhei tanto a fazerem; a suportarem, pobres ovelhas, e perdoarem. Mas como vocês,” ele continuou, apontando para nós novamente; e parou, continuando mais vagarosamente, ”E contudo vocês não parecem os que nos fizeram este desserviço, nem há qualquer arma à vista em suas mãos.”

Então respondi a ele, “Não, nem temos nenhuma conosco. Senhor, vejo que já entendeu seu atual estado, que passou através da porta da morte.” Ele anuiu. “Vejo que é de uma ordem religiosa.”

“Pastor e bispo, mas isto não é nada.”

“Você, com estes de seu rebanho, foram mortos por seus inimigos. Você perdoou estes inimigos.”

Posso ajudá-lo nisso

“Tudo isso é verdadeiro, senhor, porque fiz disto minha regra na outra vida, de perdoá-los diante de qualquer coisa que pudessem fazer a mim, convivendo sempre na presença de sua vontade doentia e intenções doentias. Mas, por obséquio, quem são vocês, senhores?”

“Somos anjos ministrantes numa busca muito difícil,” eu disse, e contei-lhe toda nossa tarefa e nossos temores por aquela multidão. Este era uma grande alma, e ele rapidamente sentiu nossa seriedade, nosso objetivo e muitos detalhes, por intuição.

Então ele disse, “Posso ajudá-los nisso, se quiserem colocar-me a seu serviço e, ajudando vocês, estarei ajudando também aqueles pobres pequeninos; porque, senhores, são pouco mais que bebês, e vocês terão que ser pacientes com eles por serem assim.”

Então fizemos um conselho, e ele foi, de fato, de muita valia para nós. Ele apontou um e outro que foram pastores e ministros; e então outro de seus compatriotas a quem ele sabia ser de bom coração. Também nos mostrou quais eram mais perigosos e truculentos - estes eram uns setecentos, e de todos, novamente no mesmo número, os que eram do sacerdócio.

Os mais espiritualizados nós acordamos um por um, e eles falou com eles, explicando-lhes com muita paciência tudo o que havia acontecido e como eles poderiam ajudar os outros da melhor maneira. Então os agrupamos de lado para descansarem um pouco.

Uma dificuldade

Ladena, enquanto isso, lidou com as mulheres da mesma maneira. Primeiramente, ela separou aquelas que tinham filhos, e levou-as para o prado onde eles estavam começando a se acostumar, sentindo-se mais à vontade.

Aqui as mulheres acharam o que fazer, tendo tempo para aconchegarem e cuidarem de seus bebês. E assim Ladena deixou-as, e voltou para o próximo grupo, na seqüência.

Assim tudo continuou até que tínhamos reduzido aquelas filas às setecentas almas violentas, e duas vezes isso daqueles que era difícil de se considerar: eram os incertos. Destes, umas cinqüenta eram mulheres.

Dos acordados, nós ajuntamos um grupo de cento e oitenta homens e vinte e três mulheres que nos ajudariam no trabalho. Os outros não eram fortes de coração. À sua frente colocamos o Bispo e um Vereador, seu amigo e protetor na vida terrena, e conduzimos este grupo através dos dois.

Mas tínhamos uma dificuldade. Ali estavam aqueles mais violentos, dormindo. Eles deviam ser acordados. Mas temíamos fazer isso com eles, pois sabíamos que uma explosão de violência entre eles poderia ser calamitosa. Conversamos muito, e meus companheiros da casa de Ordens e estes recém chegados da terra não achavam uma saída para isso. Então ficamos em silêncio para pensarmos.

Conforme nos sentamos assim, veio de uma pequena distância uma voz profunda e alta, mas muito forte e cheia de melodia, “Que lição você aprendeu com o Cristo Criança, meu filho Arnel?”

Fiquei de pé e olhei em torno. Lá na encosta da montanha sentava-se Wulfhere, da forma como eu a vira antes, tranqüila e composta, como podia ver, pronta para agir. Seu queixo estava em suas mãos, cotovelo na coxa, olhos diretos nos meus, sondando-me.

Uma criança os conduzirá

Quando olhei para ela, da cena do Hall dos Pilares* veio a visão em minha mente, e na Clareira, e na Rotunda de onde as crianças tinham partido para a Cidade. E suspirei muito fundo pelo contraste entre estas cenas tão doces e esta. Mas soube finalmente a resposta que Wulfhere esperava, e dei-a: ”Uma criança os conduzirá, como disse o velho profeta. Sim, em todas estas ocasiões com as crianças, foi a Criança que veio na frente.”

“Não conheço seu profeta, Arnel. Mas ele falou a verdade. Cuide deste ensinamento - do ensinamento da Criança.”

“Ele os liderou pela doce beleza de Seu amor,” eu disse, ainda buscando a maneira pela qual ela aplicaria este princípio neste caso em andamento.

“Ele assim fez,” ela respondeu, “Sim, ele assim os conduziu, enquanto eu perdi a arte de fazê-lo, tanto tempo atrás, pelo trabalho extenuante e violento como aquele ao qual eu e Shonar fomos enviados para cumprirmos. Mas vem do meu coração o que minha mente dificilmente admitiria, isto é, que a suavidade da liderança de uma criança é mais evidente para mim, em sua força impulsora, que para você, bom Arnel. Porque, veja, esta é a solução para seu problema, e você não a acha, meu filho.”

Então fui em direção a ela colina acima e, ficando perto dela, disse, “Mas Wulfhere, não podemos evocar a Criança a estas partes. Sua alta sublimidade não se sustentaria nestas condições malignas.”

“Mesmo nestes lugares, eu oraria por Sua doce Presença se fosse necessária. Mas tamanha coisa não é necessária agora. Há outro.”

Repentinamente entendi o que ela queria dizer, e falei, “Habdi!”

“Ele será suficiente. Traga-o até aqui entre nós, e trataremos disso mais tarde, Arnel. Eu não chamaria por seu nome primeiramente, senão pensaria que sou irracional. Mas você tinha que chegar a isto, bom Arnel.”

“Você acha que ele será forte o suficiente para estar a nosso serviço, Wulfhere?”

“Como lhe aconselhei antes, ele servirá.”

Assim me apressei em buscar o menino Habdi e, chegando novamente com alguma velocidade, coloquei-o diante dela.

* Ver “As Crianças do Céu”, capítulo IX.

Terça, 16 de novembro de 1920.

Mais recém-chegados diagnosticados

Com a ajuda daqueles melhores, voltamos às filas. Os que conheceram na vida terrena estes que ainda dormiam nos disseram o que sabiam, tanto quanto eram capazes, para somarmos suas características. Usamos este conhecimento para nos ajudar no diagnóstico. Por este meio pudemos agrupar umas centenas deles de melhores qualidades em um só lugar. Estes foram arrumados em círculo, e acordados até estarem em plena consciência.

Observamo-los bem de perto, ficando um tanto afastados, fora do círculo, invisíveis. Podíamos ler o processo mental de cada um, ao abrirem os olhos em seu novo ambiente. A idéia geral entre eles era de que seus inimigos os haviam transportado para o exílio, deixando-os neste tristonho local abandonado e, talvez, para padecerem de fome. Realmente era este o tema de sua conversação quando quebraram o silêncio.

Mas um e outro, em seguida, caíram logo em silêncio. Era uma visão triste a que havia ali para eles verem.

A sabedoria de Habdi

No meio do círculo ficou o jovem menino, sozinho e aprumado. Ele sorria para eles e então, indo até um que ele considerou ter uma aparência mais inteligente que seus companheiros, disse, “Eu vou tratar o senhor com bondade, senhor, porque tem um olhar de ternura em seu rosto. Poderia me tratar agradavelmente, senhor, por favor?”

O homem olhou espantado para ele. Então levantou-se e ficou em guarda com alguma suspeita de deslealdade ou conspiração trazida da terra.

“Quem é você, jovem,” disse ele, “que fala comigo tão audaciosamente? Você não é das nossas crianças. E você anda sozinho nestas paragens.”

“Eu não sou precisamente destas paragens,” respondeu o garoto Habdi, “Vivo a algumas léguas de distância. Mas de alguma forma me foi dado conhecer estas partes e, se puder ajudar aos que são estrangeiros aqui, isso me daria muita alegria.”

“Você tem segurança, menino, e não gosto disso nem um pouquinho. Mas o que acontece que você não teme a nós, homens rudes, já que está sozinho e é apenas uma criança?”

“Senhor, já lhes evidenciei alguma sabedoria, pois que cheguei ao que buscava e fiz com que me desse além disso.”

“E o que é que buscava que eu lhe dei sem saber?”

“Eu queria achar o que havia em seu coração, se é duro ou bondoso, e sei agora que não é nem um nem outro, totalmente, mas ainda há alguma bondade a mais que ódio ali, e por esta razão eu vou favorecê-lo.”

O homem, apesar de todo seu espanto e dos pensamentos amargos por causa do que passara recentemente nas mãos de seus companheiros, começou a rir.

Nesta hora ele disse, “E ainda, jovem, você aparenta ter algo de estranho, tem mesmo. Quem é você, e de que tribo é? Diga-me agora.”

Habdi parou por instantes, mas não pediu nossa ajuda, nem nós mandamos. Finalmente ele respondeu, “Agora você não está sendo gentil somente, mas observador também. Talvez sejamos amigos algum dia, você e eu. Bem, senhor, dê-me sua mão e ficarei mais sábio ainda.”

O homem deu sua mão sorrindo, e Habdi tomou-a em suas mãos firmemente. Num instante o olhar na face do homem mudou. Não era medo, nem dor, nem espanto, mas composto de tudo isso, um pouco de cada. Ele buscava, com alguma hesitação, puxar sua mão, mas não conseguia. Ainda Habdi segurava-a com seu olhar e, por seu turno agora, sorriu. E enquanto eles dois ficavam ali, o garoto gradualmente tomou uma aparência mais translúcida. Não atingiu o condicionamento à sua própria esfera, nem de nenhuma esfera além da qual estávamos. Mas efetivou uma transmutação parcial de seu corpo de tal forma que, ainda visível ao homem, aparecia mais radiante, mais frágil, e mesmo assim seu aperto era firme como no início.

Então, lentamente, reassumiu sua condição e, ainda sorrindo, afrouxou seu aperto na mão do homem. O resto deles olhava para aquilo com a maior perplexidade.

Então Habdi falou a eles todos, e explanou-lhes completamente sobre o que lhes acontecera, disse-lhes onde estavam seus companheiros e as mulheres e as crianças, e convidou-os a segui-lo, já que ele os conduziria até ajuntarem-se aos demais.

Nem todos, mas quase todos foram com eles, porém alguns ficaram para trás. Estes logo caíram em torpor novamente, e vagaram de volta até os que deixáramos desacordados.

“Seguir o pato”

A próxima operação era a penúltima das filas. Vou contar-lhe agora.

Todas estas primeiras etapas ocuparam um considerável espaço de tempo de duração. Se eu fosse contar em termos terrestres de tempo, eu diria que duraram mais ou menos umas três semanas. Mas estes que foram salvos em primeiro lugar condicionaram-se rapidamente à sua nova vida, especialmente as crianças.

Agora tínhamos que tratar dos piores deles.

Novamente adotamos a formação circular, mas deixamos um espaço na direção da passagem onde ficavam as pedras na encosta de subida. Novamente Habdi ficou no meio, mas com ele estavam umas doze crianças do prado. Estas estavam bem felizes e brincavam o jogo de “Seguir o pato”. Para dentro e para fora das pedras, eles ficaram em fila, rodeando o círculo. Os que dormiam não os atrapalhavam porque não estavam nas condições deles, e por isso não eram muito aparentes para as crianças, apesar de serem não totalmente invisíveis. Quero dizer que as crianças não podiam reconhecê-los se conhecessem algum deles, pois suas faces e formas ficaram, como devo dizer, sombreadas, e não com as características acuradamente delineadas. Isto é o mais próximo que posso trazer a você, meu filho.

Dor

Então os acordamos. Esperei até que a crianças voltassem novamente a serem vistas num alegre andar de passinhos rápidos seguindo Habdi que, por sua vez, levou-os em volta do círculo, a poucos passos à frente dos homens. Na segunda volta, um deles, que estava observando as crianças muito cuidadosamente, piscou seus olhos pelas vibrações delas, que

não estavam sintonizadas ao estado mais bruto deles, e chegou à conclusão que uma destas crianças realmente era sua. Então ele esticou a mão e pegou a criança em seus braços.

Repentinamente, ao contato, ele emitiu um grito, pela dor. Caiu ao chão e ficou ali olhando, selvagem e também temerosamente.

Você poderia explicar isto um pouco mais, senhor, se puder, por favor?

Quando você tem uma dor no corpo, ela é conseqüência de uma série de vibrações adentrando no cômputo da parte afetada que não está em concordância com o sistema de vibrações já estabelecidas ali. A nova série não combina nem com a velocidade nem com a qualidade das outras. Tanto a velocidade quanto a direção de seu movimento vibracional estão anormais. Obliteram também o fluido vital que seria coerente entre o corpo etéreo e o sangue. Há mais em matéria de dor física do que o homens de sua ciência já descobriram. E muito mais também do que acabei de lhe contar.

Muito bem. A ação entre o homem e a criança quanto a seus corpos, foi de certa forma da mesma natureza. O contato dos dois corpos foi doloroso a ele, porque o seu estava mais lento em vibração e não podia acomodar-se à corrente mais alta de vibrações que lhe foi imposta vinda do corpo do menino.

Mas se ele tivesse perdoado e fosse de coração bondoso, tudo teria saído bem?

Assim é, meu filho. O toque da criança teria agradado a ele, em vez de lhe causar dor.

Dois grupos dispostos a mais

Bem, o fim disso foi que os outros acorreram em torno deles e quebraram o círculo para ver o que aconteceu ao seu companheiro neste desastre. Pois era o medo de um desastre o que lhes preenchia as mentes, como o ódio e a ânsia de vingança estavam em seus corações.

Agora fomos em frente, eu e o Bispo e o Vereador, deixando os outros nossos socorristas no meio das pedras. Nós puxamos as crianças, e o Vereador pediu silêncio. Ele explicou, como Habdi havia feito aos seus outros companheiros, de que forma haviam chegado ali, e seu atual estado.

Isto resultou numa explosão de perguntas dentre eles, enquanto argüíam sobre o tema. Alguns se ajuntariam a nós e permitiriam ser conduzidos pela nossa liderança. Outros partiriam e explorariam a região com seus próprios poderes. Outros nada fariam, a não ser voltar para a terra e procurar meios de se vingarem de seus invasores.

Então nós, com paciência, separamos todos em três grupos. O primeiro grupo, deixei com líderes de nossa companhia. O segundo, designei ao Bispo e ao Vereador. Eu disse aos dois, e a alguns poucos dos melhores, que me manteria em contato com eles enquanto vagassem, e que estaria com eles de vez em quando novamente, e poderíamos socorrê-los quando a necessidade aparecesse. Eles eram grandes e fortes almas, aqueles dois, meu filho. Farão um bom trabalho aqui, e penso que a terra vai senti-los ainda no curso de suas operações.

O retorno dos restantes para o plano da terra

Tendo assim disposto estes dois grupos, aproximei-me dos restantes. Eles estavam amaldiçoando seus inimigos e uns aos outros, e estavam numa situação bem angustiosa.

Nenhuma mulher entre eles?

Mulheres, não poucas, e alguns pastores também. Não tenho gravado o número deles em minha mente. E pouco importa, ou pesquisaria em nossos arquivos para você. Sim, havia mulheres, e algumas eram mães cujos filhos estavam esperando por elas no prado. Sentimos muito, meu filho. Talvez não se arrependam de sua loucura até que seus doces bebês estejam além de suas aspirações, bem nas esferas superiores, e fora de seu alcance. Ou talvez jamais desejem estes bebês para cuidarem até que tenham se passado eras. Nós deixaremos assim, meu filho. É, como digo, uma história triste para entristecer o coração de um anjo.

Então quando uns, menos que uma dúzia, tinham se apartado deles, e isto com alguma dificuldade, deixamos os restantes partirem. Mandamos um despacho para Shonar, para fazê-lo ciente de nossas atitudes e da chegada até a sua esfera de ação daqueles que não se arrependeram. Ele lidaria com eles ali, e quando tivessem praticado o que queriam, e tivessem feito a maldade que podiam sobre o plano da terra, eles gravitariam para seus próprios infernos, para joeirarem e refinarem. Alguns deles insistiriam em visitar a terra de vez em quando, e isto não pode ser admitido. Somente aqueles de mente semelhante à deles em termos de maldade é que podem ser atingidos por eles. Estes são os que fazem de sua terra um lugar de dor, meu filho, onde poderia ser um lugar agradável.

Orar pelo povo da Clareira

O que estava fazendo Wulfhere nesta hora, Arnel?

Ela, tendo feito o que podia, deixou-nos e foi primeiramente para o prado, e de lá para a Clareira. Uma seleção foi mandada para lá, um por um, e a colônia cresceu rapidamente, e a floresta tinia com os gritos das crianças; e elas e as mulheres e os homens foram escolarizados na nova vida, e suas leis e maravilhas.

As crianças de Barnabas*, meu filho; você lembra das Crianças de Barnabas?

Sim, Arnel; oro por elas desde que me pediu para fazê-lo.

Deus esteja contigo, meu filho, você faz bem, saberá disso um dia. Ore por estas pessoas e assim um dia verá a alegria delas, como também terá a alegria de receber boas vindas do Povo de Barnabas por seus pensamentos bondosos, meu filho.

* Veja volume III, “O Ministério do Céu”

CAPÍTULO VI

AS RELIGIÕES DA TERRA: Uma cena num leito de morte

Quarta, 17 de novembro de 1920.

Foi num tempo subseqüente a estes eventos que acabo de lhe contar, que o Povo da Clareira foi agrupado para instruções. Foram misturados todos juntos e, sob a tutela bondosa e sábia de James, aprenderam a tolerar com boa vontade as diferenças entre eles, em termos de religiões, opiniões e costumes. Estas diferenças ainda remanesciam, e remanesceriam ainda por um tempo. Mas James buscou mostrar-lhes que eram muitas as grandes verdades que elas tinham em comum, e como as pequenas verdades deveriam aqui ser misturadas entre si, para então completarem-se em uma verdade maior. Assim a dimensão terrena passou, e deu lugar a um senso real de comunidade.

Mas nenhuma diferença foi ultrapassada. Foi encarada genialmente e com franqueza, e desta forma as pessoas encontravam muito prazer nestes encontros.

Agora James estava no terraço na frente de sua casa, e Habdi sentava-se nos degraus da frente, enquanto Ladena e Mervyn encostavam-se num lindo telhado que tomava a frente da casa.

Varanda

Sim, meu filho, deste jeito, sim. Eu me encostei num dos pilares desta varanda, um pouco atrás e do lado esquerdo de James.

Vou dar-lhe um episódio destes acontecimentos. James disse, “Penso que aquele homem ali tem algo que gostaria de nos dizer.”

Ele apontou um homem a meio caminho da Clareira, que estava encostado num banco embaixo de uma árvore grande, no lado esquerdo da clareira, se olharmos do ponto onde estávamos para ver as pessoas.

Aquele que foi apontado estava um pouco hesitante, mas olhava para o rosto bondoso do jovem líder e, levantou-se dizendo, “O que tenho em mente não é nada de importante, senhor. Queria fazer uma pergunta. Estive pesquisando por que fomos feitos tão diferentes que não somos capazes de, com o passar do tempo, entrar em concordância nestas diferenças todas, embora devêssemos ser competentes de vermos tudo de forma igualitária.”

James estava quase respondendo quando uma leve pausa nos foi dada a todos. Desta forma. As árvores que estavam paradas começaram a vibrar e suas folhas balançaram, como se uma brisa estivesse atravessando a Clareira. Mas não havia brisa. Também as trepadeiras sobre as casas, e as casas em si tremeram levemente. Pela nossa roupa passaram tremores também, dando a impressão de que um passarinho passou voando por nós e encostou suavemente em nossos corpos com suas asas. Mais ainda, leves sombras de cores ondularam através do material de que foram feitas nossas roupas e então, vagarosamente, foram embora findando o tremor das casas, árvores e atmosfera. Então tudo ficou parado.

Foi uma agradável experiência, e fez nossos corpos formigarem com um vigor que era muito revitalizador. Mas muitos dali não entenderam. Nem nós os esclarecemos naquele momento. Em vez disso, acenei com a cabeça para James que olhava para mim, e sorri aquiescendo a seu pedido e então prossegui.

Parábola de um jardim

Eu disse, “Um homem decidiu limpar seu trecho de floresta para que pudesse construir uma casa neste novo local. E ele deveria fazer um jardim ali. Assim, chamou seus filhos e convocou-os para completarem o plantio do jardim com as árvores e plantas que escolheriam entre as mais proveitosas em frutos. Mas eles não entravam em acordo. Disse um, “Plantarei macieiras, pois a fruta é saudável e abundante.’ Disse o outro, ‘Mas no inverno a fruta não é gostosa. Plantarei azevinho, o qual dará um aspecto alegre durante o ano inteiro.’ Disse o terceiro, ‘Mas a fruta do azevinho não é saudável para ser comida. Plantarei couve, que é bom e abundante na colheita.”

Então todos foram ao pai e cada um expôs sua escolha. Mas ele não recomendou uma em detrimento das outras. Mandou que plantassem o jardim, cada um de acordo com sua vontade.

“E assim aconteceu que, ao final do ano, ele os chamou a todos, e disse, “O jardim foi plantado, meus filhos, e o jardim foi colhido. E percebi que quem plantou a maçã não desdenhou comer a couve em sua época. E o que plantou a couve não teve escrúpulos em admirar o azevinho quando a neve chegou. E quem plantou o azevinho ficou feliz com o cesto de couves e maçãs.”

“Vocês agiram muito bem, cada um em sua própria forma. Mas eu demonstrei uma sabedoria mais amadurecida que a de qualquer um de vocês, por causa de minha idade. Pois, tivesse prevalecido de cada um de vocês a sua própria vontade, este teria plantado o jardim inteiro com a sua escolha. E, vejam, teríamos sentido falta de algo, da mesma forma que a cada um faltou plenitude de sabedoria. Eu aconselho, portanto, que depois disso ajudem-se uns aos outros, e plantem e colham juntos. Desta forma sentirão o trabalho mais leve ao ser executado, e, paralelamente, mais prazeroso.”

“Assim, meus bons filhos, vocês também estão colocados aqui no jardim de seu jovem líder James, e não duvido que ele encontre prazer na variedade de suas ofertas vindas da comunidade em geral.”

Fiz uma pausa e continuei.

Uma corrente de amor

“Vocês notaram um leve distúrbio vibrante momentos atrás, boa gente. Também percebi que vocês ficaram espantados e também agradados conforme aquilo passou por nós. Tocou-nos em cada um e a todos da mesma forma, como se estivéssemos unidos em coração e mentes. É assim quando por momentos aspiramos à nossa mais alta destinação. As coisas menores então se encaixam facilmente, e os elementos mais elevados de dentro de nós palpitam em união e alegria, como foi vivido por nós há apenas pouco tempo atrás.

“Vocês não sabiam, minhas crianças, o que estava sendo enviado para nós naquela onda agradável de paz e boa vontade. Aqueles que plantaram o jardim enxergavam somente com visão parcial. O pai deles era capaz de visualizar o todo, da forma que funcionaria nas estações. Então foi o que vi, enquanto cada um de vocês plantou uma ou outra verdade neste jardim de almas, contudo, como num todo, vocês foram um jardim muito lucrativo e unido em suas aspirações mais profundas. Somente para tais grupos é que os altos anjos são capazes de enviar os raios brilhantes de seu amor e bênçãos.

“Então quando um grupo destes ministrantes brilhantes passou sobre a Clareira instantes atrás, todo o lugar, e vocês, foram capazes de receber da corrente de amor deles, quando eles pararam por momentos e olharam para baixo, e sorriram, e emanaram o doce orvalho de suas bênçãos sobre vocês, e continuaram a caminho da terra em alguma tarefa que tinham a cumprir.

“Tenham coragem, portanto, e continuem no caminho que iniciaram, e a Clareira brilhará conforme seu amor comunitário aumentar.”

Quinta, 18 de novembro de 1920.

Os sistemas religiosos da terra

Estando terminada esta lição a estas crianças grandes, pois não eram nada mais que isso, fiquei observando-os com certo interesse misturado com prazer. Eles estavam discutindo as diversas visões que deveriam ser estudadas do tema sobre o qual lhes falei, e estavam muito atentos em seus argumentos. Parecia ser quase que uma nova luz para se ver as coisas, que outras pessoas de outros modos de pensar e praticar pudessem ter fé única em um Criador único. É estranho como estes que vieram para cá, mesmo no presente estágio, ainda estejam obcecados com a idéia de que todos os outros além deles mesmos estejam fora da trilha, e somente eles tenham o amor pleno de Quem os criou.

Nós não tratamos do tema daquela maneira aqui e, contudo, veja bem, meu filho, não dizemos que todos os sistemas de fé sejam iguais. Não. Mas sabemos que de todos os atuais sistemas, alguns são fortes em um aspecto da verdade, e alguns fortes em outro, e nenhum tem, em si, a verdade total. Mas todos olham em direção ao único Trono Central de todos os Céus, e daquele Centro vem para eles todos os raios de sabedoria que fazem o mundo, no

qual seu espaço está, apontar para um estudo muito interessante para nós, dos reinos espirituais.

Agora deixe-me seguir adiante desta forma:

Nós, apesar disso, não desdenhamos nenhum sistema de fé. Usamo-los todos, de acordo com o que poderiam ser de mais úteis uns aos outros. Assim foi que eu, que na vida terrena tentei buscar e achar o Cristo em Jesus, para amá-Lo e servi-Lo de alguma forma, cheguei aqui ainda apressado em indagar. Bem, continuei minha especulação e cheguei a saber d'Ele desta forma muito mais do que quando, ao achar que a idéia da terra a respeito d'Ele era falha e inadequada, recuei na minha jornada e retomei em outra direção. Não, fui advertido a continuar como havia começado desde que, mesmo ainda na terra, tinha sido quase um Cavaleiro errante correndo atrás da verdade, não tendo escrúpulos em desconsiderar aqueles que nos diziam ter um vicariato de Deus para guardar, para tratar das verdades da forma com que os homens de menor conteúdo espiritual eram capazes de recebê-la. Nisto foi onde investi furiosamente, meu filho. Ainda é assim que eu, embora de maior força e sabedoria, conduzo os pensamentos dos homens para um âmbito mais amplo. Eles chamavam a mim e aos meus amigos de heréticos. Mas o maior Herético de todos os tempos, eles reverenciavam como Cristo, enquanto a nós eles condenavam.

Luzes rondando um leito de morte

Mas não devo seguir mais adiante por este caminho.

Quando Habdi veio para cá, ele foi, em primeiro lugar, familiarizado com a verdade de acordo com a faceta dela que se achava no Credo de seu batismo. Ele fôra batizado como uma criança cristã, e foi instruído na fé como é transmitida aqui - não com seus erros, mas naquilo que tem de verdade. Assim ficou capacitado da melhor maneira para ajudar sua mãe quando ela para cá veio. Também ele foi melhor preparado para tratar com crianças como aquelas que foram colocadas a seu encargo em seu recente nascimento para a vida espiritual. E naquilo sobre o que vou contar agora.

Enquanto eu estava ali parado, chegou uma mensagem para mim. Escutei atentamente porque havia alguma insistência na maneira pela qual chegava a mim. Vinha da parte da mesmo grupo de viajantes angélicos que tinham acabado de passar sobre a Clareira, de quem lhe falei. Eles estavam me chamando para ir, e trazer o garoto Habdi comigo, para o serviço.

Então fomos sem delongas e chegamos a eles onde estavam reunidos, sobre a cama de uma garotinha. Ela tinha uns seis verões. Eu podia ver que ela estava quase por vir para este lado. A casa era de um homem de situação moderada. Não era rico, pois trabalhava para obter o pão. Quando cheguei ali, o quarto estava cheio de luzes de muitas cores.

Você quer dizer luzes espirituais, é claro...

Falo como aparecia para nós deste lado. Sim, eram luzes espirituais, como você conhece. Mas não vinham todas de nós, os desencarnados. Parte daquela iluminação era gerada pelo pai e pela mãe da criança. Examinei estas luzes cuidadosamente. Por elas, eu li estas duas pessoas. Havia umas poucas faixas de embotamento em suas auras. A mulher não era tão espiritualizada quanto o homem. Mas ambos eram boas pessoas. Somente, à medida que a criança ficou mais fraca e eles começaram a entender que ela estava escorregando de suas mãos, ali formaram-se sobre eles colorações mais sombrias, e a irradiação ficou mais escurecida. Sua fé começou a diminuir um pouco, sua fé na divindade de Deus.

Habdi recebe a recém-chegada

Eles eram almas sérias, entretanto, e por isso estes seres elevados desceram para ajudá-los nesta hora difícil.

Eles eram um homem e duas mulheres, aconchegando a criança. Eles estavam ali para que tudo saísse bem com ela em sua passagem. A eles eu conduzi Habdi. O grupo que havia me chamado, enquanto isso, ficou de lado, concentrados sobre o homem e sua esposa, para ajudá-los.

Finalmente, a pequenina respirou profundamente, e não respirou mais. Enquanto isso, seu corpo espiritual elevou-se para fora do corpo de carne, e estava quase liberto. Assim as duas ajudantes tomaram-na em seus braços e deixaram-na descansar por alguns minutos. Então acordaram-na e Habdi veio, tomou-a pelas mãos e sorriu para ela, beijando sua testa e chamando-a alegremente. Logo ela sorriu em resposta e assim, mãos dadas, as duas crianças foram embora, o homem e as duas mulheres seguindo em sua esteira, e logo estavam na Casa de James na Clareira.

A visão da mãe

Quando o último suspiro profundo foi dado, os dois pais estavam quase se jogando sobre o corpo inerte e caindo em pranto, e talvez pronunciariam palavras amargas em seu tão doloroso pranto. Mas, em vez disso, a mulher pôs sua mão esquerda sobre seu peito e, voltando-se para trás, colocou sua mão direita sobre o ombro de seu marido, e olhou firmemente para um lugar sobre a cabeceira da cama, e um pouco à esquerda do centro de sua visão. Ali ela viu sua pequenina olhando avidamente para cima, para os olhos risonhos de um menino que parecia estar conversando com ela sobre uma coisa muito agradável de ser pensada. Ele vestia uma túnica cor de creme com um cinto de ouro, e a garota estava muito parecida com ele em sua roupagem. O garoto havia dado a ela um lindo ramo de flores brancas e azuis, as quais ela segurava com uma só mão, estando a outra segurando fortemente a de seu jovem companheiro para lhe dar força. Lentamente eles se foram, ele falando, ela sorrindo o mais lindo sorriso. Então, elevaram-se das laterais um homem e duas mulheres radiantemente vestidos que seguiam as crianças.

Isto foi o que a mãe viu e, ao ver a cena, ela não mais se sentiu com vontade de chorar. Apesar de lágrimas encherem seus olhos, elas não eram de tristeza totalmente, mas de uma alegria inesperada no meio da sensação de perda, para tingir tudo com misericórdia.

Então eu a vi virar-se para o marido e dizer, “Querido, você viu isso?” Ele a tomou em seus braços e a beijou, mas não respondeu nada. Foram até a cama e acariciaram o corpo de sua pequena. Ele nada respondeu até que isso estivesse terminado e tudo estivesse composto naquela hora.

Nenhuma amargura nem sensação de perda

Estavam sentados juntos na sala de visitas, quando ele disse, “Agora o que você viu, querida, quando nossa pequenina nos deixou? Percebi que você estava olhando muito intensamente para alguma coisa perto do travesseiro. O que era?”

Então ela lhe contou o que havia visto, e ele disse, “Bem, eu não vi aquilo. Mas pode valer pelo que experimentei. Enquanto você estava tão absorta com sua visão, senti uma forte brisa sobre mim. Não era como vento, mas uma espécie de influência - uma correnteza de influências, posso chamá-la assim. Parecia atravessar todo o meu ser e levar embora toda a amargura e sensação de perda. E escutei, ou parece que escutei, algumas vozes falando juntas. Um disse algo parecido com, “O garoto sabe bem a forma certa e não errará nisto. Deixaremos que ele a guie, e nós os seguiremos e os ajudaremos com nossos poderes na jornada.” Era numa linguagem que não conheço, querida, mas mesmo assim entendi tudo bem claramente. Mas nada pude ver exceto uma nuvem esmaecida de luz, exatamente no lugar para onde você olhava. Pareceu primeiro formar-se onde estava nossa garota, então elevou-se acima da cama e flutuou para a esquerda, enquanto eu olhava para ela. Este é o lugar onde você viu sua visão, não é?”

“Sim, querido,” respondeu ela, e agradeço a Deus por isso, porque se não tivesse me dado esta visão, não gosto nem de imaginar os maus pensamentos que estaria pensando neste momento.”

Então ela veio até ele e, ajoelhando-se perto da cadeira dele, colocou sua face contra seu peito e irrompeu em lágrimas. Eram um casal de mentalidade simples, aqueles dois, mais ainda, seu modo de vida foi tal que permitiu que estes anjos elevados viessem e servissem a eles. Eles realmente nem julgaram isso de pouca importância, como isso não estava em suas preocupações. Não, meu filho, nós não consideramos os assuntos maiores ou menores pela medida que os homens usam. Nós temos nossas próprias medidas, e são mais verdadeiras que as da terra.

CAPÍTULO VII

COMO UMA COLÔNIA PROGREDIU

Terça, 7 de dezembro de 1920.

De vez em quando visitava o pessoal do Bispo na selva, como prometi que faria. Uma vez James ia junto comigo, e em outra vez o garoto Habdi, ou outro qualquer. Isto também para ajudar, ou para instruir. Pois havia muito a aprender para estes estudantes naquela multidão heterogênea.

Então chegou uma ocasião em que vim a eles sozinho. A maioria deles, depois de muita inquietude e muito vagarem, chegaram a perceber que esta forma de vida levou-os a lugar algum à frente. Fizeram então um plebiscito e, como a maioria suficiente determinou, os dois líderes planejaram a instalação de uma colônia. Acharam uma planície aberta, com montanhas um pouco distantes, e um rio que vinha das colinas e atravessava o vale. Começaram a construir edificações rudes e cultivar o chão, plantaram seus canteiros e começaram a se sentir finalmente no esboço de um lar.

Então, à medida que a terra produziu o justo, eles reformaram seus abrigos, transformando-os em cabanas e, mais tarde, em chalés muito bonitos. Também árvores cresceram ao lado das margens do rio e em seus jardins, e agora víamos aquelas plantações de árvores aparecerem em várias partes da planície, e as colinas, aqui e ali, começaram a se vestir de grama e de arbustos adiante. Então vários bosques, ampliando seus limites, cresceram juntando-se, e formou-se uma floresta.

Eles estavam muito orgulhosos do que haviam construído. Não era totalmente trabalho manual, mas muito daquilo foi mental, ou da vontade, energia que tomou formato em forma exteriorizada. E nisto eu e meus companheiros ajudamos invisivelmente e sem levantarmos suspeitas, exceto nos melhores deles.

Habdi cresceu, ficando um robusto e gracioso rapaz. E para ele determinamos uma pequena tarefa, exclusiva dele.

Uma Colônia em conselho

O Vereador e o Bispo falaram comigo no conselho. Também havia outros três. Estes eram os mais evoluídos ali, e que podiam exercer uma liderança entre seus companheiros. Estes eram um pastor e dois leigos.

Vieram junto comigo e sentamo-nos na encosta do rio, onde um pequeno tronco havia caído. Perguntei-lhes a respeito do assunto em pauta. O Vereador apontou um dos leigos, que nos explicou assim:

“Nós, por áridos caminhos, chegamos a nos estabelecer neste local, e as pessoas não são ingratas por sua ajuda bondosa, bom senhor e amigo. Pois agora eles têm tido prazer em recordar, e as condições mais acuradas de coração e mente têm estado um pouco mais palpitantes, e não é somente em alguns deles. Eles perguntam onde estarão aqueles seus amigos e parentes que, como acham, mas não estão certos disso, vieram para cá com eles naquele massacre.”

“E o que você lhes disse?” perguntei.

“Nós três fomos primeiramente entre eles para saber quantos tinham estes pensamentos, e descobrimos que era assunto geral entre eles; pois poucos deles não têm alguém querido que estivesse próximo deles quando foram massacrados. E agora percebem que estes não estão todos com eles neste momento, neste lugar. Mas, ‘Onde estarão morando?’ dizem eles, e estão assustados.

“Ouvimos de sua boca, senhor, sobre o Prado, mas nada dissemos a eles sobre isso, temendo que pudessem partir em busca deles, vindo a se perder. Por isso nós os aconselhamos e dissemos a eles que fossem pacientes por uns tempos, e nós nos aconselharíamos com os senhores a respeito de um plano que nós três fizemos para a melhora deles.”

Ele parou e eu disse, “Isto foi muito sábio, e agradeço muito a vocês, meus filhos. Também não duvido de que o seu plano seja sábio. Deixem-me escutar sobre ele, e aconselharei vocês no que é certo com muita satisfação.”

Dois planos para a melhoria

Falou então o pastor. Ele disse, “Senhor Arnel, há dois planos elaborados por nós. Estes meus companheiros imaginaram um plano muito bom de construir o Hall de Assembléias, onde poderiam estar juntos para discutir a questão de acharem seus parentes e amigos desaparecidos. Isso poderia ser, para eles, como uma casa de força de onde, chegando a um acordo único, poderiam enviar mensagens na busca dos pedidos.

“Meu próprio plano é que construamos, não um Hall de Assembléias, mas a Igreja Catedral. Pois temos aqui nosso bom padre, o Bispo, e ele nos lideraria por uma inspiração de reverência. Desta forma um direcionamento seria mandado para nós, para iluminar nosso caminho futuro.”

Virei-me para estes dois bons amigos, governadores adjuntos desta colônia, como há tempos tinham conjuntamente governado sua cidade e seu povo na terra. Eles haviam captado o ponto primordial, e ficaram muito satisfeitos por isso. Estavam sorrindo uns aos outros de tão alegres. Deus havia abençoado tanto seu trabalho com estas pessoas, que eles dois estavam muito felizes. E agora aqueles três tenentes haviam se tornado rivais. Porque enquanto os dois leigos construiriam um Hall de Assembléias como o lugar de autoridade regedora, o pastor construiria uma Igreja Catedral onde entronariam seu amado Bispo.

Olhando por trás destas faces radiantes destes dois líderes, eu fiquei tocado por algo na aparência apreensiva e na consciência ferida nos semblantes daqueles três, e comecei a rir. Então eles começaram a rir também.

Juntem tudo

Nenhuma dissensão havia interrompido o conselho daqueles cinco até então. E a predileção humana que os impeliu, agora eles se esforçavam por esconder de nós. Mas ela se mostrava por si mesma, sem mais nem menos, e eles foram traídos por ela.

Portanto eu disse, “Meus filhos, vocês aqui estão três esferas afastados da terra – e mais que isso. Pois, desde a sua chegada até aqui, seu povo progrediu muito. Aqui nós não dividimos a autoridade em uma parte sagrada e uma parte profana. Pois, embora as idéias da terra não sejam cruelmente desmanchadas nestes reinos inferiores, mesmo assim elas irão gradualmente sumindo, conforme vocês forem progredindo em direção ao mais alto, como se os raios de um espectro do arco-íris, traçado para fortalecê-los, ficassem todos brancos.

“Vocês chamam este amigo de seu Bispo, e assim ele o é, enquanto assim o chamarem. E este seu Vereador, também é assim com ele. Mas agora penso que já progrediram ao liderarem de forma segura seu povo a um degrau acima. Não estou pedindo que o regular e o secular seja anulado em sua vida comum. Não estão prontos para tal. Mas penso que podem mesclar tudo junto de alguma forma, e liderarem seu povo desta forma, em degraus lentos.”

“Penso que vejo o que quer dizer, senhor,” disse o Bispo. “Vamos construir uma justa e espaçosa Casa da Associação, e meu bom amigo Vereador e eu lideraremos ali o povo, num conselho conjunto.”

E assim foi feito, como o Bispo sugeriu. Eles erigiram uma ampla e muito agradável casa onde se encontravam conjuntamente, tanto para conselhos quanto para adoração, e o povo ficou muito agradado e foi muito beneficiado.

Quarta, 8 de dezembro de 1920.

A Casa de Associação é construída

A construção da Casa da Associação deu ocupação para aquela colônia por um longo período. E enquanto construíam a casa, estavam também sendo construídos espiritualmente. Pois havia pretores invisíveis para inspirar em suas mentes alguns pensamentos das coisas elevadas. Assim foi que, quando a casa estava terminada, a textura de suas paredes era de material mais brilhante do que era quando começaram a obra. No decorrer deste tempo, a colônia aumentou em número, por causa daqueles que se agregavam à sua comunidade. Estes vinham de diversas paragens. Alguns eram dos de seu próprio povo que antes estiveram vagando. Outros eram os que vagaram na selva em torno deles, e alguns chegaram ali no decurso de seu avanço normal da Esfera Dois em direção aos reinos mais elevados.

Você pode descrever o prédio, Arnel?

Era parecido com um teatro dos estados gregos, todavia com telhado. Os departamentos subiram em semicírculo, e na parte aberta havia uma plataforma na qual se sentariam os líderes e o Conselho de pessoas. As paredes curvas eram, quando terminadas, de cor marrom clara. Mas, quando algumas poucas assembléias aconteceram, elas mudaram para um delicado heliotrópio que brilhava em luz quando um encontro estava em curso. Pois estas pessoas, sob a chefia de seus dois principais governadores, haviam progredido um bocado.

Um jovem intérprete

Agora o jovem Habdi havia se tornado um jovem muito agradável com, como diriam vocês, uns dezessete verões de idade. E o especial trabalho e ofício que lhe demos foi o de Profeta. Vou explicar, porque vai ajudá-lo a entender como nosso trabalho é realizado aqui, meu filho.

O Bispo e o Vereador eram potencialmente de uma esfera superior àquela onde estava sua área de trabalho. Mas, para realizarem aquele trabalho, permaneciam condicionados à Esfera Três até que, subindo, pudessem levar seu povo junto com eles. Por isso, ao jovem Habdi foi dada a tarefa de sentar com eles no Conselho para que, quando um contato com alguma Esfera entre essa e a Esfera Sete necessitasse ser feito, ele pudesse ser o

intermediário para transmitir a eles a mensagem que precisassem receber, por vidência ou audição.

Entendi, ele era clarividente e clariaudiente.

Também isso, meu filho. Mas ele era mais do que vocês na terra geralmente entendem por esses termos. Da forma que entendo, seus videntes e auditivos têm suas faculdades sem consideração à elevação espiritual. Eles podem ser, ou não, elevados no que atingiram de santidade espiritual. Agora Habdi, sendo da esfera Sete naquela época, era capaz não só de ver e ouvir os que desceram à Esfera Três. Era, a todo e qualquer tempo, capacitado, por esforço de vontade, a estar conscientemente presente nas Esferas adiante da Esfera Três, e diretamente, e não simbolicamente ou pela boca de algum mensageiro, para transmitir às pessoas o que recebia diretamente.

Sua aparência

Muito bem. Chegou o dia em que as pessoas estavam reunidas com seus líderes, e Habdi sentou-se ali com o Bispo e o Vereador sobre o tablado.

Levantando-se, o Vereador dirigiu-se à assembléia, e disse, “Estamos reunidos, meus amigos e companheiros, pelo assunto decidido em Conselho em nossa última reunião. Vocês então sentiram que a hora chegou para que, pela Vontade de Deus, pudéssemos estudar a forma de buscar onde estejam nossos parentes que perdemos nestes reinos. Peço a você, jovem senhor, que explique a estas boas pessoas os detalhes do que aconteceu desde que falamos a eles no Conselho anterior.”

Então Habdi levantou-se e adiantou-se.

Você disse, Arnel, que ele agora estava crescido. Poderia me dizer alguma coisa de sua aparência?

Agora você me pegou, meu filho. Você pode pensar que eu estou fazendo rodeios. A aparência dele na sua própria esfera não era a mesma na Esfera Três. Mas você quer saber como ele aparecia para as pessoas na Casa da Associação. Sim, é isso.

Ele era alto, mas não muito, e esbelto, bem atraente. Seu cabelo era castanho e ondulado, e caía pelo pescoço, sendo preso em sua cabeça por um filete azul. Sua túnica era leve e de seda azul. Em seu peito, onde o colar caía baixo, estava uma pedra de ouro branco, cravejada em torno com rubis. Esta era o único sinal exterior de sua esfera normal, exceto que seu corpo e sua túnica eram de brilho mais intenso que o daquelas pessoas. Mas ele suprimia este brilho, e somente se tornava um pouco aparente quando ele se elevava no exercício de suas obrigações, para ajuizar, tendo as vidências e audições num plano mais alto que o da Esfera Três. Então, seu corpo e sua roupagem cintilavam com a luz inerente a eles, mas era involuntário da parte do jovem Habdi. E esta cintilação tornava-se mais aparente, algumas vezes, em sua jóia de ordem, e no cinto de prata que usava nos quadris. Vejo a palavra “sandálias” em sua mente, meu filho. Não, ele não tinha calçados nos pés. Quando em descanso, como quando se sentava silencioso enquanto os outros conversavam, sua carne era um pouco mais escura que o normal, mas não tão escura como a das pessoas da Casa da Associação.

Ele disse, “Eu tenho me preocupado a respeito do assunto que discutimos juntos no nosso último Conselho, boa gente. Também falei com seus benfeitores, os senhores Arnel, James e a senhora Wulfhere. Eles viram sua condição atual e estou aqui para lhes dizer que é hora de se ajuntarem aos outros, seus parentes e aparentados que, por sua cultura, tiveram a necessidade, durante este tempo, de serem isolados até que vocês tivessem progredido de certa forma a aproximarem-se, até chegarem, ao atual estado deles.

“Tenho muito prazer em dizer-lhes que o Senhor Arnel e a Senhora Wulfhere, com outros de seus ajudantes, estão agora mesmo nas portas desta sua Casa da Associação, e dirão mais a respeito deste assunto.”

Uma suave radiação é espargida

Então entraram aqueles de quem ele havia falado.

Você mesmo e Wulfhere.

Sim, meu filho. Nós caminhamos ao longo do corredor diretamente ao semicírculo vazio diante da plataforma. Aqui havia um espaço aberto, os bancos subindo em fileiras em torno dele.

Eu os saudei da plataforma, e elevei minha mão sobre as pessoas, estando Wulfhere ao meu lado.

Poderia explicar, por favor, “elevei minha mão sobre as pessoas”?

Lembre-se de Moisés quando Aaron e Hur mantiveram suas mãos elevadas, meu filho. Esta é uma história primitiva de matança. Essa foi uma pacífica. Mas as duas são quase primas no efeito. Elevei minha mão na direção dos líderes sobre a plataforma e, virando-me vagarosamente, apontei minha mão sobre as cabeças da multidão até que completei a volta novamente na plataforma. Não era meramente um sinal. Através de mim, ali jorrou poder vindo da minha esfera. Conforme passava pelo filtro de meu corpo, tornava-se sintonizado às condições daquelas pessoas, e caía sobre eles espargindo uma suave radiação. Poucos poderiam ver isso irradiando, à medida que saía de meus dedos. Penso que somente Habdi veria tudo. Tornou-se aparente aos olhos deles somente quando, chegando sobre eles, misturou-se com as suas próprias irradiações mais densas, como uma corrente de eletricidade, ou de vapor, que também são invisíveis até que atinjam as partículas da atmosfera e, misturando-se novamente, voltam a ser invisíveis. Mas os sorrisos brilhantes em suas faces mostravam que a bênção caiu sobre eles.

Iniciação à Esfera Quatro

Isto feito, Wulfhere falou-lhes. Disse ela, “Estou feliz hoje, boa gente, porque aquilo que meu senhor Shonar iniciou, por uma alta graça nós completamos. Vocês se esforçaram bastante e venceram. Vocês, em lentos passos, progrediram tanto que mereceram o avanço para a próxima esfera. Desde que vieram para cá, para esta Casa, sem que soubessem que esta transmutação foi transmitida a vocês, agora vocês estão na Esfera Quatro.

“Fiquem em silêncio mentalmente por agora, boa gente, e no momento propício ajuntar-se-ão aos seus queridos, e seus amigos, e suas crianças, a quem tanto se esforçaram por achar.”

Então ela, eu e nosso grupo formamos um círculo, olhando para fora; mas o círculo não estava completo, havia um intervalo na direção da plataforma. Percebendo o que estava acontecendo, o querido jovem Habdi chegou e aproximou-se a nós, e, pondo minha mão na sua, expressou seu amor a mim e seu agradecimento pelo povo que se tornou de certa forma o seu próprio.

Enquanto estávamos ali, silentes e atenciosos aos nossos assuntos, as paredes ficaram com sua substância menos densa, até que finalmente tornaram-se translúcidas, e então invisíveis. O campo aberto estava diante da multidão e eles viram uma linda pradaria, e árvores, e flores, e fontes de águas que não estavam ali quando entraram na Casa.

Mas estavam muito perplexos. Então fui a eles e lhes disse que as terras em torno daquela Casa da Associação estavam todas mudadas agora, e que eles deviam seguir

procurando, pois já estavam nas terras onde habitava seu povo a quem procuravam; e outros também, que se tornaram seus amigos e que, portanto, tornar-se-iam amigos da atual assembléia.

Quinta, 9 de dezembro de 1920.

Avanço gradual

Quando as paredes mais uma vez se materializaram, a multidão rapidamente saiu de lá. Aqui pararam para ver quais mudanças de aspecto havia no lugar. Aos seus olhos, acostumados a uma luz escurecida da esfera Três, aqui era sem dúvida um Paraíso de brilho. As árvores, as flores e a grama tinham um matiz mais brilhante, e a luz era mais suave. Nem havia terra deserta para ser vista, já que a floresta cobria o horizonte em todos os lados com uma rica cortina de cores. Mas aqui estava o grupo a ser encontrado e pelo qual buscavam. Então seguiram na direção da floresta e adentraram pelos caminhos em todas as direções. Não pararam para considerar qual seria a direção pela qual deviam seguir. Não viram o grupo dos que vieram das esferas mais altas para guiá-los. Mas, um ou outro acharam seus amigos e estavam muito contentes. Desta forma uma colônia mais ampla desenvolveu-se ali. As pequenas cabanas, que tinham sido as habitações das mulheres e das crianças e dos homens que ficaram em sua companhia quando o prado foi atribuído a eles, foram reformadas, aumentadas e embelezadas.

Agora, meu filho, devo dizer-lhe duas coisas, porque devo fazê-lo entender tanto quanto possível as formas pelas quais conduzimos nosso trabalho, e das forças reinantes nestes reinos, e como as usamos.

A mudança que aconteceu nestas pessoas não foi de tipo repentino, como possa parecer através de minha narrativa. Foi uma longa preparação. Eles, por seu próprio esforço, e por nossas orientações, foram avançando em direção ao estado da Esfera Quatro por um longo tempo. A Casa da Associação serviu como focalização onde as suas aspirações eram ajuntadas. Ali dirigimos, principalmente, as correntes de nossos poderes. Entrosando-se e misturando-se ali, seu conteúdo de condição superior lavou e banhou a todos, à medida que faziam o trabalho de construção. Sem que soubessem, exceto uns poucos, como o pastor e os dois leigos e mais alguns, avançaram para uma elevação espiritual até que ficaram realmente adiante da Esfera Três em personalidade, mas ainda, residentes nela com seu ambiente aparente. A iniciação que trouxemos para dentro da Casa da Associação foi meramente para selar o que já havia chegado para eles, nada mais que isso.

Ambientes transmutados: condições alteradas

E o segundo fato é esse. Nós não os transferimos de um localidade para outra.

Isto eu encontro dificuldade para me fazer claro a você, a quem a distância é uma coisa real. Ela não é, para nós, da forma que é para vocês. Você poderia, digo a você como exemplo, dizer que você e eu neste momento estamos distantes um do outro. Pois você não pode me ver, e você me ouve apenas interiormente, como uma voz longínqua de alguém. Mas não é assim. É apenas que seu estado e o meu são diferentes. Nosso ambiente é diverso pela razão de nossa condição estar em dois planos diferentes de atividade. E mesmo assim, não somos diferentes totalmente, pois, veja você, você escreve o que lhe transmito para que seja escrito, e não poderia ser assim se não houvesse alguma semelhança de natureza entre eu e você, ambos.

Assim foi com aquele povo da Casa da Associação. Não foi sua residência que foi mudada localmente, mas seu ambiente em torno deles foi transmutado, e eles tornaram-se, por aquela transação, não mais correspondentes às condições da esfera Três, mas às da esfera Quatro.

Jesus estava no meio

Tenho muita vontade, meu filho, que este tema esteja claro a você o tanto quanto possa. Para este fim ser atingido, falo desta forma:

Quando Jesus veio para a casa onde Seus amigos estavam reunidos para aquela primeira Páscoa, Ele veio invisível. Bem. Então ele reuniu deles a substância de que tinha necessidade e, pelo processo que agora chamam de materialização, Ele criou para Ele um corpo de carne. Então ficou visível a eles. Também seu ambiente ficou mudado. Quando Ele se desincumbiu da tal tarefa que era Sua naquela hora, Ele desmaterializou novamente aquele corpo de carne e, ao fazê-lo, Ele mudou Seu ambiente mais uma vez, de volta ao espiritual. Mas durante todo este processo, do primeiro ao último, presença e ausência não faziam parte disso. Antes e depois de Sua aparição em forma de corpo a eles, Ele estava ali, invisível. Percebeu, meu filho? A mudança era apenas de condição, não de localidade.

Sim, penso que entendo o que quer dizer. Mas nossos amigos em espírito algumas vezes nos dizem que depois que terminamos de conversar com eles, usualmente ficam mais um pouco conosco. Aí, nisto parece estar alguma idéia de chegar e ir. Ainda suponho que realmente significa que esperam um pouco antes de mudar de estado, do da terra para aquele seu próprio.

Você poderia colocar desta forma, sim. Mas embora os espíritos freqüentemente conversem com vocês da terra sobre ir e vir, isto é assim por causa de nossas limitações. Vemos que é necessário usar a linguagem da terra quando falamos para os habitantes da terra, e aquela linguagem contém seu conhecimento tridimensional. No caso de seus amigos, como você acaba de escrever, eu preferiria dizer que eles ficam um pouquinho mais enquanto vão revisualizando o ambiente deles.

Vocês da terra não são todos da esfera espiritual da terra. São de diferentes esferas, algumas baixas, algumas mais elevadas. Alguns são capazes, às vezes, de elevar-se às condições de esferas muito elevadas. Quando chegamos a entrar em comunhão com estes, não achamos necessário mudar nosso estado através da diminuição de nossas vibrações. É necessário somente que nos envolvamos num ambiente temporal para alcançar o dele que, elevado em estado espiritual, é ainda um habitante da terra.

Por este processo de cultura, entretanto, lideramos aquelas pessoas para frente, até que toda a multidão estivesse integrada com o Povo da Clareira. Aqui estavam organizados em comunidades, e mais adiante o assentamento espalhou-se pela floresta e sobre as planícies e pelas colinas. Nós delegamos James e Habdi para governá-los e ensiná-los, e disto tenho mais o que lhe contar mais adiante.

CAPÍTULO VIII

AMPLIANDO E CONSTRUINDO

Terça, 14 de dezembro de 1920.

Agora o Povo da Clareira havia crescido, até se estabelecerem bastante além do limite anterior. Mas nós ainda os nomearemos da mesma forma, já que a Clareira era o seu centro, e era aqui o lugar onde seus governadores tinham suas Casas de residência.

Estes eram James no comando e, auxiliar dele, o jovem Habdi que agia como delegado de sua autoridade quando James estava ausente. Ele também era o porta-voz de James para aqueles a quem servia de mensageiro. Ladena sempre tinha obrigações nos arredores. Ela gastava bastante tempo na Clareira com Mervyn e, em tais ocasiões, encontrava oportunidades de servir.

Mas agora aquela colônia tinha se tornado tão grande que o equipamento não era mais suficiente como até então. Decidiram uma reconstrução para proverem a atual necessidade, e sobre isso passo a lhe contar.

Primeiramente deram atenção à sua Casa da Associação. Esta seria agora um Colégio onde os que chegassem naquele lugar receberiam instrução. Pois esta Colônia tinha agora se tornado, em estado, a primeira da esfera Quatro, e seria por aqui que as pessoas deveriam, normalmente, passar para seguirem para a esfera Cinco.

Por isso escolheram a Casa da Associação e erigiram vários edifícios que seriam usados para o treinamento das pessoas em diversos assuntos nos quais encontrassem necessidade para seu aperfeiçoamento.

Que departamentos eram esses, por favor?

Um era para condicionar os recém-chegados para a atmosfera mais avançada e refinada daquele distrito. Isto era necessário para que não sentissem nenhum desconforto que os distraísse de seus estudos. Este era um amplo local sem edifício central, mas pequenos arvoredos e recantos, e alguns pequenos lugares de habitação onde eles poderiam descansar e ter lazer em meditar, ou conversar, como gostassem. James e outros socorristas ficavam entre eles, mas não muito freqüentemente, e ali conversavam com qualquer um com quem tivessem a chance de encontrar. Mas para treinamento não havia nenhum. As pessoas descansavam e faziam o que lhes aprouvesse.

Mensagens projetadas

Outro departamento foi projetado para ensinar a linguagem. Não encontro palavra adequada para expressar o significado em seu vocabulário, meu filho. Não gosto muito de “telepatia”, e “discurso” não é o que me serviria. Vou rodear o assunto, portanto, para expressar a você o que quero dizer.

Nós falamos uns com os outros de mais de uma maneira aqui. Falamos por palavras pela boca nas esferas inferiores. Isto é como lhe descrevo isto em sua forma exterior. De qualquer forma, estas palavras são vibrações, como são as suas; e portanto o termo servirá. Então, falamos por quadros apresentados. Um quadro mental é projetado de um cérebro para outro, próximo ou distante; estas projeções podem ser vistas às vezes como uma espada de luz arremessada dos lábios e olhos para a atmosfera em torno, onde perde a visibilidade. Quando alcança seu destino, o quadro é apresentado diante da mente do receptor e, de acordo com o caráter da mensagem, é invisível para um companheiro próximo, ou ele é sensível à sua chegada pelo ambiente luminescente sobre a pessoa a quem a mensagem foi enviada.

Então falamos também diretamente, espírito a espírito. Mas isso é usado entre os mais desenvolvidos, e raramente nas esferas inferiores.

Aqui estão três formas, distintas cada uma em seu método operativo. Mas há também outros; e também há formas pelas quais estas podem ser compostas. Desta forma, deixe-me exemplificar-lhe: Habdi está na esfera Dois, e eu na esfera Sete, e eu quero mandar a ele uma mensagem. Ele, estando condicionado para aquela Esfera inferior naquela hora, seu ser íntimo estaria latente. Para que, portanto, não errasse no exato significado, eu projetaria a mensagem para ele e também projetaria uma forma pictórica, e ele verificaria uma pela outra, e nenhum erro aconteceria.

Ciência e departamentos de arte

Outro departamento era o da ciência das esferas. Aqui era ensinado com precisão o que atingiram na áspera caminhada em seu progresso através das esferas abaixo. A especial constituição de cada esfera era explicada e eles, e também o significado das experiências

pelas quais passaram em seu caminho. Feito isso, a Esfera era explicada em todas as suas partes, e os poderes inerentes em seu atual estado espiritual eram explicados também.

Você está imaginando se a Esfera Cinco é mostrada aqui. Não, meu filho. Dela, só daqui por diante. Os reinos à frente da Quarta eram apenas vistos brevemente, nada mais que isso.

Outros departamentos eram os da Música, Cores, Ciência Criadora, e o que você intitularia de Economia Social. Mas estes eram meramente elementares. Era aqui que eles começavam a entender o que estava adiante deles, nesta forma de ensinar. Eles não eram iniciados nas suas dinâmicas porque não eram competentes para entendê-las em seu atual estágio de progresso.

A Clareira é ampliada.

Mas agora devo focar meu ponto de vista para a Clareira em si. Ela foi tratada depois do estabelecimento das escolas e de seu funcionamento pleno. A última foi para os que chegam nesta região e que estão um tanto fracos e precisam ser tratados. Era uma espécie de enfermaria. Foi construída bem além do local de descanso do qual lhe falei antes. Era nos limites daquele estado em direção à Esfera Três. Era aqui a enfermaria onde se fortaleciam e passavam para os locais de descanso.

Então veio a Clareira.

Era necessário que fosse ampliada. Pois ali reuniam-se os mais avançados de outras partes. Estes eram selecionados pelos seus companheiros estudantes, os que realmente os honravam desta forma, por causa de sua diligência em aprender e de sua conduta amistosa. Este método foi adotado a princípio pelos próprios eleitos, para treinamento nas virtudes do amor e humildade.

Com eles veio o Vereador e o Bispo: James e Habdi estavam lá também. Quando estavam todos reunidos, entraram em comunhão de propósitos e então dirigiram juntos seus poderes sobre a parte da fronteira que era à esquerda da casa de James. Lentamente eles conduziram sua corrente de poder fluido ao longo da fila de árvores e cabanas, e foram em torno dos três lados do espaço aberto. Quando terminaram, com muitas pausas, já que não era feito em apenas uma operação, a Clareira estava ampliada em suas fronteiras de forma a ter três vezes mais área do que antes.

Este recanto foi coberto com grama, e então uma colunata foi feita em cada lado, em ângulo reto em relação à casa. Na outra extremidade da Clareira, em frente à Casa, havia um arco erigido em proporções nobres, e duas torres, uma em cada lado dele. Além deste arco, foi construída uma ampla estrada a partir do vão. Ela descia desde o arco e ia através do parque que se estendia amplo para bem longe, até que se encontrava nos locais onde estavam instalados os departamentos de treinamento dos quais lhe falei.

Os trabalhadores estavam verdadeiramente deliciados com o sucesso de sua labuta e, parando com suas atividades, aproximaram-se para examinar seu trabalho.

A realização de vocês será coroada

Quando se reuniram novamente, o Bispo falou-lhes desta forma. “Bom povo, tenho em minha mente, e está na mente de meu irmão nosso Vereador, que agora nós temos mais uma obrigação a cumprir, antes de irmos cada um para seu próprio distrito especial, para continuarmos lá nosso treinamento. A Casa de nosso jovem Líder James está ainda da forma que era antes, quando esta comunidade não era tão numerosa. Não é um aumento de serviço tratarmos do acúmulo maior de forças centralizadas sobre ela, vindas das várias partes da colônia, da forma que ela está agora.

“Deixe-nos portanto, com sua licença, senhor, que nos reunamos mais uma vez, e construiremos para o senhor uma casa para residir, quando estiver aqui neste lugar, de tal forma que será digna das obrigações mais ampliadas que agora o senhor tem de sustentar.”

A isto James respondeu, “Agrada-me muito, meus bons amigos, que tenham em mente fazer isso. Vocês construirão esta nova Casa, da forma que permitam seus poderes para tanto. E para aquilo que não tiverem forças, faremos uma petição aos das esferas superiores que observam o seu progresso. Eles designarão e terminá-la-ão, dando o desfecho ao seu trabalho com o deles. Agradeço a lealdade de vocês até aqui, e pelo seu bom trabalho. Sua atual fase de evolução será, portanto, coroada com a construção de nossa Casa.”

Quarta, 15 de dezembro de 1920.

Uma delegação de cinco

A construção da Casa de James segui-se desta forma. Buscamos um direcionamento de procedimentos junto aos que tinham o conhecimento deste assunto, e das esferas mais elevadas veio uma delegação de cinco arquitetos e mestres de obra. Dois deles eram da Esfera Oito. Eram os projetistas do edifício. Dois eram da esfera Cinco. Tinham um conhecimento profundo das substâncias básicas da Esfera Quatro, já que se mantinham em contato constante com a ciência deste reino. Eles estavam, portanto, capacitados para lidarem com a construção da casa. O outro era um residente habitual da Esfera Quatro, mas residente por sua própria escolha, já que por merecimento verdadeiramente era mais elevado. Ele permaneceu aqui pelo propósito de ficar cuidando de assuntos como esse, que se apresentam de vez em quando.

A razão desta combinação era que os arquitetos, sendo de esfera superior, fariam o projeto mais sublimado do que faria algum habitante da região onde a casa seria construída. Os artífices desejariam, com seus artesãos, igualar o desenho. Não abrangeriam o total, não, mas concluiriam a estrutura como pudessem – por causa dos elementos das esferas acima da Esfera Quatro que usariam entremeados nela – levando os observadores a perceberem que, intrinsecamente, havia um ingrediente místico. Assim, eles seriam levados a desejarem isso também. É um dos usos de nossas residências que colocamos, quando a ocasião aparece. São lições visíveis ao povo, das qualidades invisíveis que esperam por se desdobrar, conforme progridam de uma altitude para outra, de grau mais elevado.

O quinto trabalhador seria o que acompanharia a construção do prédio a cada estágio das operações, para verificar que nada exceda a competência nem dos trabalhadores, nem da maleabilidade dos materiais daquela região que seriam usados na estrutura.

Primeiro veio a planta da Casa. Não é como as que vocês usam na terra, meu filho. Para mostrar-lhe como fazemos este trabalho por aqui, vou narrar-lhe os procedimentos de certa forma detalhados.

Quando a velha Casa foi desintegrada e o espaço limpo, o Quinteto veio até a Clareira, e chamamos os trabalhadores também. Eles alinharam as duas colunatas, e a frente do arco. Os Cinco ficaram no platô, agora mais espaçoso, onde tinha estado a Casa do jovem governador.

Ele estava lá, e Habdi?

Esteja certo disso. Sim, todos nós viemos ver este lindo trabalho. Ficamos sobre a plataforma com os trabalhadores.

Trabalhando num modelo.

Então iniciaram seu trabalho com a correta seriedade, e logo no meio da Clareira vimos a grama tomando um aspecto luminoso num espaço de umas doze jardas por três. Então o

retângulo projetou de si mesmo seis quadrados, três em cada lado. Esta forma era a planta básica da casa a ser construída. Lentamente as paredes subiram e os arcos tomaram forma, desde a base até em cima. Era uma realização muito lenta, porque subia polegada por polegada, completa em todos os detalhes de ornamentação e estrutura, tanto internos quanto exteriores. Então, finalmente ficou pronta.

Fomos todos até lá inspecionando, e podíamos ver tudo, e cada linha dela. Estava banhada por uma luz cintilante que a fazia translúcida. Desta forma os compartimentos interiores ficavam aparentes para nós, como já estavam as partes de fora.

O trabalho de construção não foi retomado por um tempo, mas os trabalhadores gastaram sua folga discutindo o modelo ponto por ponto, e como fariam no tratar de variadas partes, ou se este pilar, ou arco, ou escadaria poderiam ser feitos neste modelo com o material que tinham à mão. Então, eles, grupo após grupo, retornariam ao modelo e encontrariam outros artífices ali para o que determinava aquele propósito. Retomariam a discussão novamente, e a ajuda poderia ser pedida ou dada, mutuamente. Assim, tudo continuava, e havia um grande prazer em todos, e para nós também, que observávamos seu comportamento alegre e semblantes brilhantes. A maioria deles eram, meu filho, os que trouxemos para cá vindos do Porto Pedregoso. Você poderá imaginar nossos corações, nós que cuidamos destas pobres crianças da terra em sua fraqueza. Agora estavam fortes e bonitos, e cheios de propósitos corretos. Era uma coisa abençoada de se ver.

Bem, a casa foi começada, e terminada, peça por peça. Eles a levantavam até certo ponto, paravam e consultavam o projeto, comparando detalhes com os detalhes mostrados. Aqui havia uma pilastra levantada uns dois pés da base. Mas os dois lados não estavam bem na projeção reta, ou a coloração talvez estivesse ligeiramente alterada. Então começavam tudo novo, até que tudo estivesse perfeito. Então procediam à construção da próxima polegada. Mas estavam muito cuidadosos, na verdade, para que tudo fosse tão bem feito quanto eles fossem capazes de fazer. Pois esta seria a Casa de James, seu jovem e gracioso governador, e seu amor por ele era grande e sincero.

A estrutura completa

A Casa estava completada em sua estrutura. Vou descrevê-la a você.

Nós nos aproximamos dela, vindos do Parque além da Clareira. Na frente está uma linda arcada arredondada com uma cornija em cima, como o lábio de uma criança, de tão leve e suave que era. Em cada lado, com uma parede conectando, havia uma torre com compartimentos para os que esperavam os visitantes vindos de terras distantes, e também por mensagens dos estabelecimentos espalhados aqui ou ali. Passamos pela arcada e entramos na Clareira. Ela é coberta de grama, e em cada lado há uma colunata onde, em torno de seus pilares, vemos arbustos e flores, e além deles a região arborizada, com caminhos e avenidas. Havia paz em todos os lugares, na Clareira e fora dela também.

Diante de nós, na extremidade mais afastada, subia um aclive que tinha continuidade numa escadaria de alabastro. Ela passava quase que por toda a extensão da Clareira e, além da balaustrada, em cada ponta há uma pérgula com uma fonte de águas diante dela, e flores em canteiros e subindo em trepadeiras.

A fachada é uma série de nove arcos que partem do chão até dois terços da altura total. Os dois maiores arcos destes estão cada um do lado do arco central, que está comprimido numa forma ogival. Acima desta arcada há sete arcos menores, e a cornija formando curvas sobre o todo, determinando sua silhueta.

Esta silhueta é interrompida por outros arcos e domos que se elevam atrás deles, dos compartimentos centrais. Isto é uma elevação lateral da Casa que se alonga para trás partindo da Clareira. Nas duas longas laterais projetam-se três torres em cada. Mas elas não são vistas da Careira, exceto seus topos. Pois projetam-se além da largura da Clareira e são escondidas

pelas árvores. Mas seus topos são vistos, e são circulares. Estas seis torres tomaram muito dos esforços dos trabalhadores, já que as curvas não são comuns e difíceis de serem executadas pelo fato de que, apesar de saírem quadradas de suas bases, terminavam circulares. Mas eram muito belas de se ver do plano que se estendia dos dois lados da Casa.

Dentro dela havia um amplo hall central de encontros, e este era quadrado. Saindo dele havia corredores, e diante dele havia um espelho d'água como vestíbulo.

Guerra nas esferas inferiores

Qual era o propósito destas torres, Arnel?

Eram para o uso dos visitantes. As da esquerda eram para os visitantes das esferas mais altas, e as da direita para as pessoas da Esfera Quatro e Três, e a outra para os que chegavam aqui vindos da terra na hora do sono. Elas foram construídas com um desenho certo e com material especial. Eram sempre servidas por um grupo cuja obrigação era permitir que estes visitantes se condicionassem ao ambiente daquela Clareira.

Chame-as de "Câmaras de Vestir", meu filho. Isto descreverá bem seu uso e propósito. Você escutou falar sobre a roupagem de casamento, e aquele que não a tinha, na parábola. Retomo-a, estas torres tinham o propósito de assegurar que esse incidente não aconteça na Clareira.

Isso seria possível?

Com certeza, meu filho. Soube que muitos teimosos temerários se intrometem nas regiões aonde não estão corretamente sintonizados. O livre arbítrio aqui é como entre vocês, e é sempre usado livremente. Alguns têm força para suplantar a sua sabedoria. Bem, eles encontram sabedoria para se retirarem para sua própria atmosfera. Alguns aprendem sua lição desta forma, os que não o fariam de outro jeito. Mas sempre são exceções. E eles não vêm freqüentemente para um local tão avançado como é a Esfera Quatro, e ainda numa parte tão avançada como a Clareira.

Seria possível, para esses de esfera bem inferior, quero dizer os espíritos malignos, forçarem seu caminho numa esfera mais elevada e prejudicarem seus habitantes?

Eu hesitei um pouquinho, meu filho. Na teoria não vejo por que não fariam, exceto que o prejuízo que seriam capazes de trazer não seria nem permanente, nem sério. Se tal contratempo acontecesse de fato, o resultado aos habitantes não seria tanto de injúria, mas de tensão. Seria ocasionado por dois fatores, isto é, o testemunhar da agonia dos invasores quando a loucura de sua fuga passasse com o tempo, o que aconteceria rapidamente, e também pela razão da proximidade do elemento inferior e estas vibrações sem amor que colidiriam com as suas durante o curto espaço de tempo em que os invasores pudessem sustentar seu intento.

Isto em teoria. Na prática nunca soube de uma intrusão da parte de um grupo de necessitados.

Não há tradição em tais ataques?

Parece-me, meu filho, que você tem em mente a tradição terrena de guerra no céu. Mude esta palavra "céu" para "esferas", e estas, em esferas mais baixas, e eis aí. Eu já havia dito sobre esta guerra, e que é apenas uma de muitas que têm acontecido, à medida que as eras vêm passando. Mas isso são altas políticas, e não da Clareira e da Casa daquele santo jovem nobre que os liderava.

Outros embelezam a Casa nova

Quando tudo estava terminado, os trabalhadores descansaram, olhando para sua obra com muito prazer e bastante orgulho. Começaram a ver que seu extenuante esforço para progredirem em merecimentos espirituais não era sem benefício prático também. Seus talentos poderiam ser colocados em uso de tal forma que se tornariam visíveis em algum trabalho permanente para a comunidade, como no caso da Casa de James.

Mas enquanto descansavam, outros se ocupavam com a obra. Conforme as pessoas andavam na Clareira agora, e de novo, viam uma forma semi-visível passando através dos arcos, ou permanecendo sobre o telhado ou sobre o platô. Então sumia das vistas, ou entrava na Casa, sumindo assim das vistas deles. Eram trabalhadores das altas esferas. Eles vinham para consolidar a construção, ou para introduzir em sua estrutura algo de seu próprio ambiente e desta forma elevar suas influências, tão alto quanto fosse possível fazer a respeito de uma casa, mesmo que localizada na Esfera Quatro, e também criada por aqueles que eram cidadãos dali.

Quando eles terminaram seu trabalho, toda a estrutura tornara-se aumentada em sua beleza. Mas ninguém poderia dizer em que particular ela tinha agora o que antes lhe faltava. Apesar disso, de alguma forma indefinida todos estavam conscientes de uma sensação mais refinada, tanto em cor como em traçado. Também, de maneira suave, ela tinha uma aparência de estar dotada da faculdade de sensação, mas não num grau pronunciado como nas regiões mais avançadas.

Capela e espelho

Uma coisa devo lhe dizer aqui, antes de continuar com minha narrativa. É concernente à maquete que estava no meio da Clareira. Ela não foi desmaterializada quando a Casa acabou. Não servia mais em seu uso primordial. Mas foi deixada ali para ser um toque na área grande de gramado verde, onde estava colocada.

Como foi feita por aqueles nossos arquitetos, bons ajudantes, foi cuidadosamente pintada como a Casa seria. Eles cuidaram dela da forma que ela não podia ser, ou seja, uma réplica do prédio maior. Seria deixar com que um derrotasse o outro em interesse e graça artística. Portanto reduziram a sua coloração até que foi deixada com uma aparência de alguma substância entre pedra de alabastro e marfim esmaecido, com os topos das torres tingidos de um leve dourado, e da mesma forma as curvas dos arcos. Assim, o modelo tornou-se para eles uma capela e um indicador em um só.

Ela estava ligada à Casa por certo sistema vibratório, mutuamente sensível.

Se algum visitante viesse por aquele caminho, ou se qualquer um dos que tivessem trabalhos normais estivesse naquelas paragens, estes saberiam o que estava acontecendo ali dentro da Casa: os atendentes da Clareira poderiam olhar naquela capela e poderiam saber tudo o que queriam saber. Isto evitava que muito tempo e trabalho fosse desperdiçado, já que a Casa era muito ampla, e tinha muitos departamentos nela, e também além, nos jardins e nos arredores. Aqui na Capela poderia ser lidos, sumarizados em epítome, todos os assuntos em pauta a qualquer momento em toda a casa e em torno dela.

E era uma capela porque sempre que as pessoas sentissem a necessidade de alguma força extra para cumprirem suas tarefas, a qualquer hora poderiam ir até ali e, repousando na Clareira ou estando próximo ao modelo, cairiam em meditação. Então seriam atendidos com os grandes poderes na Casa em si, e os de sua comunhão com seu Governador e seus ajudantes. Desta forma, a ajuda era dada sem que invadissem o tempo de seus líderes. Eles iam para a Clareira como o seu povo vai à igreja, pelo silêncio e aspirações e, para eles ali, ela era seu altar de oferenda e de alívio.

Uma mensagem da Esfera Crística

Agora, quando a Casa estava quase completa, tivemos uma assembléia de inauguração. Uma nova era estava se abrindo, e era necessário que tudo, lugar e pessoas, fosse ajustado à próxima nova perspectiva.

O interior do grande hall estava cheio de pessoas. Num lugar elevado, numa extremidade, estava James. Então veio em sua direção um homem de aspecto muito bonito. Usava uma longa roupagem branca, e sobre ela um manto azul profundo e dourado. Sobre seus quadris havia um cinturão largo vermelho debruado em branco. Sua face brilhava de tal forma que parecia haver, em seu semblante e sobre seu cabelo, um halo dourado de uma garoa quase invisível de alguma esfera distante, acima dali.

Ele disse, “Vim até vocês, que são chamados o Povo da Clareira, para transmitir-lhes as palavras de cumprimentos dos que, invisíveis a vocês, observam, de lá daqueles céus, o seu progresso neste, onde estão cumprindo seu caminho. Vim a vocês como delegado daquele que desceu da Esfera Crística até a minha, para que eu lhes entregasse esta mensagem. É esta: O Cristo nosso Líder não está desatento em relação a vocês e o que têm feito até aqui. Como Ele foi retirado da terra violentamente por Seus contemporâneos, também vocês foram. Lembrem-se disso, porque nisto vocês são companheiros d’Ele. Ele sabe das suas discussões quando pensamentos malignos eram sugeridos a vocês, e destes pensamentos vocês se afastaram, virando seus rostos e olhando em direção aos céus, com tristeza e corações ansiosos. Assim Ele fez; e aqui novamente estão vocês e Ele relacionados: O brilho que atingiram aqui neste ponto mais alto da Esfera Quatro; nele, Ele se abrigou quando ascendia das Oliveiras em direção à Casa do Pai naquela época. Esta radiação vocês atingiram, e ela tem brilhado sobre vocês, e sobre suas moradias, condensada por atração, estando vocês mesmos sempre brilhando.

James, o novo Líder

“Agora caminhem em frente, bons filhos da Clareira, e do Cristo, já que Ele os espera lá, onde podem vê-Lo na majestade de Sua Santidade e na simplicidade de Seu amor.

“E agora deixo a vocês, como líder, aquele a quem vieram a amar pela sabedoria e pela bondade que são dele. Enquanto esta Casa estava sendo construída, ele adentrou em uma esfera mais adiantada daquela em que ele estava quando os encontrou lá na escuridão, para os liderar até aqui. Ele os guiará bem, e muito serviço prestarão aos seus companheiros que têm muita necessidade de ajuda, como ele lhes mostrará.

“Que Deus, e o Cristo de Deus, guiem-nos sempre, bom Povo da Clareira. Elevem agora seus corações num cântico da alegria, e dêem ao seu jovem senhor suas bênçãos.”

E assim realmente fizeram, sim, meu filho, ardentemente. Pois eles amavam o nobre líder com um amor incalculável.

E então ele falou a eles. Ele estava mais solene do que eu já havia visto até então. Também a dignidade desempenhava ali seu papel, na sua pessoa e nos seus movimentos. Era inconsciente da parte dele, mas não podia ser de outra forma. Ele havia sido transferido para uma esfera superior, e isto não significa apenas um grau mais elevado de autoridade, mas também um inerente acesso a poderes pessoais. Ele era simples e humilde como sempre foi. Mas teve sua nobreza aumentada. Eles viram seu aspecto modificado, estas pessoas, e entenderam. Viram tudo, e isso fez com que o amor ficasse não menor, nem menos íntimo, mas sua reverência por ele aumentou um pouquinho mais.

Ele disse, “Por todo o seu companheirismo, meus amigos, eu agradeço. Esta Casa, onde deverei estar quando residir entre vocês, está consoante com os sussurros de seu doce amor por mim. Bem, nós realizamos algo juntos e faremos mais ainda; pois há os que esperam por nossa ajuda, ajuda esta que ninguém pode fazer melhor que vocês. Isto me foi mostrado enquanto estive lá em cima, naquela esfera que agora é meu lar.

“Nosso Pai nos deu uma terra maravilhosa, para nela construirmos nossa colônia atual. Mas há os que vocês deixaram para trás, próximos à terra, porque não estavam prontos para a subida que completaram. Devemos ir em seu socorro, e o que pudermos fazer em sua ajuda, faremos.”

Então virando para o Anjo que atuara como seu Responsável naquela ocasião, ele disse, “E a ti, meu senhor, damos todas as nossas bênçãos em gratidão, e aos que trabalham contigo, naquela esfera elevada, por nós. Enviamos, através de tuas mãos, os nossos cumprimentos. Por favor, senhor, dize a eles que estamos indo pelo caminho, mas primeiramente retornaremos sobre nossas pegadas, pois há quem não conheça a estrada até aqui, e devemos mostrar-lhes, senão continuarão perdidos.

“Por isso, abençoa-nos, meu bom senhor, e enviaremos com o senhor o nosso amor e gratidão como seus companheiros em seu caminho.”

Então James ajoelhou-se diante do Anjo, que colocou sua mão esquerda sobre sua cabeça inclinada. A direita, ele estendeu às pessoas e abençoou-as, enquanto também elas inclinavam suas cabeças diante do brilho de sua pessoa na plenitude de seus corações.

CAPÍTULO IX

TRABALHO NOS PLANOS UMBROSOS EXTERIORES

Terça, 21 de dezembro de 1920.

Encontramos Shonar em sua residência principal, naqueles reinos inferiores. Era uma fortificação, solidamente construída e assentada, ao lado das encostas de uma montanha. Você deve perceber, meu filho, que o que lhe conto não é como eu faria num grupo de amigos neste lado do Véu. Por aqui eu seria capaz de usar termos exatos e naturais em nossas operações mais variadas. Mas, falando a você no outro lado, devo colocar minha pintura na tela, e delinear uma obra de forma que vocês da terra possam apreciar.

Por isso digo que esta casa de Shonar era uma fortaleza. Ele a elevou durante os muitos anos de trabalho entre os diabos encarnados, entre os quais sua tarefa era determinada. E quando passavam para cá pela morte, ele então ainda os encontrava e lidava com eles, e a primeira lição que lhes ensinava era que ele era o Mestre. Algumas vezes isto era rapidamente aprendido e guardado. Mas, freqüentemente, os que eram conferidos à sua guarda eram grandes almas que agiram desencaminhados. Estes eram teimosos e afrontavam sua autoridade por um longo tempo. Mas até que o aceitassem como o dominante, eram seguros ali com correias, tanto quanto possível, para que o malefício que continuassem a fazer a seus companheiros fosse limitado à menor medida possível. Isto não seria eliminado totalmente enquanto, ainda encarnados na terra, fossem chamados aos seus como em espírito. Mas Shonar fazia o que era possível.

A fortaleza de Shonar e seu propósito

Por fora, este bloco de pedra era de cor bem escura. Ficava ali numa claridade quase menor que a do crepúsculo, contemplando uma grande planície. Esta era interrompida por ravinas e rochas e, aqui e ali, uma corrente escura de águas fétidas. Em torno, altas e escarpadas montanhas elevavam seus pináculos nos compartimentos escuros acima. Havia muitas cavernas entre essas montanhas.

Viajando através de um país como esse, um recém chegado primeiramente diria que era desabitado. Então, numa pesquisa mais cuidadosa, encontraria um grande número de escondidos nas fissuras ou ao longo das ravinas, com um andarilho perdido aqui e ali nas planícies.

Ele acharia que aqui era uma terra de ninguém, sem ordem e sem ninguém para registro das pessoas. Não era assim. Escondidos entre os picos das montanhas, ou dentro das cavernas mais profundas, onde quer que se perdessem, cada um dos perdidos era contado, e tabulado, e classificado naquela Fortaleza.

O prédio em si tinha um duplo propósito. Foi feito forte contra assaltos, e foi feito forte para a cura. Forte contra os que, tanto sós como em grupos, viessem para cá e freneticamente procurassem adentrar estas paredes; e forte na influência que lançasse sobre os que fossem admitidos ali, inválidos, para fortalecimento. Isto quando tivessem chegado até onde seus próprios crimes e desejos permitissem um destino melhor do que haviam tido nas terras escuras lá fora.

Dentro da fortaleza

A grande arcada estava sempre aberta, já que ninguém poderia passar por ela, a menos que os que ali trabalhavam permitissem. Alguém poderia invadir até três ou quatro passos, mas então rapidamente pararia pasmado, respirando com dificuldade, viraria e apressadamente retornaria pelo mesmo caminho mais uma vez. A razão era que o pequeno espaço cúbico embaixo da arcada estava condicionado à Esfera Quatro. Se você tivesse aprendido as lições que já tentei ensiná-lo, entenderia que ninguém poderia passar esta barreira se não fosse de mais elevado grau de evolução que os daquela região, ou sem a ajuda enviada dos que administram o lugar.

Passando por ali, segue-se um longo corredor para cima e, saindo dele há muitos compartimentos, alguns amplos, outros pequenos. Estes estão, cada um, preparados para um propósito diferente. Estão condicionados em diversos graus e variadas influências. Aqui ficam os que são tratados de acordo com sua necessidades particulares.

No centro do corredor está um amplo hall, com passagens e quartos localizados nestas paredes. Este hall é coberto com ricos cortinados e é um lugar muito agradável, não majestoso, mas pleno de conforto aos olhos, aos ouvidos e ao corpo. Ao olho, porque se a luz não é brilhante, é suave. Ao ouvido, porque as cortinas são de tal forma feitas que emitem sons musicais suaves quando tocadas; também pode-se ouvir águas, e na extremidade fica uma grande bacia com o fundo de mármore e peixes dentro. Também dali verte, do alto da parede, uma queda d'água que é muito agradável aos olhos e aos ouvidos. Ao corpo, porque este é o lugar aonde os trabalhadores vêm de vez em quando para descanso, e naquele hall há uma atmosfera de descanso, e bondade, e pureza e, para alívio, uma mistura de todos os opostos aos sentimentos malignos endereçados para eles pelos pobres espíritos enegrecidos de fora, sobre as montanhas e planícies.

As novidades alegres de Claire

Aqui encontramos Shonar. Ele estava sentado perto do viveiro de peixes, e com ele estava uma jovem garota que se sentou ao lado dele sobre a lateral de pedra. De vez em quando ela olhava para ele com amor e gratidão. Eu a conhecia, pois encontrei-a em minhas visitas anteriores.

Conforme eu ia chegando, ela levantou-se e, correndo para mim, pôs sua mão em meu peito e, olhando feliz em meus olhos, disse, "Oh, meu senhor Arnel, novidades, novidades!"

"Que, para uma jovem mocinha, são como açúcar para uma égua," disse eu, sorrindo.

"Não," disse ela, "verdadeiras notícias desta vez, querido Arnel. Finalmente ele está dentro destas paredes; realmente aqui, Arnel. Agora mostre-me sua alegria por minhas notícias!"

Ela me segurou com ambas mãos no meu peito, e manteve-me num abraço enquanto olhava firmemente em meu rosto com um olhar de triunfo. E sem dúvida baixei minhas defesas. Tomando-a em meus braços com ternura, deitei sua cabeça em meus ombros e disse, “Claire, minha pequena, são de fato novidades, e as bênçãos de Deus. Valeu a pena todo o trabalho na estrada para que eu chegasse até aqui, neste lugar longínquo, para ouvir isso. E agora, minha querida, vai me levar até ele, porque eu também vou dar as boas vindas. Não, mais, vou cumprimentá-lo bastante, pequena Claire, por sua mais esplêndida luta, e a vitória em seu final. Mas, primeiro, ao meu senhor Shonar, já que por causa de sua doce ânsia de contar-me tudo isso, fez-me esquecer a arte gentil da cortesia.”

Ele nos cumprimentou alegremente, e conversamos por instantes sobre trabalhos que iniciamos. E daquilo agora. Estou com vontade de contar a você sobre esta garota, e o tema sobre o qual ela me falou.

Contraste

O homem, sobre quem ela havia me contado estas novidades, era seu irmão*. Eles eram duas crianças de nobre linhagem e abastados na terra. Para a própria proteção, pois ela soube algo de seu comportamento maligno, ele a matou. Quando ela soube que ele também havia passado para cá, sendo morto numa luta à qual chegara por seu modo de ser, ela pedira para retornar para perto de seu lugar de expiação, para ajudar o quanto pudesse, e dar-lhe as boas vindas quando se arrependesse. Mais vezes que apenas uma, eu a encontrei esperando, esperando por ele que ainda habitava lá adiante, na escuridão. Ela era solene e quieta, mas cheia de doce resignação e fé em que suas orações valeriam no tempo devido. E agora ele chegou ao Forte, e estava colocado num daqueles quartos escurecidos, um pouco próximos das paredes externas da cidadela.

Então ela me levou até ele. Estava sentado num banco contra a parede, e falei com gentileza, e disse-lhe de como todos nós tínhamos ajudado a encontrar seu caminho até aqui, ele todo o tempo inconsciente. Contei-lhe do propósito de sua irmã em estar por ali, e de sua paciência em esperá-lo.

Quando terminei, ele estava em pranto, com seu rosto em suas mãos sobre os joelhos. Era ele que na vida terrena tinha sido um jovem zombeteiro de tudo que era bom, um seguidor de tudo que era maligno e, através disso, de comportamento arrogante, e nisto era de bom gabarito e de velha linhagem.

Atrás de mim, nas sombras do corredor, estava James, uma vez um escrivão num escritório de contabilidade, de berço humilde e pobre em bens mundanos. E aqui estava ele agora, um jovem nobre da cavalaria celeste com gabaritos e riquezas além do que sonhou na terra este pobre jovem caído e arruinado.

Duas almas familiares

Pensei naquilo tudo enquanto estava ali, em silêncio, por instantes. Então Claire falou, “Foi permitido a mim vir até aqui, Arnel, muito antes que agora. E já contei a ele que agora ele não é mais daqueles que precisam se desesperar por qualquer coisa, porque chegou vitorioso nesta casa.”

“Isto é verdade,” disse eu, “e agora que chegou tão longe, continuará. Seja bravo, querido rapaz, e Claire vai ajudá-lo, e nós o ajudaremos também.”

Então ele levantou sua face, lentamente ficou em pé, ficando ali pensando por momentos, então lentamente andou em nossa direção. Sobre nós a escuridão não era tão profunda, porque não podíamos diminuir nossa condição brilhante no total. Ele disse, “Eu sei senhor, porque minha irmã disse o seu nome – Senhor Arnel. Eu agradeço-lhe, senhor, por tudo o que fez por mim, um estranho. Pelos horrores e quanta tortura que pratiquei, eu bem mereci. Mas que a gentil Claire, minha irmã, desse seus sorrisos para mim, eu que lhe fiz tanto

mal, é para mim, ao mesmo tempo, angustiante e doce. E quem é este, senhor, por gentileza? Não havia visto este jovem senhor por aqui antes."

Eu lhe contei a história de James, e ele se voltou para o jovem líder e disse, "Se nos encontrássemos na vida da terra, senhor, eu o teria desprezado como tolo e muito inferior a mim. Encontro-o aqui, e almejo que permita que eu toque sua mão."

A isso, James rapidamente andou em sua direção e segurou a mão do outro na sua, num ardoroso aperto de mão. Então, olhando gentilmente para o jovem, disse, "Meu irmão, o seu sangue nobre não fez com que seu curso na terra fosse bom. Mas há em você algum merecimento verdadeiro e alta nobreza. Encontramos isso aqui, meu irmão, em pessoas improváveis. Você é um desses. Mantenha-me em sua mente, pois você e eu podemos fazer grandes coisas ainda."

Senti que ali havia uma simpatia mútua de entendimento entre estes dois que eu não podia alcançar. Era, como pude ver, um desses casos onde duas almas encontram quem nunca haviam encontrado antes e, sem mais, buscam um ao outro por instinto. Pois eles perceberam, sem raciocínio, que no fundo de seus corações eram família.

Quarta, 22 de dezembro de 1920.

Uma missão dos Céus exteriores

Num grupo com Shonar, fizemos a ronda dos muitos departamentos onde os assuntos daquela região eram decididos. Fomos com um propósito definido. Era para examinar cuidadosamente os registros mantidos ali. Nisto encontramos detalhes das condições, progressos e falta de progresso, a atual habitação de todas as numerosas almas que estavam espalhadas nas vizinhanças. Não tínhamos nenhum propósito a tratar com outros, exceto os do grupo que havia chegado com o Vereador e o Bispo. Mas, se surgisse ocasião, estaríamos preparados para conduzir isso em pauta também.

Vou contar-lhe como demos andamento em uns poucos casos. Estes servirão de exemplo para que possa ver de que maneira estes trabalhos são feitos por aqui.

Terminei com os admitidos na Fortaleza, e contarei um pouco dos de fora.

Tendo em mente os detalhes que aprendemos dos registros, seguimos adiante. Éramos eu, Shonar, Habdi e James. Fomos pela planície até que chegamos num lugar onde uma pequena cabana foi erigida. Entramos, e encontramos lá dentro três homens e uma mulher. Os três estavam deitados no chão, mas a mulher estava em pé. Ela era uma das trabalhadoras sob o comando de Shonar. Ela fôra prevenida de nossa presença, mas os outros não.

Ela estava falando, e agora um dos homens estava respondendo, "De onde você veio, senhorita? Suas palavras são justas e sua voz é bondosa. Mas aqui temos estado longos dias, e não vemos nada das coisas alegres de que você fala."

Ela respondeu a ele, "Não, mesmo assim elas são para vocês, se continuarem em seu caminho de progresso com coragem. Porque a palavra chegou até nós, de lá do Forte para o qual querem se mudar, saindo deste lugar monótono em direção à luz onde seus queridos habitam."

"Por que eles não vêm mais aqui até nós, agora que passamos a porta da morte? Você diz que eles ainda nos amam. Por que não trazem de seu amor para nós?"

O caminho é um caminho seguro

"Meu irmão, recorde-se um pouco. Sua esposa e seu filho vieram ultimamente?"

Então ele pensou no assunto. Diante de sua mente espocavam cenas de blasfêmia que ele lançou em seu desespero; o caminho louco que fizera nas terras trevosas, quando até a luz sombria do Porto Pedregoso doeu-lhe nos olhos; os raios de maldade que ele mais tarde lançou, e as companhias dos homens e das mulheres que ele tomou para si, de aspecto vil e de coração também trevoso. Então respondeu, “Senhora, para minha vergonha digo que senhora diz a verdade. Eu não os faria vir pelos meus caminhos por onde passei, nem agüentaria que testemunhassem aquele modo de vida que mantive desde que ultimamente os vi. Não, estão melhor onde habitam. E diz você que posso ir até eles, senhora, eu e meus amigos?”

“Se eles têm vontade de alcançarem seus parentes, eles e você podem vir. Mas não iremos diretamente. Há ainda muita necessidade de treinamento para ir à luz. Mesmo assim o caminho é um caminho seguro, desde que me aceitem como guia e aqueles com quem trabalho, meu irmão.”

O homem levantou e chamou seus dois amigos. Eles tinham estado em meditação profunda. Agora estavam completamente acordados e levantaram-se também.”

Um deles disse, “Há uma moça perto de lá, a quem devo obrigações. Quando aquele tirano, chamado Ferreiro, quis me derrubar uma vez, ela veio entre nós e tomou o baque por mim. Senhora, diga-nos se vai nos levar para as nossas mulheres e nossas crianças. Eu gostaria de levar aquela garota conosco, para que minha esposa possa manifestar-lhe seus agradecimentos pelo que ela fez por mim.”

A mulher assentiu, e eles saíram pela planície para buscar a garota. Fomos também, estando invisíveis para eles, mas ela sabia de nossa presença.

O Ferreiro

Depois de um certo tempo, eles chegaram a uma floresta de árvores nuas, sem folhas. Algumas delas foram tecidas juntas, com cipós, para formarem um abrigo.

Havia uma fogueira diante da entrada, e em torno dela sentavam-se alguns homens e mulheres. Quando se aperceberam da aproximação dos quatro, riram com desprezo, e um gritou, “Eu disse a vocês antes, meus prezados companheiros. Então, voltaram a nós, não é? Bem, por que não? O que mais poderiam ter achado para fazer nesta maravilhosa região? Não é bom estar sozinho nesta localidade, com certeza.” E com uma risada cínica, ele voltou a esquentar suas mãos na fogueira.

Mas dali levantou-se outro, de aspecto diferente. Ele era alto, de grande compleição e de semblante feroz. Ele veio na direção deles e, ficando com os pés afastados, colocou seus punhos nos quadris, e em sua mão direita havia um bastão cheio de nós. Primeiramente dirigiu-se aos três homens. Ele disse, “Agora o que significa isso, meus prezados companheiros? Vejo que têm uma mulher em sua companhia. Bem, já a vi antes, e ela não se dá bem em nossa companhia. Madame, estes três homens não são homens, mas corações moles. Responda por eles. Qual é o propósito que os traz até aqui?”

Revolta

Ela contou-lhe resumidamente, e ele retrucou, “A desleixada está em seu abrigo de folhagens. Se a quer, leve-a e caia fora para seu caminho!”

A mulher se aproximou do abrigo e, quando parou de chamar a garota lá dentro, o Ferreiro levantou seu bastão para atingi-la. Mas os três homens se apressaram em pegá-lo, antes que pudesse fazê-lo. Eles o empurraram de volta, e ele caiu sobre o fogo e rolou algumas jardas, para dentro da escuridão. Então, mais uma vez ele se levantou e veio correndo em direção aos seus assaltantes, quando três mulheres e dois homens saíram do círculo e postaram-se em seu caminho.

Um destes homens disse, “Não, Ferreiro, você já tiranizou esta garota por muito tempo, e a nós também. Aqui estão três que rompem com isso, e há mais cinco, e uma no abrigo para aumentar o número. Fique fora, porque nós estamos todos cansados da vida que aqui levamos, e iremos com eles e a senhora que os guia. Nós não somos brilhantes, nós não; mas encontraremos algum lugar para morar, e não será pior que este local com a sua companhia.”

Então Shonar assumiu visibilidade e foi em frente. Ele disse, “Quanto tempo ainda, meu irmão, você continuará se enganando, e a estas suas vítimas? Você não é o homem poderoso que tenta aparentar. Você nem tem força em seu corpo, nem a força de vontade que demonstra. Pare com este escárnio e com sua própria loucura. Somente desta forma cumprirá seu destino, que não é ser procurado neste lugar lúgubre, como bem sabe.”

Então o homem mudou. Estas pessoas da região que eram observadas lá do Forte eram os que haviam recebido um pequeno apoio em direção à luz. Alguns deles tinham vindo de lugares mais escuros. Alguns haviam achado seu caminho pela gravitação normal, depois de passarem pelo portal da morte. O único do grupo que foi rebaixado foi o Ferreiro.

Amargura na palavra e no coração

Mas agora cada palavra pronunciada por Shonar encontrava lugar em seu coração. Ele sabia que as palavras eram verdadeiras. Mas ele não podia, naquela hora, minorar sua ostentação totalmente. Mas disse, “Sim, mestre, estas suas palavras são boas palavras, mas por enquanto não são para mim. Mas se estes outros escolherem ir, não mais os deterei. Eles irão, e ficarei sozinho com minha própria tarefa de decifrar o enigma do meu enigmático coração. É melhor assim. Estão me escutando, seus fracos? Saiam desta porcaria de fogueira, e preparem seus corações com mais forças. Estes cavalheiros vão levá-los para algum local menos assustador e mais adequado a seus pensamentos.”

Shonar levantou sua mão, mas o outro continuou, “Não, senhor, tenha paciência comigo, peço-lhe. Verdadeiramente, minhas palavras tem algo de escárnio nelas. Mas são verdadeiras, pois estes são fracos e precisam de tratamento suave, como eu disse. Mas desejo que não sofram mais. Leve-os, pois não são boa companhia para alguém como eu; pois, se eu fosse mais amargurado nas palavras e de coração, ainda não teria dito toda a verdade que é concernente a mim. Aqui e agora, é verdadeiro que não sou forte. Mas a força, eu a tenho em mim, presa por correia. Deixem-me, e eu virei a vocês quando estiver pronto. Agora sigam, e me darão alívio.”

Então Shonar agrupou todo o resto, e os levamos para o Forte onde seriam atendidos e fortalecidos para sua jornada à frente. Alguns deles foram transferidos para a Clareira, outros para outros lugares. Mas todos tinham entrado na trilha em direção à luz, e agora que estavam aos cuidados de guias amistosos, não se espalhariam mais.

CAPÍTULO X

O FERREIRO FAZ REPARAÇÕES

Quinta, 23 de dezembro de 1920.

Pouco depois, enquanto Shonar descansava após um período de trabalho mais extenuante que o normal, um dos jovens de sua casa chamou-o e disse, “Há um homem fora do portão que gostaria de falar ao senhor.”

“O assunto dele é tal que você não pôde dispensá-lo?”, indagou Shonar; e o jovem homem respondeu, “Qual é o assunto dele, meu senhor Shonar, eu não posso dizer, já que ele tem em mente não dizer nada a não ser ao senhor.”

“E quem é o homem?”

“Ele acaba de chegar ao portão, e ainda não pegamos os registros na procura de seus dados, senhor.”

“Irei até ele,” disse Shonar, e foi ao portão. Era a arcada da qual eu lhe contei na última sessão em que nos falamos, meu filho. O homem estava em pé a algumas jardas, bem no centro do círculo de treva. Shonar chamou-o, ficando em pé bem embaixo da arcada, “Aproxime-se de mim, meu amigo, para que eu possa ver como se apresenta.”

“Senhor,” replicou o visitante, “Não posso me adiantar até onde o senhor está. Aquela luz ali me traz desconforto. Apesar disso ...” E ele, apertando seus lábios, deu cinco ou seis passos à frente. Era como se ele estivesse subindo numa correnteza. Então ficou parado e disse, “Não posso ir mais adiante que isso, meu senhor Shonar. Isto deve ser suficiente para o senhor.”

Esteve lá, Arnel?

Estava atrás e à esquerda de Shonar, que respondeu, “É suficiente, amigo. Vejo-o agora mais claramente. Você tem estado numa contenda com você mesmo desde que nos encontramos, meu irmão.”

Era verdade, como eu podia ver. Ele não estava tão alto como quando o vi da última vez, e seu tamanho estava diminuído. Estava de certa forma magro, e muito humilde. Era verdade o que Shonar havia dito a ele na fogueira de seu campo. Enquanto manteve sua mente no papel de tirano, foi capaz de manter uma máscara de força e aparência de vigor. Mas tão logo se pôs a buscar a verdade sobre sua condição, ele tomou a resolução de ressarcir seus atos, então toda a ilusão de grande força e valor começou a esvair, e ele apareceu exatamente como era: nenhum herói, nem líder de homens, mas apenas um pecador em sua fraqueza, e alguém que deveria seguir humildemente os que eram melhores e mais fortes que ele, se encontrasse condições de corpo e mente.

Consultando os registros

Então Shonar falou novamente, “Qual é o seu desejo em relação a mim, meu amigo? Não buscamos seu registro deste tempo decorrido. Não sei, portanto, nada a não ser o que leio no livro aberto de sua própria pessoa. Está buscando sua admissão aqui?”

“Não, isso não, pois não estou pronto. Em conformidade com o que o senhor enunciou do meu caso, tenho realmente que lidar em mim com algumas partes mais profundas do passado, naquilo que formalmente pensava fazer. Eu era um louco que exultava com minha loucura. Agora sou um louco que ainda carrega sua loucura, mas sem exultação. Também sou louco o suficiente, meu senhor Shonar, para recusar seu convite gentil de entrar e retornar para minha cabana escura dentro da floresta.”

Ele mudava de posição de vez em quando, como alguém que não está à vontade. Suas palavras eram pronunciadas com alguma hesitação, como se lhe faltasse a vontade de dizer o que tinha desejo de dizer. Shonar viu isso, e, para aliviá-lo, disse, “Agora, Ferreiro, descanse onde está por instantes. Retornarei quase imediatamente. Eles farão música para você, enquanto espera.”

Então voltou-se, e ambos subimos à sala na qual ele sabia que estava sendo feito o registro dos feitos deste homem. Eu não pude lê-los, mas ao fazer isso, ele se virou para mim num sorriso e disse, “Arnel, meu irmão, nosso irmão lá fora está virando um cavaleiro galante e

está tímido por nos contar. Ele tinha apenas uma mulher em sua guarda quando fomos para lá pela última vez. Agora, lá estão quatro."

"Quatro mulheres naquela choupana esquálida? O que está acontecendo aqui, Shonar?" perguntei.

"Não, não li tudo ainda. Apenas marquei os pontos mais salientes, e deles este é o principal. Será o suficiente para abrir seus lábios sobre suas futuras aventuras. E, Arnel, penso que ele dará alegria a você e a mim com o que ele tem em mente para nos dizer."

Poderia vir conosco?

Então voltamos e o encontramos deitado embaixo de uma árvore que cresceu bem no limite da luz diante do portão. A música que vinha das paredes era cantada por um coral de mulheres trabalhadoras, e soava como uma suave canção de ninar. Isto ele não ouvia desde que deixara a terra, e suavizou-o para que sua melhor parte correspondesse. Assim, ele foi capaz de vir mais perto da arcada e de sua irradiação.

Shonar, como sempre, foi diretamente ao coração do assunto. Ele disse, "Descanse onde está, Ferreiro; é melhor assim. A música o ajuda. Agora, diga-me, o que podemos fazer por você e suas quatro companhias que fazem seu lugar de santuário na sua cabana das florestas?"

"Foi por isso que vim ao senhor, meu senhor. Estas quatro, eu encontrei sendo mal tratadas e cruelmente judiadas por um pequeno grupo de vadios. Então eu as abriguei. Se lhe agrada, venha e leve-as, pois assim posso seguir no meu caminho de chegar à verdade das coisas pela meditação."

"Iremos," disse Shonar, e fomos com ele e encontramos as quatro mulheres. Três eram do grupo do Bispo, e uma era forasteira.

Quando elas estavam prontas para virem conosco, Shonar virou-se para o homem e disse, "E agora, meu amigo, viria também conosco? Você é bem vindo na Casa, dou-lhe garantia disso; seja bem vindo e tenha seu tempo de lazer para descanso e meditação. Este é o seu propósito aqui; por que não levá-lo a efeito em melhores condições?"

"Não," disse ele. "O senhor tem boas intenções a meu respeito, senhor, e eu agradeço por isso, e pelo benefício que me oferece. Mas penso em fazer algo útil para contrapor ao que fiz por tanto tempo. Morarei aqui por perto e, talvez, se eu ficar atento com olhos abertos e ouvidos, serei capaz de trazer ao senhor mais peixes para sua rede de vez em quando. Não tenho a força de corpo que tinha há tão pouco tempo atrás; contudo minha mente está mais voltada à ação, e minha vontade está mais poderosa. Isto me bastará. Faça de mim, portanto, seu observador por aqui, e farei o que for capaz com o total de pequenos méritos que alcancei."

Um enigma poderoso

Shonar olhou para ele em silêncio por algum tempo. O homem olhava para o chão. Finalmente ele levantou sua cabeça e, voltando-se, olhou para a planície que havia saqueado e toda região em torno como comandante dos salteadores antigamente.

Vi seus olhos marejarem um pouco. Então ele se virou para Shonar, e disse baixinho, "O que faço não é nada. Não é nada, meu bom senhor, para que o senhor possa olhar desta forma tão bondosa por mim. O senhor me diz que tem meus registros lá. Não entendo bem o que quer dizer, mas sei que é verdade, se o diz. Leia aqueles registros, portanto, e talvez pensará em mim de forma mais justa e menos bondosa. Então agora despache-me e, quando for ocasião, voltarei aos seus portões e virei cumprimentá-lo."

Shonar foi até ele, colocou sua mão esquerda sobre o ombro direito do homem, e tomou sua mão direita na dele. Não falou nada. O Ferreiro olhou para baixo, mas com a cabeça ereta; apenas suas pálpebras estavam abaixadas. Shonar olhava diretamente para seu semblante, apertando firmemente sua mão naquele instante, mas ninguém disse nada. Então nos voltamos e saímos, levando as quatro mulheres conosco através da planície. Andamos um pouco em silêncio, e então meu amigo virou-se para mim e, em voz baixa, disse vagarosa e pensativamente, “Arnel, meu irmão, no tempo em que Deus fez o Homem, Ele fez um enigma poderoso – como um num jardim em labirinto – difícil de resolver. Mas quando se chega ao centro, e há uma fonte agradável, cheia de beleza como um pássaro é cheio de música, então valeu a pena chegar lá.”

Quarta, 29 de dezembro de 1920.

O socorrista

Estávamos sentados no grande hall no interior da Casa de James, quando o jovem Governador veio a nós e disse, “Acabo de receber notícias de meu Senhor Shonar, dizendo que necessita de mim no Forte. Comissiono à sua jovem sabedoria, meu irmão Habdi, o Povo da Clareira, para que os guie, e ao Senhor Arnel o aconselhamento a Habdi em qualquer assunto que talvez seja mais difícil que ordinariamente. Faria esta gentileza, Arnel, meu bom pai?”

Eu vi que o chamado era urgente e disse-lhe que cuidaria de seu povo enquanto estivesse distante. Vi-o sair em direção à Arcada, enquanto fiquei na porta da Casa. Ele não foi sozinho, já que com ele foram dois meninos de uns catorze e dezesseis verões, e duas jovens mulheres. Uma delas teria a idade de dezenove, e a outra uns vinte e oito pela sua aparência.

O que sucedeu eu soube um tempo depois. Vou contar-lhe agora, pois refere-se a eventos recém acontecidos, e servirá para enfrentá-los de alguma forma.

O grupo chegou ao Forte. Foram recebidos no portão por Shonar. Ele recomendou aos outros o cuidado com suas mulheres, e a James disse, “Vou contar-lhe nossa tarefa enquanto andamos, meu filho. Venha, porque somos necessários por lá.”

Por um bom tempo, o Ferreiro tinha trabalhado seu abrigo, conforme ele escolhera. Tinha em sua mente seus planos e os levava adiante. Shonar deixara-o assim aos seus próprios cuidados, considerando que seria vantajoso desta forma para o progresso do homem. Quando o Ferreiro efetuava um socorro, fazia sua aparição diante dos portões e despachava sua carga com poucas palavras. Somente um cumprimento e um adeus ele dava, e ia embora novamente a seus negócios, na escuridão do Plano exterior em torno.

Uma vez Shonar foi lá, para ver como ele se saía, e foi invisível. Viu que o homem trabalhara para erigir uma humilde residência de pedra, e ali recolhia seus socorridos. Ele os socorria ali, e os trazia para se fortalecerem um pouco. Mas a velha cabana ainda estava lá, e era consertada de vez em quando. Era um testemunho de seu antigo tempo de degradação, e um mentor para ele que impulsionava a compensar seus crimes passados por boas ações atualmente.

Os registros cessam

Quando Shonar e James chegaram ao lugar, pararam um pouco para perceberem o estado real dos fatos mais claramente. Pois de uma forma estranha, os registros do Forte cessaram repentinamente. Nenhum detalhe ou atitudes adicionais chegaram na câmara de registros. E isso era muito incomum e difícil de ser explicado. Ficaram lá por instantes, e então Shonar disse a James, “Meu filho, temos que lidar com alguém aqui que um dia subirá alto para governar altos reinos, e eles os guiará seguramente e com muita devoção. Você é capaz de sentir o significado desta empreitada?”

“Algo de mal veio à sua porta, meu senhor. Não passo disso.”

“Por que cessaria o registro de suas atitudes tão repentinamente, já imaginou?”

“Não, aquilo que alcanço em nada ajudará.”

“Meu filho, este Ferreiro saltou para outro telhado, sobrepujou estes que trazia para nós. A menos que levemos ajuda para seus socorros, ele pôs na cabeça cortar todas as correntes externas de informação. É por isso que nada foi transmitido ao Forte dos acontecimentos subseqüentes àquilo que aconteceu neste lugar. Ele trouxe seu trabalho sob seu próprio cuidado, e encarregar-se-ia de tudo por sua própria força de vontade. Por isso cortou toda a comunicação conosco. É uma grande alma, esta aqui.”

“Ele está na busca do coração de Shonar,” disse James, “para ser amado pela semelhança de atitudes e métodos de aplicação, senhor. Mas onde estão os que ele abrigou?”

“Estão na outra casa que ele construiu. Agora iremos até lá. Mas mal consigo pensar em como lidar sabiamente com este problema. Ele tem que ter sua vontade nisto, pelo menos até certo ponto. Por que, por ele ter se determinado a uma enorme tarefa para ser concluída, isso é uma boa coisa, e que seja recomendado. Mas devemos medir suas forças e a dos seus inimigos quando pesarmos ambos. Pode ser que nossa ajuda seja necessária, pode ser que não.”

Aquele homem é seu amigo

Assim, eles se aproximaram da casa e entraram, estando invisíveis primeiramente, e então, assumindo as condições gradualmente, ficaram na porta de um quarto amplo, e esperaram. Estavam num hall de área não muito grande. Fora deste hall, havia mais quatro compartimentos. Três eram pequenos, e o da extremidade mais distante era a sala principal da casa. Não havia portas, por isso olharam para dentro. Havia uns quarenta homens e mulheres agrupados ali. Estavam sentados em bancos em torno da sala enquanto, no meio do espaço aberto, meia dúzia deles estavam dançando para seu prazer. Não era uma bela visão, porque enquanto tentavam imitar a graça de um minueto, suas mentes doentias interpretavam tudo sem graciosidade nenhuma. Estavam no auge do aplauso quando Shonar e James entraram e ficaram perto da porta. Logo foram vistos, e um deles, o que parecia ser o líder, gritou, “Venham, bons camaradas. Vocês estão cansados, como nós estamos, daquela escuridão lá fora, sem dúvida. Bem-vindos à alegria que puderem encontrar aqui em nosso meio.”

Havia um verdadeiro sinal de bondade em sua voz, pois nem todas as pessoas nesta região eram malignas, mas apenas carecentes ainda do desejo de progredir. Ali eles eram capazes de perceber, e alcançar para seu conforto, as condições mais brilhantes daquele interior provindas da residência do Ferreiro.

Portanto os dois vieram e Shonar disse, “Isto é uma coisa esquisita de se ver, boa gente. Seu contentamento é grande pelas evidências, mas falho em algo na substância. Isso não ajudará a impulsioná-los no empenho de progredir naquilo que são convidados a fazerem.”

Um deles respondeu, “Estamos cansados do caminho, forasteiro, e queremos descansar um pouco. Além do mais, perdemos nossos guias e perdemos o caminho em que nos colocaram. Vão nos procurar, sem dúvida, por aí. Enquanto isso nós descansamos.”

“Vocês não descansam, meu irmão,” disse Shonar. “Isso não é descanso. Deste jeito apenas acrescentam cansaço ao cansaço. E onde está o Mestre desta Casa?”

Eles tinham quase se esquecido do Ferreiro. Quando Shonar falou dele, uma mulher gritou, “Bela falha, mas ele está descansando também! Nós os amarramos por um pouco, porque ele queria impedir que dançássemos.”

“Ele fez muito bem, como sabem. Agora, boa gente, todos vocês dêem-me sua atenção e sua boa vontade também. Este homem é seu amigo, e ficará no lugar dos guias que perderam por sua própria tolice. Eu mesmo não moro nestas redondezas, mas um pouco mais adiante. Pode ser que nos encontremos novamente. Enquanto isso, recordem-se de seu amigo de quem abusaram, e desamarrem-no. Ele vai ajudá-los mais ainda, se o seguirem como líder.”

Em frente, através dos lugares trevosos

Então os dois, a fim de tornarem a multidão apreensiva, exortaram suas vontades e reassumiram a invisibilidade. Naquele estado ficaram ainda observando mais um pouco e, quando tudo estava bem, voltaram para a casa de Shonar.

As pessoas ficaram pasmadas quando os visitantes ficaram invisíveis em seu meio. Um deles, que estava sentado silencioso num canto e, pela aparência, não muito contente com as atitudes destes pouco evoluídos companheiros, ficou em pé e disse, “Somos idiotas, todos nós. Aqui brincamos, enquanto o bom homem poderia nos ter contado qual o caminho a seguir. Vamos nos apressar em desamarrá-lo, antes que falhemos novamente no propósito. Aqueles dois não eram como nós somos. São homens de fora, digo-lhes. Vejam como nos deixaram. Também seu aspecto não era desagradável, e o que falou a nós era decisivo em suas atitudes. Vamos embora, digo eu. Se brincarmos, falharemos no propósito, como muitas vezes já falhamos.”

Ninguém achou coisa melhor para sugerir. Desde que chegaram os dois forasteiros, toda a alegria cessou e a dança ficou sem sabor. Foram então ao Ferreiro. Quando ele os viu, disse, “Bem, meus amigos, vieram em vingança para desafogarem a malignidade sobre mim, ou vieram arrependidos para me libertar destes laços?”

O homem* que os havia exortado disse então, “Bom amigo, não queremos machucá-lo. Já fizemos nosso passatempo, e agora estamos prontos para seguir adiante, se nos guiar.

Ele ajoelhou e libertou o Ferreiro de seus laços e, ao fazê-lo, cochichou, “Leve-os adiante rapidamente, e vou ajudá-lo como puder. Eles são fracos, estes aqui, mas não há maldade em seus corações. Eles o seguirão, se os liderar.”

Então ele se levantou e os liderou em direção às terras escuras, para fora daquele oásis. Pois a casa e seu ambiente em torno tinham uma cintilação irradiante que gradualmente havia se formado sobre ela, resultante do progresso do Ferreiro em direção à luz, e também de seus trabalhos fora e dentro dela.

Conforme saíram, ele foi à frente deles no longo, longo caminho que teriam que viajar em direção ao seu destino. Pois eles iam muito lentamente, sendo fracos de propósito e de membros. E enquanto ele ia à sua frente, eles perceberam, no meio da escuridão, que sobre ele havia uma pálida irradiação de luz. Desta forma seguiram adiante, e o número deles aumentou, aqui e ali ao longo da trilha, com alguns outros que também haviam perdido o caminho.

* Mais tarde conhecido como “O Doutor”

CAPÍTULO XI

A VIDA NO FORTE

Quinta, 30 de dezembro de 1920

Dentro do Hall do Forte estava reunido um grande grupo de pessoas. Eles eram, na maioria, trabalhadores do Grupo de Shonar. Com eles estavam alguns recolhidos que o progresso tinha sido tal que os capacitou assim, a virem a este brilho com conforto. Havia um número deles reunido embaixo das árvores perto da água que caía numa bacia e à esquerda dela. Diante deles ficou metade do grupo, que estavam num exercício de canto. Aqui e ali, no hall, havia pequenos grupos em conversa ocasional ouvindo a música do coral.

Perto da entrada principal estava James. Ele estava conversando com Claire e seu irmão, de quem já lhe falei. Ali entrou um jovem homem que era um dos que guardavam a porta da frente. James viu que ele estava observando os vários grupos, e soube que ele estava procurando por Shonar. E a ele disse, “Meu irmão, nosso senhor Shonar está um pouco ocupado lá adiante da fonte. O que está acontecendo, permite que eu vá em sua ajuda?”

“Se vier comigo lá fora, o senhor mesmo avaliará, senhor,” disse o jovem. Então seguiram para a porta exterior da Casa. Ali James teve uma estranha visão. Havia um grande grupo de pessoas que se estendia na frente e nas laterais na escuridão, e pareciam cansados. Vieram de uma longa e extenuante jornada, e suas roupas estavam cobertas de poeira e muito rotas, e seus corpos esquálidos e ofegantes.

À frente deles, e no local iluminado diante do portão, estava o Ferreiro. Era uma pessoa que dava dó de se ver. Todo o seu brilho pessoal, que tinha quando começou a liderar estas pessoas até aqui, foi absorvido por eles, já que suas forças não era suficientes para atendê-los na longa peregrinação através do deserto. Então ele lhes dava de sua própria força, de vez em quando. E agora ele aqui estava, exaurido e exausto, mas com sua carga pesada bravamente conduzida, trazida a salvo ao seu destino.

Bem-vindos

Ele não falou, e parecia meio apagado em entorpecimento. E por um pequeno intervalo James também ficou no portão em silêncio, olhando para ele e para os atrás dele. Em enquanto olhava, entendia, e seus olhos marejaram com lágrimas de pena, nascidas em suas memórias de quando também sofreu desta forma por outros, e talvez ainda o faria novamente.

Meu filho, há alguns impulsos do espírito Cristão nestas paragens áridas, e de uma índole tão pouco provável, que algumas vezes nos fazem parar por suas virtudes insuspeitas.

Finalmente James moveu-se. Foi em direção a eles, tomou seu atormentado líder pelas mãos, e levou-o gentilmente para dentro do portão. Aqui, sendo as condições de valores mais elevados, o Ferreiro sentiu uma emoção súbita e saiu com alguma pressa, tendo sido pego de surpresa por ela. Isso o fez acordar de seu entorpecimento, e olhou em volta, questionando com seus olhos o que sua língua não poderia pôr em palavras.

Então James disse, “Está bem, meu irmão, está tudo bem. Você não deve ter mais medo deste grande brilho, nunca mais. Você progrediu mais do que pensa. Venha agora para dentro, e entregarei estas suas companhias ao encargo de trabalhadores deste lugar. Eles farão tudo certo. E você, quando estiver descansado, vou levá-lo ao nosso bondoso pai Shonar.”

Então ele levou o homem ao longo do Corredor, lentamente, parando de quando em quando. E enquanto seguiam, o Ferreiro cresceu ainda mais em seu corpo, e sua roupagem perdeu seu aspecto sombrio e tornou-se mais decente.

Quando eles chegaram na entrada do grande Hall, pararam. Shonar estava vindo em sua direção, tendo entrado por uma porta no muro mais distante, atrás da cortina de águas.

Ele deu um forte aperto de mão no Ferreiro e disse, “Você é bem-vindo aqui, meu bom tenente. Entre e descanse, porque o que tenho para lhe contar vai agradá-lo.

Reconhecimento e reunião.

Foram imediatamente para dentro do Hall e sentaram-se num canapé à direita de sua entrada. Então o recém-chegado disse, “Eu lhe agradeço, meu senhor Shonar, por sua grande paciência comigo. Este jovem cavaleiro aqui disse-me que meus pobres andarilhos seriam muito bem cuidados. Isto está bem, com certeza. Por isso, se me permite, descansarei por um tempo, como me deram a licença de fazê-lo, e então retornarei ao meu trabalho novamente.”

“Ferreiro,” disse Shonar, “você, por muito trabalho, já alcançou avanços. Temos aqui trabalhadores que se encarregarão dos assuntos dos quais você se encarregou até aqui. Eles farão de sua casa lá, o ponto de partida, e você estará em outros trabalhos, em lugares mais brilhantes, como é de seu galardão.”

Mas ele respondeu, “Não, apenas continuarei... continuarei...“ e parou. Havia visto quatro pessoas que estavam conversando ali perto do meio da sala. Eles eram os que tinham ido até lá com James.

“Então o senhor conhece estes quatro?”, perguntou Shonar; e ele respondeu.

“Os dois jovens têm o semblante de meus dois filhos. Mas de filhas eu apenas tive uma. Mesmo assim, aquelas duas são certamente irmãs, porque são rostos de irmãs. Não consigo resolver este enigma, senhor, mas estou espantado.”

“E contudo uma tem mais idade que a outra, Ferreiro.”

“Não, apenas alguns anos de diferença entre elas.”

“Meu amigo, você gastou seu tempo até aqui em regiões onde a juventude é raramente vista. Estes quatro vieram para cá para uma visita, vindos de uma esfera onde a infância salta para a juventude, e a velhice toma a mesma condição. Pais e filhos preservam seu parentesco, e também encontram expressão exterior. Mas nenhum diz que aquele é idoso ou o outro é jovem, da forma como a idade é contada na terra. “

O Ferreiro olhou intensamente para o grupo e então lentamente levantou-se e, voltando-se para Shonar disse, “Tenho sua permissão, meu bom Senhor?”

Shonar anuiu, sorrindo, e o homem foi em sua direção. A garota saltitou em sua direção e enlaçou seu pescoço com seus braços. Então vieram os dois meninos, e cada um tomou uma de suas mãos e, levando aos lábios, seguraram-na longa e carinhosamente. Então afastaram-se, e a outra mulher veio até lá. Havia lágrimas de alegria nos olhos dos dois, quando tocaram peito a peito e ficaram ali, contentes assim por encontrarem-se e cumprimentarem-se depois de tantos anos.

Quantos anos fazia, Arnel, que haviam se separado?

Não posso dar-lhe a contagem exata dos anos, meu filho. Eu diria que havia sessenta ou setenta anos que a morte havia chegado entre eles.

De volta para os planos exteriores

Então ficaram juntos, e o Ferreiro sentou-se com sua esposa em um dos bancos ao longo da parede, e as três crianças ficaram diante deles.

Por um tempo conversaram seriamente, e então o homem levantou-se, e abraçando a cada um, beijou-os e, com um aceno de mão e um sorriso, veio até onde Shonar estava conversando com outros, perto das águas. Ele viu o Ferreiro e convidou-o a juntar-se a eles. O homem então disse, “E agora, meu senhor Shonar, devo agradecer-lhe por sua grande bondade comigo, e também com estes meus queridos. E também agradeço ao senhor, meu

jovem senhor James, porque eles me contaram de sua grande generosidade dispensada a eles na Clareira. Eu pediria mais uma graça, bom Shonar, se puder ser concedida a mim. Seria que, quando eu vier para cá, de tempo em tempo, nos meus trabalhos, eu pudesse encontrar estes meus queridos por um curto espaço de tempo, como aconteceu agora. Isto me dará algum alívio em contraposição ao novo turno de trabalho."

"Meu irmão," disse Shonar, "está ordenado que você se vá com eles agora mesmo para a Clareira, que é seu lar. Nós recebemos palavras de autorização para que lhe fosse dado isso."

"De quem?"

"Dos que têm observado lá das esferas superiores o seu trabalho evoluindo nesta região."

"Eles podiam me ver e saber das coisas que fiz e por que, e como as fiz?"

"Nas formas que eles têm que comandar, eles podem fazer tudo isso."

"Então eles também saberão, bom Shonar, por que eu voltarei para meu trabalho lá longe, e vão me dar licença para ir."

Shonar olhava para o homem agora, da forma que já olhara para ele uma vez. Aqui estava um homem de seu próprio calibre. Não, num mesmo momento Shonar esteve no mesmo caso que este outro, porque ele, de sua vontade própria, permanecera nesta região, quando pelo direito de merecimento verdadeiro, ele poderia ter encontrado trabalho a fazer numa esfera distante no Eterno Presente, nas alturas.

"Deus lhe dá, meu irmão," foi tudo o que poderia falar e, apertando seus braços nos ombros de seu companheiro, andou com ele até o Hall e ao longo do Corredor ao portão, e desejou-lhe as bênçãos de Deus para a sua jornada.

Então voltou e, olhando para os quatro, ele disse, "Boa mãe, leve estas crianças com você para a Clareira, e diga-lhes quão felizes são por serem filhos de seu pai. Há um lugar para você e as boas vindas aqui, sempre que quiser vir para cá. E ele virá encontrá-los aqui, para descansar entre seus trabalhos."

Quarta, 5 de janeiro de 1921

Como se aclimatam os habitantes

O Forte ficava diante de um campo aberto. À esquerda de quem se aproxima, ele desce, e a Casa tinha continuidade num muro alto que se estendia para a colina até atrás. À direita, a fachada era contínua, num muro de trezentos passos. Este muro não era tão alto como o prédio. Ele então descia até atrás, como o prédio também o fazia em seu lado esquerdo, em ângulos retos, e dava continuidade na colina, um pouco afastado da parte de trás. Desta forma temos uma área de forma retangular, com a Casa em si formando um dos cantos. O restante era de jardins, o que era de muita ajuda para os que foram recolhidos ali porque tinham progredido, até que agüentassem o ambiente mais brilhante dos jardins.

Esta terra próxima ao Forte era condicionada à Esfera Dois, e adiante, em direção à colina, à Esfera Três, e então à Esfera Quatro. Por isso era possível, dentro de seus domínios, ir aclimatando os residentes gradualmente, até que alcançassem o estágio de evolução de quando fossem mandados para adiante.

Alguns foram para a Esfera Dois. Mas freqüentemente julgavam que seria melhor, em vários casos, prolongar o tratamento para que outros pudessem ir direto, ou com pequenos

intervalos, nas Esferas intervenientes, para a Esfera Quatro, outros para a Esfera Três. Não há regras férreas. Cada caso é tratado de acordo com seus méritos peculiares e constituintes.

Estendendo-se desde a parede traseira do edifício, do lado de dentro dos muros, há uma série de arcos. Ela tem uma calçada e, no meio desta calçada, um canal. Esta estrutura segue direto para as montanhas. É aqui onde os que estão quase partindo para a Esfera Quatro são condicionados para o ambiente mais rarefeito que lá existe. Pois quando se alcança esta rua, as condições são como as que existem naquela Esfera. Este também é o canal pelo qual a água é trazida das montanhas para o grande Hall. Ele alimenta a queda d'água da qual já lhe falei.

O Ferreiro fez várias visitas ao Forte, sempre ligadas ao seu trabalho de recolhimento de almas. Ele vinha até aqui, despachava seu encargo para Shonar ou então, se ele estivesse ausente, para um ou outro de seus auxiliares. Ficava apenas um pouco de tempo no local e, nestas ocasiões, sua mulher, ou os filhos, ou todos eles, vinham encontrá-lo ali para alegrar-lhe o coração.

Mais tarde, de acordo com seu progresso, ele capacitou-se a ir com eles em passeios em torno das regiões da montanha. Ele se deliciava e descansava nestes jardins. Voltava depois ao seu trabalho novamente, nas regiões inferiores onde estava sua casa. Ele era uma grande alma que havia se extraviado, como ele disse. E ele e Shonar encontraram muita afinidade um com o outro. Tornaram-se muito bons amigos.

O doutor está perplexo

Uma vez, o homem jovem Habdi estava andando nestes jardins, como os mais brilhantes costumavam fazer, para que pudessem ajudar os que precisassem da ajuda através de um conselho. Ele estava andando devagar, com a cabeça abaixada, ao longo de uma trilha que tinha uma cerca viva verde e dourada nos dois lados. Ali, chegou a ele uma voz de alguém chamando-o, que dizia, "Bom jovem senhor, poderia olhar o meu trabalho? Estou me esforçando nele, mas o trabalho que manuseio não está bom. Este trabalho é novo para mim."

Habdi procurou e viu que aquele que lhe falara estava podando a cerca viva no lado direito do caminho em que ele estava. Aqui havia uma encruzilhada de caminhos, e ele estava trabalhando em uma das quatro esquinas. Ele imediatamente reconheceu este podador de cercas como sendo um dos ajudaram o Ferreiro em uma de suas visitas para conduzir seus recolhidos ao portão. Era do grupo que o amarrara, e este trabalhador era o homem que soltara suas amarras enquanto ele estava no abrigo.

Então Habdi respondeu a ele, "Apesar disso, esta esquina envergonha as outras três. Isto dá muito crédito ao seu senso artístico, meu irmão."

"Sim, senso artístico eu tenho, ou um dia tive... ou um dia tive. Agora, jovem senhor, esta sua frase leva-me a mais um dos meus problemas que devo resolver, antes de tantos outros. Este é um lugar estranho, estranho lugar passageiro, difícil de se entender. E, verdadeiramente, talvez também nós sejamos estranhamente educados e difíceis de compreender."

"Qual é a sua dúvida?"

"Na vida da terra eu era escritor, e dos que era notado por dar forma excêntrica às palavras e frases. Mais ainda, meus amigos diziam que eu tinha alguma inclinação às qualidades das artes, tanto pictórica quanto plástica. Boa inclinação, resumindo. E aqui estou, nem escritor, nem homem mortal tampouco, e duvido que nestas esferas minha inclinação às artes conte muito. Mas, realmente sinto dentro de mim que a razão pela qual eu tenha gostado tanto de aparar esta cerca seja por causa do mesmo senso artístico do qual acabou de falar. Muito estranho, eu diria. E o que me diz, meu jovem senhor?"

Inclinação

"Você deve saber, Doutor," – já que assim eles, seus companheiros, haviam-no catalogado com um nome – "todos estes tratos que são manifestados na vida terrena são simplesmente a manifestação externa de um conteúdo mais profundo da alma. Este senso de proporções corretas, como você diria, podem encontrar respaldo em um homem através da arte da música, em outro pela pintura, em outros pela escultura, ou literatura, ou desenho de roupas, ou em outras muitas maneiras. Mas o traço é incidente em todos, e encontra expressões tão variadas por causa dos outros traços que possuem, ou oportunidades alcançadas, ou outros fatores diversos. O esforço que você mostrou na poda é o que uma vez você expressou em letras. Em outras ocasiões, Doutor, expressou-se de outra forma."

Habdi parou, e o Doutor esperou, e então disse, "Expressei-me de outra forma. Agora vou parar de segui-lo, bom jovem senhor. Não posso lembrar-me das coisas muito acuradamente ainda. E quando posso lembrar das coisas, não consigo vê-las de forma clara. Meu cérebro está ainda de alguma forma tumultuado."

"Sim, eu me lembro daquilo muito bem. Deus sabe. O êxodo da escuridão Egípcia, com certeza. Sim, lembro-me disso certamente."

"Fizemo-nos companhia, sim."

"Mas ainda não somos companheiros. Não, esse é o ponto. Ouvi falar sobre os acontecimentos pelos quais você foi levado a ajuntar-se àquela pobre multidão. Mas você sempre esteve apartado deles, não foi?"

"Eles foram bondosos comigo, na rudeza deles e nas maneiras desajeitadas. Mas eu, não, eu não era capaz de me juntar a eles como camarada."

"Por quê?"

"Bem, quase não posso considerar isso justo, senhor. Penso que se me pusesse naquela maneira de viver e também na maneira de pensar, não haveria correspondência de minha parte."

"Aí fala o escritor das palavras e das frases," disse Habdi, e sorriu ao outro: "esta dádiva também tem vida nela. Mas por que não dizer a palavra "inclinação" e colocá-la num período?"

"Inclinação, sim, é isso, inclinação."

"Bem. E foi a mesma inclinação que o levou a ajudar o Ferreiro."

Ele viu o olhar de assombro na face do outro e continuou, "Meu amigo, esta inclinação, ou senso de proporção, como você pode preferir chamar, tem uma ligação bem longa que se estende de seu exterior até o meio de seu coração. Lá nasceu. Pense bem nisto, e sinto que concordará comigo."

O que Habdi queria dizer era que a grande incongruência de amarrar daquela forma o libertador da sua escravidão tinha tocado em seu senso inato do que era certo, e colocou nele um sentimento de vergonha e de irritação por causa da irracionalidade de todo o acontecido. Desta forma ele foi levado a tomar a atitude que tomou. Mas não explicou mais nada, quando viu que seria melhor deixar o Doutor sair da confusão por si só.

Deus sabe

O que ele realmente disse foi, "Mas quero elogiá-lo, meu irmão, pelo seu progresso desde que adentrou por estas paredes."

“Pouca coisa, penso, meu jovem senhor; e penso que também tenho que agradecer seus bons amigos e meu senhor Shonar por tanta generosidade.”

“E a Outro também, meu irmão.”

“E quem seria?”

“Você acabou de falar d’Ele, Doutor. Disse que Ele sabia da luta mental e espiritual que tem travado desde que chegou aqui. Não só pronunciou isso, mas o que disse implica em tudo isso, e mais também.”

“Bem, veja como minha memória está sempre pregando peças, pois não tendo ninguém assim em minha mente sobre quem tenha falado ao senhor desde que começamos a conversar.”

“Então devo ajudá-lo. Você O chamou pelo nome de ‘Deus’. “

O outro retomou, ruborizado, e disse algo veementemente, “Nunca, desde que havia deixado a vida na terra, havia chamado este Nome, meu jovem senhor. Na terra usei este Nome, nem sempre com a reverência devida. Aqui não mais me aventurei a prosseguir com isso.”

“Você disse, ‘Deus sabe’.”

O outro parou e olhou seriamente para os olhos de Habdi por um longo tempo, enquanto sua mente trabalhava retrocedendo, então disse, “Diga-me senhor, como o senhor é chamado?”

E ele respondeu, “Chamam-me Habdi.”

Então o outro disse uma coisa estranha, “ ‘Habdi’, sim, ouvi-o sendo chamado desta forma... ‘Habdi’. Mas aqui falta alguma coisa que um dia deverá ser completada. Não sei o que possa ser, nem quem inspira estas palavras para falar ao senhor. O senhor pensa que sejam palavras estranhas para que eu as diga, bom senhor? Que significado têm nelas, imaginou?”

“Tenho falta do que dizer para explicar ao senhor, Doutor.”

“Não. Como no outro assunto, o senhor fala verdadeiramente, senhor, e eu peço seu perdão. Eu estava errado. Foi minha memória que me serviu mal. Eu realmente disse aquele Nome; sim, e não o disse com irreverência. Eu agradeço, senhor, por chamar-me à atenção.”

Assim partiram, com umas palavras de boa vontade de um ao outro. E enquanto continuou em seu caminho, o jovem Habdi pensou muito sobre as estranhas voltas e torções que vieram a formar o caráter do homem. Depois, desde que aquela conversa começara, ele ficou sabendo que na personalidade do Doutor, enterrado e profundamente atolado em recusas, havia um espírito sensível às altas influências que apenas por momentos, mesmo naquela esfera inferior onde haviam conversado, emergiam e tocavam algum belo espírito familiar.

Pois, enquanto o homem pronunciou aquele estranha conversa naquele caminho, Habdi havia captado um relance de um brilho luminoso que saltou sobre ele. Por esse brilho, naquele curto instante, ele soube quem o homem era, comunicador, não de seus pensamentos, mas dos de alguém mais, cuja casa era bem além dali.

CAPÍTULO XII

FORA DE LAÇOS

Quarta, 6 de janeiro de 1921.

Além da encruzilhada para a Alameda Verde, da qual lhe falei quando relatei a conversação que Habdi teve com o Doutor, há um jardim circular. É circundado por uma cerca alta que ali se abre e enclausura este local, fazendo do jardim um refúgio afastado para quem busca algum lugar assim, para uma conversa silenciosa ou para a meditação. Aqui há uma fonte e canteiros floridos e bancos. É um pequeno santuário muito agradável. Aqui sentavam-se Shonar e Habdi quando para lá veio um dos jovens homens do Forte, para conversar com Shonar. Ele contou que o Doutor havia deixado a Casa, e com ele havia ido o jovem Jean, que era irmão de Claire, a moça de quem já lhe falei.

Ninguém os havia visto sair, mas os registros mostravam que não fazia muito tempo que estavam ausentes, e que haviam seguido em direção à casa do Ferreiro.

Shonar pensou por um momento, então levantou-se e disse, “Habdi, meu filho, isto é para eu e você encararmos. Venha.”

Assim seguiram. Passaram para fora daquele estado por uma porta na parede da esquerda; quando se olha em direção às montanhas, é a parede que vai do lado do Forte para as montanhas. A alguma distância dali estava a região onde trabalhava o Ferreiro.

Ele não estava em Casa, nem estavam os dois que deveriam ser encontrados pelas redondezas. Então Habdi disse, “Meu senhor Shonar, sinto-os a alguma distância daqui, cada um dos três. Mas há uma divisão entre eles; dois e um.”

“É assim,” respondeu Shonar, “os dois fugitivos ainda não chegaram ao seu amigo, mas estão indo com alguma pressa em direção a ele.”

Então eles saíram novamente e vieram sobre os dois apressados ao longo da ravina. Eles estavam silenciosos a maior parte do tempo, mas de vez em quando um falava algumas poucas palavras para apressar o companheiro. Shonar e Habdi foram com eles de forma invisível, e rapidamente, tendo captado algo do que sucedia, seguiram em frente, deixando os dois apressados em seu caminho em frente.

Girando a chave

Logo chegaram a um espaço aberto. Era uma planície ampla, e à esquerda havia um mar de águas salgadas. A luz aqui era muito mais escura que sobre a casa do Ferreiro.

Foram diretamente ao longo da margem e, enquanto iam, Shonar disse, “Meu filho, o Ferreiro permitiu que seu zelo sobrepujasse a sua sabedoria. Ele foi além dos limites em que o coloquei a trabalhar, e está em perigo lá, fora de suas condições e em lugar estranho.”

“Por que ele agiu tão estranho, bom Shonar?” disse Habdi, e Shonar respondeu-lhe:

“Eu já disse, meu filho. Foi por ter visto trabalho a ser feito lá, e não parou para considerar suas chances. Há mais uma questão ainda, Habdi meu filho, e que é mais trabalhosa para a sua solução. Como souberam, o Doutor e seu jovem companheiro, que o Ferreiro tinha necessidade de socorro?”

Eles seguiram algum tempo em silêncio. Finalmente Habdi disse, “meu bom pai, vem à minha mente que talvez eu possa ver luz neste problema.”

“Somente talvez?”

“Estou ainda perplexo, bom Shonar. Posso colocar a chave na fechadura, mas ainda não posso virá-la.”

“E que chave é essa que serve, e contudo não serve?”

“A chave é esta. Encontrei algo estranho entremeado nos elementos da composição do Doutor. Ele tem a faculdade da intuição. Por ela, ele me disse palavras estranhas enquanto andamos juntos pouco tempo atrás. Esta é a minha chave.”

“Uma boa chave também, e feita para esta fechadura, digo eu. Mas o que a prende que não pode girar?”

“Penso que a sua intuição está voltada para as altas esferas, e não em direção a estas regiões mais escuras onde o Ferreiro trabalha.”

“E nisso é onde a chave está presa? Meu filho, pode virá-la rapidamente se virar para a direita, em vez da esquerda. Se o Doutor tem contato de alguma intensidade com as esferas acima, então foi de lá que o comando de perigo veio a ele. Lembre-se, meu filho Habdi, que o Ferreiro tem na Clareira sua esposa e filhos. Há muito amor entre eles todos, e ela sentiu sua necessidade. Desta forma enviou uma palavra ao seu amigo, o Doutor.”

Agora Shonar chegara à verdade do tema em geral. Mas se perdeu em um detalhe. A mensagem de socorro e cuidado de fato havia sido mandada por sua esposa e seus filhos, que reforçaram os poderes de transmissão com a ajuda de um grupo de amigos. A esposa havia sentido que seu querido estava tenso, e rapidamente enviou sua ajuda. Eles, porém, projetaram a mensagem dirigida diretamente ao Ferreiro. Mas a simpatia de espirito entre ele e o Doutor, seu amigo, favoreceu que este último interceptasse a mensagem ainda no ar. Ele pegou o sentido de “Ferreiro”, “perigo”, “ajuda” e coisas assim, e, buscando o jovem Jean, lançou-se em pronto socorro e partiu. Como fez Shonar, também eles saíram pela porta lateral, e portanto não foram vistos deixando a Casa.

Em perigo

Shonar veio até o Ferreiro, que estava em pé com suas costas em algumas rochas que estavam entre ele e o mar. Diante dele havia uma grande multidão de pessoas. Algumas estavam deitadas no chão, algumas em pé, e algumas subiram em outras rochas para vê-lo melhor.

Ainda invisível, eles se lançaram para perto e observaram o que estava acontecendo. O Ferreiro estava falando. Ele disse, “Vocês são muito numerosos, meus amigos, mas tenho um bom propósito. Vocês podem me machucar, verdadeiramente, mas não podem me matar.”

“Também digo-lhes, quanto mais maldade fizerem, mais aumentarão o tamanho do caminho que há entre vocês e aqueles céus brilhantes dos quais lhes falei. Há agora mesmo três de vocês no Santuário, esperando por vocês.”

Havia um homem em pé, à frente da multidão. Ele tinha a face mais escura que a maioria deles. E tinha mais força de caráter e de intelecto. Foi ele quem respondeu ao Ferreiro.

Ele disse, “Sim, nós já o tivemos como companhia antes, meu bom homem. Naquela vez, você me roubou aqueles três submissos meus. Mas isso foi quando nós vagávamos dentro dos limites consignados à sua jurisdição pelo Senhor no Forte. Aqui é você que deve ter se perdido e tem poderes menores por aqui. Também nem conhece bem por aqui.”

O Ferreiro argüía e exortava com muita paciência. Ele lhes contou de como havia chegado tão longe, tendo os visto de além da ravina enquanto eles caminhavam para o mar.

Ele os havia seguido para poder contar-lhes do progresso realizado por aqueles que tinham seguido antes deles.

Ele pediu que viessem com ele, e ele obteria uma saída para os três, para que viessem do Forte por algum caminho através da planície, e eles mesmos poderiam dar testemunho destas verdades. Alguns deles tinham em mente segui-lo. Mas seu líder segurou-os laçados pelo medo, e eles ficaram quietos, exceto por uma furtiva exclamação aqui e ali.

Sacrifício

Então o líder falou novamente, “Agora estamos indo atravessar as águas para lá, porque nos falaram que além dali há uma terra de liberdade onde nenhum Senhor do Forte tem influência, e podemos fazer o que queremos, sem permissões ou proibições. E você deverá vir conosco como garantia.”

“O que quer dizer, garantia?”

“A terra nos é estranha. A embaixada que veio até aqui falou-nos bastante e deu-nos uma boa descrição de seu país e povo. Mas nós não vamos mais nos aventurar. Pode ser que achemos perigo lá adiante. Se isso acontecer, então mandaremos para seu poderoso Senhor certas palavras que vão apressá-lo em socorrer você, nosso provável socorrista. E quando isso acontecer, então tomaremos cuidado para que não vá sozinho.”

Ele se virou e deu algumas ordens para os que estavam próximos a ele, e então se aproximou do Ferreiro e laçou-o. Ele poderia tê-los derrubado, já que eram todos fracos, exceto o seu líder, e somente ele era forte. Mas ele não opôs resistência a eles. Submeteu-se com mansidão à sua captura, e disse meramente:

“Meus amigos, devo fazê-los desistir desta grande tolice. A terra lá adiante é uma terra temível, e as palavras que lhes trouxeram aqueles que de lá vieram são falsas. Não obstante, se vão para lá, irei com vocês, porque pode ser que eu possa ajudá-los. Vocês são fracos de sabedoria e fracos de amor, mas não são totalmente maldosos. Pela mesma razão serão fracos lá, no meio dos que são, em sua própria região, fortes em maldade.”

Habdi pôs sua mão sobre o braço de Shonar e disse: “Meu senhor Shonar, este sacrifício não pode ser feito. É grande demais. Vamos nos condicionar ao estado deles e detê-lo?”

Mas Shonar não se moveu. Ele estava olhando na direção da ravina. Habdi continuou, “Meu bom pai, eles já o têm no barco, e ele não faz resistência. Vão levá-lo embora, bom Shonar.”

Shonar ainda não se movia, nem dava um sinal. Então Habdi disse, “O senhor não olha para cá, bom Shonar. Vejo como o colocaram a bordo, e os outros barcos estão se enchendo agora. Logo começarão a velejar. Não deveríamos socorrê-lo, Shonar?”

Então Shonar respondeu, “Não há necessidade de forma alguma, meu filho. Veja, estão chegando os outros dois. Tiraremos esta boa ação de quem busca por ela? Bravos companheiros, também, eles são. Veja como chegam correndo, e não temem o perigo.”

Prometi que iria

Da direção da ravina, as duas figuras estavam avançando rapidamente. Logo eles viram o que estava acontecendo, e apressaram-se ainda o que podiam. Não pensavam no perigo. Queriam dividi-lo com seu amigo. Mas quando chegaram mais perto, Habdi viu o que Shonar tinha em mente. Estes dois, o Doutor e Jean, haviam progredido muito desde a chegada ao Forte. Eram agora potencialmente da Esfera Três. Desta forma não acharam possível tomar rapidamente as condições desta região tão mais escura. O Ferreiro, por causa

de sua moradia na Casa, foi capaz de fazê-lo, porque ali não era tão afastado das condições de sua terra além da ravina. Por isso ele apareceu como seus captores, e não estava mais brilhante que eles.

Mas estes outros dois, que vieram com tanta pressa para lá, estavam em outro aspecto. Eles estavam brilhantes o suficiente para serem vistos facilmente nesta região escura.

Quando se aproximaram, as pessoas saíram de todos os cantos e correram direto para os barcos. O Ferreiro viu, mas não os reconheceu logo, porque sua visão estava restrita, como era a de seus captores. Ele somente via dois homens de aspecto mais brilhante que os outros. Mas quando o Doutor falou, então ele o reconheceu e a seu companheiro.

O Doutor disse, “Venha do barco, bom amigo. Não mais será ferido. Mas por que permitiu tamanha afronta sobre si, o senhor que deveria ter deixado tudo de lado e voltar ileso?”

“Tenho um plano para agir assim, meu amigo,” replicou o Ferreiro, “mas pensei um pouco, e disse para mim mesmo que não ajudaria estes pobres fracos desta maneira. Então parei. E, bom Doutor, e você, jovem senhor, saibam disso também... apesar de que, ao dizer isso, firo quem veio até aqui com seu bom intento. Não posso ir com vocês; somente com a licença deste homem ali, porque prometi ir com estas pessoas.”

A coragem sobrepuja o medo

Nesta hora o líder foi capaz de endurecer-se para ser resoluto o suficiente no propósito e enfrentar o brilho maior dos recém chegados. Ele se aproximou até estar a três jardas de onde eles estavam. Ai ficou, porque a proximidade da presença deles causou muito mal estar de corpo e mente. Então eles falaram que ele deveria soltar o Ferreiro por sua palavra, pois ele era amigo deles.

“E se eu não fizer o que desejam, senhores?”

“Então nós também iremos com vocês, em sua companhia na pesquisa que faz nas terras para lá," disse Jean; e o Doutor acrescentou, "Eu, no barco com você, e este meu jovem amigo no barco com o seu cativo.”

Ambos aproximaram-se dele e seguraram-no com as mentes para que ele não se movesse. Sua face ficou distorcida pela dor, e suas costas dobraram-se de tanta tensão. A corrente de suas vibrações mais elevadas era como uma corrente de hidromel sobre uma ferida aberta. O hidromel é doce e agradável a um paladar saudável. Para um machucado aberto traz muita agonia.

Finalmente eles afrouxaram suas vontades um pouco, e ele pôde andar para se afastar deles alguns passos. Então o Doutor disse, “Agora vá lá para o barco, e afaste-se um pouco da margem.”

Quando ele acabou de fazer isso, o Doutor falou à multidão que se encolhera de medo pelo que estava acontecendo, e pela visão da vergonha de seu tirano. Então o Doutor falou-lhes:

“Meus amigos, o que viram não precisa de palavras para explicar. Estamos indo, e estaremos no Chalé do Ferreiro por um tempo. Deixem os que têm coragem de seguir.”

Assim os três amigos começaram a andar ao longo da margem em passos lentos.

O fim da escapada

Então Shonar disse, “Habdi, meu filho, aquele Doutor tem uma segurança de si mesmo que dá prazer de ver. Aqui, ele é um fugitivo de minha guarda e, por isso, reprovável. E aqui, ele prova a si mesmo ser um mestre de homens, para ser muito recomendado por sua habilidade e suas decisões rápidas. Aquele jovem Jean também se mostrou um bom seguidor de seu amigo. Ademais, o Ferreiro está qualificado, da mesma forma, para uma reprimenda naquilo que se aventurou além dos limites que lhe demarquei. Uma bela escapada, esta, Habdi, meu filho. E eles três não parecem doentes de jeito nenhum. Veja você, agora, onde andam ali, os três com os braços despreocupadamente entrelaçados pelos ombros, parecendo três artigos defeituosos amarrados para uma feira. Sim, Habdi, um belo grupo esse. Bem, devemos achar ocupação que convenha aos seus poderes ampliados. Eles estão tolhidos em seu atual estágio de trabalho. Isto pelo menos posso ver com visão segura."

Agora, meu filho, você vai querer saber o que aconteceu até aqui. Contarei apenas alguns detalhes agora, porque suas forças estão exauridas esta noite, e você começa a amolecer um pouco no trabalho.

De toda aquela multidão, apenas metade seguiu a marca da sola dos sapatos do Ferreiro e seus amigos. Mas, daquela época em diante, o líder nunca mais foi capaz de impor sua autoridade sobre eles como antes. Eles pararam de temê-lo, e os que gostaram disso, seguiram seus caminhos. Alguns atravessaram o longo caminho através da ravina, e o Ferreiro os encontrou e os levou para cuidar. Outros vagaram por outros lugares. Somente alguns ficaram ainda na companhia daquele que foi um dia seu líder, os que eram espíritos afins a ele.

E do Doutor e Jean, eu falarei que ficaram apenas mais um pouco de tempo com o Ferreiro em sua Casa. Eles sabiam que haviam quebrado as regras e, com alguma vergonha, agora que sua ansiedade por seu amigo havia passado, apressaram-se em seguir até o Forte. Não reentraram nos jardins pela porta lateral. Sentiram que ficariam mais contentes por encarar o assunto de frente. Então, voltaram os gazeteiros prontos para assumirem suas faltas e levarem suas reprimendas. Desta forma entraram pelo caminho do Grande Portão.

Fim

GLOSSÁRIO

Shonar, que tem um papel principal nesta narrativa, é apresentado e descrito como sendo normalmente de uma estação mais elevada da esferas espirituais; mas ele renunciou esta dignidade a que tinha direito, para trabalhar entre os recém-chegados da terra, particularmente entre os que pelas próprias faltas encontram seu lugar dentro das regiões de escuridão dos “Planos Exteriores”. Ele tem muitos séculos de serviço em sua conta, mas tem estado muito ativo especialmente nas épocas de distúrbio e revoluções da Terra – como, por exemplo, no reinado de Ivan, o Terrível, na Rússia; durante a Revolução Francesa; e no tempo de Henrique VIII, da Inglaterra. Seu trabalho consiste em lidar com as vítimas que são arrebatadas drasticamente para o próximo mundo, com suas mentes cheias de ódio e terror e pleiteando vingança.

Suas maneiras e aspecto, enquanto engajado neste trabalho, mostram uma mistura quase rude de ternura e força. Ele é alto, quase seis pés e três polegadas, e sua pele é como queimada pelo sol. Sobre seu cabelo, que é castanho escuro e cai cacheado até os ombros pelos dois lados de sua cabeça, ele usa uma faixa lisa de ouro velho. Sua túnica, não da seda usual, mas mais parecida com armadura em seu brilho, vai até o meio da perna, e é orlada com uma faixa vermelha. Exceto pelo cinturão de ouro velho, este é seu único enfeite, e seus braços e pernas são nus.

Arnel relata como Shonar visitou a esfera Sete para pedir trinta e cinco voluntários para ajudá-lo a lidar com algumas pessoas na esfera Três, que haviam acabado de chegar da terra por uma morte violenta.

Wulfhere, mãe de Shonar, foi posta como encarregada deste grupo de trabalhadores da esfera Sete, que voluntariamente ajudaram a multidão de recém chegados na Esfera Três que, tendo sido massacrados por seus opressores, retornariam ao plano terrestre e clamariam vingança de seus inimigos ainda na carne, se deixados por si mesmos.

Ela é descrita como sendo quase da altura de Shonar. Sua face é de formato bonito e de bela compleição, seus olhos são azuis escuros, seus cabelos são quase negros e arrumados em tranças presas em sua cabeça. Sua personalidade é forte, e ela tem a aparência de estar pronta para a ação, mas seu caráter é lindo e doce.

James, um espírito recém chegado na vida espiritual, como a força de trabalho é contada lá, é, não obstante, uma das grandes almas que, não sendo contado como um dos grandes na terra, são avaliados em seu merecimento completo quando passam para o Futuro Estado. Por esta razão, ele foi rapidamente conduzido para a Esfera Sete, e logo pediu para que lhe fosse dado trabalho para cumprir perto da terra, entre os que estavam em condições tumultuadas. Ele, entretanto, trabalhou em todas as esferas entre a Sétima e a Quarta, senda a Quarta ponto mais baixo de saída, de onde ele partia para jornadas de recolhimento e socorro nos Planos exteriores escuros, e aonde retornava para descansar e aliviar as forças.

Ele estava com Wulfhere e Arnel quando encontraram Shonar no Porto Pedregoso, na Esfera Três, e recebeu dele as entorpecidas vítimas de um massacre na Terra. Tomou parte numa tarefa extremamente delicada de ajudar estas pessoas a desistirem da vingança que desejavam infligir sobre seus assassinos, e a voltarem-se aos seus futuros brilhantes. Isto foi cumprido sem riscos, exceto em poucos casos, e estas vítimas do ódio e da violência começaram a construir uma comunidade, organizada e conduzida pelo amor e tolerância. A Colônia rapidamente se desenvolveu, e mais tarde foi incorporada ao Povo da Clareira, governados e guiados por James, assistido pelo jovem Habdi, nas Esferas Três e Quatro.

Habdi, pela primeira vez mencionado como um pequeno menino de dez a doze verões, foi trazido por Ladena, uma senhora que trabalha no grupo de James, para a Esfera Três para encontrar sua mãe Mervyn, que finalmente havia atingido esta condição, depois de experiências dolorosas da Terra e suas conseqüências. Ele a levou para as regiões mais brilhantes da Esfera Quatro, e para a Casa de James.

James e Habdi eram amigos chegados, e o menino foi motivo para reunir seu amigo e sua mãe, que amavam um ao outro agora como antes amaram-se na Terra, antes que as sombras da tragédia caíssem entre eles por um tempo.

Habdi desempenhou um papel importante no trato com as vítimas do massacre, porque ele recebeu as crianças quando elas foram acordadas, e também explicou aos espíritos mais turbulentos o que havia acontecido a eles, e o que deveriam fazer. Mais tarde, quando sua Colônia foi incorporada ao Povo da Clareira, ele serviu como Profeta, ou Intérprete, e neste tempo cresceu até ser um robusto jovem.

Enquanto trabalhou na esfera inferior aos seus, ele suprimiu seu brilho natural. Para o Povo da Clareira, na Esfera Quatro, ele aparece sendo alto, mas elegante de silhueta, seu cabelo é castanho e ondulado, e cai até seu pescoço, sendo preso na cabeça por um filete azul. Sua túnica azul de seda é tênue, e ele não usa sandálias. Em seu peito, onde o colar cai até embaixo, está colocada uma pedra cintilante como ouro branco, incrustada com rubis ao seu redor.

Castrel, que intervém para descrever para o Sr. Vale Owen o Santuário que acabara de visitar durante o sono, atua bastante no capítulo IV de “Os planos inferiores do Céu”. Ele é

referido como estando encarregado de um distrito e sua cidade Capital – cujo nome não é dado – situada entre as montanhas da esfera Sete. Pontos variados dos Escritos indicam que ele é de grau elevado.

Ele supervisiona várias faculdades de arte e ciência que circundam esta cidade, um centro de sabedoria e conhecimento. Ele e seus oficiais são descritos enquanto analisam as reportagens destes colégios, tabulando-os e, quando necessário, testando-os nos laboratórios sob sua jurisdição.

FIM